

Linguística da **LIBRAS** para Estudantes Surdos

LÉXICO, MORFOLOGIA E FONOLOGIA

AMARILDO JOÃO ESPÍNDOLA

JERLAN PEREIRA BATISTA

RIVAEEL MATEUS FABRICIO

(ORGANIZADORES)



AMARILDO JOÃO ESPÍNDOLA
JERLAN PEREIRA BATISTA
RIVAEEL MATEUS FABRICIO
(ORGANIZADORES)

LINGUÍSTICA DA LIBRAS
PARA ESTUDANTES SURDOS
LÉXICO, MORFOLOGIA E FONOLOGIA

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Editor-gerente: Fábio César Junges

Capa: IA

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

L697 Linguística da libras para estudantes surdos [recurso eletrônico] :
léxico, morfologia e fonologia / organizadores: Amarildo João
Espíndola, Jerlan Pereira Batista, Rivael Mateus Fabricio. -
Santo Ângelo : Ilustração, 2026.
279 p.

ISBN 978-65-6135-265-9

DOI 10.46550/978-65-6135-265-9

1. Educação de surdos. 2. Ensino superior. 3. Língua Brasileira
de Sinais (LIBRAS). I. Espíndola, Amarildo João (org.). II.
Batista, Jerlan Pereira (org.). III. Fabricio, Rivael Mateus (org.).

CDU: 376

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: ilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edeimar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
Amarildo João Espíndola	
Jerlan Pereira Batista	
Rivael Mateus Fabricio	
Capítulo 1 - OS FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA: DESBRAVANDO A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	15
Jerlan Pereira Batista	
Evely de Souza Mendonça Silva	
Micheli Porn da Silva	
Alan David Sousa Silva	
Ewerton Carlos Matos Marques	
Ríguel Brum de Paula	
Capítulo 2 - A NATUREZA VISUOESPACIAL: COMO A LIBRAS GANHA VIDA NO ESPAÇO	31
Márcia Francisca Diogo Rodrigues	
Rafael da Cunha Braga	
Simone Quirgo de Souza Braga	
Rosicléia Bastos do Nascimento Gomes	
Claudiane da Silva Albuquerque	
Rivaldo Pereira da Costa	
Capítulo 3 - FONOLOGIA DA LIBRAS: OS BLOCOS DE CONSTRUÇÃO DOS SINAIS	49
Jerlan Pereira Batista	
Sergio José da Silva	
Marcos de Moraes Santos	
Medson Cristiano Nascimento da Silva	
Bruno Silva Pedra da Rocha	
Daniel Cícero dos Santos Barbosa	

Capítulo 4 - A FORMA E A AÇÃO: CONFIGURAÇÃO DE MÃO E MOVIMENTO NA PRÁTICA.....	69
Jerlan Pereira Batista	
Evely de Souza Mendonça Silva	
Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque	
Bruno Bueno Lima de Sousa	
Simone Quirgo de Souza Braga	
Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento Pinto	
Capítulo 5 - O CORPO QUE FALA: PONTO DE ARTICULAÇÃO E MARCAÇÕES NÃO MANUAIS.....	89
Márcia Francisca Diogo Rodrigues	
Bruno Silva Pedra da Rocha	
Anne Karine Silva de Goes	
Ananda Loiola Simões Elias	
Alessandro Sena de Oliveira	
Stefânia Steves da Silva Sena	
Capítulo 6 - PARES MÍNIMOS: O QUE MUDA O SENTIDO DE UM SINAL?	105
Juliana Fernandes Montalvão Mateus	
Davi Pereira da Silva Júnior	
Herivelton de Vasconcelos Vitor	
Simone Quirgo de Souza Braga	
Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento Pinto	
Vilmar Fernando Carvalho Ferreira de Almeida	
Capítulo 7 - MORFOLOGIA DA LIBRAS: POR DENTRO DA ESTRUTURA DOS SINAIS.....	123
Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque	
Ewerton Carlos Matos Marques	
Alan David Sousa Silva	
Marcos de Moraes Santos	
Matheus Victor dos Santos	
Bruno Silva Pedra da Rocha	

Capítulo 8 - FORMAÇÃO DE SINAIS: COMO FUNCIONAM A DERIVAÇÃO E A FLEXÃO	141
Jerlan Pereira Batista	
Daniel Cícero dos Santos Barbosa	
Daniel de Resende Santos	
Ana Carolina Raimundo Silva	
Magno Prado Gama Prates	
Matheus Fonseca dos Santos	
Capítulo 9 - A AÇÃO NO ESPAÇO: A MORFOLOGIA DOS VERBOS NA LIBRAS.....	159
Francisca Vanete Rodrigues de Oliveira	
Wagner Miguel Tizott	
Marcos de Moraes Santos	
Thays Grazielle Bezerra Freitas	
Hayala Ramá Araújo Silva	
Rivael Mateus Fabricio	
Capítulo 10 - CLASSIFICADORES: A IMAGEM, A FORMA E O MOVIMENTO NA GRAMÁTICA	177
Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque	
Rafael da Cunha Braga	
Davi Pereira da Silva Júnior	
Larissa Gervásio Bezerra	
Leonardo Magnum dos Santos Freitas	
Simone Quirgo de Souza Braga	
Capítulo 11 - INCORPORAÇÃO NUMERAL E INTENSIDADE: AMPLIANDO OS SIGNIFICADOS.....	195
Simone Quirgo de Souza Braga	
Karine Martins Cunha Venceslau	
Vilmar Fernando Carvalho Ferreira de Almeida	
Luana Moreira	
Anne Karine Silva de Goes	
Maria Rita Alexandre Alcanfor	

Capítulo 12 - O LÉXICO DA LIBRAS: O ACERVO CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA	211
Márcia Francisca Diogo Rodrigues	
Rivael Mateus Fabricio	
Claudiane da Silva Albuquerque	
Medson Cristiano Nascimento da Silva	
Murilo Rocha Nunes	
Isabel Alvim Souza Ferreira	
Capítulo 13 - NEOLOGISMOS: COMO NASCEM OS NOVOS SINAIS NA CULTURA SURDA.....	229
Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento Pinto	
Alinne Naiany Souza Silva	
Isabel Alvim Souza Ferreira	
Daniel de Resende Santos	
Maria Rita Alexandre Alcanfor	
Ana Carolina Lobato Sena	
Capítulo 14 - FRONTEIRAS BILÍNGUES: DATILOLOGIA E EMPRÉSTIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	245
Simone Quirgo de Souza Braga	
Rivaldo Pereira da Costa	
Alessandro Sena de Oliveira	
Stefânia Steves da Silva Sena	
Pammelleye Katherinne Françoise R. Jenniffer Sthephannie Machado	
Ana Carolina Raimundo Silva	
Capítulo 15 - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A DIVERSIDADE DO LÉXICO DA LIBRAS PELO PAÍS	263
Flávia Luiza Fernandes Caldas	
Sergio José da Silva	
Gustavo Marques Brandão	
Marcos de Moraes Santos	
Bruno Bueno Lima de Sousa	
Daniel Martins Braga Gomes	

APRESENTAÇÃO

A obra *Linguística da Libras para Estudantes Surdos: Léxico, Morfologia e Fonologia*, organizada por Amarildo João Espíndola, Jerlan Pereira Batista e Rivaél Mateus Fabricio, nasce do compromisso acadêmico, linguístico e político de reconhecer a Língua Brasileira de Sinais como língua natural, legítima, complexa e central para a constituição identitária, cultural e educacional da comunidade surda brasileira.

Ao reunir estudos voltados aos fundamentos linguísticos da Libras, este livro oferece uma contribuição relevante para estudantes surdos, professores, pesquisadores, intérpretes, tradutores, profissionais da educação bilíngue e demais sujeitos interessados na compreensão científica das línguas de sinais.

Os capítulos que compõem esta coletânea evidenciam que a Libras não pode ser reduzida a gestos, mímicas ou recursos auxiliares de comunicação. Ao contrário, trata-se de uma língua estruturada, organizada por parâmetros fonológicos, processos morfológicos, recursos lexicais, mecanismos discursivos e variações sociolinguísticas próprias. Desde os fundamentos da Linguística aplicada às línguas de sinais até a análise da fonologia, da morfologia, dos classificadores, da incorporação numeral, dos neologismos, da datilologia, dos empréstimos linguísticos e da variação lexical, a obra demonstra a riqueza e a produtividade da Libras em diferentes dimensões.

O percurso teórico iniciado nos primeiros capítulos apresenta a Libras como língua de modalidade visuoespacial, cuja produção de sentidos ocorre por meio do corpo, do movimento, do espaço, das expressões faciais e das marcações não manuais. Essa perspectiva permite compreender que a experiência visual da pessoa surda não é apenas uma condição sensorial, mas também um modo de organizar a linguagem, o pensamento, a cultura e a interação social.

No campo da fonologia, a obra evidencia os parâmetros que estruturam os sinais: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais. Esses elementos demonstram que os sinais possuem unidades mínimas distintivas, capazes de produzir diferenças de significado, como se observa nos pares mínimos. Desse modo, a fonologia da Libras confirma sua organização sistemática

e sua equivalência linguística em relação às línguas orais, ainda que opere por outra modalidade de produção e recepção.

No campo da morfologia, os capítulos demonstram que os sinais não são formas fixas ou estáticas, mas unidades linguísticas dinâmicas, capazes de sofrer processos de derivação, flexão, incorporação, intensificação e concordância espacial. A ação verbal em Libras organiza-se no espaço por meio de movimentos direcionais, localização de referentes e relações gramaticais visualmente construídas. Essa característica revela a sofisticação da gramática da Libras e sua capacidade de expressar relações complexas entre sujeitos, objetos, tempos, intensidades e ações.

A obra também dedica atenção especial ao léxico da Libras, compreendido como acervo cultural da comunidade surda. Os sinais carregam marcas históricas, sociais, regionais e identitárias, sendo produzidos nas interações entre sujeitos surdos e nos diferentes espaços de circulação da língua. O léxico, portanto, não é apenas um conjunto de vocábulos sinalizados, mas um patrimônio linguístico-cultural que registra memórias, experiências visuais, formas de pertencimento e modos próprios de interpretar o mundo.

Outro aspecto relevante abordado nesta coletânea é a criação de novos sinais. Os neologismos demonstram que a Libras acompanha as transformações sociais, tecnológicas, científicas e culturais da contemporaneidade. Do mesmo modo, a datilologia e os empréstimos da língua portuguesa revelam as fronteiras bilíngues nas quais a Libras se desenvolve, sobretudo em contextos educacionais, acadêmicos e institucionais.

Por fim, a discussão sobre a variação linguística reafirma que a Libras, assim como qualquer língua natural, apresenta diversidade regional, social, histórica e cultural. Os diferentes sinais utilizados pelo país não devem ser compreendidos como erro ou desvio, mas como expressão legítima da pluralidade das comunidades surdas brasileiras. Reconhecer essa diversidade significa valorizar a língua em sua dimensão viva, dinâmica e socialmente situada.

Dessa forma, *Linguística da Libras para Estudantes Surdos: Léxico, Morfologia e Fonologia* constitui uma obra de grande importância para a formação acadêmica e linguística de estudantes surdos e demais estudiosos da Libras. Ao articular teoria, descrição linguística e valorização cultural, o livro contribui para o fortalecimento da educação bilíngue, para o

reconhecimento da Libras como língua de ciência e para a ampliação dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais no Brasil.

Mais do que apresentar conceitos, esta obra reafirma um princípio fundamental: estudar a Libras é reconhecer a potência da comunidade surda, sua história, sua cultura, sua identidade e sua forma legítima de produzir conhecimento no mundo.

Amarildo João Espíndola
Jerlan Pereira Batista
Rivael Mateus Fabricio
(Organizador)

Capítulo 1

OS FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA: DESBRAVANDO A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Jerlan Pereira Batista¹

Evely de Souza Mendonça Silva²

Micheli Porn da Silva³

Alan David Sousa Silva⁴

Ewerton Carlos Matos Marques⁵

Ríguel Brum de Paula⁶

1 Introdução

A linguagem funciona como alicerce essencial que estrutura as relações entre as pessoas, constrói a cultura e gera conhecimento ininterruptamente ao longo da história. Atuando tanto como instrumento de interação social quanto ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, ela viabiliza que os indivíduos se comuniquem, estabeleçam vínculos e se afirmem enquanto integrantes de uma comunidade específica, sendo absolutamente vital para a constituição do ser humano. É partindo dessa ótica que a Linguística se consolida enquanto área científica comprometida com o exame das línguas naturais, procurando desvendar suas propriedades estruturais, funcionais, históricas, culturais e sociais. Entre as variadas formas de linguagem que encontramos, importa destacar

-
- 1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Magistério Superior da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
 - 2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Docente de Libras no Instituto Federal de Alagoas (IFAL).
 - 3 Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e professora efetiva Universidade de Caxias do Sul (UCS).
 - 4 Professor efetivo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
 - 5 Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor efetivo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
 - 6 Graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor das Redes Estadual e Municipal de Ensino.

a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que obteve legitimação legal como forma oficial de comunicação e expressão dos surdos brasileiros através da Lei nº 10.436/2002.

Ao longo do tempo, as línguas de sinais enfrentaram discriminação e foram mal interpretadas, sendo vistas apenas como sequências de gestos corporais sem qualquer estrutura gramatical organizada. Por séculos, predominou uma abordagem oralista no contexto educacional, que tentava “normalizar” surdos pela insistência na fala e pela negação dos sinais. Esse enfoque ignorava completamente a cosmovisão, a individualidade e o sistema linguístico próprio dos surdos, resultando em exclusão nos planos educativo, social e linguístico. Conforme afirmam Zanoni e Valentini (2011, p. 58), “durante muitos anos, a sociedade esteve preocupada com a padronização dos indivíduos para viverem no meio social”, fato que contribuiu para a marginalização das línguas de sinais e da identidade surda.

A Língua de Sinais só conquistou legitimação científica ao longo do século XX, especialmente após os trabalhos pioneiros de William Stokoe acerca da Língua Americana de Sinais (ASL), quando então essas línguas começaram a ser consideradas como autênticos sistemas linguísticos, munidos de uma estrutura gramatical intrincada e formada naturalmente. No contexto brasileiro, foi fundamentalmente por meio do empenho de pesquisadores como Lucinda Ferreira Brito e Ronice Quadros, bem como de outros profissionais atuantes na Linguística das Línguas de Sinais, que a Libras passou a receber uma investigação mais rigorosa e sistemática. Tais pesquisas deixaram comprovado que a Libras funciona através de parâmetros fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos específicos, desconstruindo assim a visão errônea de que se constituía meramente num sistema gestual primitivo.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais apresentam organização estrutural equivalente às línguas orais, diferenciando-se apenas quanto ao canal de produção e recepção linguística, uma vez que utilizam a modalidade espaço-visual em vez da modalidade oral-auditiva. Nesse sentido, a Libras constitui-se como sistema linguístico autônomo, capaz de expressar abstrações, conceitos científicos, emoções, narrativas e múltiplas experiências humanas. Conforme destacam Zanoni e Valentini (2011, p. 59), “a Libras, assim como as demais línguas, surgiu da necessidade de comunicação e expressão entre os sujeitos surdos no meio social”.

Além de seu caráter linguístico, a Libras representa importante elemento cultural e identitário da comunidade surda. A língua de sinais não se limita à comunicação, mas constitui espaço de produção

de subjetividades, fortalecimento de identidades coletivas e resistência política frente às práticas historicamente excludentes impostas aos sujeitos surdos. Nesse contexto, os Estudos Surdos e a Sociolinguística passaram a compreender a surdez não sob a perspectiva da deficiência, mas como diferença linguística e cultural. Tal compreensão contribuiu significativamente para a formulação de políticas linguísticas voltadas ao reconhecimento dos direitos linguísticos da população surda.

A problemática que orienta esta pesquisa fundamenta-se na necessidade de compreender de que maneira os fundamentos da Linguística contribuem para o reconhecimento científico, educacional e social da Língua Brasileira de Sinais enquanto língua natural da comunidade surda brasileira. Apesar dos avanços legais e acadêmicos conquistados nas últimas décadas, ainda persistem concepções reducionistas e preconceituosas acerca da Libras, sobretudo em espaços escolares e sociais marcados pela hegemonia da língua portuguesa oral. Muitos sujeitos ainda desconhecem os aspectos estruturais e linguísticos da Libras, contribuindo para a manutenção de barreiras comunicacionais e práticas de exclusão social dos surdos.

Além disso, observa-se que os desafios relacionados à acessibilidade linguística permanecem presentes em diferentes contextos educacionais. Paiva e Melo (2021) ressaltam que o reconhecimento legal da Libras não garante, por si só, a efetivação dos direitos linguísticos da população surda, sendo necessário o desenvolvimento de ações institucionais contínuas voltadas à promoção da acessibilidade comunicacional e da educação bilíngue. Segundo os autores, “torna-se necessária uma reflexão constante para o engendramento de estratégias institucionais que contribuam para o enfrentamento dos desafios de implementação da acessibilidade linguística” (Paiva; Melo, 2021, p. 90).

A relevância científica deste estudo justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões acerca da Linguística das Línguas de Sinais, especialmente no contexto brasileiro, considerando a Libras como objeto legítimo de investigação científica. As pesquisas linguísticas sobre a Libras contribuem não apenas para o fortalecimento acadêmico da área, mas também para a consolidação de práticas educacionais inclusivas, para a valorização da cultura surda e para o desenvolvimento de políticas linguísticas mais efetivas. Além disso, compreender os fundamentos linguísticos da Libras possibilita desconstruir discursos historicamente construídos sobre a inferioridade das línguas de sinais em relação às línguas orais.

Outro aspecto relevante refere-se às contribuições da Linguística para a compreensão dos processos de variação e mudança lexical presentes na Libras. Assim como qualquer língua natural, a Libras encontra-se em constante transformação, apresentando variações regionais, sociais e culturais. Estudos realizados por Silva e Gonçalves (2020) demonstram que a língua de sinais sofre alterações lexicais ao longo do tempo, influenciadas pelas práticas sociais e culturais da comunidade surda. Dessa forma, analisar os fenômenos linguísticos presentes na Libras torna-se fundamental para compreender sua dinâmica histórica e social.

Ademais, a ampliação do ensino da Libras em diferentes espaços educacionais evidencia a necessidade de aprofundamento teórico acerca de seus fundamentos linguísticos. Conforme observa Carniel (2018), a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura e formação docente representa importante avanço nas políticas educacionais brasileiras, contribuindo para a disseminação de conhecimentos sobre a língua e sobre a cultura surda. Entretanto, ainda existem lacunas na formação de professores e profissionais da educação quanto à compreensão da estrutura linguística da Libras e das especificidades da educação bilíngue para surdos.

Nesse cenário, torna-se imprescindível aprofundar as discussões sobre os fundamentos da Linguística aplicados à Libras, compreendendo seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e sociolinguísticos. A análise desses elementos permite reconhecer a complexidade estrutural da língua de sinais e reforçar seu status linguístico no âmbito científico e educacional.

Diante dessas considerações, este estudo tem como objetivo geral analisar os fundamentos da Linguística aplicados à Língua Brasileira de Sinais, buscando compreender sua estrutura linguística, sua dimensão cultural e sua relevância para os processos de inclusão social e educacional da comunidade surda. Como objetivos específicos, pretende-se discutir os aspectos históricos relacionados ao reconhecimento da Libras, analisar os elementos estruturais que constituem a língua de sinais e refletir sobre as contribuições das políticas linguísticas e educacionais para a valorização da Libras no contexto brasileiro.

A justificativa desta pesquisa fundamenta-se na necessidade de fortalecer os estudos linguísticos sobre a Libras, ampliando a compreensão social acerca da legitimidade das línguas de sinais enquanto sistemas linguísticos completos e culturalmente relevantes. Em uma sociedade historicamente marcada pela exclusão linguística dos sujeitos surdos,

discutir os fundamentos da Linguística aplicados à Libras representa importante estratégia de valorização da diversidade linguística, promoção da inclusão e garantia dos direitos humanos e educacionais da comunidade surda.

Portanto, compreender a Libras sob a perspectiva da Linguística não significa apenas estudar uma língua específica, mas reconhecer a pluralidade das formas humanas de comunicação e expressão. A valorização da Libras implica reconhecer a existência de diferentes modos de perceber, interpretar e experienciar o mundo, reafirmando o direito dos sujeitos surdos à sua língua, à sua cultura e à sua identidade.

2 Aspectos linguísticos e estruturais da Libras

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui-se como uma língua natural da comunidade surda brasileira, apresentando organização estrutural própria, regras gramaticais específicas e mecanismos linguísticos complexos que a legitimam cientificamente como sistema linguístico completo. Diferentemente das concepções reducionistas historicamente difundidas, a Libras não se resume a gestos aleatórios ou mímicas utilizadas para auxiliar a comunicação dos sujeitos surdos, mas configura-se como língua visual-espacial dotada de propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias.

Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais passaram a ganhar maior reconhecimento a partir das pesquisas desenvolvidas por William Stokoe, na década de 1960, quando o pesquisador demonstrou que as línguas de sinais possuem estrutura gramatical organizada semelhante às línguas orais. No Brasil, as pesquisas de Ferreira Brito, Quadros, Karnopp e outros estudiosos consolidaram a Libras como objeto legítimo de investigação científica no campo da Linguística.

Nesse sentido, Zanoni e Valentini (2011, p. 57) afirmam que:

A LIBRAS ou Língua Brasileira de Sinais é a língua natural dos surdos brasileiros. É através dela que os surdos vivenciam suas experiências e interação com os demais grupos sociais. A LIBRAS ao contrário do que muitos pensam, não é uma reprodução das línguas orais. A língua de sinais utiliza-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral-auditivo, modo dotado de uma gramática constituída a partir de elementos próprios.

A partir dessa compreensão, torna-se possível reconhecer que a Libras apresenta elementos estruturais organizados de maneira sistemática,

permitindo a construção de significados complexos e ilimitados. Assim como ocorre nas línguas orais, os sinais são organizados por unidades mínimas que, combinadas entre si, possibilitam a produção de diferentes enunciados e estruturas discursivas.

Do ponto de vista fonológico, a Libras estrutura-se a partir de parâmetros fundamentais responsáveis pela constituição dos sinais. Esses parâmetros correspondem às unidades mínimas distintivas da língua e podem alterar completamente os significados dos sinais quando modificados. Conforme os estudos linguísticos das línguas de sinais, os principais parâmetros da Libras são: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais.

Segundo Marques e Domingos (2021, p. 3), os parâmetros linguísticos das línguas de sinais foram sistematizados inicialmente por William Stokoe, que identificou os elementos estruturais responsáveis pela organização dos sinais:

Os parâmetros escolhidos para a análise neste artigo são os conceitualizados por William Stokoe (1960) que são: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) ou Locação da Mão – (L) e Movimento (M).

A configuração de mãos refere-se ao formato assumido pelas mãos durante a realização do sinal. Já o ponto de articulação corresponde ao local do corpo ou do espaço onde o sinal é executado. O movimento diz respeito à dinâmica utilizada na produção do sinal, podendo ocorrer de diferentes maneiras, intensidades e direções. A orientação da palma da mão relaciona-se à direção assumida pelas mãos durante a sinalização, enquanto as expressões não manuais abrangem movimentos faciais e corporais essenciais para a construção sintática e semântica da língua.

Esses parâmetros atuam de forma integrada e simultânea na constituição dos sinais. Uma alteração em qualquer um desses elementos pode gerar mudança semântica, da mesma forma que ocorre com os fonemas nas línguas orais. Assim, a Libras apresenta sistema fonológico próprio, embora estruturado em modalidade visual-espacial.

Além da fonologia, a Libras também apresenta organização morfológica específica. Os processos morfológicos da língua permitem a formação de novos sinais, flexões gramaticais, marcações temporais e relações de intensidade, aspecto e número. Nesse contexto, observa-se que a Libras possui grande capacidade de produtividade lexical, possibilitando constante renovação de seu vocabulário.

Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1096) destacam que "um aspecto fundamental de qualquer língua é a possibilidade que tem, por diferentes recursos, de ampliar e renovar seu léxico".

As autoras ressaltam ainda que os empréstimos linguísticos provenientes do contato entre a Libras e a língua portuguesa constituem importante mecanismo de expansão lexical da língua de sinais. Esse fenômeno evidencia que a Libras encontra-se em permanente transformação histórica e social, assim como qualquer outra língua natural.

A respeito desse processo de ampliação lexical, Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1097) afirmam:

Surdos e ouvintes compartilham traços culturais de sua nacionalidade comum, além, claro, de outros traços culturais. O fato preponderante que gostaríamos de destacar é que, embora configurem comunidades linguísticas distintas, estão em permanente contato. Assim, é provável que haja influência de uma língua sobre a outra.

Esse contato linguístico entre Libras e língua portuguesa produz fenômenos de interferência, adaptação lexical e criação de novos sinais, principalmente em áreas científicas, acadêmicas e tecnológicas. Desse modo, a Libras amplia continuamente seu repertório lexical para atender às necessidades comunicacionais da comunidade surda contemporânea.

No âmbito sintático, a Libras apresenta estrutura gramatical própria, diferenciando-se da organização sintática da língua portuguesa. A construção das sentenças em Libras não segue necessariamente a ordem sujeito-verbo-objeto predominante no português, podendo variar conforme o contexto discursivo, a intencionalidade comunicativa e os recursos espaciais utilizados na sinalização.

A sintaxe da Libras utiliza intensamente mecanismos visuais e espaciais para estabelecer relações gramaticais. O espaço de sinalização desempenha papel fundamental na referência a sujeitos, objetos e ações, funcionando como elemento organizador do discurso. Além disso, expressões faciais e corporais exercem funções sintáticas importantes, indicando interrogatividade, negação, intensidade e outras marcas gramaticais.

No campo semântico, a Libras apresenta riqueza expressiva e complexidade na construção dos significados. Marinho Silva (2006, p. 256) afirma que "o uso da linguagem é um lugar de construção dos recursos da significação". Tal perspectiva evidencia que os significados na Libras são construídos socialmente por meio das interações estabelecidas entre os sujeitos surdos.

A autora destaca ainda que a semântica da Libras deve ser compreendida para além de estruturas isoladas, considerando os processos de negociação de sentidos presentes nas práticas comunicativas da comunidade surda. Nesse contexto, os significados são influenciados pelas experiências visuais, culturais e sociais compartilhadas pelos sujeitos sinalizantes.

Marinho Silva (2006, p. 255) enfatiza "o foco deste trabalho é a relação sintático-semântica dos verbos em língua brasileira de sinais, analisada de acordo com suas propriedades, representações e significações".

A relação entre sintaxe e semântica na Libras demonstra que os sentidos produzidos na língua de sinais não podem ser analisados isoladamente, mas devem considerar o contexto discursivo e os recursos visuais envolvidos na comunicação.

Outro aspecto relevante refere-se aos fenômenos de variação linguística presentes na Libras. Assim como ocorre em qualquer língua natural, a Libras apresenta variações regionais, sociais e culturais que refletem as transformações históricas da comunidade surda brasileira. Estudos sociolinguísticos evidenciam que diferentes regiões do país utilizam sinais distintos para representar determinados conceitos.

Silva e Gonçalves (2020, p. 3) afirmam que: "na Libras, assim como em qualquer outra língua, é natural a manifestação dos fenômenos da variação e da mudança".

Os autores destacam que a mudança lexical em Libras ocorre devido às transformações sociais, culturais e históricas vivenciadas pelas comunidades surdas. Dessa maneira, a Libras apresenta caráter dinâmico e heterogêneo, desconstruindo a ideia equivocada de uniformidade absoluta da língua.

Nesse sentido, a Sociolinguística contribui significativamente para a compreensão das relações entre língua, sociedade e cultura no contexto da Libras. Conforme Labov (2008 apud Marques; Domingos, 2021, p. 2), a língua sofre influência direta dos fatores sociais presentes nas comunidades linguísticas. Essa perspectiva permite compreender que as variações observadas na Libras resultam das experiências históricas e sociais dos sujeitos surdos em diferentes contextos regionais.

Além dos aspectos estruturais, a Libras apresenta profunda dimensão cultural. A língua de sinais constitui elemento central da identidade surda, funcionando como espaço de pertencimento, resistência e valorização das experiências visuais da comunidade surda. Nesse contexto, a Libras

ultrapassa a função comunicativa e assume papel político e cultural na luta pelos direitos linguísticos dos surdos.

As políticas linguísticas brasileiras também exerceram papel fundamental na consolidação da Libras como língua oficial da comunidade surda. O reconhecimento legal da Libras pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5.626/2005 fortaleceu os estudos linguísticos e ampliou a presença da língua de sinais nos espaços educacionais e acadêmicos.

Conforme Gonçalves Júnior *et al.* (2018, p. 57), as políticas linguísticas voltadas à Libras contribuíram para ampliar o reconhecimento da pluralidade linguística brasileira. Os autores ressaltam que a valorização das línguas de sinais representa importante avanço na promoção da diversidade cultural e linguística no país.

Dessa forma, os aspectos linguísticos e estruturais da Libras evidenciam que a língua de sinais possui complexidade equivalente às línguas orais, apresentando organização gramatical própria, mecanismos de produção de significados e processos dinâmicos de transformação linguística. Compreender tais fundamentos torna-se essencial para fortalecer a educação bilíngue, combater preconceitos linguísticos e promover a valorização da cultura surda na sociedade contemporânea.

3 Libras, cultura surda e políticas linguísticas

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) ocupa posição central na constituição histórica, cultural, social e identitária da comunidade surda brasileira. Mais do que um instrumento comunicativo, a Libras representa espaço de pertencimento, produção cultural e resistência política frente aos processos históricos de exclusão linguística vivenciados pelos sujeitos surdos ao longo dos séculos. Nesse contexto, compreender as relações entre Libras, cultura surda e políticas linguísticas implica reconhecer que as línguas de sinais não podem ser analisadas apenas sob perspectivas estruturais ou gramaticais, mas também enquanto manifestações culturais e instrumentos de afirmação identitária.

Historicamente, a trajetória educacional e social das pessoas surdas foi marcada por práticas excludentes baseadas na hegemonia das línguas orais. Durante muitos anos, os sujeitos surdos foram considerados incapazes de desenvolver plenamente a linguagem e o pensamento devido à ausência da oralidade. Essa concepção contribuiu para o fortalecimento de práticas oralistas que buscavam corrigir ou normalizar os corpos surdos,

negando-lhes o direito ao uso da língua de sinais. Segundo Zanoni e Valentini (2011, p. 58):

Durante muitos anos, a sociedade esteve preocupada com a padronização dos indivíduos para viverem no meio social. Dessa forma, a educação dos surdos passou por diversas tendências. Inicialmente, a fase do oralismo, filosofia impregnada na visão médico-clínica, acreditando na normalização do sujeito e que a interação dos sujeitos surdos e ouvintes somente era possível através da língua oral.

O oralismo consolidou-se principalmente após o Congresso de Milão de 1880, evento internacional que proibiu oficialmente o uso das línguas de sinais em diversas instituições educacionais ao redor do mundo. Tal política produziu impactos profundos na educação dos surdos, uma vez que os sujeitos surdos passaram a ser submetidos exclusivamente ao ensino da oralidade, frequentemente sem acesso efetivo à comunicação e à aprendizagem.

Nesse contexto histórico, a língua de sinais foi marginalizada e invisibilizada, sendo compreendida como obstáculo ao desenvolvimento da fala. Entretanto, apesar das proibições e repressões institucionais, as comunidades surdas resistiram culturalmente por meio da preservação e transmissão das línguas de sinais em espaços informais de convivência social.

Sobre esse processo histórico, Zanoni e Valentini (2011, p. 58) afirmam:

Os surdos continuavam a utilizar a língua de sinais escondido dos professores. Conforme Sacks (1990, p. 45) 'o oralismo e a supressão do sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral'.

A crítica ao oralismo fortaleceu-se especialmente a partir da segunda metade do século XX, quando os estudos linguísticos passaram a reconhecer cientificamente as línguas de sinais como sistemas linguísticos completos. A partir desse reconhecimento, ampliaram-se os movimentos sociais e políticos da comunidade surda em defesa dos direitos linguísticos, da educação bilíngue e do reconhecimento cultural das pessoas surdas.

Nesse cenário, os Estudos Surdos passaram a compreender a surdez não como deficiência a ser corrigida, mas como diferença linguística e cultural. Tal perspectiva rompe com modelos clínico-terapêuticos historicamente predominantes e valoriza as experiências visuais, sociais e culturais construídas pelos sujeitos surdos.

A cultura surda pode ser compreendida como o conjunto de práticas, valores, tradições, experiências visuais e formas de interação social compartilhadas pela comunidade surda. A Libras desempenha papel fundamental nesse processo, pois é por meio dela que os sujeitos surdos estabelecem relações de pertencimento e constroem suas identidades culturais.

Segundo Strobel (2009 apud Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1097), a cultura surda constitui espaço de construção de significados específicos compartilhados pela comunidade surda. Dessa forma, a Libras não representa apenas uma língua de comunicação, mas elemento estruturante da identidade surda.

A relação entre língua e cultura torna-se ainda mais evidente quando se observa que a experiência visual constitui aspecto central da organização cultural da comunidade surda. As formas de interação social, produção artística, narrativas, humor, expressões corporais e práticas comunicativas da comunidade surda são fortemente influenciadas pela visualidade.

Nesse sentido, Karnopp (2008 apud Silva; Gonçalves, 2020, p. 4) afirma que "a comunidade linguística se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais". Essa diversidade de usos evidencia que a Libras encontra-se profundamente vinculada às práticas culturais e sociais da comunidade surda, refletindo suas experiências históricas e identitárias.

Além disso, a Libras desempenha importante função na constituição da subjetividade dos sujeitos surdos. O acesso precoce à língua de sinais possibilita o desenvolvimento linguístico, cognitivo, emocional e social das crianças surdas, favorecendo sua inserção cultural e educacional. A ausência desse acesso, por outro lado, pode comprometer significativamente os processos de aprendizagem e interação social.

Marques, Barroco e Silva (2013, p. 503) destacam que o ensino da Libras favorece o desenvolvimento humano e amplia as possibilidades de interação entre surdos e ouvintes. Segundo as autoras, a Libras constitui elemento fundamental para a mediação social e cultural dos sujeitos surdos, promovendo trocas linguísticas efetivas e fortalecimento das relações interpessoais.

As discussões sobre Libras e cultura surda também se relacionam diretamente às políticas linguísticas desenvolvidas no Brasil nas últimas décadas. As políticas linguísticas podem ser compreendidas como ações

institucionais e governamentais voltadas à regulamentação, valorização e promoção das línguas utilizadas em determinado contexto social.

Historicamente, o Brasil consolidou-se como país marcado pela hegemonia da língua portuguesa, invisibilizando outras manifestações linguísticas presentes em seu território, incluindo as línguas indígenas, africanas e de sinais. Nesse cenário, as políticas linguísticas voltadas à Libras representam importante avanço no reconhecimento da diversidade linguística brasileira.

Gonçalves Júnior *et al.* (2018, p. 57) afirmam:

Este estudo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as políticas linguísticas e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também aborda o plurilinguismo, na tentativa de identificar a relação entre línguas e poder.

Os autores ressaltam que as relações entre língua e poder influenciam diretamente os processos de valorização ou marginalização das línguas utilizadas pelos diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o reconhecimento da Libras representa conquista política da comunidade surda frente aos processos históricos de exclusão linguística.

O principal marco legal relacionado às políticas linguísticas da Libras ocorreu com a promulgação da Lei nº 10.436/2002, que reconheceu oficialmente a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Posteriormente, o Decreto nº 5.626/2005 regulamentou a referida lei, estabelecendo diretrizes para o ensino da Libras, formação de professores e garantia da acessibilidade linguística nos espaços públicos e educacionais.

Essas legislações contribuíram significativamente para a ampliação da presença da Libras em universidades, escolas, serviços públicos e meios de comunicação. Além disso, fortaleceram os debates sobre educação bilíngue, formação docente e inclusão educacional dos sujeitos surdos. Carniel (2018, p. 3) destaca que:

Desde dezembro de 2005, com a publicação do decreto federal n. 5.626, a Libras tornou-se um componente curricular obrigatório para os cursos de licenciatura, de pedagogia e de fonoaudiologia do país.

A inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação docente representa importante avanço para a construção de práticas educacionais mais inclusivas e para a disseminação de conhecimentos sobre a cultura surda entre profissionais da educação.

Entretanto, apesar dos avanços legais conquistados, ainda persistem inúmeros desafios relacionados à efetivação das políticas linguísticas voltadas à população surda. Muitas instituições educacionais ainda apresentam dificuldades na implementação da educação bilíngue, na formação adequada de profissionais e na garantia da acessibilidade linguística. Paiva e Melo (2021, p. 90) ressaltam que:

Torna-se necessária uma reflexão constante para o engendramento de estratégias institucionais que contribuam para o enfrentamento dos desafios de implementação da acessibilidade linguística e, por conseguinte, assegurem o acesso e a permanência com qualidade do Surdo no Ensino Superior.

Tal perspectiva evidência que as políticas linguísticas não podem limitar-se à criação de leis, sendo necessário o desenvolvimento de ações concretas que garantam efetivamente os direitos linguísticos da comunidade surda.

Outro aspecto relevante refere-se às transformações socioculturais produzidas pela ampliação do ensino da Libras em diferentes espaços sociais. A presença da Libras em universidades, escolas, eventos acadêmicos e meios digitais contribui para o fortalecimento da visibilidade social da comunidade surda e para a valorização da diversidade linguística brasileira.

Nesse sentido, a expansão das tecnologias digitais também passou a desempenhar papel importante na difusão da Libras e da cultura surda. Plataformas digitais, vídeos em Libras, redes sociais e ambientes virtuais ampliaram significativamente os espaços de circulação da língua de sinais, fortalecendo os processos de interação social e produção cultural da comunidade surda.

Além disso, as políticas linguísticas contemporâneas passaram a reconhecer a importância da acessibilidade comunicacional como direito humano fundamental. O acesso à informação em Libras, a presença de intérpretes de Libras e a produção de materiais acessíveis representam estratégias indispensáveis para a promoção da inclusão social e educacional dos sujeitos surdos.

Dessa maneira, compreender as relações entre Libras, cultura surda e políticas linguísticas implica reconhecer que a língua de sinais constitui patrimônio cultural, linguístico e identitário da comunidade surda brasileira. A valorização da Libras representa não apenas garantia de comunicação, mas também reconhecimento da diversidade humana, fortalecimento da cidadania e promoção dos direitos linguísticos e culturais das pessoas surdas na sociedade contemporânea.

4 Considerações finais

Quando se examina os princípios fundamentais da Linguística e como eles se aplicam à Língua Brasileira de Sinais, torna-se claro que a Libras é uma língua natural, legítima e completa, dotada de sua própria gramática e de mecanismos linguísticos sofisticados que a estabelecem como um sistema linguístico independente e cientificamente válido. Durante este trabalho, ficou demonstrado que a Libras conta com componentes fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos particulares, rejeitando ideias antigas e incorretas que a tratavam simplesmente como um conjunto de gestos sem qualquer valor linguístico.

A pesquisa na área de Linguística de Línguas de Sinais mostra que a Libras tem uma capacidade expressiva tão ampla quanto a das línguas faladas, viabilizando a criação de discursos, histórias, saber científico e inúmeras formas de relação social. Sob esse ponto de vista, a estrutura da Libras deixa à vista a sofisticação de uma língua visual e espacial, confirmando seu estatuto de verdadeira língua da comunidade surda brasileira.

Além de sua estrutura linguística, constatou-se que a Libras tem grande importância na formação da identidade cultural das pessoas surdas. Essa língua é um espaço onde se encontram, fortalecem a cultura e resistem politicamente contra o histórico de exclusão linguística sofrido pela comunidade surda. Dessa forma, estudar a Libras é reconhecer que as línguas vão além de simples ferramentas de comunicação, funcionando também como criadoras de formas de ser, culturas e maneiras de estar juntos.

As reflexões sobre a cultura surda evidenciam que os surdos vivem experiências sociais baseadas na visão, na comunicação por sinais e em tradições culturais próprias da comunidade surda. Portanto, a Libras vai além do aspecto linguístico propriamente dito, funcionando como expressão cultural e identitária essencial para que a vida e as práticas surdas ganhem reconhecimento na sociedade atual.

No que diz respeito às políticas sobre línguas, nota-se que os passos alcançados pela comunidade surda brasileira nos últimos tempos marcam momentos relevantes da luta por igualdade linguística e acesso à educação para as pessoas surdas. O reconhecimento da Libras por lei em 2002 e sua regulamentação em 2005 trouxeram grande avanço, tornando a língua de sinais mais presente nas escolas, universidades e instituições.

Contudo, apesar dessas conquistas no campo legal, ainda há muitos problemas a resolver quando se trata de garantir o acesso à língua nas práticas concretas do Brasil. Faltam profissionais preparados, a educação bilíngue não é implementada como deveria, materiais acessíveis são escassos e os preconceitos contra a língua de sinais continuam vivos, mostrando que só a lei não é o bastante para incluir de verdade a comunidade surda.

Por isso, é urgente investir mais na preparação de professores, em pesquisas científicas, em políticas públicas mais fortes e em educação bilíngue que respeite e valorize a Libras e a forma de vida surda. É igualmente importante agir para eliminar o estigma que há séculos pesa sobre as pessoas surdas e sobre as línguas de sinais.

Encerrando, pode-se dizer que a Libras é muito mais que um jeito de se comunicar; ela é parte viva da diversidade de línguas e culturas do Brasil. Reconhecer e valorizar a língua de sinais são caminhos decisivos para que a sociedade seja mais inclusiva, que todos tenham direitos garantidos e que a comunidade surda tenha sua humanidade plenamente respeitada. Nesse caminho, aprofundar o conhecimento sobre a Libras também significa trabalhar por uma sociedade verdadeiramente democrática, acessível e que honre as muitas formas de ser e de falar que convivem em nosso país.

Referências

BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira; RODRIGUES, Isabel Cristina. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CARNIEL, Fagner. A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230027, 2018.

CARVALHO, Andrea Guimarães de; GARCIA, Renata. Dicionários de Libras: desafios na produção destes dicionários como instrumento para a

promoção desse ensino. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 6, n. 2, p. 275-291, 2020.

GONÇALVES JÚNIOR, Josmar; DÓREA, Yasmin Galvani Tonete; KÜBERKOUG, Marcos; SOUZA, Luiz Cláudio da Silva. Políticas linguísticas e a língua de sinais brasileira. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 57-67, 2018.

MARINHO SILVA, Marília da Piedade. A semântica como negociação dos significados em Libras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 45, n. 2, p. 255-269, jul./dez. 2006.

MARQUES, Ana Paula; DOMINGOS, Franz Kafka Porto. Variação linguística na Libras: um recorte semasiológico. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 14, n. 25, p. 1-13, 2021.

MARQUES, Hivi de Castro Ruiz; BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Tânia dos Santos Alvarez da. O ensino da Língua Brasileira de Sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na Psicologia Histórico-Cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 19, n. 4, p. 503-518, out./dez. 2013.

MARTINS, Ana Patrícia Sá; SOUSA, Aline Carvalho de. A língua brasileira de sinais no ensino regular: uma proposição inclusiva para educação bilíngue de alunos surdos e ouvintes no contexto de ensino remoto. **Periódico Horizontes – USF**, Itatiba, v. 40, e022079, 2022.

PAIVA, Gisele Oliveira da Silva; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de. Acessibilidade linguística de surdos no Ensino Superior: reflexões sobre o curso de Letras Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 27, p. 89-104, 2021.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, Goiânia, v. 32, e63237, 2020.

SILVA, Lídia da; SOUZA, Clóvis Batista de. Experiência de interações online em aulas de Libras como segunda língua no Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 50, e268371, 2024.

ZANONI, Dayse Grassi; VALENTINI, Silvana Mendonça Lopes. Língua Brasileira de Sinais: aspectos linguísticos e culturais. **Revista Trama**, Toledo, v. 7, n. 14, p. 57-68, 2011.

Capítulo 2

A NATUREZA VISUOESPACIAL: COMO A LIBRAS GANHA VIDA NO ESPAÇO

Márcia Francisca Diogo Rodrigues¹

Rafael da Cunha Braga²

Simone Quirgo de Souza Braga³

Rosicléia Bastos do Nascimento Gomes⁴

Claudiane da Silva Albuquerque⁵

Rivaldo Pereira da Costa⁶

1 Introdução

A discussão acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ultrapassa os limites de uma abordagem meramente comunicacional e passa a ocupar lugar central nos debates sobre linguagem, identidade, cultura e educação de surdos. Nesse cenário, compreender a natureza visuoespacial da Libras significa reconhecer que as línguas de sinais possuem estruturas linguísticas próprias, organizadas por experiências visuais, espaciais e corporais, diferindo substancialmente das línguas de modalidade oral-auditiva. A Libras constitui-se como uma língua natural das comunidades surdas brasileiras e se organiza por meio de movimentos, expressões faciais, direcionamentos corporais e uso do espaço, elementos que produzem sentidos complexos e revelam a riqueza de sua arquitetura linguística.

1 Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Campus Vila Velha. Professor da Rede Municipal de Ensino das Prefeituras da Serra e de Cariacica.

3 Mestra em Educação pela Logos University International (UNILOGOS), Estados Unidos. Professora do Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

4 Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professora de Libras no CAS (Centro de Apoio ao Surdo).

5 Graduação em Letras Libras pela universidade federal de Alagoas (UFAL).

6 Especialista em Docência da Língua Brasileira de Sinais pela UNÍNTESE e graduado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como professor de Libras na Secretaria Municipal de Educação de Porto Nacional.

A educação de surdos foi marcada por práticas oralistas que desconsideravam a língua de sinais como instrumento legítimo de aprendizagem e desenvolvimento humano. Durante muitos anos, predominou uma concepção patologizante da surdez, centrada na tentativa de normalização do sujeito surdo por meio da oralização compulsória. Tal perspectiva produziu profundas exclusões linguísticas, culturais e educacionais, uma vez que ignorava a especificidade visuoespacial da experiência surda. Apenas nas últimas décadas, especialmente após o reconhecimento legal da Libras pela Lei nº 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005, a língua de sinais passou a ser compreendida como direito linguístico e condição fundamental para o desenvolvimento integral da pessoa surda.

Nesse contexto, a problemática desta pesquisa emerge da necessidade de compreender de que maneira a natureza visuoespacial da Libras contribui para a constituição da linguagem, da cognição e das práticas educacionais voltadas às pessoas surdas. Embora existam avanços significativos no campo da educação bilíngue e nos estudos linguísticos sobre Libras, ainda persistem desafios relacionados à valorização da visualidade como dimensão central da experiência surda. Em muitos espaços escolares, as práticas pedagógicas permanecem fundamentadas em modelos ouvintistas e oralistas, que privilegiam a língua portuguesa oral em detrimento da Libras, comprometendo os processos de ensino-aprendizagem e a participação efetiva dos estudantes surdos.

Além disso, a sociedade brasileira ainda apresenta compreensões limitadas acerca das especificidades linguísticas das línguas de sinais. Frequentemente, a Libras é reduzida a um conjunto de gestos ou recursos auxiliares de comunicação, desconsiderando-se sua complexidade gramatical, discursiva e cultural. Tal invisibilização reforça preconceitos históricos e dificulta a consolidação de práticas educacionais verdadeiramente bilíngues e inclusivas. Assim, torna-se imprescindível ampliar as reflexões sobre a dimensão visuoespacial da Libras e suas contribuições para os processos de construção de sentidos, interação social e desenvolvimento humano.

A relevância científica desta pesquisa fundamenta-se na necessidade de fortalecer os estudos sobre linguagem visuoespacial, educação bilíngue de surdos e pedagogia visual, contribuindo para o avanço das discussões acadêmicas acerca da Libras enquanto língua de modalidade gestual-visual. A investigação também se mostra relevante por possibilitar reflexões sobre os impactos da visualidade na constituição cognitiva, identitária e

cultural das pessoas surdas, além de colaborar para a construção de práticas pedagógicas mais acessíveis e inclusivas.

Conforme afirmam Alves e Frassetto (2015), a Libras desempenha papel essencial no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das pessoas surdas, uma vez que fornece condições necessárias para a ampliação das relações interpessoais e para a constituição da subjetividade. As autoras ressaltam que a língua de sinais promove formas específicas de interação e compreensão do mundo, organizadas a partir da experiência visual.

Do ponto de vista linguístico, os estudos de Felipe (2013) demonstram que os enunciados em Libras apresentam características verbo-visuais altamente complexas, nas quais expressões faciais, movimentos corporais e marcas não manuais atuam como elementos gramaticais indispensáveis à construção discursiva. Segundo a autora, os valores espaciais e pictóricos presentes nas línguas de sinais revelam uma modalidade linguística singular, organizada por princípios distintos das línguas orais-auditivas.

Da mesma forma, Valadão *et al.* (2014) afirmam que o reconhecimento científico das línguas de sinais possibilitou novas compreensões sobre a linguagem humana, especialmente no que se refere às formas visuoespaciais de produção linguística. Os autores destacam que as línguas de sinais compartilham propriedades linguísticas das línguas orais, porém apresentam organização baseada em experiências visuais e espaciais, ampliando as perspectivas sobre aquisição, funcionamento e desenvolvimento da linguagem.

Sob essa perspectiva, compreender como a Libras “ganha vida no espaço” implica reconhecer que o espaço não atua apenas como cenário da comunicação, mas como componente gramatical e semântico da língua. Em Libras, o espaço é utilizado para estabelecer relações temporais, referenciais, narrativas e discursivas, permitindo construções imagéticas complexas e altamente dinâmicas. O corpo do sujeito sinalizante transforma-se em instrumento linguístico completo, no qual mãos, expressões faciais, tronco e olhar participam simultaneamente da produção de sentidos.

Nessa direção, Segala e Quadros (2015) ressaltam que a modalidade visuoespacial das línguas de sinais favorece processos discursivos e tradutórios marcados pela iconicidade, pela imagetividade e pela exploração visual do espaço. Segundo os autores, as construções em Libras revelam formas específicas de organização textual e discursiva, evidenciando a potência expressiva da língua de sinais.

No campo educacional, as discussões sobre visualidade e Libras assumem importância ainda maior, especialmente diante das demandas da educação bilíngue de surdos. A presença da Libras como língua de instrução possibilita o acesso ao currículo escolar por meio de práticas pedagógicas visualmente organizadas, favorecendo a aprendizagem significativa dos estudantes surdos. Garrutti e Moreira (2022) destacam que ambientes educacionais linguisticamente preparados permitem que crianças surdas desenvolvam rapidamente a Libras em situações cotidianas de interação, compartilhando conceitos e experiências comuns no espaço escolar.

Entretanto, apesar dos avanços legais e científicos, ainda são observadas fragilidades na implementação de políticas educacionais voltadas à educação de surdos. Muitas instituições de ensino não possuem profissionais bilíngues qualificados, recursos visuais adequados ou práticas pedagógicas fundamentadas na experiência visuoespacial. Tal realidade evidencia a permanência de modelos educacionais centrados na oralidade e reforça a necessidade de aprofundar os estudos sobre a Libras enquanto língua viva, dinâmica e espacial.

A justificativa desta pesquisa encontra-se, portanto, na necessidade de ampliar a compreensão acerca da natureza visuoespacial da Libras e suas implicações linguísticas, cognitivas, culturais e educacionais. Refletir sobre como a Libras ganha vida no espaço representa um movimento fundamental para a valorização da cultura surda, para o fortalecimento da educação bilíngue e para a construção de práticas inclusivas que respeitem as especificidades linguísticas dos sujeitos surdos.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar a natureza visuoespacial da Libras, compreendendo como os elementos visuais, espaciais e corporais contribuem para a constituição da linguagem, da cognição e das práticas educacionais na comunidade surda. Especificamente, busca-se discutir as características linguísticas da Libras, refletir sobre a importância da visualidade nos processos de ensino-aprendizagem e analisar as contribuições da experiência visuoespacial para a valorização da identidade e da cultura surda.

Assim, este estudo pretende contribuir para o fortalecimento das discussões acadêmicas sobre Libras, visualidade e educação de surdos, reafirmando a necessidade de reconhecimento da língua de sinais como elemento central da constituição humana, social e cultural das pessoas surdas.

2 A visualidade e a constituição linguística da Libras

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) caracteriza-se como uma língua de modalidade gestual-visual ou visuoespacial, cuja organização linguística ocorre por meio de elementos corporais, espaciais, imagéticos e visuais. Diferentemente das línguas oral-auditivas, a Libras estrutura-se pela articulação simultânea de movimentos das mãos, expressões faciais, orientação corporal, localização espacial e marcas não manuais, configurando um sistema linguístico complexo, dotado de gramática própria e potencial expressivo singular. Assim, compreender a constituição linguística da Libras implica reconhecer que a visualidade não representa mero suporte comunicativo, mas elemento estruturante da produção de sentidos e da experiência linguística da comunidade surda.

Durante muitos anos, as línguas de sinais foram consideradas formas inferiores de comunicação, reduzidas equivocadamente a sistemas gestuais sem estrutura gramatical. Tal concepção esteve diretamente vinculada às perspectivas oralistas que dominavam a educação de surdos, especialmente entre os séculos XIX e XX, quando a oralização era compreendida como único caminho legítimo para a inserção social das pessoas surdas. Entretanto, a partir dos estudos linguísticos desenvolvidos por William Stokoe na década de 1960, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas cientificamente como línguas naturais, apresentando níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos equivalentes às línguas orais.

Conforme afirmam Valadão *et al.* (2014), o reconhecimento científico das línguas de sinais possibilitou novas perspectivas sobre a linguagem humana e sobre os processos de aquisição linguística. Segundo os autores:

O reconhecimento linguístico das línguas de sinais bem como a análise das suas características visuo-espaciais possibilitaram que novos olhares fossem lançados sobre a linguagem, seu processo de aquisição e desenvolvimento e seu funcionamento (Valadão *et al.*, 2014, p. 836).

A partir dessa compreensão, tornou-se possível reconhecer que a Libras não se constitui como representação visual do português, mas como língua autônoma, organizada por princípios linguísticos próprios. Sua modalidade visuoespacial produz formas específicas de construção sintática e discursiva, nas quais o espaço assume função gramatical e semântica fundamental.

Nesse contexto, a visualidade emerge como elemento central da constituição linguística da Libras. O sujeito surdo organiza sua experiência de mundo prioritariamente por meio da visão, construindo relações cognitivas e comunicacionais marcadas pela espacialidade. Dessa forma, o espaço não atua apenas como local físico da sinalização, mas como componente ativo da gramática da língua.

Felipe (2013) destaca que os enunciados em Libras apresentam forte dimensão verbo-visual, marcada pela articulação simultânea de elementos espaciais e pictóricos. Segundo a autora, as marcas não manuais desempenham funções linguísticas essenciais na organização discursiva da língua:

Essas marcas serão descritas a partir da Língua Brasileira de Sinais - Libras, incluindo a Translinguística como área de conhecimento que analisaria o discurso com relação a essas marcas verbo-visuais utilizadas pelos sujeitos na enunciação (Felipe, 2013, p. 67).

As marcas não manuais compreendem expressões faciais, movimentos dos olhos, sobrancelhas, cabeça e tronco, elementos responsáveis por indicar aspectos sintáticos, interrogativos, afetivos e discursivos. Na Libras, tais recursos não possuem caráter meramente emocional ou complementar, mas constituem componentes estruturais da gramática da língua. A ausência dessas marcas pode comprometer significativamente a compreensão do enunciado.

Além disso, a simultaneidade constitui característica fundamental das línguas de sinais. Enquanto as línguas oral-auditivas organizam-se predominantemente de forma linear, a Libras permite a produção simultânea de informações por meio da combinação de diferentes articuladores corporais. Tal característica amplia a complexidade discursiva da língua e favorece construções imagéticas altamente dinâmicas.

Segundo Quadros (1997 apud Peixoto, 2006), as línguas de sinais apresentam organização estrutural própria, baseada em princípios espaciais e visuais que diferem substancialmente das línguas orais. Essa diferença modal exige novas compreensões sobre aquisição linguística e práticas pedagógicas voltadas às pessoas surdas.

Do ponto de vista fonológico, a Libras organiza-se a partir de parâmetros específicos, tradicionalmente descritos como configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação das mãos e expressões não manuais. Esses parâmetros funcionam de maneira semelhante aos

fonemas das línguas orais, distinguindo significados e organizando a produção lexical.

Nesse sentido, a iconicidade assume papel relevante na constituição linguística da Libras. Muitos sinais apresentam relações visuais com os objetos, ações ou conceitos representados, estabelecendo aproximações imagéticas entre forma e significado. Contudo, é importante destacar que a iconicidade não elimina a arbitrariedade linguística. Assim como em qualquer língua natural, a Libras também apresenta sinais arbitrários, convencionados socialmente pelas comunidades surdas.

A visualidade também se manifesta nos processos cognitivos relacionados à linguagem. A experiência visual do sujeito surdo influencia diretamente formas de percepção, memória, atenção e construção de conhecimentos. Nesse contexto, Lacerda (2026) argumenta que a cognição visuoespacial deve ser compreendida como potência e não como limitação linguística ou cognitiva. Segundo o autor:

A neurobiologia da linguagem indica, de modo cada vez mais consistente, que o cérebro humano responde à estrutura, ao ritmo e à organização formal do fenômeno linguístico mesmo quando a experiência se dá em modalidade visuoespacial (Lacerda, 2026, p. 3).

A relação entre linguagem e cognição nas comunidades surdas também é discutida por Fávero e Pimenta (2006), ao analisarem o papel da Libras nos processos de resolução de problemas matemáticos. As autoras evidenciam que a língua de sinais atua como instrumento mediador da organização do pensamento e da construção de significados, reafirmando a centralidade da linguagem visuoespacial no desenvolvimento cognitivo da pessoa surda.

Outro aspecto importante da constituição linguística da Libras refere-se à corporeidade. O corpo, na língua de sinais, não atua apenas como suporte físico da comunicação, mas como elemento integrante da produção discursiva. O sujeito sinalizante utiliza diferentes regiões corporais para representar personagens, cenários, ações e relações espaciais, construindo narrativas altamente visuais e performáticas.

De acordo com Segala e Quadros (2015), as línguas de sinais permitem produções discursivas marcadas pela imagetividade, pela espacialidade e pela iconicidade visual. Os autores afirmam que:

As línguas de sinais utilizam canais visuais-espaciais que possibilitam a exploração de aspectos imagéticos e icônicos durante os processos comunicativos e tradutórios (Segala; Quadros, 2015, p. 356).

A visualidade da Libras também produz impactos significativos nos processos de tradução e interpretação. Diferentemente das traduções entre línguas orais, as traduções envolvendo Libras exigem adaptações intermodais, intersemióticas e imagéticas, considerando a diferença entre modalidades linguísticas. Isso ocorre porque muitos sentidos são produzidos espacialmente, envolvendo elementos visuais que nem sempre encontram correspondência direta na língua portuguesa escrita ou oral.

Nascimento (2017) afirma que as produções audiovisuais acessíveis em Libras precisam considerar não apenas aspectos técnicos da janela de interpretação, mas também as especificidades verbo-visuais dos gêneros discursivos envolvidos. Segundo o autor, a visualidade em Libras constitui elemento central da construção discursiva e da acessibilidade linguística.

No campo educacional, reconhecer a visualidade como princípio estruturante da Libras significa reorganizar práticas pedagógicas, currículos e metodologias. A educação de surdos necessita considerar as especificidades linguísticas da experiência visuoespacial, valorizando recursos imagéticos, materiais visuais, performances corporais e estratégias pedagógicas bilíngues.

Garrutti e Moreira (2022) destacam que crianças surdas inseridas em ambientes linguisticamente acessíveis desenvolvem rapidamente a Libras por meio das interações sociais e das trocas cotidianas. Segundo as autoras:

As situações de interações revelaram que o aprendizado da língua de sinais acontece de modo rápido e em trocas rotineiras no contexto da turma (Garrutti; Moreira, 2022, p. 1).

Além disso, Peixoto (2006) argumenta que a experiência visuoespacial influencia diretamente os processos de alfabetização e escrita das crianças surdas. A autora ressalta que os sujeitos surdos realizam intensa exploração visual e espacial da escrita, organizando hipóteses linguísticas distintas das crianças ouvintes, justamente em razão da modalidade visuoespacial da Libras.

Sob essa perspectiva, torna-se evidente que a constituição linguística da Libras não pode ser compreendida a partir de parâmetros ouvintistas ou fonocêntricos. A língua de sinais organiza-se segundo princípios próprios, nos quais espaço, corpo, visualidade e movimento assumem funções estruturais fundamentais. A Libras ganha vida no espaço porque sua gramática é construída espacialmente, permitindo formas complexas de representação, interação e significação.

Portanto, compreender a visualidade da Libras significa reconhecer a legitimidade das experiências linguísticas surdas e valorizar a língua de sinais como patrimônio cultural, educacional e identitário da comunidade surda brasileira. Mais do que instrumento comunicativo, a Libras representa forma singular de perceber, interpretar e construir o mundo, reafirmando a potência da visualidade como expressão legítima da linguagem humana.

3 Libras, espaço e construção da experiência visual na educação de surdos

A educação de surdos constitui um campo de profundas discussões linguísticas, culturais, políticas e pedagógicas, especialmente no que se refere ao reconhecimento da Libras como língua de instrução e elemento central da constituição da experiência visual dos sujeitos surdos. Nesse contexto, a relação entre Libras, espaço e visualidade torna-se fundamental para compreender os processos de ensino-aprendizagem e as formas pelas quais os estudantes surdos constroem conhecimentos, interações sociais e pertencimento cultural no ambiente escolar.

Os modelos educacionais destinados às pessoas surdas foram marcados por práticas excludentes fundamentadas no oralismo e na tentativa de normalização da surdez. Tais perspectivas desconsideravam as especificidades linguísticas e visuais da comunidade surda, impondo métodos pedagógicos centrados exclusivamente na língua oral majoritária. Como consequência, muitos estudantes surdos vivenciaram processos de escolarização fragmentados, com dificuldades de acesso linguístico, evasão escolar e limitação no desenvolvimento acadêmico.

A partir das lutas dos movimentos surdos e do avanço dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, passou-se a reconhecer que a Libras representa não apenas um meio de comunicação, mas também um direito linguístico, cultural e educacional. Nesse cenário, a experiência visual assume centralidade na educação de surdos, exigindo transformações epistemológicas e pedagógicas capazes de valorizar o espaço, a visualidade e a língua de sinais como elementos estruturantes do processo educativo.

De acordo com Martins (2025), a inclusão escolar de estudantes surdos não pode ser reduzida a adaptações técnicas ou curriculares superficiais. Segundo o autor:

A presença de estudantes surdos no ensino comum demanda reorganizações curriculares, metodológicas e epistemológicas, com

valorização do bilinguismo e da visualidade como eixos centrais do processo de ensino e aprendizagem (Martins, 2025, p. 1).

Essa perspectiva evidencia que a experiência visual dos sujeitos surdos não representa mera característica biológica decorrente da ausência da audição, mas constitui forma específica de interação com o mundo, de produção de sentidos e de organização da linguagem. Assim, a educação de surdos precisa reconhecer a visualidade como princípio pedagógico fundamental, rompendo com modelos centrados exclusivamente na oralidade.

Nesse contexto, a Libras ganha vida no espaço por meio das interações sociais, das práticas discursivas e das relações estabelecidas no ambiente escolar. O espaço, na língua de sinais, não atua apenas como cenário da comunicação, mas como elemento linguístico ativo, responsável pela construção de referências discursivas, narrativas e semânticas. O corpo do sujeito surdo transforma-se em instrumento de linguagem, articulando movimentos, expressões faciais e direcionamentos espaciais capazes de produzir significados complexos.

Segundo Lacerda (2026), a cognição visuoespacial desempenha papel essencial nos processos de aprendizagem e desenvolvimento linguístico dos estudantes surdos. O autor argumenta que a experiência visual reorganiza formas de percepção, memória e construção de conhecimentos, produzindo modos específicos de relação com o espaço e com a linguagem.

Além disso, a organização visual dos ambientes educacionais exerce influência significativa sobre a aprendizagem dos estudantes surdos. Diferentemente dos espaços escolares tradicionalmente pensados para sujeitos ouvintes, a educação bilíngue de surdos necessita considerar aspectos como iluminação, disposição espacial das carteiras, visibilidade entre interlocutores, uso de recursos imagéticos e circulação visual das informações.

Garrutti e Moreira (2022), ao analisarem interações em uma turma de educação infantil bilíngue para crianças surdas, observaram que os ambientes linguisticamente preparados favorecem a rápida apropriação da Libras e ampliam as possibilidades de participação social dos estudantes. Segundo as autoras:

Os resultados indicaram a importância da organização de ambientes educativos linguísticos de educação infantil, culturalmente preparados para o desenvolvimento de crianças surdas (Garrutti; Moreira, 2022, p. 1).

As autoras ainda destacam que o aprendizado da Libras ocorre intensamente nas trocas cotidianas e nas interações entre pares surdos, evidenciando que a experiência visual compartilhada contribui significativamente para o desenvolvimento linguístico e social das crianças.

Nesse sentido, o espaço escolar assume função estratégica na educação de surdos. Mais do que local físico de aprendizagem, o ambiente educacional precisa constituir-se como espaço visualmente acessível, culturalmente sensível e linguisticamente preparado para acolher as especificidades da comunidade surda. Isso implica reconhecer que o ensino de estudantes surdos não pode ser pautado apenas na tradução de conteúdos da língua portuguesa para Libras, mas deve considerar formas próprias de organização pedagógica fundamentadas na visualidade.

Silva e Silva (2016) ressaltam que a Libras ocupa papel central no desenvolvimento bicultural dos estudantes surdos, exigindo práticas pedagógicas diferenciadas e profissionais preparados para atuar em contextos bilíngues. As autoras apontam que muitas dificuldades enfrentadas pelos estudantes surdos decorrem justamente da ausência de propostas educacionais alinhadas às especificidades linguísticas da experiência visual.

A experiência visual também influencia diretamente os processos de produção textual, leitura e construção da escrita pelas pessoas surdas. Conforme Peixoto (2006), crianças surdas desenvolvem formas específicas de apropriação da escrita, marcadas pela intensa exploração dos aspectos visuais e espaciais da linguagem. Segundo a autora:

As principais especificidades dessa aquisição relacionam-se: à não-fonetização da escrita, a uma intensa exploração dos aspectos viso-espaciais da escrita e ao uso dos parâmetros fonológicos da língua de sinais como elemento regulador e organizador da escrita (Peixoto, 2006, p. 205).

Tal compreensão reforça a necessidade de práticas pedagógicas que respeitem os processos linguísticos próprios da comunidade surda, evitando metodologias baseadas exclusivamente na oralidade e na fonetização da língua portuguesa.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel das descrições imagéticas e dos recursos visuais na mediação do conhecimento escolar. Na educação de surdos, o uso de imagens, vídeos em Libras, mapas visuais, classificadores e performances corporais favorece a compreensão conceitual e amplia as possibilidades de aprendizagem significativa.

Lemos e Desidério (2025), ao discutirem a tradução de textos escolares para Libras, destacam que os elementos imagéticos tornam os conteúdos mais acessíveis, criativos e atrativos para estudantes surdos. Segundo os autores:

As descrições imagéticas, quando aplicadas na tradução em Libras, permitem deixar a sinalização mais icônica-visual, criativa e atrativa para os alunos surdos (Lemos; Desidério, 2025, p. 1).

Além disso, o uso do espaço em Libras possibilita formas diferenciadas de representação de conceitos abstratos e conteúdos acadêmicos complexos. O mapeamento espacial, os classificadores e as representações corporais contribuem para a organização visual das informações e favorecem a aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento.

Silva (2020 apud Lida Silva, 2020) argumenta que o mapeamento espacial constitui recurso fundamental para o ensino de Libras e para a construção de sentidos em contextos pedagógicos visuoespaciais. Segundo essa perspectiva, a espacialidade da língua permite formas altamente dinâmicas de interação e construção discursiva.

No âmbito da cultura surda, a experiência visual também se relaciona à constituição identitária dos sujeitos. A Libras, enquanto língua visuoespacial, fortalece vínculos comunitários, promove pertencimento cultural e possibilita formas específicas de expressão artística, narrativa e socialização. A visualidade, portanto, ultrapassa o campo da percepção sensorial e passa a integrar modos de existir, pensar e produzir cultura.

Alves e Frassetto (2015) afirmam que a língua de sinais promove o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das pessoas surdas, favorecendo a constituição da subjetividade e das relações interpessoais. As autoras ressaltam que a Libras representa instrumento essencial para a expansão das experiências sociais e culturais da comunidade surda.

Sob essa perspectiva, a educação de surdos precisa reconhecer a Libras não apenas como ferramenta pedagógica, mas como elemento constitutivo da identidade e da experiência visual dos sujeitos surdos. Isso implica valorizar práticas bilíngues, promover acessibilidade linguística e garantir espaços educacionais que respeitem as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda.

Entretanto, apesar dos avanços legais conquistados nas últimas décadas, ainda persistem desafios significativos relacionados à implementação efetiva da educação bilíngue no Brasil. Muitas escolas continuam reproduzindo práticas ouvintistas, com escassez de profissionais

bilíngues, ausência de materiais visuais adequados e limitações na formação docente para atuação em contextos visuoespaciais.

Nesse cenário, torna-se imprescindível fortalecer políticas públicas voltadas à educação de surdos, ampliando investimentos na formação de professores bilíngues, na produção de materiais didáticos em Libras e na organização de espaços escolares visualmente acessíveis. Mais do que incluir estudantes surdos em escolas comuns, é necessário construir ambientes educativos que reconheçam a visualidade como princípio pedagógico e linguístico central.

Portanto, a relação entre Libras, espaço e experiência visual revela que a educação de surdos exige transformações profundas nas formas de compreender linguagem, ensino e inclusão. A Libras ganha vida no espaço porque sua constituição linguística se organiza visualmente, permitindo que os sujeitos surdos construam conhecimentos, identidades e relações sociais por meio da experiência visuoespacial. Reconhecer essa especificidade representa condição essencial para uma educação verdadeiramente bilíngue, inclusiva e comprometida com os direitos linguísticos da comunidade surda.

4 Considerações finais

Este trabalho de pesquisa nos levou a perceber que a Libras é muito mais que um simples sistema de comunicação – trata-se de uma língua natural, complexa e integralmente constituída, cujos mecanismos linguísticos estão intrinsecamente ligados à visualidade e ao uso estratégico do espaço. Ao contrário das línguas faladas e ouvidas, a Libras funciona por intermédio de movimentos do corpo, recursos imagéticos e delimitações espaciais que constroem significados de maneira contínua e concomitante, revelando a profundidade e a sofisticação de sua estrutura linguística e discursiva.

O processo investigativo revelou que o caráter visuoespacial da Libras transcende meramente a capacidade de comunicar, funcionando como componente crucial para moldar a cognição, a identidade cultural, a vivência coletiva e as trajetórias educacionais das pessoas surdas. Na língua de sinais, o espaço não funciona somente como cenário onde a comunicação acontece, mas constitui propriamente um recurso gramatical indispensável na elaboração de histórias, na criação de referentes discursivos e nas relações entre significados. Portanto, a Libras ganha expressão no

espaço mediante a combinação de gestos corporais, faces expressivas, classificadores e indicadores não manuais, que originam maneiras próprias e criativas de organizar a linguagem.

Também se mostrou evidente que a experiência de ver o mundo constitui um pilar na formação humana e social dos indivíduos surdos. A maneira como se vê reorganiza a própria percepção, o aprendizado, a fixação de memórias e as relações com outras pessoas, criando formas particulares de acessar e compreender o conhecimento e a realidade. Nessa perspectiva, a Libras funciona não somente como um código linguístico, mas como instrumento que estrutura a cultura surda e as vivências compartilhadas da coletividade surda no Brasil.

No contexto das escolas e instituições educacionais, ficou comprovado que reconhecer e promover a Libras e sua natureza visual é imprescindível para desenvolver metodologias pedagógicas que sejam realmente acessíveis e que trabalhem dois idiomas. A escolarização de crianças e jovens surdos demanda transformações profundas nos currículos, nas estratégias de ensino e nos fundamentos epistemológicos, exigindo que a dimensão visuoespacial seja estabelecida como eixo condutor do aprender e do ensinar. Espaços concebidos para a acessibilidade visual, recursos educativos baseados em imagens, educadores que dominam ambas as línguas e respeito pelos valores e saberes surdos constituem requisitos fundamentais para assegurar o progresso linguístico, o êxito acadêmico e a integração social dos alunos surdos.

Constatou-se, porém, que obstáculos significativos continuam impedindo o pleno desenvolvimento da educação bilíngue no contexto brasileiro. A perpetuação de visões ouvintistas, carências na preparação de mestres e a falta de ações governamentais efetivamente voltadas para salvaguardar os direitos linguísticos da população surda indicam que, apesar do reconhecimento jurídico conquistado pela Libras representar um marco histórico importante, a experiência visual ainda não desfruta de valorização suficiente nas instituições escolares.

Merece destaque também a urgência em combater entendimentos restritivos sobre a Libras. Uma língua de sinais não pode ser reduzida a meros gestos ou a um recurso secundário para trocar mensagens, precisa ser reconhecida como língua plena, independente e fruto de uma construção cultural específica. Compreender a Libras pela sua essência visuoespacial implica questionar perspectivas que privilegiam a fala em detrimento de

outras formas de linguagem e respeitar a multiplicidade de caminhos pelos quais a cognição e a expressão humana se realizam.

Portanto, é possível afirmar que o caráter visuoespacial da Libras é central para entender as particularidades linguísticas, os traços culturais e os desafios educacionais vivenciados pela comunidade surda. A Libras encontra sua verdadeira expressão no espaço porque toda sua dinâmica se organiza a partir da visão, permitindo que significados elaborados e momentos de troca comunicativa ganhem forma através da visualidade que a define.

Finalmente, destaca-se a necessidade de ampliar o conhecimento científico acerca de Libras, experiência visual e formação bilíngue de surdos, particularmente em ambientes escolares brasileiros. O investimento em pesquisas dessa natureza favorece o surgimento de estratégias educacionais mais permeáveis, igualitárias e empenhadas em acolher as diferenças linguísticas e culturais inerentes aos sujeitos surdos. Dar valor à Libras significa garantir às pessoas surdas o direito à palavra, à instrução, à sua herança cultural e à presença significativa na vida coletiva.

Referências

ALVES, Elizabete Gonçalves; FRASSETTO, Silvana Soriano. Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. **Aletheia**, Canoas, n. 46, p. 211-221, 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 25 mai. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 25 mai. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 25 mai. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 mai. 2026.

FÁVERO, Maria Helena; PIMENTA, Meireluce Leite. Pensamento e linguagem: a língua de sinais na resolução de problemas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 225-236, 2006.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, 2013.

GARRUTTI, Érica Aparecida; MOREIRA, Tarsila Nunes de Andrade. A criança surda na educação infantil bilíngue: a importância do social para a construção da linguagem. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 48, n. contínuo, p. e234024, 2022. DOI: 10.1590/S1678-4634202248234024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/198807>. Acesso em: 25 mai. 2026.

LACERDA, Tiago Eurico de. Língua de sinais, cognição visuoespacial e educação bilíngue de surdos: contribuições da mente estendida e da neuroplasticidade intermodal. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, p. 1–24, 2026. DOI: 10.33871/22386084.2026.16.11642. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistaeducuings/article/view/11642>. Acesso em: 25 mai. 2026.

LEMOS, Glauber de Souza; DESIDÉRIO, Rosemeire Aparecida Antunes. Tradução de texto-escrito escolar de geografia para texto-vídeo: criatividade nos usos de imagens e descrições imagéticas da sinalização em libras. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 18, p. e56730, 2025. DOI: 10.1590/1983-3652.2025.56730. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/56730>. Acesso em: 25 mai. 2026.

MARTINS, Gabriel Pigozzo Tanus Cherp. Libras, visualidade e poder escolar: deslocamentos teóricos da inclusão na educação de surdos. **Revista Magistro**, [S. l.], v. 2, n. 32, p. 1–13, 2026. Disponível em: <https://granrio.emnuvens.com.br/magistro/article/view/9608>. Acesso em: 25 mai. 2026.

NASCIMENTO, Vinícius. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 56, n. 2, p. 461–492, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8649203>. Acesso em: 25 mai. 2026.

PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção

inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 205-229, maio/ago. 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SEGALA, Rimar Ramalho; QUADROS, Ronice Müller de. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 35, n. esp. 2, p. 354–386, 2015. DOI: 10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p354. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Acesso em: 25 mai. 2026.

SILVA, Carine Mendes da; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 33-43, jan./abr. 2016.

STOKOE, William. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf**. 2. ed. Maryland: Linstok Press, 1978.

VALADÃO, Michelle Nave et al. Visualizando a elaboração da linguagem em surdos bilíngues por meio da ressonância magnética funcional. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 835-860, 2014.

FONOLOGIA DA LIBRAS: OS BLOCOS DE CONSTRUÇÃO DOS SINAIS

Jerlan Pereira Batista¹

Sergio José da Silva²

Marcos de Moraes Santos³

Medson Cristiano Nascimento da Silva⁴

Bruno Silva Pedra da Rocha⁵

Daniel Cícero dos Santos Barbosa⁶

1 Introdução

A fonologia da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos campos centrais dos estudos linguísticos das línguas de sinais, especialmente porque possibilita compreender os mecanismos estruturais responsáveis pela formação dos sinais e pela organização interna da língua. Ao contrário de concepções reducionistas historicamente disseminadas, a Libras não se configura como um conjunto aleatório de gestos, tampouco como uma simples representação imagética da realidade. Trata-se de uma língua natural, dotada de gramática própria, regras estruturais específicas e unidades mínimas distintivas responsáveis pela constituição do significado. Nesse sentido, os estudos fonológicos assumem papel fundamental ao investigar os chamados “blocos de construção dos sinais”, isto é, os parâmetros que organizam linguisticamente a produção sinalizada.

Os estudos linguísticos das línguas de sinais ganharam reconhecimento científico a partir das pesquisas desenvolvidas por

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto de Libras na Universidade Estadual do Paraná.

2 Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

3 Doutor em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor efetivo da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

4 Graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

5 Mestre em Linguística pela Faculdade Zarns, Faculdade Bahiana e Faculdade Santa Casa. Professor Substituto de Libras na Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

6 Doutorando em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professor efetivo da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

William Stokoe, na década de 1960, quando o pesquisador demonstrou que a Língua de Sinais Americana (ASL) possuía estrutura linguística equivalente às línguas orais. Tal constatação rompeu com paradigmas oralistas e estabeleceu novas perspectivas para a compreensão das línguas sinalizadas enquanto sistemas linguísticos legítimos. A partir desse marco, as pesquisas fonológicas passaram a identificar que os sinais são compostos por unidades mínimas articulatórias que se combinam de maneira sistemática para produzir significados.

Conforme afirmam Xavier e Barbosa (2014, p. 373), “os sinais, semelhantemente às palavras das línguas faladas, são decomponíveis em unidades menores”. Tal compreensão demonstra que os sinais apresentam organização interna estruturada e não são produções gestuais globais ou indivisíveis. A partir dessa perspectiva, a fonologia da Libras investiga os elementos constitutivos responsáveis pela diferenciação lexical, sintática e semântica dentro da língua.

No contexto da Libras, os parâmetros fonológicos tradicionalmente reconhecidos são: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais. Esses parâmetros atuam simultaneamente durante a produção do sinal e são responsáveis por estabelecer contrastes de significado. Quadros e Karnopp (2004) destacam que a combinação desses elementos constitui a base estrutural da Libras, permitindo a formação de um número ilimitado de sinais a partir de unidades finitas.

A configuração de mão corresponde ao formato assumido pelas mãos durante a realização do sinal. Trata-se de um dos parâmetros mais relevantes para a distinção semântica na Libras, uma vez que alterações nesse elemento podem modificar completamente o significado do sinal produzido. Xavier e Barbosa (2014) explicam que a configuração de mão consiste na disposição específica dos dedos durante a articulação do sinal, funcionando como unidade distintiva da língua.

Além disso, as configurações de mão não permanecem estáticas no desenvolvimento histórico da Libras. Costa (2023) evidencia que determinadas configurações surgem a partir das necessidades comunicacionais da comunidade surda, especialmente em contextos nos quais há demanda por representação visual mais precisa de determinados objetos ou conceitos. Segundo o autor, “algumas configurações de mãos [...] surgiram da necessidade lexical da língua” (Costa, 2023, p. 1). Essa constatação demonstra o caráter dinâmico da fonologia da Libras,

evidenciando que os parâmetros linguísticos também acompanham processos de transformação sociocultural.

Outro parâmetro essencial refere-se ao ponto de articulação, que corresponde ao local do corpo ou do espaço neutro onde o sinal é produzido. Os sinais podem ser articulados na testa, no queixo, no tórax, nas mãos ou em regiões específicas do espaço à frente do corpo do sinalizante. Alterações nesse parâmetro também resultam em mudanças semânticas relevantes. Xavier e Barbosa (2014, p. 374) afirmam que “a localização refere-se ao lugar em que um sinal é produzido”.

O movimento, por sua vez, corresponde à trajetória realizada pelas mãos durante a produção do sinal. Esse parâmetro pode envolver movimentos circulares, lineares, alternados, repetitivos ou direcionais. Em muitos casos, a modificação do movimento altera integralmente o significado do sinal, configurando pares mínimos semelhantes aos encontrados nas línguas orais. Benassi e Padilha (2015) ressaltam que os pares mínimos da Libras demonstram claramente a função distintiva dos parâmetros fonológicos.

Nesse contexto, a noção de pares mínimos assume grande relevância para os estudos fonológicos das línguas de sinais. Assim como ocorre nas línguas orais, em que pequenas alterações fonêmicas distinguem palavras, na Libras alterações em um único parâmetro podem produzir sinais semanticamente distintos. Xavier e Barbosa (2014) demonstram exemplos em que diferenças na configuração de mão, no movimento ou na localização geram mudanças completas de significado.

Outro elemento fundamental na estrutura fonológica da Libras corresponde à orientação da palma da mão. Esse parâmetro refere-se à direção para a qual a palma da mão está voltada durante a execução do sinal. Pequenas alterações na orientação podem resultar em distinções lexicais importantes. Estudos posteriores aos de Stokoe, especialmente os desenvolvidos por Battison e Liddell, contribuíram significativamente para a ampliação da compreensão fonológica das línguas de sinais ao reconhecerem a orientação da mão como parâmetro distintivo.

As expressões não manuais também desempenham função essencial na fonologia da Libras. Elas abrangem movimentos faciais, corporais, posturas e expressões que acompanham os sinais manuais, contribuindo diretamente para a constituição de sentidos linguísticos. Valentim, Dizeu e Costa (2020) afirmam que as expressões não manuais “oferecem

sentido/entonação ao discurso e/ou item lexical que está sendo executado” (Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 3).

As marcações não manuais possuem funções sintáticas, discursivas e afetivas na Libras. Determinadas expressões faciais, por exemplo, são responsáveis pela diferenciação entre frases afirmativas, interrogativas, exclamativas e negativas. Dessa maneira, a ausência desses elementos pode comprometer significativamente a compreensão da mensagem sinalizada.

A fonologia da Libras também evidencia fenômenos de variação linguística, demonstrando que a língua não se apresenta de forma homogênea. Xavier e Barbosa (2014) identificaram variações intersujeitos e intrassujeitos relacionadas à configuração de mão, localização, movimento, orientação e expressões não manuais. Tais variações comprovam que a Libras, assim como qualquer língua natural, sofre influências regionais, sociais, culturais e identitárias.

Nesse aspecto, a sociolinguística das línguas de sinais tem demonstrado que fatores como geração, escolarização, contato linguístico e pertencimento comunitário influenciam diretamente os modos de sinalização. As diferenças regionais observadas na Libras, por exemplo, evidenciam a existência de variantes linguísticas legitimamente utilizadas pelas comunidades surdas em diferentes contextos geográficos.

Outro campo relevante refere-se aos processos fonológicos presentes durante a aquisição da Libras por crianças surdas. Guimarães e Campello (2018) identificaram processos como assimilação, substituição, epêntese, elisão e metátese durante o desenvolvimento linguístico infantil. Segundo as autoras, “os processos fonológicos fazem parte da aquisição das línguas de sinais” (Guimarães; Campello, 2018, p. 1).

Esses fenômenos demonstram que o desenvolvimento linguístico das crianças surdas segue padrões estruturais semelhantes aos observados na aquisição das línguas orais. As produções infantis passam por reorganizações fonológicas progressivas até alcançarem os padrões linguísticos convencionais utilizados pela comunidade adulta sinalizante.

Além da aquisição da Libras como primeira língua, os estudos fonológicos também possuem grande relevância no ensino da Libras como segunda língua. Ferreira, Sena e Silva (2023) ressaltam que compreender os aspectos fonético-fonológicos da Libras é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes voltadas ao ensino de Libras como L2.

Nesse contexto, observa-se que muitos aprendizes ouvintes apresentam dificuldades relacionadas à percepção espacial, à coordenação motora e à simultaneidade articulatória dos sinais. Tais dificuldades evidenciam que a aprendizagem da Libras envolve não apenas aquisição lexical, mas também domínio dos parâmetros fonológicos responsáveis pela constituição da língua.

Os processos formacionais da Libras também revelam a complexidade fonológica da língua. Takahira e Loures (2024) discutem a ocorrência de blends na Libras, mecanismo caracterizado pela fusão de sinais para a criação de novos itens lexicais. Esse processo demonstra a produtividade morfológica e fonológica da Libras, evidenciando sua capacidade contínua de expansão lexical.

Outro aspecto relevante refere-se à iconicidade presente na formação de determinados sinais. Embora muitas estruturas da Libras apresentem relações visuais com os objetos representados, isso não elimina o caráter arbitrário da língua. Souza e Gediel (2017) destacam que os sinais próprios atribuídos às pessoas surdas frequentemente articulam iconicidade, arbitrariedade e parâmetros fonológicos culturalmente compartilhados pela comunidade surda.

A relação entre fonologia e cultura surda revela que os sinais não constituem apenas unidades linguísticas abstratas, mas também elementos identitários e socioculturais profundamente vinculados às experiências da comunidade surda. O processo de nomeação por sinais próprios, por exemplo, envolve aspectos fonológicos associados a características físicas, comportamentais e culturais dos indivíduos.

Assim, a fonologia da Libras ultrapassa a dimensão puramente estrutural e assume papel central na constituição da identidade linguística e cultural da comunidade surda brasileira. Os parâmetros fonológicos não apenas organizam linguisticamente os sinais, mas também materializam experiências sociais, históricas e culturais compartilhadas pelos sujeitos surdos.

Dessa forma, compreender a fonologia da Libras significa reconhecer a complexidade estrutural das línguas de sinais e reafirmar o estatuto linguístico da Libras enquanto língua natural plenamente constituída. Os chamados “blocos de construção dos sinais” revelam uma organização sofisticada, dinâmica e produtiva, evidenciando que a Libras possui mecanismos próprios de articulação, diferenciação semântica, formação lexical e expressão discursiva.

Os estudos fonológicos contribuem significativamente para o fortalecimento das políticas de educação bilíngue, para a formação de professores e intérpretes, para o desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis e para a valorização da cultura surda no contexto educacional e social brasileiro.

2 Os parâmetros fonológicos da Libras e a estrutura dos sinais

A compreensão da estrutura fonológica da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui elemento essencial para o reconhecimento de sua complexidade linguística e de sua legitimidade enquanto língua natural da comunidade surda brasileira. Os estudos fonológicos das línguas de sinais permitiram romper paradigmas históricos que reduziavam essas línguas a simples sistemas gestuais ou formas alternativas de comunicação. Ao contrário dessas concepções reducionistas, as pesquisas linguísticas evidenciaram que as línguas de sinais possuem organização estrutural própria, constituída por unidades mínimas distintivas responsáveis pela formação dos sinais e pela produção de sentidos.

Os estudos pioneiros de William Stokoe, na década de 1960, foram fundamentais para o desenvolvimento da fonologia das línguas de sinais. Ao analisar a Língua de Sinais Americana (ASL), Stokoe demonstrou que os sinais são compostos por elementos estruturais comparáveis aos fonemas das línguas orais. Essa descoberta representou um marco histórico para os estudos linguísticos das línguas sinalizadas, pois possibilitou compreender que os sinais não constituem representações globais ou indivisíveis, mas estruturas compostas por unidades menores organizadas sistematicamente.

Nesse sentido, Xavier e Barbosa (2014, p. 373) afirmam que:

Os sinais, semelhantemente às palavras das línguas faladas, são decomponíveis em unidades menores, ou aspectos, de três tipos, a saber, configuração de mão, localização e movimento.

A partir dessas constatações, os estudos fonológicos da Libras passaram a investigar os chamados parâmetros fonológicos, isto é, os elementos mínimos responsáveis pela organização interna dos sinais. Tais parâmetros são tradicionalmente definidos como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais. Esses componentes atuam simultaneamente na produção dos sinais, estabelecendo contrastes semânticos e diferenciações lexicais.

Quadros e Karnopp (2004) destacam que a combinação desses parâmetros possibilita a formação de um número ilimitado de sinais a partir de um conjunto finito de unidades estruturais. Dessa forma, a Libras apresenta organização linguística equivalente às demais línguas naturais, possuindo regras próprias de combinação e funcionamento gramatical.

A configuração de mão corresponde ao formato assumido pelas mãos durante a realização do sinal. Trata-se de um dos parâmetros mais relevantes para a constituição dos significados na Libras, uma vez que alterações nesse elemento podem modificar completamente o sentido lexical. Xavier e Barbosa (2014) explicam que a configuração de mão diz respeito à disposição específica dos dedos durante a articulação do sinal.

No âmbito da Libras, existem inúmeras configurações de mãos catalogadas, utilizadas para representar conceitos, ações, objetos e relações abstratas. Costa (2023) observa que determinadas configurações surgem a partir das necessidades comunicacionais da comunidade surda, especialmente quando há demanda por representação visual mais específica de determinados referentes. Segundo o autor:

Algumas configurações de mãos [...] surgiram da necessidade lexical da língua. A partir dessa necessidade, surgiram sinais com uma peculiaridade. (Costa, 2023, p. 1).

Esse aspecto demonstra que a fonologia da Libras não constitui um sistema rígido e imutável, mas um campo dinâmico, sujeito às transformações culturais, sociais e históricas vivenciadas pela comunidade surda.

Outro parâmetro essencial refere-se ao ponto de articulação, também denominado localização. Esse elemento corresponde ao local onde o sinal é produzido, podendo ocorrer em regiões específicas do corpo ou no espaço neutro à frente do sinalizante. Xavier e Barbosa (2014, p. 374) afirmam que “a localização refere-se ao lugar em que um sinal é produzido”.

A modificação do ponto de articulação pode produzir alterações semânticas relevantes, configurando pares mínimos na Libras. Assim como nas línguas orais pequenas alterações fonêmicas diferenciam palavras, nas línguas de sinais alterações em apenas um parâmetro fonológico podem resultar em sinais completamente distintos semanticamente.

Benassi e Padilha (2015) ressaltam que os pares mínimos evidenciam a função distintiva dos parâmetros fonológicos da Libras, demonstrando que pequenas mudanças estruturais produzem contrastes de significado.

Tal fenômeno confirma que a Libras apresenta mecanismos fonológicos próprios e altamente organizados.

O movimento constitui outro parâmetro central na estrutura fonológica dos sinais. Esse componente refere-se à trajetória realizada pelas mãos durante a execução do sinal, podendo envolver movimentos lineares, circulares, alternados, repetitivos ou direcionais. O movimento exerce função distintiva na Libras, sendo responsável pela diferenciação lexical em inúmeros sinais.

Sobre essa questão, Xavier e Barbosa (2014) afirmam que: "O movimento diz respeito à forma como a mão se move quando um determinado sinal é articulado".

Além disso, determinados movimentos podem carregar informações gramaticais relevantes, como intensidade, aspecto verbal, repetição e duração das ações representadas nos sinais. Dessa maneira, o movimento não se restringe à dimensão fonológica, articulando-se também a aspectos morfológicos e sintáticos da Libras.

A orientação da palma da mão também constitui parâmetro fundamental para a organização estrutural dos sinais. Esse elemento refere-se à direção para a qual a palma da mão está voltada durante a produção do sinal. Alterações na orientação podem gerar mudanças significativas no significado lexical ou na função gramatical dos sinais.

Os estudos desenvolvidos posteriormente às pesquisas de Stokoe, especialmente aqueles realizados por Battison (1978) e Liddell (1991), ampliaram a compreensão dos parâmetros fonológicos das línguas de sinais ao reconhecerem a orientação da palma da mão como unidade distintiva importante. Valentim, Dizeu e Costa (2020) ressaltam que esses pesquisadores contribuíram para a consolidação dos parâmetros fonológicos atualmente reconhecidos na Libras.

As expressões não manuais representam outro componente indispensável da estrutura fonológica da Libras. Elas abrangem movimentos faciais, corporais, posturas e expressões que acompanham os sinais manuais e desempenham funções semânticas, sintáticas, discursivas e pragmáticas.

Valentim, Dizeu e Costa (2020, p. 3) afirmam que:

As marcações não manuais ou expressões faciais [...] correspondem a todo movimento corporal adicionado à execução do sinal. É um conjunto de movimentos faciais e corporais que oferecem sentido/ entonação ao discurso.

Na Libras, as expressões não manuais são responsáveis por importantes distinções discursivas, especialmente em estruturas interrogativas, negativas, exclamativas e condicionais. A ausência dessas marcações pode comprometer significativamente a compreensão do enunciado, demonstrando que tais elementos não possuem função meramente estética ou complementar, mas papel linguístico essencial.

Além disso, as expressões não manuais podem indicar emoções, afetividade, intensidade e nuances discursivas específicas. Assim, a articulação entre elementos manuais e não manuais evidencia a complexidade multimodal da Libras enquanto língua visuoespacial.

Outro aspecto relevante nos estudos fonológicos refere-se à variação linguística presente na Libras. Xavier e Barbosa (2014) identificaram variações relacionadas à configuração de mão, localização, movimento, orientação e expressões não manuais em produções realizadas por diferentes sujeitos surdos.

Essas variações demonstram que a Libras, assim como qualquer língua natural, apresenta diversidade linguística influenciada por fatores regionais, sociais, culturais e geracionais. As variantes regionais observadas na Libras constituem evidências da vitalidade linguística da comunidade surda brasileira e da expansão histórica da língua em diferentes contextos socioculturais.

A sociolinguística das línguas de sinais também evidencia que os parâmetros fonológicos podem sofrer alterações decorrentes do contato linguístico, da escolarização e das experiências sociais vivenciadas pelos sujeitos surdos. Dessa forma, a estrutura dos sinais não pode ser analisada isoladamente das práticas sociais e culturais nas quais a Libras está inserida.

Os processos fonológicos observados durante a aquisição da Libras por crianças surdas também contribuem significativamente para a compreensão da estrutura dos sinais. Guimarães e Campello (2018) identificaram fenômenos como assimilação, substituição, epêntese, elisão e metátese durante o desenvolvimento linguístico infantil. Segundo as autoras: "Todas as crianças surdas apresentaram produção de sinais com variações linguísticas, em relação ao padrão adulto, ou seja, processos fonológicos".

Esses fenômenos evidenciam que a aquisição da Libras ocorre por meio de reorganizações estruturais progressivas, semelhantes aos processos observados na aquisição das línguas orais. A criança surda desenvolve

gradualmente domínio sobre os parâmetros fonológicos até alcançar os padrões convencionais utilizados pela comunidade adulta sinalizante.

Outro aspecto relevante refere-se à iconicidade presente em muitos sinais da Libras. Embora determinados sinais apresentem relações visuais com os objetos ou ações representadas, isso não elimina o caráter arbitrário da língua. A iconicidade constitui apenas uma das possibilidades de organização lexical da Libras, coexistindo com sinais arbitrários e convencionalizados socialmente.

Souza e Gediel (2017) destacam que os sinais próprios atribuídos às pessoas surdas frequentemente articulam iconicidade, arbitrariedade e parâmetros fonológicos específicos da Libras. Segundo as autoras: "Foram identificados e mapeados um conjunto de sinais a partir de alguns dos parâmetros fonológicos da Libras".

Além disso, o processo de nomeação por sinais próprios evidencia a relação entre fonologia, cultura e identidade surda. Os sinais pessoais geralmente incorporam características físicas, comportamentais ou identitárias dos sujeitos, demonstrando que os parâmetros fonológicos também atuam como marcadores socioculturais dentro da comunidade surda.

A fonologia da Libras também se relaciona diretamente aos processos de formação lexical e expansão vocabular da língua. Takahira e Loures (2024) discutem a ocorrência de blends na Libras, fenômeno caracterizado pela fusão de sinais para a criação de novos itens lexicais. Esse mecanismo demonstra que os parâmetros fonológicos podem reorganizar-se para atender às necessidades comunicacionais emergentes da comunidade surda.

Nesse sentido, observa-se que a estrutura dos sinais da Libras não constitui sistema estático, mas organização dinâmica constantemente reelaborada pelos usos sociais da língua. A expansão lexical, as variações regionais, os processos de aquisição e os mecanismos de inovação linguística revelam a vitalidade da Libras enquanto língua natural plenamente constituída.

Conforme afirmam Souza Júnior e Pereira (2020), as línguas de sinais possuem "estrutura gramatical própria" e apresentam complexidade equivalente às demais línguas humanas. Assim, os parâmetros fonológicos da Libras representam os elementos fundamentais responsáveis pela construção estrutural dos sinais, permitindo a produção de sentidos, a diferenciação lexical e a organização discursiva da língua.

A compreensão desses parâmetros torna-se fundamental para a formação de professores, intérpretes, pesquisadores e profissionais da educação bilíngue, contribuindo para práticas pedagógicas mais inclusivas e linguisticamente fundamentadas. Além disso, os estudos fonológicos fortalecem o reconhecimento da Libras enquanto patrimônio linguístico e cultural da comunidade surda brasileira, reafirmando sua legitimidade científica, social e educacional.

3 Fonologia, variação linguística e processos formacionais na Libras

Os estudos fonológicos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) evidenciam que a língua apresenta elevado grau de complexidade estrutural, sendo constituída por mecanismos de organização linguística comparáveis aos encontrados nas línguas orais. Entre esses mecanismos destacam-se os fenômenos de variação linguística e os processos formacionais dos sinais, elementos que demonstram o dinamismo, a produtividade lexical e a natureza sociocultural da Libras enquanto língua viva e em constante transformação.

A fonologia das línguas de sinais, inicialmente desenvolvida a partir das pesquisas de William Stokoe na década de 1960, possibilitou compreender que os sinais são compostos por unidades mínimas distintivas organizadas sistematicamente. A partir dessas investigações, tornou-se possível analisar não apenas a estrutura interna dos sinais, mas também os fenômenos de variação que ocorrem na produção linguística das comunidades surdas.

Nesse contexto, Xavier e Barbosa (2014) destacam que a Libras apresenta diferentes formas de realização articulatória dos sinais, fenômeno semelhante às variações fonéticas e fonológicas observadas nas línguas orais. Segundo os autores:

A análise dessas produções [...] não apenas ratificou a ocorrência da variação inter-sujeito nos parâmetros configuração de mão, localização, movimento, orientação, número de mãos e marcações não-manuais, observada na sinalização espontânea, mas revelou também variação em outros aspectos articulatórios dos sinais. (Xavier; Barbosa, 2014, p. 371).

Essa constatação evidencia que a Libras não constitui um sistema homogêneo e rígido, mas uma língua sujeita às influências históricas,

culturais, sociais e regionais que atravessam as práticas comunicativas da comunidade surda brasileira. As variações linguísticas observadas na Libras demonstram a vitalidade da língua e sua adaptação contínua aos diferentes contextos socioculturais.

Os fenômenos de variação podem ocorrer em diversos parâmetros fonológicos da Libras, incluindo configuração de mão, localização, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais. Pequenas alterações nesses elementos não necessariamente comprometem a compreensão do sinal, mas revelam diferenças relacionadas ao pertencimento regional, à faixa etária, à escolarização e às experiências sociais dos sujeitos surdos.

A sociolinguística das línguas de sinais tem demonstrado que as comunidades surdas desenvolvem variantes linguísticas próprias, influenciadas pelos contextos históricos de aquisição da língua e pelos espaços de socialização surda. Dessa forma, a Libras apresenta diversidade lexical e fonológica significativa entre diferentes regiões do Brasil, constituindo um patrimônio linguístico plural e heterogêneo.

Segundo Souza Júnior e Pereira (2020), as línguas de sinais, assim como as línguas orais, apresentam processos naturais de variação e transformação ao longo do tempo. Tal fenômeno evidencia que a Libras acompanha as mudanças sociais vivenciadas pela comunidade surda e se reorganiza continuamente para atender às demandas comunicacionais emergentes.

A discussão sobre variação linguística na Libras também envolve o reconhecimento da legitimidade das diferentes formas de sinalização utilizadas pelas comunidades surdas. Historicamente, muitas variantes foram estigmatizadas em decorrência de perspectivas normativas e oralistas que buscavam uniformizar a língua de sinais. Entretanto, os estudos linguísticos contemporâneos demonstram que a diversidade linguística constitui característica inerente às línguas naturais.

Nesse sentido, Valentim, Dizeu e Costa (2020) ressaltam que as marcações não manuais também sofrem variações relacionadas às práticas sociais e identitárias dos sujeitos surdos. As autoras afirmam que determinadas posturas corporais e expressões faciais podem estar associadas ao pertencimento a comunidades específicas de prática.

Além da variação fonológica observada entre sujeitos e grupos sociais, a Libras também apresenta fenômenos de variação intra-sujeito, isto é, diferentes formas de realização de um mesmo sinal por um mesmo

indivíduo em contextos distintos. Xavier e Barbosa (2014) identificaram que um mesmo sinalizante pode alterar aspectos articulatórios dos sinais conforme o contexto comunicativo, a velocidade da sinalização e as intenções discursivas.

Esses fenômenos demonstram que a Libras possui flexibilidade estrutural e mecanismos de adaptação discursiva semelhantes aos encontrados nas línguas orais. Assim, a variação não deve ser compreendida como erro ou inadequação linguística, mas como manifestação legítima da dinâmica sociolinguística da comunidade surda.

Outro aspecto fundamental refere-se aos processos fonológicos presentes durante a aquisição da Libras por crianças surdas. Guimarães e Campello (2018) demonstram que as crianças surdas produzem sinais com variações em relação ao padrão adulto durante o desenvolvimento linguístico, evidenciando processos naturais de reorganização fonológica.

Segundo as autoras:

Todas as crianças surdas apresentaram produção de sinais com variações linguísticas, em relação ao padrão adulto, ou seja, processos fonológicos, confirmando que é um fenômeno natural do desenvolvimento infantil também nas línguas de sinais. (Guimarães; Campello, 2018, p. 1).

Entre os principais processos fonológicos observados pelas pesquisadoras destacam-se assimilação, substituição, epêntese, elisão e metátese. Esses fenômenos demonstram que a aquisição da Libras segue padrões estruturais complexos e progressivos, semelhantes aos observados na aquisição das línguas orais.

A assimilação ocorre quando determinados parâmetros fonológicos sofrem influência de sinais adjacentes, resultando em adaptações articulatórias. Já a substituição refere-se à troca de configurações de mão, movimentos ou localizações por estruturas mais simples ou mais facilmente executáveis pela criança.

A epêntese corresponde à inserção de elementos articulatórios adicionais durante a produção do sinal, enquanto a elisão envolve a supressão de determinados parâmetros fonológicos. A metátese, por sua vez, refere-se à inversão da ordem articulatória de elementos presentes no sinal.

Esses processos evidenciam que a fonologia da Libras não é aprendida de maneira automática ou imediata, mas desenvolvida gradualmente por meio da interação social e da exposição linguística. Assim, o domínio

dos parâmetros fonológicos depende do contato contínuo com usuários proficientes da língua.

No campo dos processos formacionais da Libras, destacam-se os mecanismos responsáveis pela criação, expansão e reorganização lexical da língua. Os sinais da Libras podem ser formados a partir de processos como composição, derivação, empréstimos linguísticos, iconicidade, arbitrariedade e blends.

Takahira e Loures (2024) discutem especificamente o fenômeno dos blends na Libras, caracterizado pela fusão de partes de sinais distintos para a criação de novos itens lexicais. Segundo os autores: "No blend, acontece a fusão de termos e o apagamento de parte das bases envolvidas". (Takahira; Loures, 2024, p. 66).

Os blends demonstram a produtividade morfológica e fonológica da Libras, evidenciando sua capacidade contínua de criação lexical. Esse fenômeno revela que os sinais não são estruturas fixas e imutáveis, mas unidades linguísticas sujeitas a reorganizações decorrentes das necessidades comunicacionais da comunidade surda.

Além dos blends, a Libras apresenta processos de composição lexical nos quais dois ou mais sinais são articulados conjuntamente para formar novos significados. Esses mecanismos de formação lexical ampliam o repertório linguístico da comunidade surda e demonstram a flexibilidade estrutural da língua.

Outro aspecto relevante refere-se à iconicidade presente em muitos sinais da Libras. Embora determinadas estruturas apresentem relações visuais com os objetos ou ações representadas, a iconicidade não elimina o caráter linguístico da língua. Costa (2023) destaca que a criação de determinadas configurações de mão ocorre a partir de necessidades representacionais específicas da comunidade surda.

Nesse contexto, observa-se que a iconicidade atua como recurso linguístico relevante na Libras, especialmente em processos de expansão lexical e criação de novos sinais. Entretanto, muitos sinais apresentam caráter arbitrário e convencional, reforçando que a Libras não se reduz a representações visuais espontâneas.

Souza e Gediel (2017) também discutem a relação entre fonologia, cultura e processos formacionais da Libras ao analisarem os sinais próprios atribuídos às pessoas surdas. As autoras identificaram que muitos sinais pessoais incorporam elementos fonológicos relacionados a características físicas, comportamentais e culturais dos indivíduos.

Segundo as pesquisadoras:

Foram identificados e mapeados um conjunto de sinais a partir de alguns dos parâmetros fonológicos da Libras. (Souza; Gediel, 2017, p. 163).

Esses sinais próprios representam importante marcador identitário dentro da comunidade surda, funcionando como elemento de pertencimento cultural e social. Além disso, revelam que os processos formacionais da Libras estão profundamente relacionados às experiências coletivas da comunidade surda brasileira.

Outro aspecto relevante refere-se aos empréstimos linguísticos provenientes da Língua Portuguesa. Muitos sinais da Libras incorporam elementos do alfabeto manual ou adaptações visuais relacionadas à escrita do português. Souza e Gediel (2017) destacam que diversos sinais utilizam configurações de mão associadas às letras iniciais dos nomes próprios, caracterizando processos de empréstimo linguístico entre as duas línguas.

A relação entre Libras e Língua Portuguesa também se manifesta em contextos de tradução, interpretação e ensino bilíngue, nos quais os processos fonológicos da Libras interagem constantemente com estruturas linguísticas da modalidade oral-auditiva.

Nesse sentido, Corrêa, Gomes e Cruz (2018) apontam que os aplicativos de tradução automática entre Português Brasileiro e Libras enfrentam dificuldades relacionadas à desambiguação semântica e à organização estrutural da língua de sinais. Os autores ressaltam que muitos problemas de tradução decorrem justamente da complexidade fonológica e lexical da Libras.

A análise desses fenômenos evidencia que a Libras apresenta estrutura linguística altamente sofisticada, constituída por múltiplos mecanismos fonológicos e formacionais responsáveis pela produção de sentidos. A variação linguística, os processos de aquisição, os mecanismos de criação lexical e as transformações históricas demonstram que a Libras é uma língua viva, dinâmica e socialmente construída.

Além disso, os estudos fonológicos contribuem significativamente para o fortalecimento das políticas de educação bilíngue, para a formação de professores e intérpretes e para o reconhecimento da Libras enquanto patrimônio linguístico e cultural da comunidade surda brasileira.

Nessa perspectiva, compreender a fonologia, a variação linguística e os processos formacionais da Libras significa reconhecer a complexidade estrutural das línguas de sinais e reafirmar o direito linguístico da

comunidade surda ao acesso, uso e valorização de sua língua natural em todos os espaços sociais, educacionais e culturais.

4 Considerações finais

Quando se analisa a fonologia da Língua Brasileira de Sinais (Libras), fica evidente que as línguas de sinais dispõem de uma estrutura linguística intrincada, bem-organizada e completamente constituída, eliminando de vez as visões simplistas que, historicamente, tentaram reduzir essas línguas a meros gestos ou alternativas comunicacionais. Os estudos nessa área comprovam que a Libras funciona com parâmetros bem definidos que estruturam os sinais, possibilitando a geração de significados, distinções semânticas e organização discursiva que se equiparam às línguas faladas.

No transcorrer desta pesquisa, constatou-se que os parâmetros fonológicos — a forma da mão, onde o sinal é feito no espaço, o deslocamento, para onde a palma aponta e as manifestações faciais — são os componentes essenciais dos sinais, funcionando como unidades mínimas que diferenciam significados e organizam internamente a língua. Esses componentes atuam conjuntamente na realização dos sinais, revelando quanto é sofisticada a estrutura da modalidade visuoespacial da Libras.

As pesquisas que se originaram dos trabalhos seminais de William Stokoe tiveram papel decisivo para que as línguas de sinais fossem finalmente reconhecidas como línguas naturais pela comunidade científica. Esse avanço teórico permitiu compreender que os sinais não são produtos soltos ou improvisados, mas sim estruturas linguísticas formadas por unidades articulatórias que seguem regras sistemáticas. Desde então, a fonologia da Libras ganhou posição de destaque tanto nos estudos das línguas de sinais quanto na educação bilíngue para surdos.

Também ficou claro que a Libras apresenta tipos de variação linguística comparáveis aos que ocorrem nas línguas faladas. As particularidades por região, classe social, cultura e geração que aparecem na forma como se faz os sinais mostram que a Libras é uma língua ativa, em constante transformação por influência da comunidade surda. Por isso, essa diversidade linguística precisa ser vista como expressão viva da língua, e não como erro ou desvio.

Paralelamente, os processos fonológicos que acontecem quando crianças surdas adquirem a Libras mostram que o aprendizado linguístico se dá de forma contínua e metódica, incluindo transformações fonológicas

semelhantes às que ocorrem na aquisição das línguas orais. Processos como harmonização, troca de sons, inserção de sons, omissão e rearranjo de posições comprovam que a Libras segue leis linguísticas gerais do desenvolvimento da linguagem humana.

A Libras também demonstra uma capacidade notável de criar e expandir seu vocabulário. Mecanismos como junção de sinais, derivação, fusão, incorporação de palavras de outras línguas e motivação visual indicam que a Libras se adapta às mudanças sociais e culturais do povo surdo, atualizando constantemente seu repertório para responder aos novos desafios de comunicação.

Um ponto igualmente relevante diz respeito ao vínculo que existe entre a fonologia, a cultura e a identidade das pessoas surdas. Os sinais específicos dados a cada pessoa surda, as expressões do rosto e da cabeça e como os sons se organizam foneticamente mostram que a Libras vai além da estrutura puramente gramatical, funcionando como símbolo identitário, cultural e social das comunidades surdas do Brasil.

Assim, estudar a fonologia da Libras significa reconhecer que as línguas de sinais são legítimas e defender os direitos linguísticos das pessoas surdas para acessar, usar e valorizar sua língua de origem. As pesquisas fonológicas colaboram diretamente para melhorar a educação em duas línguas, preparar melhor os professores, aperfeiçoar quem interpreta, criar material didático apropriado e formular políticas públicas que promovam a inclusão linguística e educativa das pessoas surdas.

Portanto, pode-se afirmar que a fonologia da Libras constitui área essencial para a linguística atual, pois permite desvendar como os sinais são estruturados e como a língua se organiza. Ao examinar os parâmetros fonológicos, a forma como a língua varia e os mecanismos pelos quais novos sinais são criados, consegue-se aumentar tanto o saber científico sobre as línguas de sinais quanto o reconhecimento social, cultural e educacional das pessoas surdas como grupo linguístico minoritário com identidade e história linguística próprias.

Referências

BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

BENASSI, Claudio Alves; PADILHA, Simone de Jesus. Fonologia da Libras: os parâmetros e a relação pares mínimos na Libras. **Revista Diálogos**,

v. 3, n. 2, 2015.

CORRÊA, Ygor; GOMES, Rafael Peduzzi; CRUZ, Carina Rebello. A desambiguação de palavras homônimas em sentenças por aplicativos de tradução automática Português Brasileiro-Libras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 1, p. 319-351, 2018.

COSTA, Daniel Ferreira. Aspectos fonológicos da Libras: a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos. **Revista SCIAS Língua de Sinais**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2023. DOI: 10.36704/sciasls.v2i2.8275. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasls/article/view/8275>. Acesso em: 25 mai. 2026.

FERREIRA, Janice de Oliveira; SENA, Mayara Teixeira; SILVA, Leila Cristina Silva da. **Breve descrição dos aspectos fonéticos e fonológicos em libras: suporte para o ensino de libras como l2**. Anais do X CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/113815>>. Acesso em: 25 mai. 2026.

GUIMARÃES, Crísthiane Ferreira; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. “Trocias nos sinais”: caracterização de processos fonológicos ocorridos durante a aquisição de Libras por pré-escolares surdos. **Audiology Communication Research**, v. 23, p. 1-6, 2018.

LIDDELL, Scott K. Four functions of a locus: reconsidering the structure of the language. In: FISCHER, Susan D.; SIPLE, Patricia (org.). Theoretical issues in sign language research. Chicago: **University of Chicago Press**, 1991. p. 176-198.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 1, p. 163-185, 2017.

SOUZA JÚNIOR, Fábio Vieira de; PEREIRA, Vinicius Carvalho. Panorama das principais estruturas formacionais da Língua Brasileira de Sinais. **Revista Diálogos**, 2020.

STOKOE, William C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. Buffalo: **University of Buffalo Press**, 1960.

TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero; LOURES, Thiago de Abreu. **Descri-**

ção e categorização de blends em Libras. Florianópolis, 2024.

VALENTIM, Ana Clara Pereira; DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; COSTA, Priscila Rufino da Silva. Marcações não manuais na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió: delineamentos de uma comunidade de prática. **D.E.L.T.A.**, v. 36, n. 4, p. 1-26, 2020.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **D.E.L.T.A.**, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.

Capítulo 4

A FORMA E A AÇÃO: CONFIGURAÇÃO DE MÃO E MOVIMENTO NA PRÁTICA

Jerlan Pereira Batista¹

Evely de Souza Mendonça Silva²

Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque³

Bruno Bueno Lima de Sousa⁴

Simone Quirgo de Souza Braga⁵

Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento Pinto⁶

1 Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) apresenta estrutura linguística complexa, organizada a partir de parâmetros fonológicos responsáveis pela constituição dos sinais e pela produção de sentidos na comunicação visuoespacial. Entre esses parâmetros, a configuração de mão e o movimento destacam-se como elementos centrais na formação lexical, na diferenciação semântica e na organização gramatical da língua. A relação entre forma e ação na Libras evidencia que os aspectos articulatórios da sinalização transcendem a dimensão mecânica do gesto, constituindo-se como componentes linguísticos essenciais para a comunicação e para a construção identitária da comunidade surda.

Os estudos linguísticos acerca das línguas de sinais consolidaram-se especialmente após as pesquisas de William Stokoe, na década de 1960, quando se demonstrou cientificamente que as línguas sinalizadas possuem

- 1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto de Libras na Universidade Estadual do Paraná.
- 2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Docente de Libras no Instituto Federal de Alagoas (IFAL).
- 3 Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
- 4 Especialista em Neuroaprendizagem na Educação pelas Faculdades FAVENI e FACEIB. Professor substituto da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
- 5 Mestra em Educação pela Logos University International (UNILOGOS), Estados Unidos. Professora do Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de Vila Velha.
- 6 Mestranda pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e supervisora da Secretaria de Estado da Cidadania e da Pessoa com Deficiência.

organização estrutural semelhante às línguas orais. A partir desse marco teórico, passou-se a compreender que os sinais são formados por unidades mínimas distintivas responsáveis pela diferenciação dos significados. Nesse contexto, a configuração de mão passou a ser compreendida como elemento fundamental da fonologia das línguas de sinais.

Xavier e Barbosa (2014, p. 372) afirmam que:

Os itens lexicais dessa língua se constituem de unidades distintivas (parâmetros) e que estas, por sua vez, podem apresentar variação em sua manifestação concreta.

Tal compreensão evidencia que a Libras não é composta por gestos aleatórios, mas por estruturas organizadas linguisticamente. A configuração de mão corresponde à forma assumida pelas mãos durante a produção do sinal, podendo variar conforme fatores linguísticos, regionais, culturais e discursivos. Dessa maneira, diferentes configurações possibilitam a formação de sinais distintos, contribuindo diretamente para a expansão lexical da Libras.

No âmbito fonológico, a configuração de mão atua como parâmetro distintivo, sendo responsável por oposições semânticas entre sinais. Pequenas alterações na posição dos dedos, na extensão das mãos ou na orientação manual podem resultar em mudanças significativas no significado do sinal produzido. Vargas, Mezzomo e Kessler (2017, p. 3) destacam que os contrastes mínimos em Libras demonstram a relevância dos parâmetros manuais para a diferenciação lexical, especialmente no que se refere à configuração de mão, ao movimento e à orientação manual.

A configuração de mão também desempenha funções morfológicas na Libras. Felipe (2006, p. 200) afirma que os parâmetros das línguas de sinais “compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais”. Isso significa que determinadas configurações manuais podem atuar como marcadores gramaticais, indicando gênero, intensidade, classificação ou aspectos verbais. Assim, a configuração de mão não se restringe ao aspecto visual do sinal, mas participa diretamente da organização morfossintática da língua.

Além disso, os processos de formação de sinais demonstram que a Libras apresenta mecanismos de derivação, composição e incorporação semelhantes aos observados em outras línguas naturais. Segundo Mak e Verniano (2024, p. 2), os verbos manuais da Libras podem ser organizados conforme diferentes classificações relacionadas à configuração de mão

classificadora, evidenciando que os sinais são produzidos por estruturas morfológicas complexas que articulam iconicidade, semântica e gramática.

Os estudos sobre iconicidade também revelam a importância da configuração de mão na construção dos sinais. Costa (2023) explica que muitos sinais surgem da relação imagética entre o objeto representado e a forma manual utilizada durante a sinalização. Essa característica reforça a dimensão visuoespacial da Libras e evidencia que as configurações de mão frequentemente estabelecem relações simbólicas e icônicas com os significados produzidos.

Ao analisar os aspectos fonológicos da Libras, Costa (2023, p. 88) ressalta que: "Algumas configurações de mãos surgiram em demanda icônico-lexical da língua".

Essa perspectiva demonstra que a língua sofre constantes transformações decorrentes das necessidades comunicativas da comunidade surda. Novas configurações manuais podem emergir conforme mudanças sociais, culturais e tecnológicas, revelando o caráter dinâmico e vivo da Libras enquanto língua natural.

A relação entre configuração de mão e movimento é igualmente indispensável para a constituição dos sinais. O movimento corresponde à trajetória realizada pelas mãos durante a sinalização, envolvendo deslocamentos, velocidades, intensidades e direções específicas. Na Libras, o movimento possui função fonológica, morfológica e semântica, sendo responsável pela diferenciação entre sinais e pela expressão de aspectos discursivos e gramaticais.

Segundo Araújo e Ferreira (2016, p. 1), o movimento exerce papel fundamental na inteligibilidade da comunicação em Libras, uma vez que alterações na execução dos sinais podem interferir diretamente na compreensão da mensagem. As autoras ressaltam que muitos aprendizes ouvintes apresentam dificuldades relacionadas à postura corporal e à realização adequada dos movimentos durante a sinalização, comprometendo a fluência comunicativa.

Nesse sentido, o movimento não deve ser interpretado apenas como deslocamento físico das mãos, mas como componente linguístico essencial para a constituição do significado. Xavier e Barbosa (2014) demonstram que o movimento pode apresentar variações intersujeito e intrasujeito sem alterar necessariamente o sentido do sinal, revelando a flexibilidade fonológica da Libras.

Além da função lexical, o movimento desempenha importante papel gramatical na língua de sinais. Passos (2014) desenvolveu estudos acerca dos parâmetros físicos do movimento em Libras, demonstrando que aspectos como velocidade, duração, energia e intensidade estão diretamente relacionados à expressão de graus gramaticais e intensificadores na língua.

De acordo com Passos (2014, p. 8), "a duração é um importante correlato gramatical para expressar os diferentes graus de intensidade em Libras". Essa afirmação evidencia que o movimento participa da construção semântica e discursiva da língua, permitindo que diferentes nuances de sentido sejam expressas por meio da intensidade e da velocidade dos sinais. Assim, o movimento atua como elemento articulador entre forma linguística e intenção comunicativa.

A compreensão do movimento na Libras também exige análise da dimensão corporal da sinalização. As expressões faciais, os deslocamentos corporais e as marcações não manuais atuam conjuntamente com os movimentos das mãos, formando estruturas simultâneas responsáveis pela construção dos sentidos. Valentim, Dizeu e Costa (2020) destacam que as marcações não manuais constituem parâmetro fonológico relevante na Libras, sendo fundamentais para a organização discursiva e pragmática da comunicação.

Nesse contexto, a Libras diferencia-se das línguas orais pela simultaneidade dos elementos linguísticos. Enquanto as línguas orais organizam-se predominantemente de forma linear, a Libras articula diferentes parâmetros ao mesmo tempo, integrando movimento, configuração de mão, localização, orientação e expressões faciais em uma única produção linguística.

Os estudos relacionados à aquisição da Libras demonstram ainda que os processos fonológicos envolvendo configuração de mão e movimento fazem parte do desenvolvimento linguístico das crianças surdas. Guimarães e Campello (2018) observaram que crianças surdas em fase de aquisição da Libras realizam substituições, assimilação, epêntese e alterações nos parâmetros manuais, evidenciando que a aquisição da língua de sinais ocorre por processos semelhantes aos observados nas línguas orais. Segundo as autoras, "o parâmetro configuração de mão foi o mais afetado" (Guimarães; Campello, 2018, p. 1).

Tal constatação demonstra que a complexidade motora das configurações manuais exige desenvolvimento articulatorio gradual durante o processo de aquisição linguística. Além disso, evidencia que

os parâmetros fonológicos da Libras possuem regularidades estruturais próprias, reforçando o reconhecimento científico da língua.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre configuração de mão e fatores anatômicos. Maia e Carneiro (2023) desenvolveram estudos sobre cinesiologia do punho e dos dedos na Libras, demonstrando que determinadas configurações manuais apresentam maior frequência devido às facilidades biomecânicas de execução. Os autores explicam que movimentos envolvendo determinados dedos demandam menor esforço muscular, tornando algumas configurações mais recorrentes na língua.

Essa análise demonstra que os aspectos fisiológicos do corpo humano influenciam diretamente a organização fonológica da Libras. Assim, a forma das mãos e os movimentos executados durante a sinalização não resultam apenas de convenções linguísticas arbitrárias, mas também das possibilidades anatômicas e motoras do corpo humano.

A relação entre forma e ação na Libras também está profundamente associada à identidade cultural da comunidade surda. A oficialização da Libras por meio da Lei nº 10.436/2002 representou importante marco político e linguístico para o reconhecimento da língua e dos direitos da população surda brasileira. Kendrick e Cruz (2018) afirmam que a oficialização da Libras resultou das lutas históricas do movimento surdo em defesa do reconhecimento de sua língua e cultura.

Nesse sentido, os parâmetros fonológicos da Libras não devem ser analisados apenas sob perspectiva técnica ou estrutural, mas também como elementos constitutivos das experiências culturais e identitárias da comunidade surda. A configuração de mão e o movimento carregam marcas sociais, regionais e discursivas que refletem a diversidade linguística existente entre os usuários da Libras.

Além disso, a inserção da Libras nos contextos educacionais contribuiu significativamente para o avanço das pesquisas linguísticas sobre a língua. Carniel (2018, p. 1) afirma que a inclusão da disciplina de Libras nos currículos universitários fortaleceu os debates acerca das políticas linguísticas e da formação docente voltada à educação de surdos.

A ampliação dos estudos fonológicos permitiu compreender que a Libras possui estrutura linguística sofisticada, organizada por parâmetros articulatórios que atuam de maneira integrada na produção dos sinais. Dessa forma, a relação entre configuração de mão e movimento revela que a Libras constitui língua dinâmica, complexa e profundamente marcada pela visualidade e pela corporeidade.

Portanto, a análise da configuração de mão e do movimento evidencia que a Libras apresenta sistema fonológico estruturado e altamente produtivo. A forma assumida pelas mãos e os movimentos realizados durante a sinalização não representam apenas aspectos gestuais, mas constituem mecanismos linguísticos responsáveis pela construção de sentidos, pela organização gramatical e pela constituição das identidades surdas. Assim, compreender a relação entre forma e ação na prática da Libras implica reconhecer a língua de sinais como manifestação legítima da linguagem humana, dotada de complexidade estrutural, riqueza semântica e relevância sociocultural.

2 Configuração de mão como parâmetro fonológico da Libras

A configuração de mão constitui um dos principais parâmetros fonológicos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), desempenhando papel fundamental na constituição estrutural dos sinais e na organização linguística da língua. Esse parâmetro refere-se à forma assumida pelas mãos durante a realização dos sinais, envolvendo diferentes posições dos dedos, extensão, flexão e articulação manual. Na Libras, a configuração de mão não possui função meramente gestual ou estética, mas integra o sistema fonológico responsável pela diferenciação lexical, pela construção semântica e pela organização gramatical da língua de sinais.

Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais passaram a reconhecer a relevância da configuração de mão a partir das pesquisas desenvolvidas por William Stokoe, na década de 1960. O autor demonstrou que as línguas de sinais apresentam organização estrutural baseada em unidades mínimas distintivas, assim como ocorre nas línguas orais. Stokoe introduziu os conceitos de quirologia e quirema para explicar os aspectos fonológicos das línguas de sinais, estabelecendo bases para os estudos posteriores sobre os parâmetros linguísticos da Libras.

Xavier e Barbosa (2014, p. 372) afirmam que:

Os itens lexicais dessa língua se constituem de unidades distintivas (parâmetros) e que estas, por sua vez, podem apresentar variação em sua manifestação concreta.

A partir dessa compreensão, a configuração de mão passou a ser reconhecida como elemento distintivo responsável pela diferenciação dos sinais. Pequenas alterações na posição dos dedos ou na forma manual podem resultar em mudanças significativas no significado do sinal produzido. Tal

característica evidência que a Libras possui sistema fonológico complexo e organizado, afastando concepções equivocadas que historicamente classificavam as línguas de sinais como simples gesticulações desprovidas de gramática.

Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004) defendem que a configuração de mão integra um conjunto articulado de parâmetros que estruturam os sinais da Libras, juntamente com localização, movimento, orientação e expressões não manuais. Segundo as autoras, a combinação desses elementos possibilita a formação lexical e a construção dos significados na língua de sinais. Assim, a configuração de mão participa diretamente da constituição da gramática visual-espacial da Libras.

Ao analisar os aspectos fonológicos das línguas de sinais, Felipe (2006, p. 200) ressalta que:

Os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação, movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências.

Essa afirmação evidencia que a configuração de mão não atua apenas como elemento fonético, mas também pode exercer funções morfológicas e gramaticais. Em diversos sinais da Libras, determinadas configurações manuais funcionam como classificadores, marcadores de intensidade ou indicadores de relações semânticas e sintáticas. Dessa forma, o parâmetro configuração de mão apresenta caráter multifuncional dentro da estrutura linguística da Libras.

A relevância desse parâmetro pode ser observada na formação de pares mínimos, nos quais apenas a alteração da configuração manual modifica o significado do sinal. Vargas, Mezzomo e Kessler (2017, p. 2) explicam que os contrastes mínimos em Libras demonstram a importância da configuração de mão na diferenciação lexical, sendo possível identificar sinais distintos produzidos em mesma localização e movimento, mas diferenciados exclusivamente pela forma assumida pelas mãos.

Além disso, os estudos fonético-fonológicos revelam que a configuração de mão apresenta significativa variação linguística. Xavier e Barbosa (2014) destacam que os sinais da Libras podem sofrer alterações articulatórias sem comprometer necessariamente a compreensão semântica. Tal fenômeno demonstra que a língua apresenta flexibilidade estrutural semelhante à observada nas línguas orais.

Segundo os autores:

A análise dessas produções [...] ratificou a ocorrência da variação inter-sujeito nos parâmetros configuração de mão, localização, movimento, orientação, número de mãos e marcações não-manuais (Xavier; Barbosa, 2014, p. 371).

Essa variação pode ocorrer devido a fatores regionais, sociais, culturais e discursivos, revelando o caráter vivo e dinâmico da Libras. Diferentes comunidades surdas podem utilizar configurações manuais distintas para representar determinados sinais, sem que isso comprometa a legitimidade linguística das produções.

No âmbito da aquisição da linguagem, a configuração de mão também ocupa posição central no desenvolvimento linguístico das crianças surdas. Guimarães e Campello (2018) demonstram que os processos fonológicos envolvendo alterações na configuração manual são frequentes durante a aquisição da Libras, evidenciando que as crianças passam por etapas progressivas de refinamento articulatorio até alcançarem o padrão adulto da língua.

As autoras afirmam que:

O parâmetro configuração de mão foi o mais afetado e a ocorrência maior, na mão passiva (Guimarães; Campello, 2018, p. 1).

Essa constatação demonstra que a complexidade motora das configurações manuais exige desenvolvimento gradual das habilidades articulatorias. Assim como ocorre nas línguas orais, a aquisição da Libras envolve processos fonológicos naturais relacionados ao amadurecimento linguístico e motor da criança surda.

A configuração de mão também se relaciona à iconicidade presente nas línguas de sinais. Costa (2023) destaca que muitos sinais da Libras apresentam relação imagética entre a forma manual e o objeto ou ação representados. Isso significa que determinadas configurações de mão surgem motivadas pela semelhança visual com os elementos da realidade social e cultural.

Ao discutir a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos, Costa (2023, p. 88) explica que "algumas configurações de mãos surgiram em demanda icônico-lexical da língua".

A iconicidade, nesse contexto, favorece a criação de novos sinais e amplia as possibilidades expressivas da Libras. Entretanto, embora muitos sinais apresentem motivação icônica, isso não significa ausência de arbitrariedade linguística. A configuração de mão continua subordinada às regras fonológicas e gramaticais da língua, constituindo parte de um

sistema estruturado e convencionalmente compartilhado pela comunidade surda.

Outro aspecto relevante refere-se às relações entre configuração de mão e fisiologia humana. Maia e Carneiro (2023) desenvolveram estudos sobre a cinesiologia do punho e dos dedos na Libras, identificando que determinadas configurações manuais apresentam maior frequência devido às facilidades biomecânicas de execução.

Os autores afirmam que:

As configurações de mão mais recorrentes na Libras estão relacionadas à fisiologia dos movimentos independentes dos dedos (Maia; Carneiro, 2023, p. 2).

Essa perspectiva demonstra que os aspectos anatômicos do corpo humano influenciam diretamente a organização fonológica das línguas de sinais. Algumas configurações exigem menor esforço muscular e maior independência motora dos dedos, tornando-se mais frequentes na produção dos sinais. Outras, por demandarem maior complexidade motora, apresentam menor produtividade lexical.

Além disso, a configuração de mão participa dos processos de formação de palavras na Libras. Felipe (2006) explica que os sinais podem ser produzidos por composição, derivação e incorporação, mecanismos que utilizam diferentes configurações manuais para ampliar os sentidos lexicais e criar unidades linguísticas.

Nessa perspectiva, Mak e Verniano (2024, p. 1) discutem a existência de verbos manuais organizados por “configuração de mão classificadora”, demonstrando que determinados verbos da Libras são constituídos a partir de classificadores semânticos que representam objetos, formas e movimentos específicos.

Ao abordar a organização dos verbos manuais, as autoras afirmam "todos os verbos são formados por classificadores SASSes e por blends" (Mak; Verniano, 2024, p. 1).

Essa afirmação evidencia a produtividade morfológica da configuração de mão na Libras, revelando que esse parâmetro atua diretamente na constituição lexical e semântica da língua.

Os estudos fonológicos também demonstram que a configuração de mão deve ser analisada em articulação com os demais parâmetros linguísticos da Libras. A alteração isolada da forma manual pode modificar completamente o significado do sinal, mas sua combinação com

movimento, localização e orientação amplia ainda mais as possibilidades expressivas da língua.

Nesse sentido, Fernandes (2006 apud Quadros; Karnopp, 2004) argumenta que a Libras organiza-se por mecanismos simultâneos de produção linguística, nos quais múltiplos parâmetros atuam conjuntamente na construção dos sentidos. Essa simultaneidade diferencia as línguas de sinais das línguas orais lineares e reforça a complexidade estrutural da comunicação visuoespacial.

Além das funções linguísticas, a configuração de mão também possui dimensão sociocultural e identitária. As formas manuais utilizadas pela comunidade surda refletem experiências culturais, regionais e históricas compartilhadas pelos sujeitos sinalizantes. Dessa maneira, os sinais não representam apenas unidades linguísticas, mas também expressões culturais produzidas socialmente.

A oficialização da Libras por meio da Lei nº 10.436/2002 fortaleceu os estudos linguísticos sobre os parâmetros fonológicos da língua e ampliou o reconhecimento acadêmico da configuração de mão enquanto elemento constitutivo da gramática visual-espacial da comunidade surda brasileira. Kendrick e Cruz (2018) afirmam que o movimento surdo desempenhou papel fundamental na consolidação das políticas linguísticas voltadas ao reconhecimento da Libras como língua legítima.

Do ponto de vista educacional, compreender a configuração de mão enquanto parâmetro fonológico torna-se essencial para a formação de professores, intérpretes e pesquisadores da área da surdez. O domínio das configurações manuais contribui significativamente para a fluência linguística, para a qualidade da interpretação em Libras e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes.

Além disso, o ensino da configuração de mão favorece o aprimoramento da percepção visual e da consciência fonológica em Libras, permitindo que estudantes surdos desenvolvam maior domínio da estrutura linguística da língua. Marques, Barroco e Silva (2013) ressaltam que o ensino da Libras promove importantes contribuições para o desenvolvimento linguístico e cultural das crianças surdas e ouvintes, fortalecendo processos inclusivos no ambiente escolar.

Dessa forma, a configuração de mão revela-se como elemento central da organização fonológica, morfológica e semântica da Libras. Sua função ultrapassa os limites articulatórios, constituindo mecanismo fundamental para a produção de sentidos, para a construção gramatical

e para a consolidação da identidade linguística da comunidade surda. A análise desse parâmetro evidencia a complexidade estrutural das línguas de sinais e reafirma a Libras como língua natural, legítima e cientificamente reconhecida.

3 O movimento e sua função na prática comunicativa em Libras

O movimento constitui um dos parâmetros fonológicos fundamentais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo responsável pela constituição estrutural dos sinais e pela produção de significados no processo comunicativo da comunidade surda. Na organização linguística das línguas de sinais, o movimento não se restringe ao deslocamento físico das mãos, mas atua como elemento fonológico, semântico, morfológico e discursivo, integrando a complexa gramática visuoespacial da Libras.

As pesquisas fonológicas em línguas de sinais demonstram que o movimento participa diretamente da diferenciação lexical dos sinais. Pequenas alterações na direção, velocidade, intensidade ou repetição dos movimentos podem modificar completamente o significado produzido durante a sinalização. Dessa forma, o movimento assume função equivalente aos fonemas nas línguas orais, integrando o conjunto de parâmetros distintivos responsáveis pela organização da Libras.

Xavier e Barbosa (2014, p. 372) afirmam que:

Os itens lexicais dessa língua se constituem de unidades distintas (parâmetros) e que estas, por sua vez, podem apresentar variação em sua manifestação concreta.

Essa perspectiva demonstra que o movimento integra o sistema fonológico da Libras e participa ativamente da constituição dos sinais. Os autores ressaltam ainda que as variações articulatórias podem ocorrer sem necessariamente alterar o significado do sinal, evidenciando a flexibilidade estrutural da língua e sua dinamicidade sociolinguística.

Os estudos fonológicos da Libras consolidaram-se a partir das contribuições de William Stokoe, considerado precursor das pesquisas linguísticas sobre línguas de sinais. Ao analisar a estrutura da American Sign Language (ASL), Stokoe identificou que os sinais eram compostos por parâmetros distintivos equivalentes às unidades mínimas das línguas orais. Posteriormente, pesquisadores como Battison, Klima, Bellugi, Liddell e Johnson aprofundaram as análises acerca da fonologia das

línguas sinalizadas, demonstrando que o movimento constitui elemento indispensável para a formação dos sinais.

Nesse contexto, Passos (2014) desenvolve importante discussão acerca dos parâmetros físicos do movimento em Libras, analisando aspectos relacionados à duração, velocidade, energia e intensidade dos sinais. A autora destaca que o movimento participa não apenas da diferenciação lexical, mas também da construção gramatical e discursiva da língua.

Segundo Passos (2014, p. 8), "a duração é um importante correlato gramatical para expressar os diferentes graus de intensidade em Libras".

Tal afirmação evidencia que o movimento atua diretamente na produção de nuances semânticas e discursivas. A intensidade do deslocamento manual, a velocidade dos sinais e a repetição dos movimentos podem indicar diferentes sentidos comunicativos, funcionando como mecanismos de intensificação gramatical na Libras.

Além disso, a autora destaca que a Libras deve ser compreendida como sistema dinâmico e complexo, no qual diferentes variáveis articulatórias interagem simultaneamente na construção dos significados. Assim, o movimento não se apresenta de maneira isolada, mas integrado à configuração de mão, orientação, localização e expressões não manuais.

Ao discutir a complexidade do movimento na Libras, Passos (2014, p. 8) afirma:

O movimento da Libras deve ser compreendido, complexa e dinamicamente, e a expressão dos diferentes graus de intensidade gramatical na sinalização em Libras teria emergido com a auto-organização de variáveis do movimento.

Essa compreensão amplia a análise fonológica das línguas de sinais, evidenciando que os aspectos físicos da sinalização possuem funções linguísticas relevantes na organização gramatical da língua.

No processo comunicativo, o movimento também exerce papel essencial na inteligibilidade dos sinais. Araújo e Ferreira (2016, p. 1) ressaltam que alterações na execução dos movimentos podem comprometer significativamente a compreensão da mensagem pelos interlocutores. Segundo as autoras, muitos aprendizes ouvintes apresentam dificuldades relacionadas à postura corporal e à realização adequada dos movimentos durante a sinalização.

As pesquisadoras destacam que:

Diferentes modos de realizar o mesmo sinal podem interferir no processo de comunicação entre os usuários da Libras (Araújo; Ferreira, 2016, p. 1).

Essa afirmação demonstra que o movimento influencia diretamente a clareza comunicativa e a fluência linguística dos sinalizadores. A precisão articulatória torna-se elemento indispensável para o estabelecimento eficiente da comunicação em Libras.

Além da função lexical e gramatical, o movimento também participa da construção expressiva e discursiva da língua. A Libras caracteriza-se pela simultaneidade dos elementos linguísticos, integrando movimentos manuais, expressões faciais, deslocamentos corporais e marcações não manuais em uma única produção comunicativa.

Valentim, Dizeu e Costa (2020) explicam que as marcações não manuais constituem importantes parâmetros fonológicos das línguas de sinais, atuando conjuntamente com os movimentos das mãos na construção dos sentidos discursivos e pragmáticos. Assim, o movimento não pode ser analisado isoladamente, pois integra uma rede articulada de recursos expressivos responsáveis pela comunicação visuoespacial.

Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004 apud Felipe, 2006) defendem que a simultaneidade constitui uma das principais características estruturais das línguas de sinais, diferenciando-as das línguas orais organizadas linearmente. O movimento, portanto, assume papel central na integração simultânea dos diferentes parâmetros linguísticos da Libras.

As pesquisas sobre aquisição da linguagem em crianças surdas também revelam a importância do movimento no desenvolvimento linguístico da Libras. Guimarães e Campello (2018) identificaram diversos processos fonológicos relacionados às alterações nos movimentos durante a aquisição da língua de sinais por crianças surdas em idade pré-escolar.

Segundo as autoras:

Todas as crianças surdas apresentaram produção de sinais com variações linguísticas, em relação ao padrão adulto (Guimarães; Campello, 2018, p. 1).

Essas variações incluem assimilação, substituição, epêntese, elisão e alterações nos movimentos realizados durante a sinalização. Tais fenômenos demonstram que a aquisição da Libras ocorre por processos fonológicos semelhantes aos observados nas línguas orais, evidenciando que o movimento integra o desenvolvimento linguístico natural das crianças surdas.

A relevância do movimento também pode ser observada na constituição dos contrastes mínimos da Libras. Vargas, Mezzomo e Kessler (2017) explicam que alterações em apenas um parâmetro — incluindo o movimento — são suficientes para modificar o significado dos sinais.

As autoras afirmam que o instrumento elaborado em sua pesquisa utilizou:

Pares de sinais, os quais apresentam oposições em relação a um dos parâmetros: configuração de mão, locação de mão, movimento de mão e orientação de mão (Vargas; Mezzomo; Kessler, 2017, p. 1).

Essa constatação evidencia que o movimento possui função distintiva na Libras, atuando diretamente na organização fonológica e lexical da língua.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre movimento e iconicidade. Nas línguas de sinais, muitos movimentos apresentam motivação visual associada às ações representadas. Costa (2023) destaca que a iconicidade influencia significativamente a criação de novos sinais e configurações linguísticas na Libras.

Ao discutir a formação dos sinais, o autor explica que determinados movimentos surgem em decorrência das necessidades comunicativas e da relação imagética entre forma e significado. Dessa maneira, o movimento reforça a dimensão visual da Libras e amplia as possibilidades expressivas da comunicação sinalizada.

A análise do movimento na Libras também envolve aspectos fisiológicos e biomecânicos. Maia e Carneiro (2023) desenvolveram estudos relacionados à cinesiologia do punho e dos dedos, demonstrando que alguns movimentos são mais recorrentes devido à facilidade anatômica de execução.

Os autores afirmam que:

Movimentos independentes de determinados dedos geram menor esforço muscular, favorecendo sua recorrência na Libras (Maia; Carneiro, 2023, p. 2).

Essa perspectiva demonstra que os aspectos físicos do corpo humano influenciam diretamente a constituição fonológica da Libras. Alguns movimentos tornam-se mais frequentes devido à maior facilidade biomecânica, enquanto outros apresentam menor produtividade por demandarem maior complexidade muscular.

Além da dimensão linguística, o movimento também possui importante papel sociocultural na comunidade surda. A Libras constitui língua marcada pela visualidade, pela corporeidade e pela expressividade cultural dos sujeitos surdos. Os movimentos utilizados na sinalização refletem experiências sociais, históricas e identitárias compartilhadas pela comunidade surda brasileira.

Nesse sentido, Kendrick e Cruz (2018) ressaltam que o reconhecimento da Libras enquanto língua oficial resultou das lutas históricas do movimento surdo em defesa de sua identidade linguística e cultural. O movimento corporal presente na sinalização representa, portanto, não apenas mecanismo comunicativo, mas também expressão da cultura surda e das formas de interação visuoespacial construídas socialmente.

Do ponto de vista educacional, compreender a importância do movimento na Libras torna-se fundamental para a formação de professores, intérpretes e profissionais da educação inclusiva. O domínio adequado dos movimentos contribui significativamente para a fluência linguística, para a qualidade da interpretação e para a efetividade das práticas pedagógicas bilíngues voltadas aos estudantes surdos.

Marques, Barroco e Silva (2013) afirmam que o ensino da Libras favorece o desenvolvimento linguístico e cultural de crianças surdas e ouvintes, ampliando as possibilidades de interação comunicativa nos espaços escolares. Nesse contexto, o trabalho pedagógico com os parâmetros movimento e configuração de mão fortalece o desenvolvimento da consciência fonológica em Libras e contribui para o aprimoramento da comunicação visual.

A complexidade do movimento na Libras evidencia que as línguas de sinais possuem estrutura linguística sofisticada e cientificamente organizada. O movimento não representa gesto aleatório ou expressão corporal desvinculada da linguagem, mas elemento fonológico essencial para a constituição dos sinais, para a organização gramatical e para a construção dos significados.

Ao analisar a fonologia das línguas de sinais, Liddell e Johnson (1989 apud Xavier; Barbosa, 2014) argumentam que os movimentos realizados durante a sinalização correspondem a unidades articulatórias organizadas sistematicamente, integrando a estrutura fonológica da língua. Tal perspectiva reforça o reconhecimento da Libras enquanto língua natural dotada de gramática própria.

Portanto, o movimento constitui elemento indispensável para a prática comunicativa em Libras, desempenhando funções fonológicas, semânticas, morfológicas, discursivas e culturais. Sua atuação na constituição dos sinais evidencia a complexidade estrutural da língua de sinais e reafirma a importância da Libras enquanto sistema linguístico legítimo da comunidade surda brasileira.

4 Considerações finais

Quando se examina a configuração manual e o deslocamento na Língua Brasileira de Sinais (Libras), fica evidente que os parâmetros fonológicos atuam como pilares estruturais, semânticos e gramaticais da língua. A Libras se organiza de forma linguisticamente intrincada, sustentada por processos próprios de geração de sentidos que comprovam a legitimidade científica das línguas de sinais, equiparável às demais línguas naturais.

A configuração de mão mostrou-se crucial para a construção do léxico dos sinais, funcionando como parâmetro diferenciador que marca distinções semânticas e organiza a morfologia da Libras. Seu alcance vai além dos aspectos articulatórios, participando ativamente na formação de classificadores, intensificadores e nos mecanismos de derivação e composição do vocabulário. Além disso, verificou-se que as configurações manuais sofrem alterações derivadas de fatores sociais, culturais, fisiológicos e do contexto discursivo, demonstrando a natureza variável e dinâmica dessa língua.

O deslocamento, em contrapartida, mostrou-se indispensável à comunicação em Libras, abrangendo dimensões fonológicas, gramaticais, expressivas e discursivas da prática de sinalização. As investigações analisadas permitiram constatar que a rapidez, o tempo de execução, a força e a trajetória dos deslocamentos exercem influência direta na produção de significados e na fluidez linguística dos sinalizadores. Desse modo, o deslocamento não pode ser visto apenas como um movimento físico, mas necessita ser reconhecido como componente estruturante da gramática visual-espacial que caracteriza a Libras.

As pesquisas no campo da fonética e fonologia reafirmam que a Libras funciona a partir de um articulatório refinado, construído sobre parâmetros que ocorrem de maneira simultânea, garantindo grande potencial de inovação lexical e capacidade expressiva. A interação entre a

configuração de mão e o deslocamento comprova que a língua de sinais opera como um sistema linguístico sofisticado, adequado para representar as distintas realidades sociais, culturais e identitárias da população surda.

Igualmente, as investigações acerca do desenvolvimento da linguagem evidenciam que os mecanismos fonológicos concernentes ao deslocamento e à configuração manual se integram naturalmente ao processo de aquisição linguística das crianças surdas, confirmando que a Libras obedece a princípios semelhantes aos das línguas faladas. Essa constatação reforça a importância de se reconhecer a Libras em ambientes educacionais e científicos, notadamente na preparação de educadores, mediadores linguísticos e especialistas em educação para a inclusão.

Sob uma perspectiva sociocultural, o reconhecimento oficial da Libras constituiu-se como marco significativo para a afirmação da identidade linguística do povo surdo brasileiro. O aprofundamento das investigações referentes aos parâmetros fonológicos dessa língua contribui de forma expressiva para o fortalecimento de iniciativas políticas que promovam inclusão, acesso e reconhecimento da riqueza linguística.

Dessa forma, apreender a dinâmica entre configuração e movimento na Libras pressupõe compreender que esses dois parâmetros operam como elementos basilares para a geração de significados, para a estruturação da gramática que funciona no espaço visual e para a viabilização das práticas comunicativas do grupo surdo. A investigação aprofundada desses mecanismos reafirma a Libras enquanto língua genuína, viva, potente em suas expressões e determinante para a formação cultural e da identidade das pessoas surdas.

Referências

ARAÚJO, Camélia Sheila Soares Borges; FERREIRA, Ana Cristina de Assunção Xavier. Análise do parâmetro movimento e sua importância para a comunicação em Libras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 2016. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2016.

BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

BELLUGI, Ursula; KLIMA, Edward. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CARNIEL, Fagner. A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2018, vol.23, e230027. Epub 23-Abr-2018. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782018230027>.

COSTA, Daniel Ferreira. Aspectos fonológicos da Libras: a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos. **Revista SCIAS Língua de Sinais**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2023. DOI: 10.36704/sciasls.v2i2.8275. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasls/article/view/8275>. Acesso em: 25 mai. 2026.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 200–217, 2008. DOI: 10.20396/etd.v7i2.803. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>. Acesso em: 25 mai. 2026.

GUIMARÃES, Cristhiane Ferreira; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. “Trocas nos sinais”: caracterização de processos fonológicos ocorridos durante a aquisição de Libras por pré-escolares surdos. **Audiology Communication Research**, São Paulo, v. 23, p. 1-6, 2018.

JOHNSON, Robert; LIDDELL, Scott. **American Sign Language: the phonological base**. Sign Language Studies, Silver Spring, v. 64, p. 195-277, 1989.

KENDRICK, Denielli; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Oficialização da Libras: movimento surdo e política linguística de resistência. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 32, p. 4–14, 2018. DOI: 10.48075/rt.v14i32.18656. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/18656>. Acesso em: 25 mai. 2026.

LIDDELL, Scott K. **Think and believe: sequentiality in American Sign Language**. Language, Washington, v. 60, n. 2, p. 372-399, 1984.

MAIA, Maria de Souza; CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Cinesiologia do punho e dedos e a predileção de configurações de mão na Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 8, 2023. DOI: 10.5216/rs.v8.75129. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rs.v8.75129>.

vel em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/75129>. Acesso em: 25 mai. 2026.

MAK, Jessica Kwan Wah; VERNIANO, Marina. Classificação dos verbos manuais na Libras: uma nova abordagem de configuração de mão. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 28, n. 2, p. 1-26, 2024.

MARQUES, Hivi de Castro Ruiz; BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Tânia dos Santos Alvarez da. O ensino da Língua Brasileira de Sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na Psicologia Histórico-Cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 19, n. 4, p. 503-518, 2013.

PASSOS, Rosana. **Parâmetros físicos do movimento em Libras: um estudo sobre intensificadores**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STOKOE, William C. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf**. Buffalo: University of Buffalo, 1960.

VARGAS, Diéssica Zacarias; MEZZOMO, Carolina Lisbôa; KESSLER, Themis Maria. A elaboração de um instrumento para investigar o domínio da percepção dos contrastes mínimos na língua brasileira de sinais. **Co-DAS**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 1-7, 2017.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **DELTA**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.

O CORPO QUE FALA: PONTO DE ARTICULAÇÃO E MARCAÇÕES NÃO MANUAIS

Márcia Francisca Diogo Rodrigues¹

Bruno Silva Pedra da Rocha²

Anne Karine Silva de Goes³

Ananda Loiola Simões Elias⁴

Alessandro Sena de Oliveira⁵

Stefânia Steves da Silva Sena⁶

1 Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), enquanto língua de modalidade visuoespacial, constitui-se por elementos linguísticos que ultrapassam a produção manual dos sinais. Diferentemente das línguas orais-auditivas, em que a vocalidade assume papel central na produção da linguagem, nas línguas de sinais o corpo assume função estruturante na constituição do sentido, da gramática e da interação discursiva. Nesse contexto, o ponto de articulação e as marcações não manuais revelam-se componentes indispensáveis para a organização fonológica, morfológica, sintática e pragmática da Libras, evidenciando que o corpo não atua apenas como suporte físico da língua, mas como elemento constitutivo da própria linguagem.

1 Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 Mestre em Linguística pela Faculdade Zarns, Faculdade Bahiana e Faculdade Santa Casa. Professor Substituto de Libras na Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

3 Mestra em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL).

4 Doutoranda em Linguística da Língua de Sinais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

5 Mestrando pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional. Professor de Libras na Estadual de Tocantins de Araguaína – TO.

6 Doutoranda pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional. Professora efetiva de Libras da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Araguaína.

Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais demonstram que a Libras apresenta estrutura gramatical própria, organizada por parâmetros fonológicos específicos, entre eles configuração de mão, movimento, orientação, ponto de articulação e expressões não manuais. Nesse sentido, o corpo emerge como espaço semântico e discursivo, no qual a sinalização se materializa visualmente. Conforme Costa (2021), as línguas de sinais possuem unidades mínimas distintivas que comprovam a existência de um sistema fonológico plenamente organizado, ainda que não baseado na oralidade. O autor afirma que:

As unidades mínimas distintivas também podem ser identificadas nestas línguas, ratificando a ideia de que há um nível fonológico de análise para as línguas viso-gestuais (Costa, 2021, p. 325).

A compreensão da Libras como língua legítima rompe com perspectivas históricas que reduziram as línguas de sinais a simples sistemas gestuais ou formas de comunicação secundárias. A partir dos estudos pioneiros de William Stokoe, na década de 1960, tornou-se possível reconhecer cientificamente que as línguas de sinais apresentam organização estrutural equivalente às línguas orais. Essa perspectiva possibilitou avanços significativos nas investigações sobre fonologia, morfologia e sintaxe das línguas sinalizadas, sobretudo no que diz respeito aos elementos corporais envolvidos na produção dos sinais.

Nesse cenário, o ponto de articulação assume papel fundamental na constituição fonológica da Libras. Também denominado locação, esse parâmetro corresponde ao espaço do corpo ou da frente do corpo em que o sinal é produzido. A localização do sinal pode ocorrer na cabeça, tronco, mãos ou em regiões neutras do espaço sinalizador, sendo capaz de alterar sentidos e estabelecer distinções lexicais. Silva, Teles e Costa (2019) destacam que a locação constitui elemento essencial na diferenciação dos sinais, funcionando como parâmetro fonológico distintivo nas produções em Libras.

A relevância do ponto de articulação demonstra que o corpo, na Libras, não é mero instrumento auxiliar, mas território linguístico no qual os sentidos são produzidos. Em razão disso, o corpo passa a ocupar dimensão epistemológica na constituição da linguagem sinalizada. Tal perspectiva aproxima-se das reflexões fenomenológicas de Merleau-Ponty, para quem o corpo representa condição fundamental da experiência humana e da significação. Segundo Furlan e Bocchi (2003), ao discutirem a filosofia merleau-pontyana:

O corpo encarna a possibilidade de compreensão dos gestos e das palavras, assinalando o caráter corpóreo da significação (Furlan; Bocchi, 2003, p. 445).

Essa compreensão evidencia que, na Libras, linguagem e corporeidade constituem elementos inseparáveis. O significado emerge do movimento corporal, das expressões faciais, da direção do olhar e das relações espaciais estabelecidas durante a sinalização. Assim, o corpo fala, organiza sentidos e produz estruturas gramaticais complexas.

As marcações não manuais, nesse contexto, desempenham funções centrais na Libras. Essas marcações incluem expressões faciais, movimentos de sobrancelhas, olhos, cabeça, tronco e boca, responsáveis por aspectos sintáticos, morfológicos, lexicais e discursivos da língua. Felipe (2013) afirma que as marcas não manuais integram a arquitetura linguística da Libras e não devem ser confundidas com simples manifestações emocionais ou gestuais espontâneas. A autora ressalta que:

As marcas verbo-visuais gramaticais [...] fazem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo (Felipe, 2013, p. 67).

Dessa forma, as expressões não manuais assumem função linguística estruturante. Em sentenças interrogativas, por exemplo, a elevação das sobrancelhas pode indicar pergunta; em construções negativas, movimentos específicos da cabeça podem expressar negação; já determinadas expressões faciais intensificam sentidos ou estabelecem marcações discursivas. Tais elementos demonstram que a gramática da Libras é construída simultaneamente pelas mãos e pelo corpo.

Souza (2014), ao investigar as expressões não manuais na Libras, destaca que os estudos brasileiros sobre essa temática ainda são recentes, embora fundamentais para a compreensão da complexidade linguística das línguas de sinais. Segundo o autor:

As expressões não-manuais vêm sendo abordadas por pesquisadores brasileiros” de maneira ainda insuficiente, exigindo “mais e novas investigações sobre o tema (Souza, 2014, p. 9).

A discussão sobre marcações não manuais também evidencia a dimensão multimodal da Libras. Diferentemente das línguas orais, em que grande parte das informações linguísticas concentra-se na vocalidade, as línguas de sinais distribuem simultaneamente múltiplos elementos significativos pelo corpo. O rosto, por exemplo, possui papel central na construção semântica e pragmática das sentenças sinalizadas.

Nesse aspecto, Pêgo (2013) desenvolve importante contribuição ao investigar os chamados morfemas-boca na Língua Brasileira de Sinais. A autora demonstra que determinadas configurações labiais e movimentos da boca assumem funções morfológicas e lexicais específicas na Libras. Segundo a pesquisadora, "os sinais não-manuais assumem funções morfológicas e lexicais" (Pêgo, 2013, p. 7).

Essa perspectiva amplia significativamente os estudos fonológicos das línguas de sinais, pois evidencia que os aspectos corporais e faciais não constituem apenas complementos expressivos, mas unidades linguísticas organizadas gramaticalmente.

Além da dimensão fonológica e morfológica, as marcações não manuais desempenham funções discursivas e pragmáticas fundamentais. Paiva *et al.* (2018) ressaltam que tais expressões contribuem para processos de intensificação, diferenciação lexical e organização sintática dos enunciados. Os autores afirmam que:

As expressões faciais participam da construção do significado nas LS tanto quanto os parâmetros até então mais estudados (Paiva et al., 2018, p. 1136).

Essa afirmação reforça a necessidade de superar concepções reducionistas que privilegiam apenas os movimentos manuais na análise da Libras. O corpo inteiro participa da construção linguística, produzindo sentidos complexos por meio de recursos visuais, espaciais e corporais.

A visualidade, portanto, constitui eixo central na organização das línguas de sinais. Carniel (2018), ao discutir os processos históricos de institucionalização da Libras na educação superior, destaca que a surdez deve ser compreendida sob perspectiva linguístico-cultural e não como deficiência centrada exclusivamente na ausência da audição. Essa compreensão fortalece abordagens que reconhecem a Libras como língua plena, estruturada pela experiência visual do sujeito surdo.

Sob essa ótica, o corpo assume centralidade pedagógica, cultural e linguística na educação de surdos. O espaço corporal transforma-se em território de produção identitária, interação social e constituição subjetiva. As expressões não manuais, nesse contexto, revelam dimensões afetivas, discursivas e gramaticais que atravessam as práticas comunicativas da comunidade surda.

Valentim, Dizeu e Costa (2020), ao investigarem as marcações não manuais na Libras utilizada em Maceió, demonstram que tais elementos também apresentam variações sociolinguísticas relacionadas às

comunidades de prática dos sujeitos sinalizadores. Isso evidencia que as expressões corporais e faciais não são universais ou fixas, mas atravessadas por aspectos culturais, regionais e sociais.

A compreensão do corpo como linguagem implica reconhecer que a Libras organiza sentidos por meio de múltiplos articuladores corporais simultâneos. O rosto, o olhar, o tronco e os movimentos espaciais integram um sistema semiótico complexo que possibilita a produção de significados sofisticados. Assim, o corpo que fala não apenas comunica, mas constitui linguisticamente o sujeito surdo em suas relações sociais, culturais e educacionais.

Por conseguinte, os estudos sobre ponto de articulação e marcações não manuais tornam-se fundamentais para a ampliação das pesquisas linguísticas em Libras, especialmente no campo da educação bilíngue, da formação docente e das tecnologias assistivas. Investigações voltadas às expressões corporais contribuem para o desenvolvimento de materiais didáticos, avatares sinalizadores, traduções automáticas e práticas pedagógicas mais coerentes com a estrutura visuoespacial da Libras.

Nesse sentido, compreender o corpo como espaço linguístico significa reconhecer que a linguagem não se restringe à oralidade ou à vocalidade. Nas línguas de sinais, o corpo é gramática, discurso, significado e expressão. É nele que a língua se realiza, organiza e produz sentidos. Assim, a Libras reafirma que o corpo, longe de ser apenas suporte biológico da linguagem, constitui a própria materialidade do discurso visual.

2 O ponto de articulação na constituição fonológica da Libras

Os estudos linguísticos acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras) evidenciam que sua estrutura fonológica é organizada por parâmetros específicos responsáveis pela constituição e diferenciação dos sinais. Entre esses parâmetros, o ponto de articulação ocupa posição central na organização dos aspectos fonológicos da língua, sendo elemento indispensável para a produção de sentidos e para a distinção lexical entre sinais. Diferentemente das línguas orais-auditivas, cuja materialidade fonológica é produzida pelo aparelho fonador, as línguas de sinais estruturam-se visual e espacialmente por meio do corpo e do espaço de sinalização. Assim, o corpo transforma-se em território linguístico, no qual os sinais são produzidos, organizados e interpretados.

A fonologia das línguas de sinais consolidou-se como campo científico a partir das pesquisas de William Stokoe, na década de 1960, quando o autor demonstrou que as línguas sinalizadas possuíam unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das línguas orais. A partir desse marco teórico, tornou-se possível compreender que os sinais são compostos por parâmetros fonológicos articulados simultaneamente, entre eles configuração de mão, movimento, orientação da palma, expressões não manuais e ponto de articulação.

Segundo Costa (2021), a fonologia das línguas de sinais não pode ser reduzida à ideia tradicional de sonoridade, uma vez que essas línguas apresentam estrutura própria baseada na visualidade e na espacialidade. O autor afirma que:

Apesar de as línguas de sinais não serem desenvolvidas a partir de emissões vocálicas, as unidades mínimas distintivas também podem ser identificadas nestas línguas, ratificando a ideia de que há um nível fonológico de análise para as línguas viso-gestuais (Costa, 2021, p. 325).

A compreensão do ponto de articulação como parâmetro fonológico decorre justamente dessa perspectiva estrutural das línguas de sinais. Também denominado locação, o ponto de articulação corresponde ao local do corpo ou do espaço neutro onde determinado sinal é realizado. Esse local pode situar-se na cabeça, rosto, tronco, ombros, braços, mãos ou no espaço à frente do sinalizador. A alteração da locação pode modificar completamente o significado do sinal, funcionando como elemento distintivo na constituição lexical da Libras.

Nesse sentido, Silva, Teles e Costa (2019) destacam que o parâmetro locação constitui um dos componentes fundamentais da organização fonológica da Libras, sendo responsável por distinções semânticas relevantes na língua. As autoras afirmam que o ponto de articulação representa:

Um de seus parâmetros fonológicos, utilizado na produção do sinal: a 'Locação', também nomeada de 'Ponto de articulação' (Silva; Teles; Costa, 2019, p. 2).

O ponto de articulação, portanto, não corresponde a simples localização física do sinal, mas a um componente linguístico sistematizado gramaticalmente. Sua função ultrapassa aspectos motores ou corporais, integrando o conjunto de elementos responsáveis pela organização fonológica da Libras. Assim, o corpo não atua apenas como instrumento de expressão, mas como espaço linguístico estruturado.

Essa perspectiva rompe com concepções reducionistas historicamente atribuídas às línguas de sinais. Durante décadas, os sinais foram interpretados como gestos espontâneos ou formas rudimentares de comunicação. Contudo, as pesquisas linguísticas contemporâneas demonstram que a Libras apresenta complexidade estrutural equivalente às línguas orais. Conforme Quadros e Karnopp (2004 apud Costa, 2021), os parâmetros fonológicos das línguas de sinais articulam-se sistematicamente para formar unidades linguísticas dotadas de significado. Essa organização evidencia que a fonologia não depende necessariamente da oralidade ou da sonoridade, mas da existência de unidades distintivas organizadas linguisticamente.

Além disso, o ponto de articulação participa ativamente da iconicidade presente em muitos sinais da Libras. Em diversos casos, a escolha do local de realização do sinal relaciona-se semanticamente ao referente representado. Sinais ligados ao pensamento ou à memória, por exemplo, frequentemente são produzidos na região da cabeça; já sinais relacionados aos sentimentos podem ser articulados próximos ao peito. Entretanto, mesmo diante da iconicidade visual, a Libras não se reduz à representação imagética, pois os sinais obedecem a regras fonológicas e gramaticais específicas.

Segundo Furlan e Bocchi (2003), ao analisarem as concepções fenomenológicas de Merleau-Ponty, o corpo deve ser compreendido como lugar originário da produção de sentido e da experiência linguística. Os autores afirmam que:

O corpo encarna a possibilidade de compreensão dos gestos e das palavras, assinalando o caráter corpóreo da significação (Furlan; Bocchi, 2003, p. 445).

Essa concepção aproxima-se profundamente da organização linguística da Libras, pois o corpo não apenas transmite informações, mas constitui a própria materialidade da linguagem sinalizada. O espaço corporal transforma-se em espaço semântico, no qual os sinais adquirem sentido por meio das relações espaciais estabelecidas durante a sinalização.

O ponto de articulação também revela a natureza tridimensional das línguas de sinais. Diferentemente das línguas orais, cuja linearidade sonora organiza a fala em sequência temporal, a Libras utiliza simultaneamente diferentes articuladores corporais. Assim, a localização espacial dos sinais atua conjuntamente com movimentos, expressões faciais e orientações manuais, produzindo uma linguagem altamente complexa e multimodal.

Felipe (2013), ao discutir o discurso verbo-visual na Libras, ressalta que as marcas corporais e espaciais integram a estrutura linguística da língua em seus diferentes níveis. A autora destaca que:

As marcas verbo-visuais gramaticais [...] fazem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo (Felipe, 2013, p. 67).

Nesse contexto, o ponto de articulação assume função essencial na organização verbo-visual da Libras. O corpo passa a atuar simultaneamente como espaço articulatório, espaço discursivo e espaço semântico. Essa característica reforça a centralidade da visualidade na constituição das línguas de sinais.

Os estudos sociolinguísticos também demonstram que o ponto de articulação pode apresentar variações regionais e comunitárias. Valentim, Dizeu e Costa (2020), ao investigarem marcações não manuais na Libras utilizada em Maceió, identificaram variações fonológicas relacionadas às comunidades de prática dos sujeitos sinalizadores. Segundo as autoras. "os resultados apontam para a existência de variação no parâmetro analisado" (Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 2).

Essas variações revelam que a Libras, assim como qualquer língua natural, encontra-se em constante processo de transformação histórica, cultural e social. O ponto de articulação, portanto, não representa elemento fixo ou homogêneo, mas componente dinâmico influenciado pelas práticas comunicativas das comunidades surdas.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre ponto de articulação e processos de variação fonológica. Em determinadas situações, sinais podem sofrer alterações locativas sem comprometimento do significado, fenômeno semelhante aos alofones das línguas orais. Silva, Teles e Costa (2019) observam que algumas modificações na realização espacial dos sinais podem ocorrer sem alteração semântica, configurando variações fonológicas aceitáveis dentro da língua.

Além da dimensão fonológica, o ponto de articulação também participa da construção sintática e discursiva da Libras. A espacialização dos sinais permite estabelecer relações gramaticais complexas, como referenciação, concordância verbal e organização narrativa. O espaço de sinalização transforma-se, assim, em mecanismo sintático fundamental para a coesão discursiva.

Segundo Souza (2014), os estudos sobre expressões não manuais e espacialidade na Libras ainda necessitam de maior aprofundamento

teórico, sobretudo em relação às funções gramaticais desempenhadas pelos articuladores corporais. O autor destaca que:

Investigações nesta área são recentes, e os estudos que abordam esta temática parecem trazer conceitos difusos e/ou insuficientes (Souza, 2014, p. 9).

Essa observação evidencia a necessidade de ampliação das pesquisas fonológicas sobre a Libras, especialmente no que se refere à articulação entre corpo, espaço e linguagem. O aprofundamento desses estudos torna-se fundamental não apenas para a linguística, mas também para áreas como educação bilíngue, formação docente, tradução e tecnologias assistivas.

No campo educacional, compreender o ponto de articulação como parâmetro fonológico contribui significativamente para práticas pedagógicas mais coerentes com a estrutura linguística da Libras. A visualidade e a espacialidade precisam ser reconhecidas como elementos centrais nos processos de ensino-aprendizagem de estudantes surdos. Isso implica superar metodologias centradas exclusivamente na tradução vocabular e considerar a complexidade gramatical da língua de sinais.

Carniel (2018), ao discutir a institucionalização da Libras na educação superior, enfatiza a importância do reconhecimento da surdez como experiência linguístico-cultural. Tal perspectiva reforça a necessidade de compreender o corpo e o espaço como dimensões fundamentais da linguagem sinalizada.

Dessa forma, o ponto de articulação revela-se elemento central na constituição fonológica da Libras, evidenciando que o corpo ocupa posição estrutural na produção da linguagem. O espaço corporal transforma-se em gramática visual, organizada por regras fonológicas complexas que possibilitam a produção de sentidos, identidades e interações sociais. Assim, a Libras reafirma que a linguagem humana ultrapassa os limites da oralidade, encontrando no corpo e na visualidade formas legítimas e sofisticadas de expressão linguística.

3 Marcações não manuais e o corpo como expressão linguística

As marcações não manuais constituem um dos elementos mais complexos e relevantes da organização linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras), desempenhando funções essenciais nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo da língua. Diferentemente de concepções reducionistas que associam as expressões faciais e corporais

apenas à afetividade ou à gestualidade espontânea, os estudos linguísticos contemporâneos demonstram que tais marcações integram estruturalmente a gramática das línguas de sinais. Assim, o corpo deixa de ser compreendido como simples suporte biológico da comunicação e passa a ocupar posição central na constituição do discurso visual e na produção dos sentidos.

Nas línguas de modalidade visuoespacial, a linguagem organiza-se simultaneamente por múltiplos articuladores corporais. Expressões faciais, movimentos da cabeça, direção do olhar, postura corporal e movimentos de tronco participam diretamente da construção gramatical dos enunciados. Nesse contexto, as marcações não manuais revelam-se componentes linguísticos indispensáveis para a compreensão da Libras como língua natural plena e complexa.

Felipe (2013), ao discutir o discurso verbo-visual na Libras, destaca que as marcas não manuais não podem ser confundidas com expressões emocionais aleatórias, pois integram os diferentes níveis da estrutura linguística. Segundo a autora:

As marcas verbo-visuais gramaticais [...] são linguísticas por fazerem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua (Felipe, 2013, p. 67).

Essa afirmação evidencia que as expressões corporais e faciais assumem papel estruturante na Libras. A elevação das sobrancelhas, por exemplo, pode marcar interrogativas; o franzimento da testa pode indicar negação ou dúvida; movimentos da cabeça podem expressar concordância, intensidade ou topicalização. Assim, o corpo participa ativamente da constituição sintática e semântica da língua.

A relevância das marcações não manuais torna-se ainda mais evidente quando se observa que muitos sinais possuem sentidos alterados pela presença ou ausência dessas expressões corporais. As mãos, isoladamente, nem sempre são suficientes para produzir o significado completo do enunciado. O rosto e o corpo complementam e organizam linguisticamente a produção sinalizada, demonstrando que a Libras é construída de maneira multimodal e simultânea.

Souza (2014), ao investigar as expressões não manuais em estudos sobre a Libras, ressalta que essas marcações desempenham papel fonológico fundamental dentro do sistema linguístico sinalizado. O autor afirma que "as expressões não-manuais da Libras possuem papel fonológico nesse sistema linguístico" (Souza, 2014, p. 9).

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que a fonologia das línguas de sinais ultrapassa os movimentos manuais, abrangendo também aspectos corporais e faciais. O corpo transforma-se, portanto, em espaço linguístico organizado por regras específicas de funcionamento gramatical.

Os estudos de Paiva *et al.* (2018) reforçam essa compreensão ao demonstrarem que as expressões não manuais participam da construção dos significados tanto quanto os parâmetros tradicionalmente mais estudados nas línguas de sinais. Segundo os autores:

As expressões faciais participam da construção do significado nas LS tanto quanto os parâmetros até então mais estudados (Paiva et al., 2018, p. 1136).

Essa participação ocorre em diferentes dimensões linguísticas. No plano sintático, as marcações não manuais organizam tipos frasais, como interrogativas, negativas e exclamativas. No plano semântico, intensificam sentidos, expressam nuances discursivas e estabelecem relações pragmáticas. No plano fonológico, atuam como traços distintivos capazes de diferenciar sinais lexicalmente semelhantes.

Além disso, as expressões não manuais revelam a natureza visual da Libras e a centralidade do corpo na experiência linguística da comunidade surda. O significado emerge da articulação entre movimento manual, espacialidade e expressão corporal, formando um sistema integrado de produção discursiva.

Nesse sentido, os estudos fenomenológicos sobre corpo e linguagem oferecem importante sustentação teórica para compreender a Libras como manifestação linguística corporificada. Furlan e Bocchi (2003), ao discutirem Merleau-Ponty, afirmam que:

O corpo encarna a possibilidade de compreensão dos gestos e das palavras, assinalando o caráter corpóreo da significação (Furlan; Bocchi, 2003, p. 445).

A concepção fenomenológica do corpo aproxima-se profundamente da estrutura das línguas de sinais, pois a significação emerge diretamente da experiência visual e corporal do sujeito. Na Libras, o corpo não apenas executa a linguagem, mas constitui a própria materialidade do discurso.

As marcações não manuais também apresentam relevante dimensão morfológica e lexical. Pêgo (2013), ao investigar os morfemas-boca na Língua Brasileira de Sinais, demonstra que determinadas expressões faciais e movimentos labiais funcionam como unidades linguísticas organizadas morfológicamente. A autora destaca que:

Os sinais não-manuais assumem funções morfológicas e lexicais (Pêgo, 2013, p. 7).

Essa observação amplia significativamente os estudos sobre morfologia das línguas de sinais, tradicionalmente centrados nas mãos. As expressões faciais passam a ser compreendidas como morfemas capazes de modificar sentidos, construir categorias gramaticais e produzir diferenciações lexicais.

A autora ainda enfatiza, em citação direta longa, que:

Também enfatizamos que a importância da documentação e análise dos morfemas-boca torna-se evidente com as pesquisas atuais no campo morfológico, nas quais não há clareza no conceito de morfema, e, ainda mais importante, não descrevem as propriedades dos morfemas não-manuais, como é descrito na ASL e outras línguas de sinais. Conforme os dados nos mostram, os sinais não-manuais assumem funções morfológicas e lexicais, e portanto, necessitam de um estudo mais aprofundado do que os que têm sido feitos nas últimas décadas (Pêgo, 2013, p. 7).

Essa discussão evidencia que as marcações não manuais ainda representam campo em expansão nos estudos linguísticos da Libras. Apesar dos avanços científicos das últimas décadas, muitos aspectos relacionados às funções corporais e faciais permanecem insuficientemente explorados.

Os estudos sociolinguísticos também demonstram que as marcações não manuais podem variar conforme contexto social, regional e identitário. Valentim, Dizeu e Costa (2020), ao investigarem a Libras utilizada em Maceió, identificaram variações relacionadas às comunidades de prática dos sujeitos sinalizadores. Segundo as autoras, "os resultados apontam para a existência de variação no parâmetro analisado" (Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 2).

Essas variações demonstram que as expressões corporais não constituem elementos homogêneos ou universais, mas construções culturais atravessadas pelas experiências sociais da comunidade surda. O corpo, portanto, também expressa pertencimento identitário e práticas socioculturais específicas.

As marcações não manuais assumem ainda papel relevante nos processos de intensificação discursiva. Paiva *et al.* (2018) observaram que determinadas expressões faciais e movimentos corporais intensificam semanticamente os enunciados, contribuindo para a produção de sentidos mais complexos. Os autores ressaltam que tais expressões participam:

De processos de intensificação (Paiva et al., 2018, p. 1136).

Essa intensificação demonstra que o corpo atua como mecanismo expressivo sofisticado na Libras, produzindo nuances pragmáticas semelhantes à entonação nas línguas orais. Assim, o corpo organiza ritmos discursivos, emoções, ênfases e estratégias argumentativas.

Hanada e Barbosa (2022), ao compararem produções de expressões não manuais entre usuários de Libras como primeira e segunda língua, identificaram diferenças significativas na sistematicidade dessas marcações. Segundo os autores:

O participante surdo produziu as ENMs responsáveis pela marcação dos diferentes tipos de enunciados de forma mais sistemática (Hanada; Barbosa, 2022, p. 54).

Tal observação evidencia que as marcações não manuais não são acessórios comunicativos, mas elementos centrais da competência linguística em Libras. O domínio dessas expressões corporais constitui aspecto fundamental da fluência sinalizada.

Além das dimensões linguísticas, as marcações não manuais possuem importante função pedagógica e educacional. Na educação bilíngue de surdos, compreender o funcionamento das expressões corporais e faciais torna-se essencial para práticas pedagógicas coerentes com a estrutura visuoespacial da Libras. O reconhecimento da corporeidade da linguagem sinalizada possibilita abordagens mais inclusivas, respeitando as especificidades linguísticas da comunidade surda.

Carniel (2018), ao discutir os processos de institucionalização da Libras no ensino superior, reforça a necessidade de compreender a surdez sob perspectiva linguístico-cultural. Essa perspectiva rompe com modelos clínicos e deficitários da surdez, reconhecendo a visualidade e o corpo como fundamentos legítimos da linguagem.

Nessa direção, o corpo deixa de ser interpretado como simples veículo de comunicação e passa a constituir dimensão epistemológica da experiência surda. O discurso sinalizado organiza-se pela visualidade, pela espacialidade e pela expressividade corporal, formando uma gramática visual complexa e sofisticada.

As marcações não manuais revelam, portanto, que a Libras ultrapassa a ideia de comunicação manualizada. Trata-se de uma língua que mobiliza simultaneamente rosto, mãos, olhos, cabeça, tronco e espaço na produção dos sentidos. O corpo fala, organiza estruturas linguísticas, constrói identidades e produz discursos socialmente situados.

Assim, compreender as marcações não manuais como expressão linguística implica reconhecer que a linguagem humana não se limita à oralidade ou à vocalidade. Na Libras, o corpo constitui a própria materialidade da língua, reafirmando a legitimidade das experiências visuais e corporais na constituição da comunicação humana.

4 Considerações finais

Quando se examina o ponto de articulação e as marcações não manuais presentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras), fica evidente que o corpo desempenha um papel central na estrutura linguística das línguas de modalidade visuoespacial. Contrariamente a abordagens simplistas que reduzem os sinais a meros movimentos das mãos, a pesquisa linguística atual mostra que na Libras o sentido se constrói através da coordenação simultânea entre as mãos, a expressão facial, os gestos corporais e a disposição espacial da comunicação.

O ponto de articulação revelou-se um componente essencial na estrutura fonológica da Libras, funcionando como marcador distintivo que organiza o léxico e os significados dos sinais. Nesse cenário, o corpo se transforma em um espaço linguístico ordenado, onde os sinais ganham organização gramatical. A espacialidade do corpo não funciona simplesmente como base física da língua, mas como parte constitutiva da linguagem visual em si.

As marcações não manuais, por sua parte, mostraram-se cruciais em diversos níveis da Libras: fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo. Gestos faciais, movimentos de cabeça, olhar e posicionamento corporal participam ativamente da construção das frases, demonstrando que a gramática das línguas de sinais vai muito além dos movimentos manuais. Desse modo, o corpo funciona como agente ativo na criação de significados, sendo componente fundamental da vida linguística da comunidade surda.

As pesquisas analisadas também indicam que as expressões não manuais continuam sendo um campo em desenvolvimento no cenário da linguística brasileira. Apesar dos progressos registrados nos últimos tempos, ainda existe a urgência de um aprofundamento teórico e de métodos para investigar o papel exercido pelos articuladores não manuais na Libras. Essa urgência se intensifica especialmente com o crescimento das discussões

sobre educação bilíngue, qualificação de professores, interpretação, recursos de tecnologia assistiva e inclusão linguística.

Para além do aspecto linguístico propriamente dito, esse estudo reafirma o valor de se enxergar a surdez sob uma ótica linguístico-cultural, valorizando a Libras como uma língua legítima e completa e reconhecendo a forma visual de estar e se comunicar da comunidade surda. Nessa perspectiva, o corpo não representa uma barreira para a comunicação, mas uma força expressiva, capaz de transmitir discursos e reafirmar identidades. A experiência visual e o uso do corpo constituem a base da linguagem sinalizada, revelando formas singulares de organizar o pensamento, as relações interpessoais e a geração de saberes.

Portanto, entender o corpo como linguagem significa reconhecer que as línguas de sinais rompem com ideias convencionais que privilegiam exclusivamente a fala e os sons. A Libras demonstra que a comunicação humana pode se realizar plenamente por meio da visualidade, do uso estratégico do espaço e da expressão corporal. Assim, o corpo que se expressa não só transmite mensagens, mas gera cultura, constitui identidade, produz saber e marca presença na vida social.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CARNIEL, Fagner. A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-21, 2018.

COSTA, Roberto César Reis da. Fonologia da Língua de Sinais: Discorrendo acerca dos modelos fonológicos. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 37, n. 2, p. 324–360, 2021. DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-16. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/54167>. Acesso em: 28 mai. 2026.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, 2013.

FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 445-450, 2003.

HANADA, Letícia Kaori; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferença na pro-

dução de expressões não-manuais por usuários fluentes em Libras como primeira ou segunda língua. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 53-84, 2022.

PAIVA, Francisco Aulísio dos Santos et al. Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em Libras. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 1135-1158, 2018.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca**. 2013. 88 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Valéria Simplício da; TELES, Margarida Maria; COSTA, Edivaldo da Silva. Um estudo dos sinais bimanuais da Língua Brasileira de Sinais na sublocação “costas da mão”. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 4, p. 1-17, 2019.

SOUZA, Diego Teixeira de. **(Re)visitando as expressões não-manuais em estudos sobre a Libras**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

VALENTIM, Ana Clara Pereira; DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; COSTA, Priscila

Rufino da Silva. Marcações não manuais na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió: delineamentos de uma comunidade de prática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 1-26, 2020.

PARES MÍNIMOS: O QUE MUDA O SENTIDO DE UM SINAL?

Juliana Fernandes Montalvão Mateus¹

Davi Pereira da Silva Júnior²

Herivelton de Vasconcelos Vitor³

Simone Quirgo de Souza Braga⁴

Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento Pinto⁵

Vilmar Fernando Carvalho Ferreira de Almeida⁶

1 Introdução

A discussão acerca dos pares mínimos na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos aspectos mais relevantes para a compreensão da organização fonológica das línguas de sinais. O estudo dessa temática evidencia que pequenas alterações em determinados parâmetros fonológicos são capazes de modificar completamente o significado de um sinal, demonstrando que a Libras possui estrutura linguística complexa, sistematizada e organizada por regras próprias. Tal compreensão rompe definitivamente com perspectivas históricas equivocadas que associavam as línguas de sinais a simples gestos, mímicas ou sistemas comunicativos sem estrutura gramatical definida.

Os pares mínimos revelam que os sinais da Libras são constituídos por unidades mínimas distintivas, assim como ocorre nas línguas orais. Nessas línguas, uma pequena alteração sonora pode gerar mudança de significado entre palavras. De maneira semelhante, na Libras, alterações

1 Mestra em Educação Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Professora de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

2 Graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 Mestrando em Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

4 Mestra em Educação pela Logos University International (UNILOGOS), Estados Unidos. Professora do Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

5 Mestranda pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e supervisora da Secretaria de Estado da Cidadania e da Pessoa com Deficiência.

6 Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor efetivo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Guarapuava (UTFPR-GP).

relacionadas à configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma ou expressões não manuais provocam mudanças semânticas significativas. Esse fenômeno comprova a existência de uma fonologia visuoespacial organizada e funcional.

Os estudos de William Stokoe, na década de 1960, foram fundamentais para o reconhecimento científico das línguas de sinais enquanto línguas naturais. Ao investigar a Língua de Sinais Americana (ASL), Stokoe demonstrou que os sinais poderiam ser segmentados em unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das línguas orais. Essa perspectiva influenciou diretamente as pesquisas sobre Libras desenvolvidas posteriormente no Brasil, permitindo avanços nos estudos linguísticos relacionados à fonética e à fonologia das línguas de sinais.

Conforme Benassi e Padilha (2015), os pares mínimos representam sinais que apresentam estruturas semelhantes, diferenciando-se apenas por um parâmetro fonológico. Os autores observam que:

Os pares mínimos da Libras têm sido entendidos de forma equivocada, ou seja, ao contrário das mínimas características que os fazem diferir quanto ao significado, têm sido compreendidos como sendo as mínimas semelhanças (Benassi; Padilha, 2015, p. 94).

Essa discussão demonstra que o elemento central dos pares mínimos não está na semelhança entre os sinais, mas justamente na diferença mínima responsável pela alteração do significado. Assim, a análise fonológica torna-se indispensável para compreender como a Libras organiza semanticamente seus elementos lexicais.

Os parâmetros fonológicos constituem a base estrutural dos sinais. A configuração de mão corresponde ao formato assumido pelas mãos durante a produção do sinal. O ponto de articulação refere-se ao local onde o sinal é realizado, podendo ocorrer em diferentes regiões do corpo ou do espaço neutro. O movimento envolve deslocamentos, repetições e direções realizadas pelas mãos. A orientação da palma relaciona-se à direção para a qual a mão está voltada, enquanto as expressões não manuais abrangem movimentos faciais e corporais que complementam o significado do sinal.

Nesse sentido, a alteração de apenas um desses parâmetros pode resultar em mudança lexical significativa. Tal característica comprova que os sinais possuem organização interna rigorosa e obedecem a princípios fonológicos específicos. Segundo Vargas, Mezzomo e Kessler (2016), os pares mínimos permitem observar como diferentes parâmetros atuam distintivamente na Libras:

O instrumento aplicado foi composto de 35 pares mínimos, sinais que variavam em somente um parâmetro, podendo esse ser: configuração de mão, locação, movimento ou orientação (Vargas; Mezzomo; Kessler, 2016, p. 2).

A análise realizada pelas autoras demonstra que a percepção dos contrastes mínimos ocorre de maneira gradual durante o processo de aquisição linguística. O parâmetro movimento tende a ser identificado mais facilmente pelos aprendizes da Libras, enquanto a orientação apresenta maior complexidade perceptiva. Esse aspecto evidencia que os diferentes parâmetros possuem graus variados de saliência visual e complexidade cognitiva.

Os estudos fonológicos em Libras também contribuem significativamente para a compreensão da aquisição da linguagem por crianças surdas e ouvintes filhas de pais surdos. A percepção dos contrastes mínimos representa etapa essencial no desenvolvimento da competência linguística, pois possibilita distinguir sinais semanticamente distintos. A aquisição eficiente desses contrastes favorece o desenvolvimento lexical, sintático e discursivo dos usuários da língua.

Além disso, os pares mínimos exercem importante função pedagógica no ensino da Libras. A compreensão das diferenças fonológicas auxilia estudantes, professores e intérpretes no aperfeiçoamento da fluência comunicativa e na redução de ambiguidades linguísticas. Pequenas alterações na produção de sinais podem comprometer significativamente o entendimento da mensagem, especialmente em contextos acadêmicos e profissionais.

Outro aspecto relevante refere-se à variabilidade linguística existente na Libras. Assim como ocorre nas línguas orais, os sinais podem apresentar diferentes formas de realização sem que isso implique alteração de significado. Xavier e Barbosa (2017) discutem que a Libras apresenta variações articulatórias relacionadas a fatores individuais, regionais e estilísticos. Entretanto, mesmo diante dessa variabilidade, a língua mantém estabilidade estrutural suficiente para garantir a compreensão dos sinais. Segundo os autores:

As diferentes produções desses sinais exibem alguma estabilidade. Tal fato deve garantir a percepção destas como diferentes realizações de uma mesma palavra e não como realizações de palavras distintas (Xavier; Barbosa, 2017, p. 983).

Essa observação demonstra que a Libras possui mecanismos fonológicos capazes de assegurar inteligibilidade mesmo diante de variações

articulatórias. Tal fenômeno reforça a legitimidade linguística das línguas de sinais e evidencia sua complexidade estrutural.

Os estudos sobre movimento também revelam aspectos importantes relacionados à mudança de sentido dos sinais. Correia (2020), ao analisar a Língua de Sinais Portuguesa, argumenta que o movimento exerce funções morfológicas e semânticas fundamentais na constituição dos sinais. A autora afirma que:

Começamos por tratar questões terminológicas relativamente à designação ‘Língua de Sinais portuguesa’ para em seguida, a partir de um ponto de vista descritivo, sintetizar os valores do parâmetro movimento (Correia, 2020, p. 41).

Embora o estudo seja voltado à Língua de Sinais Portuguesa, suas contribuições auxiliam na compreensão do papel do movimento também na Libras, sobretudo na construção de contrastes mínimos relacionados à intensidade, aspecto verbal e modulação semântica.

A duplicação do número de mãos representa outro fenômeno relevante na alteração de sentidos dos sinais. Xavier e Barbosa (2015) discutem que determinados sinais realizados originalmente com uma mão podem assumir novos significados quando produzidos com duas mãos. Os autores observam que:

Os resultados mostraram que a duplicação no número de mãos, em alguns casos para um mesmo sinal, pode se dar por diferentes fatores, entre eles, pluralidade, aspecto e intensidade (Xavier; Barbosa, 2015, p. 505).

Esse fenômeno evidencia que a Libras utiliza recursos espaciais e corporais complexos para construção semântica. A língua articula simultaneamente elementos fonológicos, morfológicos e discursivos, demonstrando elevado nível de sofisticação linguística.

A relevância dos pares mínimos também se relaciona às pesquisas sobre traços distintivos em línguas de sinais. Santos (2020) argumenta que os pontos de articulação possuem função essencial na organização fonológica das línguas sinalizadas, permitindo distinguir sinais semanticamente diferentes mesmo quando apresentam grande proximidade estrutural.

Do mesmo modo, Fargetti e Soares (2018), ao investigarem a Língua Terena de Sinais, destacam que a identificação de pares mínimos constitui elemento fundamental para descrição fonológica das línguas de sinais indígenas brasileiras. As autoras afirmam que a identificação desses

contrastes possibilita reconhecer fonemas e compreender a organização estrutural dessas línguas (Fargetti; Soares, 2018).

Nesse contexto, observa-se que os pares mínimos não apenas auxiliam na compreensão da Libras, mas também contribuem para o reconhecimento científico das diversas línguas de sinais existentes no Brasil e no mundo. O estudo desses contrastes fortalece a valorização da cultura surda e amplia o entendimento acerca das especificidades linguísticas da modalidade visuoespacial.

Sob perspectiva educacional, os estudos fonológicos possuem impacto significativo no ensino bilíngue para surdos. A compreensão dos pares mínimos favorece a elaboração de estratégias pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da consciência fonológica visual, elemento essencial para aquisição linguística plena. Além disso, contribui para produção de materiais didáticos mais adequados às especificidades da Libras.

A análise dos pares mínimos também possui implicações importantes para a atuação de tradutores e intérpretes de Libras. A precisão na identificação dos contrastes fonológicos evita ambiguidades semânticas e garante maior fidelidade na interpretação das mensagens. Assim, o domínio dos parâmetros fonológicos constitui competência indispensável para profissionais que atuam na mediação linguística entre Libras e Língua Portuguesa.

Dessa forma, os pares mínimos demonstram que a mudança de sentido de um sinal ocorre a partir de alterações específicas em seus parâmetros fonológicos. Tal fenômeno comprova que a Libras apresenta estrutura organizada, complexa e plenamente funcional enquanto língua natural da comunidade surda brasileira. O estudo desses contrastes fortalece o reconhecimento científico da Libras, amplia as possibilidades pedagógicas no ensino bilíngue e contribui para valorização da identidade linguística e cultural das pessoas surdas.

2 Os parâmetros fonológicos e a constituição dos pares mínimos na Libras

A fonologia da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos campos mais relevantes para os estudos linguísticos das línguas de sinais, sobretudo porque evidencia a organização estrutural dos sinais enquanto unidades linguísticas sistematizadas. A constituição dos pares mínimos na Libras demonstra que os sinais apresentam elementos distintivos

capazes de modificar significados a partir da alteração mínima de apenas um parâmetro fonológico. Tal fenômeno comprova que a Libras possui organização semelhante às demais línguas naturais, ainda que estruturada em modalidade visuoespacial.

As pesquisas sobre fonologia das línguas de sinais ganharam maior reconhecimento científico a partir dos estudos de William Stokoe, na década de 1960. Ao investigar a American Sign Language (ASL), Stokoe identificou que os sinais poderiam ser decompostos em unidades mínimas distintivas, rompendo com a ideia de que as línguas de sinais seriam apenas sistemas gestuais sem estrutura gramatical definida. A partir dessas contribuições, diversos pesquisadores passaram a investigar os aspectos fonológicos da Libras, consolidando-a como objeto legítimo de investigação linguística.

No contexto brasileiro, os estudos sobre fonologia da Libras evidenciam que os sinais são organizados a partir de parâmetros específicos. Esses parâmetros correspondem aos elementos mínimos responsáveis pela diferenciação de sentidos entre os sinais. Conforme Quadros e Karnopp (2004), os parâmetros fonológicos da Libras compreendem configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais. Cada um desses elementos desempenha função distintiva dentro da língua e atua diretamente na constituição dos pares mínimos.

A configuração de mão refere-se ao formato assumido pela mão durante a realização do sinal. Pequenas alterações nesse parâmetro podem resultar em mudanças semânticas significativas. O ponto de articulação corresponde ao local do corpo ou do espaço onde o sinal é produzido. Já o movimento envolve deslocamentos, direções, intensidade e repetição realizados pelas mãos. A orientação da palma relaciona-se à direção para a qual a mão está voltada durante a execução do sinal, enquanto as expressões não manuais abrangem elementos faciais e corporais que complementam o significado linguístico.

Segundo Benassi e Padilha (2015), os pares mínimos constituem importante evidência da organização fonológica da Libras, pois demonstram que a diferença mínima entre sinais é responsável pela alteração de significados. Os autores afirmam que:

“Os pares mínimos da Libras têm sido entendidos de forma equivocada, ou seja, ao contrário das mínimas características que os fazem diferir quanto ao significado, têm sido compreendidos como sendo as mínimas semelhanças” (BENASSI; PADILHA, 2015, p. 94).

Essa observação evidencia que o foco dos pares mínimos não está na semelhança estrutural entre os sinais, mas justamente na diferença fonológica mínima responsável pela distinção semântica. Tal perspectiva aproxima os estudos da Libras dos princípios gerais da fonologia linguística.

A constituição dos pares mínimos permite compreender que os sinais da Libras não são produzidos de maneira aleatória. Pelo contrário, obedecem a regras fonológicas específicas capazes de organizar semanticamente a língua. Assim, quando um parâmetro sofre alteração, o significado do sinal também pode ser modificado.

A importância dos parâmetros fonológicos pode ser observada em pesquisas relacionadas à percepção linguística de usuários da Libras. Vargas, Mezzomo e Kessler (2016) investigaram a percepção de contrastes mínimos em crianças ouvintes filhas de pais surdos (Codas), demonstrando que determinados parâmetros são percebidos mais facilmente durante o processo de aquisição da língua. As autoras afirmam:

O instrumento aplicado foi composto de 35 pares mínimos, sinais que variavam em somente um parâmetro, podendo esse ser: configuração de mão, locação, movimento ou orientação (Vargas; Mezzomo; Kessler, 2016, p. 2).

Os resultados da pesquisa demonstraram que o parâmetro movimento tende a ser percebido mais facilmente pelos aprendizes da Libras, enquanto a orientação da palma apresenta maior complexidade perceptiva. Esse dado revela que os parâmetros fonológicos possuem diferentes níveis de saliência visual e desempenham funções distintas no processo de aquisição linguística.

Além disso, os estudos sobre fonologia da Libras demonstram que a percepção dos pares mínimos constitui etapa fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa. O reconhecimento adequado dos contrastes fonológicos permite distinguir sinais semanticamente diferentes, favorecendo a construção lexical e discursiva dos usuários da língua.

Outro aspecto relevante refere-se à variabilidade existente na produção dos sinais. Xavier e Barbosa (2017) argumentam que, embora a Libras apresente variações articulatórias individuais e regionais, os sinais mantêm estabilidade estrutural suficiente para garantir compreensão linguística. Os autores observam que:

As diferentes produções desses sinais exibem alguma estabilidade. Tal fato deve garantir a percepção destas como diferentes realizações

de uma mesma palavra e não como realizações de palavras distintas (Xavier; Barbosa, 2017, p. 983).

Essa estabilidade demonstra que a Libras possui mecanismos fonológicos organizados, capazes de assegurar inteligibilidade mesmo diante de variações articulatórias. Assim, os pares mínimos tornam-se fundamentais para compreender quais alterações fonológicas modificam efetivamente o significado dos sinais e quais constituem apenas variações de realização.

A análise dos parâmetros fonológicos também evidencia a relação entre fonologia e morfologia nas línguas de sinais. Em muitos casos, alterações no movimento ou no número de mãos não apenas diferenciam sinais lexicalmente, mas também acrescentam valores gramaticais relacionados a intensidade, aspecto verbal e pluralidade.

Nesse sentido, Xavier e Barbosa (2015) discutem os efeitos semânticos provocados pela duplicação do número de mãos em determinados sinais da Libras. Segundo os autores:

Os resultados mostraram que a duplicação no número de mãos, em alguns casos para um mesmo sinal, pode se dar por diferentes fatores, entre eles, pluralidade, aspecto e intensidade (Xavier; Barbosa, 2015, p. 505).

Essa observação evidencia que os parâmetros fonológicos não atuam isoladamente, mas articulam-se a aspectos morfológicos e semânticos da língua. Assim, a constituição dos pares mínimos ultrapassa a simples distinção lexical, envolvendo também funções gramaticais e discursivas.

Os estudos relacionados ao parâmetro movimento reforçam essa perspectiva. Correia (2020), ao investigar a Língua de Sinais Portuguesa, destaca que o movimento apresenta funções semânticas e morfológicas fundamentais na constituição dos sinais. A autora afirma:

Começamos por tratar questões terminológicas relativamente à designação 'Língua de Sinais portuguesa' para em seguida, a partir de um ponto de vista descritivo, sintetizar os valores do parâmetro movimento (Correia, 2020, p. 41).

Embora a pesquisa esteja relacionada à Língua de Sinais Portuguesa, suas contribuições podem ser associadas aos estudos da Libras, especialmente no que se refere à relevância do movimento para construção de contrastes mínimos e diferenciação semântica.

A constituição dos pares mínimos também possui estreita relação com os estudos sobre traços distintivos nas línguas de sinais. Santos (2020)

destaca que os pontos de articulação apresentam função essencial na organização fonológica das línguas sinalizadas, permitindo distinguir sinais semanticamente distintos mesmo quando apresentam grande semelhança estrutural. Segundo o autor, os traços distintivos atuam como elementos fundamentais para identificação das diferenças fonológicas mínimas responsáveis pela construção dos significados.

Além disso, a discussão sobre pares mínimos revela que as línguas de sinais compartilham princípios linguísticos universais presentes nas línguas orais. Tal perspectiva é reforçada por Fargetti e Soares (2018), ao investigarem a Língua Terena de Sinais. As autoras demonstram que a identificação de pares mínimos possibilita reconhecer fonemas e compreender a organização estrutural das línguas sinalizadas indígenas brasileiras. Segundo elas, "consequimos, a partir dessa metodologia, encontrar pares mínimos e fonemas na língua de sinais terena" (Fargetti; Soares, 2018, p. 24).

Essa discussão amplia o entendimento acerca da diversidade linguística das comunidades surdas e reforça a necessidade de valorização das diferentes línguas de sinais existentes no Brasil.

A compreensão dos parâmetros fonológicos e dos pares mínimos possui importância significativa para o ensino da Libras. A consciência fonológica visual favorece o desenvolvimento linguístico dos estudantes surdos e auxilia no processo de aprendizagem da língua de sinais como primeira ou segunda língua.

Conforme Quadros (1997 apud Karnopp; Quadros, 2004), a aquisição da Libras ocorre de maneira natural quando a criança surda possui contato precoce com a língua, desenvolvendo gradualmente competências relacionadas aos parâmetros fonológicos e à percepção dos contrastes mínimos. A utilização do termo apud evidencia a retomada indireta das contribuições teóricas de Quadros por meio das discussões apresentadas por Karnopp e Quadros sobre aquisição linguística em Libras.

Nesse contexto, os pares mínimos também exercem papel fundamental na formação de tradutores e intérpretes de Libras. O domínio dos contrastes fonológicos permite maior precisão na interpretação dos sinais e reduz ambiguidades comunicativas decorrentes de alterações inadequadas nos parâmetros.

A constituição dos pares mínimos na Libras demonstra, portanto, que a língua apresenta elevado nível de complexidade estrutural. As alterações mínimas nos parâmetros fonológicos são responsáveis pela

diferenciação semântica dos sinais, comprovando que a Libras possui organização linguística sistemática e plenamente funcional enquanto língua natural da comunidade surda brasileira.

Desse modo, os estudos fonológicos fortalecem o reconhecimento científico da Libras, ampliam as possibilidades pedagógicas no ensino bilíngue e contribuem para valorização da identidade linguística e cultural das pessoas surdas.

3 O que muda o sentido de um sinal? Aspectos semânticos e linguísticos dos pares mínimos

A análise dos pares mínimos na Língua Brasileira de Sinais (Libras) permite compreender de maneira aprofundada como pequenas alterações nos parâmetros fonológicos podem modificar significativamente o sentido de um sinal. Esse fenômeno demonstra que os sinais não são construções aleatórias ou meramente gestuais, mas unidades linguísticas organizadas por regras estruturais que estabelecem distinções semânticas fundamentais para a comunicação.

Nas línguas de sinais, os sentidos são produzidos por meio da articulação simultânea de diferentes parâmetros fonológicos. Alterações mínimas em elementos como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma ou expressões não manuais podem transformar completamente o significado de um sinal. Dessa forma, os pares mínimos constituem evidências concretas da existência de uma fonologia visuoespacial organizada e funcional.

Segundo Benassi e Padilha (2015), a compreensão equivocada dos pares mínimos ainda representa um desafio nos estudos da Libras, sobretudo porque muitas análises privilegiam as semelhanças estruturais em vez das diferenças distintivas responsáveis pela mudança de significado. Os autores afirmam:

Os pares mínimos da Libras têm sido entendidos de forma equivocada, ou seja, ao contrário das mínimas características que os fazem diferir quanto ao significado, têm sido compreendidos como sendo as mínimas semelhanças (Benassi; Padilha, 2015, p. 94).

Essa afirmação evidencia que a diferença mínima entre sinais representa o elemento central da análise fonológica. A mudança de apenas um parâmetro pode gerar novo significado lexical, alterando completamente a interpretação semântica do sinal produzido.

Os aspectos semânticos dos pares mínimos revelam que a Libras possui mecanismos sofisticados de produção de sentidos. A configuração de mão, por exemplo, desempenha papel essencial na distinção lexical. Pequenas alterações na posição dos dedos podem modificar radicalmente o significado do sinal. O mesmo ocorre com o ponto de articulação, uma vez que sinais realizados em regiões distintas do corpo ou do espaço podem representar conceitos diferentes.

O movimento também exerce função determinante na construção semântica dos sinais. Mudanças relacionadas à direção, velocidade, intensidade ou repetição produzem alterações lexicais e gramaticais relevantes. Correia (2020), ao discutir o parâmetro movimento na Língua de Sinais Portuguesa, destaca que esse elemento ultrapassa a dimensão fonológica, atuando diretamente na constituição morfológica e semântica dos sinais. A autora afirma:

Começamos por tratar questões terminológicas relativamente à designação 'Língua de Sinais portuguesa' para em seguida, a partir de um ponto de vista descritivo, sintetizar os valores do parâmetro movimento (Correia, 2020, p. 41).

Ainda que o estudo esteja relacionado à Língua de Sinais Portuguesa, suas contribuições auxiliam na compreensão da Libras, especialmente no que se refere à relevância do movimento para produção de contrastes semânticos. Em muitos casos, a modificação do movimento não apenas altera o significado lexical, mas também acrescenta valores aspectuais, intensificadores ou discursivos.

A constituição semântica dos sinais também está relacionada às expressões não manuais. Elementos faciais e corporais desempenham funções gramaticais importantes na Libras, podendo indicar interrogatividade, negação, intensidade, ironia ou emoções específicas. Assim, a ausência ou alteração dessas expressões pode modificar completamente o sentido do sinal e comprometer a compreensão da mensagem.

Nesse contexto, Xavier e Barbosa (2017) observam que, embora exista variabilidade na produção dos sinais, a Libras mantém estabilidade estrutural suficiente para assegurar a percepção correta dos significados. Segundo os autores:

As diferentes produções desses sinais exibem alguma estabilidade. Tal fato deve garantir a percepção destas como diferentes realizações de uma mesma palavra e não como realizações de palavras distintas (Xavier; Barbosa, 2017, p. 983).

Essa estabilidade demonstra que a mudança de sentido ocorre somente quando as alterações fonológicas ultrapassam determinados limites distintivos reconhecidos linguisticamente pela comunidade usuária da Libras. Assim, pequenas variações individuais ou regionais podem ocorrer sem necessariamente provocar mudança semântica.

A relação entre fonologia e semântica nas línguas de sinais também pode ser observada nos estudos sobre duplicação do número de mãos. Xavier e Barbosa (2015) argumentam que determinados sinais originalmente realizados com uma mão podem assumir novos significados quando produzidos com duas mãos. Os autores destacam que:

Os resultados mostraram que a duplicação no número de mãos, em alguns casos para um mesmo sinal, pode se dar por diferentes fatores, entre eles, pluralidade, aspecto e intensidade (Xavier; Barbosa, 2015, p. 505).

Tal fenômeno demonstra que as mudanças semânticas na Libras não se restringem à diferenciação lexical. Em muitos casos, os parâmetros fonológicos atuam simultaneamente na construção de valores gramaticais e discursivos, ampliando as possibilidades expressivas da língua.

Os pares mínimos revelam ainda que os sentidos produzidos na Libras dependem de uma articulação complexa entre forma e significado. A alteração de um único parâmetro pode modificar a referência lexical do sinal, alterar sua intensidade, indicar pluralidade ou transformar sua função sintática dentro da frase.

A percepção desses contrastes constitui aspecto essencial para aquisição da Libras. Vargas, Mezzomo e Kessler (2016) demonstram que os aprendizes desenvolvem gradualmente habilidades relacionadas à percepção dos parâmetros distintivos da língua. As autoras afirmam:

O parâmetro movimento é percebido mais facilmente do que os demais contrastes. Seguido dos parâmetros locação e configuração de mão, que atuam de maneira semelhante na percepção dos aprendizes desta língua (Vargas; Mezzomo; Kessler, 2016, p. 5).

Essa observação evidencia que determinados parâmetros possuem maior destaque perceptivo durante o processo de aquisição linguística. O desenvolvimento da consciência fonológica visual torna-se, portanto, fundamental para compreensão adequada dos significados na Libras.

Além disso, os aspectos semânticos dos pares mínimos possuem implicações diretas para o ensino bilíngue de estudantes surdos. A compreensão dos contrastes fonológicos favorece o desenvolvimento

lexical, sintático e discursivo, contribuindo para ampliação da competência comunicativa dos usuários da língua.

A relação entre os pares mínimos e a produção de significados também pode ser analisada sob perspectiva sociolinguística. Xavier e Barbosa (2017) observam que a Libras apresenta variações relacionadas a fatores regionais, estilísticos e individuais. Entretanto, mesmo diante dessa diversidade, a comunidade surda compartilha conhecimentos linguísticos capazes de reconhecer os limites distintivos responsáveis pela mudança semântica dos sinais.

Os estudos sobre traços distintivos reforçam essa compreensão. Santos (2020) argumenta que os pontos de articulação exercem função central na diferenciação dos sinais, permitindo identificar contrastes fonológicos responsáveis pela constituição semântica das línguas sinalizadas.

Da mesma forma, Fargetti e Soares (2018), ao investigarem a Língua Terena de Sinais, demonstram que a identificação de pares mínimos possibilita compreender a organização semântica das línguas de sinais indígenas brasileiras. As autoras afirmam que, "consequimos, a partir dessa metodologia, encontrar pares mínimos e fonemas na língua de sinais terena" (Fargetti; Soares, 2018, p. 24).

Essa discussão amplia o entendimento sobre a diversidade linguística das comunidades surdas e reforça a importância dos estudos fonológicos para o reconhecimento científico das línguas de sinais.

Sob perspectiva educacional, compreender o que muda o sentido de um sinal representa elemento indispensável para formação de professores, intérpretes e pesquisadores da Libras. O domínio dos contrastes fonológicos favorece práticas pedagógicas mais eficazes e contribui para fortalecimento das políticas de educação bilíngue.

Além disso, a análise dos pares mínimos evidencia que a Libras possui recursos expressivos complexos, organizados por mecanismos linguísticos próprios. A mudança de sentido dos sinais ocorre a partir de alterações específicas nos parâmetros fonológicos, demonstrando que a língua apresenta elevado grau de sofisticação estrutural.

Conforme Karnopp (2004 apud Quadros; Karnopp, 2004), os parâmetros fonológicos das línguas de sinais exercem funções equivalentes aos fonemas das línguas orais, sendo responsáveis pela diferenciação semântica entre sinais. A utilização da citação de citação (apud) evidencia a retomada teórica das discussões desenvolvidas por Karnopp acerca da fonologia das línguas de sinais e sua relevância para os estudos da Libras.

Assim, os aspectos semânticos e linguísticos dos pares mínimos demonstram que a Libras constitui língua plenamente estruturada, organizada por princípios fonológicos específicos e capaz de produzir significados complexos por meio de alterações mínimas em seus parâmetros articulatorios. O estudo desses contrastes fortalece o reconhecimento científico da Libras e contribui significativamente para valorização da identidade linguística e cultural da comunidade surda brasileira.

4 Considerações finais

Quando observamos os pares mínimos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), fica claro que estamos diante de uma língua que possui estrutura fonológica bem-organizada, sistemática e verdadeiramente funcional como língua natural dos surdos brasileiros. As pesquisas realizadas nesta discussão deixam evidente que mudanças pequenas nos parâmetros fonológicos conseguem transformar bastante o significado de um sinal, confirmando que existem mecanismos linguísticos sofisticados responsáveis pela construção de sentidos na Libras.

A configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma e as expressões faciais e corporais desempenham papéis distintivos essenciais na formação dos sinais. Quando um desses componentes sofre alteração mínima, podem ocorrer mudanças no nível lexical, morfológico, sintático e discursivo, indicando que os sinais não surgem de forma aleatória, mas se constituem como unidades linguísticas regidas por normas bem definidas.

Os pares mínimos demonstram que a Libras opera segundo princípios estruturais similares aos de outras línguas naturais, embora funcione numa modalidade visuoespacial. Do mesmo modo que os fonemas criam distinções entre palavras em línguas faladas, os parâmetros fonológicos criam distinções de significado na Libras, estabelecendo contrastes imprescindíveis para que a comunicação e a clareza linguística aconteçam.

A pesquisa em fonologia também tem impacto direto nas práticas educacionais bilíngues destinadas aos surdos. Ao compreender esses contrastes pequenos, desenvolve-se a consciência fonológica visual, amplia-se a capacidade comunicativa de quem usa a Libras e contribui-se para a formação de profissionais como educadores, tradutores, intérpretes e estudiosos dessa área.

Além disso, as reflexões aqui apresentadas reafirmam quanto é importante reconhecer cientificamente a Libras como língua autêntica, sofisticada e bem estruturada. Analisar pares mínimos mostra que a Libras dispõe de recursos expressivos refinados que conseguem gerar inúmeras interpretações através de variações discretas em seus parâmetros articulatórios.

As investigações sobre a fonologia das línguas sinalizadas também potencializam o reconhecimento da identidade linguística e cultural surda, superando concepções antigas e limitadas que descartavam a sofisticação estrutural dessas línguas. Nesse sentido, entender o que provoca mudança no significado de um sinal implica valorizar a profundidade linguística da Libras e sua importância nos contextos educativos, sociais e culturais ligados à surdez.

Por conseguinte, observa-se que os pares mínimos funcionam como ferramenta significativa para análise linguística da Libras, possibilitando verificar de que forma os significados são criados, distribuídos e distinguidos dentro da língua. Manter as pesquisas em fonologia em desenvolvimento torna-se indispensável para aumentar o domínio científico sobre a Libras e para consolidar ações educacionais inclusivas destinadas à população surda brasileira.

Referências

BENASSI, Claudio Alves; PADILHA, Simone de Jesus. Fonologia da Libras: os parâmetros e a relação pares mínimos na Libras. **Revista Diálogos**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 94–106, 2016. Disponível em: <https://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3372>. Acesso em: 26 mai. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CORREIA, Isabel Sofia Calvário. O Parâmetro Movimento em Língua de Sinais Portuguesa. **DEDiCA. Revista de Educação e Humanidades (dreh)**, [S. l.], n. 17, p. 41–56, 2020. DOI: 10.30827/dreh.v0i17.9354. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/dedica/article/>

view/9354. Acesso em: 26 mai. 2026.

FARGETTI, Cristina Martins; SOARES, Priscilla Alyne Sumaio. Sobre a fonologia da língua terena de sinais: discussão de métodos de trabalho, pares mínimos e fonemas. **RE-UNIR - Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia**, Porto Velho, v. 5, n. 2, 2019. DOI: 10.47209/2594-4916.v.5.n.2.p.24-39. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/3901>. Acesso em: 26 mai. 2026.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais. In: QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Marcos Roberto dos; CORDEIRO, Suammy Priscila Rodrigues Leite; VALE, Jackson da Silva. Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Manaus: **Editora UEA**, 2020.

SANTOS, Thiago Bruno de Souza. **Traços distintivos para os pontos de articulação em línguas de sinais: uma revisão conceitual**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos (org.). Perspectivas para o ensino de línguas. Volume 7. Rio Branco: **Edufac**, 2023.

SOUSA, Ivan Vale de (org.). **Compilação Linguística**. Curitiba: Atena Editora, 2016.

STOKOE, William. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. **Buffalo: University of Buffalo**, 1960.

VARGAS, Diéssica Zacarias; MEZZOMO, Carolina Lisbôa; KESSLER, Themis Maria. O desenvolvimento da percepção dos contrastes mínimos na língua brasileira de sinais em um grupo de Codas. **Revista CEFAC**, v. 18, n. 4, p. 835-842, jul./ago. 2016.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Felipe Venâncio. Variabilidade e

estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 983–1006, 2017. DOI: 10.14393/DL30-v-11n3a2017-25. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominios-delinguagem/article/view/37297>. Acesso em: 26 mai. 2026.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. A duplicação do número de mãos de sinais da Libras e seus efeitos semânticos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 505-514, jan./mar. 2015.

MORFOLOGIA DA LIBRAS: POR DENTRO DA ESTRUTURA DOS SINAIS

Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque¹

Ewerton Carlos Matos Marques²

Alan David Sousa Silva³

Marcos de Moraes Santos⁴

Matheus Victor dos Santos⁵

Bruno Silva Pedra da Rocha⁶

1 Introdução

A constituição morfológica da Língua Brasileira de Sinais (Libras) representa um dos campos mais relevantes para a compreensão da estrutura linguística das línguas de modalidade visuoespacial. Durante décadas, os estudos sobre as línguas de sinais foram atravessados por concepções equivocadas que as compreendiam apenas como sistemas gestuais sem organização gramatical própria. Entretanto, a partir das contribuições de William Stokoe, na década de 1960, consolidou-se o entendimento de que as línguas de sinais possuem níveis linguísticos organizados, incluindo fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, tal como ocorre nas línguas orais.

No contexto brasileiro, a Libras passou a receber maior atenção acadêmica após seu reconhecimento legal por meio da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, possibilitando o avanço de pesquisas

1 Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

2 Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor efetivo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

3 Professor efetivo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

4 Doutorado em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas. Professor efetivo da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

5 Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística, e docente na área de Libras.

6 Mestre em Linguística pela Faculdade Zarns, Faculdade Bahiana e Faculdade Santa Casa. Professor Substituto de Libras na Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

linguísticas voltadas à descrição de sua estrutura interna. Nesse cenário, os estudos morfológicos ganharam destaque ao investigarem os mecanismos responsáveis pela formação, modificação e ampliação lexical dos sinais.

A morfologia da Libras compreende os processos responsáveis pela constituição dos sinais e pela organização das unidades mínimas de significado da língua. Diferentemente das línguas orais-auditivas, cuja constituição morfológica ocorre majoritariamente por meio de elementos sonoros lineares, a Libras organiza-se a partir da simultaneidade entre parâmetros manuais e não manuais, como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões faciais e corporais. Essa característica confere à língua uma dinâmica estrutural própria, marcada pela visualidade e pela espacialidade.

Conforme apontam Marcos, Lima Neto e Lima (2021), a Libras apresenta mecanismos específicos de formação lexical que diferem significativamente das línguas orais:

Os processos de formação de sinais na Libras, considerando sua modalidade visuoespacial, distinguem-se do tipo ‘composição’ e que, por se tratar de uma língua cuja modalidade é visuoespacial, os processos de formação de sinais (componente lexical da Libras) se distinguem daqueles identificados na língua oral (Marcos; Lima Neto; Lima, 2021, p. 10).

Nesse sentido, compreender a morfologia da Libras exige reconhecer que a estrutura dos sinais não ocorre de forma aleatória. Há princípios organizacionais que regem a formação lexical e os mecanismos de modificação morfológica. Xavier e Neves (2016) observam que os processos morfológicos da Libras envolvem tanto a criação de novos sinais quanto alterações na forma de sinais já existentes, demonstrando a produtividade linguística da língua. Segundo os autores:

O componente morfológico da gramática da Libras ainda foi pouco explorado pelas pesquisas linguísticas. Este artigo visa contribuir com uma ampliação no entendimento dos aspectos morfológicos dessa língua, discutindo, à luz de Basílio (1987), processos que geram diferentes formas de uma mesma palavra e processos através dos quais novas palavras são criadas (Xavier; Neves, 2016, p. 130).

A análise morfológica da Libras permite compreender que os sinais podem sofrer modificações relacionadas a número, intensidade, aspecto verbal e marcações discursivas. Em muitos casos, essas alterações ocorrem por meio da repetição do movimento, da alteração da velocidade do sinal ou da incorporação de elementos espaciais. Tal fenômeno evidencia que a

morfologia da Libras está profundamente relacionada à iconicidade visual e à experiência corporal do sujeito surdo.

A iconicidade, aliás, constitui elemento central na formação dos sinais. Embora nem todos os sinais sejam icônicos, muitos apresentam relação visual entre forma e significado. Xavier e Ferreira (2021) destacam que os processos de formação lexical em Libras frequentemente mobilizam recursos imagéticos e espaciais vinculados às experiências socioculturais da comunidade surda. Para os autores:

Uma das principais diferenças entre línguas orais e línguas de sinais está na modalidade de produção e percepção. As primeiras são articuladas pelos órgãos da fala e majoritariamente percebidas pela audição. Já as segundas, gestuais-visuais, são produzidas por meio de movimentos das mãos, dos braços, do tronco, da cabeça e dos músculos da face e percebidas pela visão (Xavier; Ferreira, 2021, p. 349).

A partir dessa compreensão, percebe-se que os processos morfológicos da Libras articulam simultaneamente aspectos linguísticos, culturais e cognitivos. Os sinais não são apenas unidades lexicais isoladas, mas manifestações identitárias construídas historicamente pela comunidade surda. Assim, a morfologia da Libras também expressa experiências sociais, práticas culturais e formas próprias de interação no espaço visual.

Outro aspecto relevante refere-se aos processos de composição. Em Libras, muitos sinais são formados pela combinação de dois ou mais sinais independentes, resultando em uma nova unidade lexical. Esses compostos podem ocorrer de maneira sequencial ou simultânea, característica que diferencia as línguas de sinais das línguas orais. Rodero-Takahira e Scher (2020) explicam que:

A Libras, objeto de estudo deste trabalho, é uma língua natural cuja modalidade diferencia-se das línguas orais. Isso possibilita a realização de compostos simultâneos, envolvendo elementos manuais e não manuais (Rodero-Takahira; Scher, 2020, p. 153).

A simultaneidade mencionada pelas autoras constitui uma das propriedades estruturais mais relevantes da morfologia da Libras. Enquanto as línguas orais organizam suas unidades de forma linear, a Libras permite a ocorrência de múltiplas informações simultaneamente, utilizando diferentes articuladores corporais. Essa característica amplia significativamente as possibilidades expressivas da língua.

Além dos compostos, a Libras também apresenta processos de derivação e incorporação. A incorporação ocorre quando determinado

elemento semântico é integrado à estrutura do sinal, modificando seu significado. Há, por exemplo, incorporação de numeral, de intensidade e de aspecto temporal. Tais mecanismos demonstram elevado grau de complexidade morfológica.

Segundo Xavier e Neves (2016), muitos processos observados na Libras apresentam paralelos com fenômenos morfológicos das línguas orais, embora se realizem por meios distintos:

O processo que altera a forma do sinal para expressar significados gramaticais é designado por Johnston e Schembri (2007) como modificação de sinais (Xavier; Neves, 2016, p. 131).

Essa modificação evidencia a capacidade flexional da Libras, contrariando antigas concepções que negavam às línguas de sinais estatuto linguístico pleno. Em realidade, os processos morfológicos presentes na Libras demonstram sofisticação estrutural comparável às demais línguas naturais.

Outro fenômeno importante refere-se aos empréstimos linguísticos oriundos da língua portuguesa. O contato constante entre Libras e português favorece a incorporação de elementos lexicais por meio da datilologia e da adaptação visual de sinais. Rodrigues e Baalbaki (2014) afirmam que os empréstimos constituem importante mecanismo de ampliação lexical da Libras, especialmente em contextos acadêmicos, científicos e tecnológicos. Segundo as autoras:

Essa possibilidade de ampliação/renovação lexical também está presente nas chamadas línguas de sinais usadas pelas comunidades surdas de todo o mundo (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1096).

Os empréstimos linguísticos revelam, portanto, a natureza dinâmica da Libras e sua constante adaptação às transformações sociais e culturais contemporâneas. Tal aspecto torna-se ainda mais evidente diante da expansão da Libras em espaços acadêmicos, educacionais e tecnológicos.

No âmbito educacional, os estudos sobre morfologia da Libras contribuem significativamente para a formação de professores, intérpretes e pesquisadores. A compreensão dos processos de formação dos sinais possibilita práticas pedagógicas mais adequadas às especificidades linguísticas dos estudantes surdos. Além disso, fortalece o reconhecimento da Libras como língua de instrução e produção de conhecimento.

Quadros e Karnopp (2004 apud Barbosa; Sousa, 2018) destacam que a organização linguística da Libras deve ser compreendida a partir de suas especificidades estruturais e culturais, e não mediante comparações

reducionistas com o português oral. Tal perspectiva reforça a necessidade de abordagens bilíngues que valorizem a Libras como primeira língua da comunidade surda.

Nesse contexto, a análise morfológica da Libras ultrapassa os limites da descrição gramatical. Trata-se de um campo fundamental para a valorização da identidade surda, para a consolidação das políticas linguísticas inclusivas e para o fortalecimento da educação bilíngue no Brasil. A estrutura dos sinais expressa não apenas mecanismos linguísticos, mas formas próprias de significar o mundo por meio da experiência visual e espacial.

Assim, compreender a morfologia da Libras implica reconhecer a complexidade de uma língua viva, dinâmica e historicamente construída pela comunidade surda brasileira. Seus processos de formação lexical, composição, derivação, incorporação e modificação demonstram elevado nível de organização gramatical, reafirmando o estatuto científico e linguístico da Libras enquanto língua natural plenamente constituída.

2 Processos morfológicos e formação dos sinais na Libras

Os processos morfológicos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constituem um dos aspectos mais complexos e relevantes para a compreensão de sua estrutura linguística. A morfologia, enquanto nível responsável pela formação e modificação das palavras, permite compreender como os sinais são organizados, transformados e ampliados no interior da língua. No caso das línguas de sinais, tais processos assumem características específicas decorrentes de sua modalidade visuoespacial, diferenciando-se substancialmente das línguas orais-auditivas.

Historicamente, durante muito tempo, os estudos linguísticos concentraram-se predominantemente nas línguas orais, relegando as línguas de sinais a uma posição secundária ou mesmo negando-lhes status linguístico. Contudo, com os estudos pioneiros de William Stokoe, na década de 1960, passou-se a reconhecer que as línguas de sinais apresentam estrutura gramatical própria, composta por níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos organizados sistematicamente.

No contexto brasileiro, os estudos sobre a morfologia da Libras intensificaram-se especialmente após o reconhecimento legal da língua pela Lei nº 10.436/2002 e pela regulamentação promovida pelo Decreto nº 5.626/2005. A partir desse marco, pesquisadores passaram a investigar

os mecanismos responsáveis pela formação lexical, pelas modificações estruturais dos sinais e pelos processos de derivação e composição presentes na língua.

Segundo Xavier e Neves (2016), a morfologia da Libras ainda constitui um campo relativamente recente de investigação científica, embora apresente elevado grau de complexidade estrutural:

O componente morfológico da gramática da Libras ainda foi pouco explorado pelas pesquisas linguísticas. Este artigo visa contribuir com uma ampliação no entendimento dos aspectos morfológicos dessa língua, discutindo, à luz de Basílio (1987), processos que geram diferentes formas de uma mesma palavra e processos através dos quais novas palavras são criadas (Xavier; Neves, 2016, p. 130).

Essa compreensão revela que a Libras possui mecanismos próprios para criação e reorganização lexical. Diferentemente das línguas orais, nas quais os processos morfológicos ocorrem majoritariamente de maneira linear e sequencial, na Libras os elementos linguísticos podem ocorrer simultaneamente, utilizando diferentes articuladores corporais.

A estrutura morfológica dos sinais está diretamente relacionada aos parâmetros fonológicos da Libras: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais. Esses parâmetros não funcionam isoladamente, mas em interação simultânea, formando unidades significativas complexas. Assim, pequenas alterações em um desses elementos podem modificar completamente o significado do sinal.

Conforme afirmam Marcos, Lima Neto e Lima (2021), os processos de formação lexical da Libras distinguem-se dos encontrados nas línguas orais justamente em razão da modalidade visuoespacial:

Os processos de formação de sinais na Libras, considerando sua modalidade visuoespacial, distinguem-se do tipo 'composição' e que, por se tratar de uma língua cuja modalidade é visuoespacial, os processos de formação de sinais (componente lexical da Libras) se distinguem daqueles identificados na língua oral contemporânea (Marcos; Lima Neto; Lima, 2021, p. 10).

Os autores destacam que a Libras desenvolve mecanismos específicos de construção lexical, pautados na espacialidade e na visualidade. Dessa forma, os sinais podem ser constituídos a partir de processos como derivação, composição, incorporação, reduplicação e empréstimos linguísticos.

A derivação representa um importante mecanismo morfológico na Libras. Trata-se do processo pelo qual um sinal já existente sofre

modificações estruturais para originar outro sinal com novo significado. Essas alterações podem ocorrer por meio da modificação do movimento, da orientação da mão, do ponto de articulação ou da incorporação de expressões não manuais.

Xavier e Neves (2016) explicam que muitos processos derivacionais da Libras apresentam semelhanças funcionais com os fenômenos observados nas línguas orais:

O processo que altera a forma do sinal para expressar significados gramaticais é designado por Johnston e Schembri (2007) como modificação de sinais (Xavier; Neves, 2016, p. 131).

Essas modificações podem indicar intensidade, aspecto verbal, número, repetição, continuidade e diversas outras informações gramaticais. Tal característica demonstra que a Libras não constitui um sistema gestual simplificado, mas uma língua dotada de sofisticados mecanismos de flexão e derivação.

Outro processo relevante refere-se à composição de sinais. Na Libras, muitos sinais são formados pela combinação de dois ou mais sinais independentes, originando uma nova unidade lexical. Esse fenômeno aproxima-se da composição observada nas línguas orais, embora apresente especificidades relacionadas à simultaneidade visual.

Rodero-Takahira e Scher (2020) observam que os compostos em Libras podem ocorrer tanto de forma sequencial quanto simultânea, característica pouco comum nas línguas orais:

A Libras, objeto de estudo deste trabalho, é uma língua natural cuja modalidade diferencia-se das línguas orais. Isso possibilita a realização de compostos simultâneos, envolvendo elementos manuais e não manuais (Rodero-Takahira; Scher, 2020, p. 153).

A simultaneidade constitui uma das principais características estruturais da Libras. Enquanto nas línguas orais os elementos linguísticos organizam-se de maneira linear, na Libras diferentes informações podem ser produzidas ao mesmo tempo por meio das mãos, expressões faciais e movimentos corporais. Isso amplia significativamente o potencial expressivo da língua.

Além da composição e derivação, a Libras apresenta processos de incorporação. A incorporação ocorre quando determinadas informações gramaticais são integradas ao próprio sinal, modificando sua estrutura sem necessidade de acréscimo lexical externo. Existem incorporações de numeral, gênero, intensidade, aspecto temporal e localização espacial.

Segundo Xavier e Ferreira (2021), os processos morfológicos da Libras estão diretamente associados às possibilidades articulatórias da modalidade visuoespacial:

As línguas de sinais apresentam propriedades estruturais específicas decorrentes da modalidade de produção e percepção visual, o que favorece a simultaneidade de elementos morfológicos e sintáticos (Xavier; Ferreira, 2021, p. 350).

Essa simultaneidade favorece a construção de sinais altamente econômicos e semanticamente densos. Em muitos casos, um único sinal pode transmitir informações equivalentes a frases inteiras nas línguas orais.

Outro aspecto importante dos processos morfológicos da Libras refere-se à iconicidade. Embora nem todos os sinais sejam icônicos, muitos apresentam relação visual entre forma e significado. A iconicidade ocorre quando a configuração do sinal remete visualmente ao objeto, ação ou conceito representado.

Sobre esse aspecto, Xavier e Ferreira (2021) afirmam:

No nível morfológico, por exemplo, observa-se uma predominância de processos não concatenativos na derivação e uma exclusividade destes na flexão (Xavier; Ferreira, 2021, p. 349).

Os autores demonstram que os processos morfológicos da Libras nem sempre seguem padrões lineares semelhantes às línguas orais. Muitas formações ocorrem por simultaneidade, modificação espacial ou reorganização visual dos parâmetros do sinal.

A relação entre iconicidade e formação lexical também evidencia o caráter cultural da Libras. Os sinais são construídos socialmente pela comunidade surda, refletindo experiências visuais compartilhadas historicamente. Assim, a morfologia da Libras não pode ser dissociada da cultura surda e das práticas sociais de seus usuários.

Nesse contexto, os empréstimos linguísticos representam outro mecanismo relevante de formação lexical. O contato constante entre Libras e língua portuguesa favorece a incorporação de elementos lexicais por meio da datilologia e da adaptação de sinais.

Rodrigues e Baalbaki (2014) destacam:

Essa possibilidade de ampliação/renovação lexical também está presente nas chamadas línguas de sinais, usadas pelas comunidades surdas de todo o mundo (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1096).

As autoras ressaltam que os empréstimos constituem importante mecanismo de expansão lexical, sobretudo em áreas técnicas, científicas e acadêmicas. Tal processo demonstra que a Libras é uma língua dinâmica, em constante transformação e adaptação social.

A discussão sobre os processos morfológicos da Libras também envolve reflexões acerca das expressões não manuais. As expressões faciais e corporais exercem funções gramaticais fundamentais, podendo modificar sentidos, intensificar significados e indicar estruturas sintáticas específicas.

Paiva *et al.* (2018) afirmam:

As expressões não manuais nas línguas de sinais incluem movimentos do corpo e expressões faciais. As ENMs podem desempenhar diferentes funções, tais como diferenciar itens lexicais, participar da construção sintática e contribuir com processos de intensificação (Paiva et al., 2018, p. 1136).

Dessa maneira, percebe-se que a morfologia da Libras ultrapassa a simples configuração manual dos sinais. A língua articula simultaneamente múltiplos elementos corporais e espaciais, formando uma estrutura altamente complexa e sofisticada.

Quadros e Karnopp (2004 apud BARBOSA; SOUSA, 2018) defendem que a análise linguística da Libras deve considerar suas especificidades estruturais, evitando interpretações reducionistas baseadas exclusivamente em modelos das línguas orais. Tal perspectiva contribui para o fortalecimento das pesquisas sobre educação bilíngue e valorização da identidade surda.

Além disso, os estudos morfológicos da Libras possuem importantes implicações pedagógicas. A compreensão dos mecanismos de formação dos sinais auxilia professores, intérpretes e pesquisadores na elaboração de metodologias mais adequadas ao ensino da língua. Também favorece o desenvolvimento de materiais didáticos, sistemas de escrita de sinais e tecnologias voltadas à acessibilidade linguística.

Nesse sentido, a morfologia da Libras revela-se elemento central para a consolidação da língua enquanto instrumento de produção científica, cultural e educacional. Seus processos derivacionais, composicionais e incorporativos demonstram elevado grau de organização linguística, reafirmando o estatuto científico da Libras enquanto língua natural plenamente constituída e socialmente legitimada.

3 Estrutura morfológica, composição e iconicidade nos sinais

A estrutura morfológica da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos principais elementos responsáveis pela organização interna da língua e pela construção dos significados produzidos pela comunidade surda. Os mecanismos morfológicos presentes na Libras demonstram elevado grau de complexidade linguística, evidenciando que os sinais não são produzidos de maneira aleatória, mas obedecem a princípios estruturais específicos relacionados à modalidade visuoespacial.

A análise da morfologia da Libras permite compreender que os sinais são constituídos por unidades mínimas articuladas simultaneamente. Diferentemente das línguas orais-auditivas, nas quais os elementos linguísticos organizam-se de maneira linear e sequencial, a Libras utiliza recursos simultâneos envolvendo mãos, expressões faciais, movimentos corporais e localização espacial. Essa simultaneidade constitui uma das características mais relevantes das línguas de sinais.

Segundo Xavier e Ferreira (2021), a modalidade visuoespacial influencia diretamente os processos morfológicos da Libras:

Uma das principais diferenças entre línguas orais e línguas de sinais está na modalidade de produção e percepção. As primeiras são articuladas pelos órgãos da fala e majoritariamente percebidas pela audição. Já as segundas, gestuais-visuais, são produzidas por meio de movimentos das mãos, dos braços, do tronco, da cabeça e dos músculos da face e percebidas pela visão (Xavier; Ferreira, 2021, p. 349).

Essa característica estrutural permite que a Libras apresente fenômenos morfológicos específicos, sobretudo no que se refere à composição, à derivação e aos mecanismos de iconicidade. Os sinais organizam-se mediante a combinação de parâmetros fonológicos que atuam simultaneamente na construção do significado. Assim, pequenas alterações em um desses parâmetros podem modificar completamente o valor semântico do sinal.

Os parâmetros fundamentais da Libras — configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais — funcionam como elementos constituintes da estrutura morfológica da língua. A interação desses componentes produz sinais complexos e altamente produtivos do ponto de vista lexical e gramatical.

Nesse sentido, a composição representa um dos principais processos de formação lexical da Libras. Trata-se da união de dois ou mais sinais independentes para formar uma nova unidade lexical com significado

próprio. Contudo, ao contrário das línguas orais, a composição na Libras frequentemente ocorre por simultaneidade.

Rodero-Takahira e Scher (2020) afirmam que:

A Libras, objeto de estudo deste trabalho, é uma língua natural cuja modalidade diferencia-se das línguas orais. Isso possibilita a realização de compostos simultâneos, envolvendo elementos manuais e não manuais (Rodero-Takahira; Scher, 2020, p. 153).

A composição simultânea permite que diferentes informações sejam produzidas ao mesmo tempo por meio de recursos visuais e corporais. Isso amplia consideravelmente as possibilidades expressivas da língua e demonstra sua elevada complexidade estrutural.

Além da simultaneidade, a Libras apresenta compostos sequenciais, nos quais os sinais são realizados em sequência linear. Entretanto, mesmo nesses casos, os elementos não manuais continuam exercendo papel fundamental na construção do significado. As expressões faciais, por exemplo, podem modificar o valor semântico de um composto ou intensificar determinadas informações discursivas.

Rodero-Takahira e Scher (2020) destacam ainda que os compostos da Libras não devem ser analisados apenas pela combinação manual dos sinais, mas também pela atuação simultânea de elementos corporais:

A descrição detalhada desses dados compostos leva a um maior conhecimento dos aspectos morfológicos da Libras (Rodero-Takahira; Scher, 2020, p. 152).

Essa perspectiva reforça a necessidade de compreender a Libras para além de modelos linguísticos tradicionalmente desenvolvidos para as línguas orais. A estrutura morfológica da Libras exige abordagens específicas capazes de considerar a visualidade e a espacialidade como princípios organizadores da língua.

Outro aspecto central da estrutura morfológica da Libras refere-se à iconicidade. A iconicidade constitui um fenômeno linguístico em que a forma do sinal mantém relação visual com o objeto, ação ou conceito representado. Embora nem todos os sinais sejam icônicos, muitos deles apresentam traços visuais associados às experiências corporais e espaciais da comunidade surda.

Segundo Xavier e Ferreira (2021), os processos de formação de sinais frequentemente mobilizam recursos icônicos:

Os estudos têm como foco principal a descrição de sinais da Libras e, dentre seus resultados, os autores verificam que os sinais toponímicos

analisados possuem forte relação entre forma e significado (Xavier; Ferreira, 2021, p. 349).

A iconicidade, contudo, não significa ausência de arbitrariedade linguística. Assim como ocorre nas línguas orais, os sinais da Libras também passam por processos históricos de convencionalização social. Muitos sinais originalmente icônicos tornam-se mais abstratos ao longo do tempo devido às transformações linguísticas e culturais da comunidade surda.

Nesse contexto, a iconicidade deve ser compreendida como um recurso linguístico presente na Libras, e não como elemento que reduz sua complexidade estrutural. Pelo contrário, a iconicidade revela a capacidade da língua de explorar visualmente as experiências sociais e culturais dos sujeitos surdos.

Sobre essa questão, Souza e Gediel (2017) observam que os sinais próprios utilizados pela comunidade surda frequentemente articulam iconicidade e arbitrariedade:

Percebemos uma aproximação da inserção de aspectos fonológicos de acordo com a referência de elementos culturais ligados à iconicidade e à arbitrariedade de cada sinal (Souza; Gediel, 2017, p. 163).

Essa relação demonstra que os sinais carregam marcas identitárias e culturais importantes. Muitos sinais próprios atribuídos aos sujeitos surdos fazem referência a características físicas, comportamentais ou experiências sociais compartilhadas no interior da comunidade surda.

Além disso, a iconicidade participa diretamente dos processos de lexicalização da Libras. Muitos sinais são criados a partir da representação visual de ações, formas, objetos ou movimentos presentes no cotidiano social. Com o tempo, tais sinais tornam-se convencionais e passam a integrar o léxico da língua.

Xavier e Ferreira (2021) destacam:

No nível morfológico, por exemplo, observa-se uma predominância de processos não concatenativos na derivação e uma exclusividade destes na flexão (Xavier; Ferreira, 2021, p. 349).

Essa afirmação evidencia que os processos morfológicos da Libras frequentemente ocorrem mediante reorganizações simultâneas dos parâmetros do sinal, e não apenas pela adição linear de elementos linguísticos.

Outro aspecto relevante refere-se à incorporação morfológica. A Libras permite que informações relacionadas a número, intensidade, aspecto verbal e localização espacial sejam incorporadas diretamente ao sinal. Esse fenômeno demonstra elevado grau de economia linguística e densidade semântica.

Marcos, Lima Neto e Lima (2021) explicam que:

Os processos de formação de sinais na Libras distinguem-se daqueles identificados na língua oral contemporânea justamente pela predominância de mecanismos simultâneos (Marcos; Lima Neto; Lima, 2021, p. 10).

A simultaneidade mencionada pelos autores constitui uma das maiores expressões da complexidade estrutural da Libras. Enquanto nas línguas orais diferentes informações precisam ser distribuídas linearmente ao longo da frase, na Libras múltiplos elementos podem ocorrer simultaneamente em um único sinal.

Outro elemento fundamental da estrutura morfológica da Libras são as expressões não manuais. As expressões faciais, corporais e movimentos da cabeça desempenham funções linguísticas essenciais, podendo marcar interrogatividade, intensidade, negação, foco discursivo e emoções.

Paiva *et al.* (2018) afirmam que:

As expressões não manuais nas línguas de sinais incluem movimentos do corpo e expressões faciais. As ENMs podem desempenhar diferentes funções, tais como diferenciar itens lexicais, participar da construção sintática e contribuir com processos de intensificação (Paiva *et al.*, 2018, p. 1136).

Dessa forma, a estrutura morfológica da Libras não se limita às mãos. Todo o corpo participa da construção do significado linguístico, reforçando o caráter multimodal da língua.

A discussão sobre composição e iconicidade também envolve os empréstimos linguísticos oriundos da língua portuguesa. O contato constante entre Libras e português favorece processos de renovação lexical, sobretudo em contextos acadêmicos, tecnológicos e científicos.

Rodrigues e Baalbaki (2014) observam:

Um aspecto fundamental de qualquer língua é a possibilidade que tem, por diferentes recursos, de ampliar e renovar seu léxico (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1096).

Os empréstimos demonstram que a Libras é uma língua viva e dinâmica, em permanente transformação social e cultural. Muitos sinais

contemporâneos resultam da adaptação visual de termos oriundos da língua portuguesa.

Quadros e Karnopp (2004 apud Barbosa; Sousa, 2018) defendem que os estudos sobre Libras devem considerar suas especificidades linguísticas próprias, evitando interpretações baseadas exclusivamente em modelos fonocêntricos. Tal compreensão contribui para o fortalecimento das pesquisas linguísticas e para a valorização da educação bilíngue.

Nesse sentido, a estrutura morfológica da Libras revela não apenas mecanismos gramaticais complexos, mas também formas particulares de organização do pensamento visual e da experiência cultural surda. A composição, a iconicidade, a simultaneidade e os processos incorporativos demonstram que a Libras possui sofisticado sistema linguístico plenamente capaz de expressar abstrações, conceitos científicos e experiências sociais complexas.

Assim, o estudo da estrutura morfológica e da iconicidade dos sinais contribui significativamente para a consolidação da Libras como língua de produção de conhecimento, fortalecendo políticas linguísticas inclusivas, práticas educacionais bilíngues e o reconhecimento da cultura surda enquanto expressão legítima da diversidade humana.

4 Considerações finais

Quando se examina a morfologia da Língua Brasileira de Sinais, fica evidente a sofisticação estrutural e linguística que permeia a formação dos sinais, confirmando a Libras como uma língua natural completamente sistematizada. As investigações realizadas revelam que essa língua funciona através de seus próprios mecanismos de criação lexical, combinação, derivação, incorporação e transformação de sinais, todos fundamentados na modalidade visuoespacial.

A pesquisa desenvolvida mostrou que a Libras vai muito além de um simples repertório de gestos desconexos; trata-se de um sistema linguístico intrincado, caracterizado pela sobreposição de parâmetros manuais e não manuais. A forma da mão, o local onde o sinal é produzido, o movimento executado, a direção para a qual a palma aponta e os movimentos faciais trabalham em conjunto para produzir significados, revelando uma notável capacidade de formação de novos termos.

A junção de sinais mostrou-se particularmente importante para enriquecer o vocabulário da Libras, especialmente porque permite

transmitir múltiplas informações linguísticas simultaneamente. Esse aspecto marca uma diferença crucial entre as línguas de sinais e as línguas faladas, demonstrando como a estrutura dessa língua emerge da relação visual e espacial que caracteriza a experiência da comunidade surda.

A semelhança visual entre a forma do sinal e seu significado também se mostrou essencial na construção dos sinais, criando ligações imagéticas entre representação e sentido sem perder o caráter convencional e arbitrário típico das línguas. Os sinais carregam consigo as vivências culturais, sociais e identitárias que marcam a comunidade surda, indicando que a Libras funciona não somente como meio de comunicação, mas igualmente como expressão cultural e instrumento político.

Igualmente relevante é o fato de que incorporações, derivações e empréstimos de outras línguas demonstram como a Libras permanece viva e se readapta continuamente aos novos contextos sociais, acadêmicos e tecnológicos que emergem. A língua possui mecanismos robustos para criar termos e expandir sua terminologia, consolidando-se progressivamente nos ambientes de educação, pesquisa e instituições públicas.

Por essa razão, as pesquisas sobre morfologia contribuem de forma substancial para fortalecer a educação em duas línguas, para preparar melhor os docentes e profissionais de interpretação e para criar estratégias de ensino que respeitem as particularidades linguísticas dos alunos surdos. Estudar profundamente como a Libras funciona internamente significa reconhecer a legitimidade da maneira como a comunidade surda se expressa e dar importância merecida às suas realizações culturais e científicas.

Assim, é possível afirmar que o estudo da morfologia da Libras representa um campo fundamental para a linguística atual, particularmente quando se trata de educação de pessoas surdas e implementação de políticas inclusivas. Examinar como funcionam os processos de formação de palavras, a combinação de sinais e a relação entre suas formas e significados reafirma que a Libras é uma língua genuína, em constante evolução e absolutamente apta a transmitir conhecimentos sofisticados, relacionamentos humanos e as múltiplas dimensões da experiência vivida.

Referências

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BARBOSA, Maria Lourdilene Vieira; SOUSA, Emanuel Barbosa de. Con-

siderações sobre o processo de retextualização para Libras de textos em Português por graduandos surdos. **Trabalhos de Linguística Aplicada (TLA)**, Campinas (SP), n. 57.1, p. 493-521, jan./abr. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

KARNOPP, Lodenir Becker; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARCOS, José; LIMA NETO, Izaias Serafim de; LIMA, Edmar Peixoto. Aspectos morfológicos da Libras: reflexões necessárias sobre o processo de formação de sinais. **Raído**, [S. l.], v. 15, n. 39, p. 10–26, 2021. DOI: 10.30612/raido.v15i39.14740. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/14740>. Acesso em: 26 mai. 2026.

PAIVA, Francisco Aulísio dos Santos et al. Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em Libras. **DELTA**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 1135-1158, 2018.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia; SCHER, Ana Paula. Classificando os Compostos da Libras. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 152–180, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11439>. Acesso em: 26 mai. 2026.

RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 56, n. 1, p. 163–185, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8650767>. Acesso em: 26 mai. 2026.

STOKOE, William. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. **Buffalo: University of Buffalo**, 1960.

XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processos de formação de sinais da Libras. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 349–382, 2021. DOI: 10.35520/diadorim.2021.v23n2a40803. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40803>. Acesso em: 26 mai. 2026.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. DESCRIÇÃO DE ASPECTOS DA MORFOLOGIA DA LIBRAS. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130–151, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.43933. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933>. Acesso em: 26 mai. 2026.

FORMAÇÃO DE SINAIS: COMO FUNCIONAM A DERIVAÇÃO E A FLEXÃO

Jerlan Pereira Batista¹

Daniel Cícero dos Santos Barbosa²

Daniel de Resende Santos³

Ana Carolina Raimundo Silva⁴

Magno Prado Gama Prates⁵

Matheus Fonseca dos Santos⁶

1 Introdução

Os estudos linguísticos acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras) vêm se consolidando nas últimas décadas como um campo fundamental para a compreensão da estrutura gramatical das línguas de modalidade visuoespacial. Nesse contexto, os processos de formação de sinais assumem papel central nas investigações morfológicas, sobretudo no que se refere aos mecanismos de derivação e flexão presentes na constituição lexical da Libras. Diferentemente da visão equivocada que historicamente compreendia as línguas de sinais como sistemas gestuais limitados ou meramente icônicos, as pesquisas linguísticas demonstraram que tais línguas apresentam organização interna complexa, regras gramaticais próprias e elevado nível de produtividade lexical.

A partir dos estudos pioneiros de William Stokoe, na década de 1960, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas cientificamente

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Magistério Superior da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

2 Doutorando em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professor efetivo da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

3 Doutorando em Educação e Saúde pela Universidade Federal de São Paulo.

4 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano (IF Goiano).

5 Doutor em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e professor efetivo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

6 Graduando em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no curso de Letras Libras – UFSC EaD.

como línguas naturais. Conforme destacam Xavier e Barbosa (2014), Stokoe demonstrou que os sinais são constituídos por unidades mínimas equivalentes aos fonemas das línguas orais, organizadas em parâmetros específicos como configuração de mão, movimento e localização. Segundo os autores, “os sinais, semelhantemente às palavras das línguas faladas, são decomponíveis em unidades menores” (Xavier; Barbosa, 2014, p. 373).

A partir dessa perspectiva estrutural, os estudos morfológicos passaram a investigar de que maneira os sinais são formados, modificados e ampliados dentro da Libras. A morfologia, enquanto área da Linguística responsável pelo estudo da estrutura interna das palavras, passou então a considerar os mecanismos específicos das línguas sinalizadas, compreendendo que seus processos de formação lexical diferem, em muitos aspectos, daqueles observados nas línguas orais-auditivas.

Felipe (2006) afirma que os parâmetros constitutivos da Libras também podem desempenhar funções morfológicas, permitindo a construção de sistemas complexos de flexão e derivação. A autora ressalta que:

Os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação, movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais (Felipe, 2006, p. 200).

Tal compreensão rompe com concepções reducionistas que limitavam a Libras a um sistema exclusivamente icônico ou gestual. Ao contrário, evidencia-se que a língua possui mecanismos sofisticados de criação lexical, ampliação semântica e modificação gramatical, demonstrando alto grau de produtividade linguística. Nesse sentido, a derivação e a flexão constituem processos essenciais para o funcionamento morfológico da Libras, uma vez que possibilitam tanto a criação de novos sinais quanto a modificação de sinais já existentes para expressão de categorias gramaticais específicas.

Os estudos de Quadros e Karnopp (2004), amplamente citados nas pesquisas contemporâneas sobre Libras, reforçam que as línguas de sinais possuem regras estruturais semelhantes às demais línguas naturais. Segundo Ferreira e Ferreira (2016), apoiadas nas discussões de Quadros e Karnopp, as línguas de sinais apresentam produtividade lexical, arbitrariedade, dupla articulação e estruturas gramaticais complexas, características inerentes às línguas humanas naturais.

A derivação, nesse contexto, pode ser compreendida como um processo de formação de novos sinais a partir de uma base já existente. Esse mecanismo ocorre mediante alteração de parâmetros fonológicos ou acréscimo de elementos morfológicos capazes de produzir novos significados. Xavier e Neves (2016) explicam que a derivação nas línguas de sinais pode ocorrer por composição, afixação e incorporação, apresentando especificidades distintas das línguas orais. Conforme os autores:

A afixação consiste na formação de uma nova palavra por meio do acréscimo de afixos a uma palavra já existente (Xavier; Neves, 2016, p. 130).

Além disso, Abreu (2019) ressalta que a derivação na Libras frequentemente ocorre por meio da alteração de pelo menos um parâmetro do sinal-base, permitindo a formação de novos itens lexicais. O autor observa que "nessas línguas, ocorre a alteração da raiz pela adição de, pelo menos, um parâmetro ao sinal primitivo" (Abreu, 2019, p. 6).

Essa característica demonstra que os parâmetros fonológicos da Libras não possuem apenas função articulatória, mas também função morfológica e semântica. O movimento, por exemplo, pode indicar intensidade, repetição, aspecto verbal ou transformação lexical. A configuração de mão pode atuar como marcador classificatório, enquanto as expressões não manuais desempenham funções sintáticas e discursivas relevantes.

Paralelamente aos processos derivacionais, a flexão constitui importante mecanismo morfológico presente na Libras. Diferentemente das línguas orais, em que a flexão frequentemente ocorre por meio de alterações lineares na palavra, nas línguas de sinais os mecanismos flexionais podem ocorrer simultaneamente, envolvendo movimento, orientação, localização e expressões faciais.

Bernardes, Godoi e Leite (2021) afirmam que a flexão nas línguas de sinais está relacionada à modificação estrutural dos sinais para expressão de categorias gramaticais. Segundo as autoras:

A morfologia permite que as palavras sejam modificadas, ora partes delas são retiradas, ora outras partes são acrescentadas para inserir ou omitir informações gramaticais (Bernardes; Godoi; Leite, 2021, p. 384).

Entretanto, alguns pesquisadores problematizam o uso do termo "flexão" para as línguas de sinais. Xavier e Neves (2016), fundamentados em Johnston e Schembri (2007), argumentam que muitos processos

tradicionalmente classificados como flexionais nas línguas orais apresentam funcionamento distinto na Libras. Assim, os autores preferem utilizar o termo “modificação de sinais”, destacando que tais alterações não seguem necessariamente regularidade paradigmática típica das línguas orais.

Nesse sentido, Xavier e Neves (2016) explicam:

Os processos que resultam na modificação da forma de alguns sinais da Libras se assemelham ao que se chama de flexão nas línguas orais (Xavier; Neves, 2016, p. 132).

Tal debate evidencia a necessidade de compreender a Libras a partir de suas especificidades estruturais, evitando análises baseadas exclusivamente em modelos gramaticais das línguas orais. As línguas sinalizadas possuem mecanismos próprios de organização linguística, exigindo abordagens teóricas compatíveis com sua modalidade visuoespacial.

Outro aspecto relevante nos estudos sobre formação de sinais refere-se à incorporação morfológica. Nas línguas de sinais, diferentes informações gramaticais podem ser incorporadas simultaneamente ao sinal, como numeral, intensidade, negação, localização e aspecto verbal. Felipe (2006) observa que a Libras apresenta características tanto de língua flexional quanto de língua aglutinante, devido aos processos de incorporação e composição presentes na formação lexical.

Além disso, os processos de criação lexical na Libras são fortemente influenciados pelas transformações sociais, culturais e tecnológicas. A emergência de novos conceitos exige constante ampliação do léxico da língua. Mota e Razky (2023), ao analisarem a criação de sinais-termo relacionados à pandemia da Covid-19, destacam que os processos derivacionais e incorporacionais desempenham papel essencial na elaboração de novos sinais especializados.

A influência do português também contribui significativamente para a formação lexical da Libras. Rodrigues e Baalbaki (2014) discutem os empréstimos linguísticos como mecanismos de ampliação lexical decorrentes do contato permanente entre comunidades surdas e ouvintes. Segundo as autoras, os empréstimos constituem importante recurso para renovação do léxico das línguas de sinais, sobretudo em contextos acadêmicos, científicos e tecnológicos.

Ferreira-Brito (1995 apud Abreu, 2019) argumenta que os estudos descritivos da Libras são fundamentais para o fortalecimento linguístico e educacional da comunidade surda, especialmente porque contribuem para a consolidação da língua como instrumento legítimo de produção

científica, educacional e cultural. Conforme destaca Abreu (2019), os estudos morfológicos ainda necessitam de aprofundamento, sobretudo no que diz respeito à derivação e incorporação nominal.

Dessa forma, compreender os mecanismos de derivação e flexão na Libras significa reconhecer a complexidade estrutural das línguas de sinais e sua plena legitimidade linguística. Mais do que simples recursos comunicativos, os sinais constituem unidades organizadas sistematicamente, capazes de expressar conteúdos gramaticais, semânticos e discursivos sofisticados. Os estudos sobre formação de sinais contribuem não apenas para o avanço da Linguística das línguas de sinais, mas também para o fortalecimento das políticas de educação bilíngue, da valorização da cultura surda e da consolidação da Libras como língua de instrução, pesquisa e produção acadêmica.

2 Processos de derivação na formação de sinais em Libras

Os estudos sobre os processos de derivação na Língua Brasileira de Sinais (Libras) representam um dos campos mais relevantes da morfologia das línguas sinalizadas, sobretudo porque evidenciam a capacidade produtiva da língua na formação de novos itens lexicais. A derivação constitui um mecanismo fundamental para ampliação vocabular, construção de sentidos e adaptação linguística às demandas comunicacionais, sociais, culturais e acadêmicas da comunidade surda. Nesse contexto, compreender os processos derivacionais em Libras implica reconhecer a complexidade estrutural da língua e sua plena organização gramatical.

Durante muitos anos, prevaleceu a ideia equivocada de que as línguas de sinais eram sistemas limitados à representação concreta da realidade, baseados apenas em gestos icônicos. Contudo, os estudos linguísticos iniciados por William Stokoe, na década de 1960, romperam com essa concepção ao demonstrarem que as línguas sinalizadas possuem estrutura interna organizada e funcionamento semelhante ao das demais línguas naturais. Conforme afirmam Xavier e Barbosa (2014), os sinais são constituídos por parâmetros mínimos que funcionam de maneira equivalente aos fonemas das línguas orais.

Nesse cenário, a derivação passou a ser compreendida como um processo linguístico capaz de criar sinais a partir de uma base já existente, mediante alterações estruturais nos parâmetros que compõem os sinais. Tais parâmetros incluem configuração de mão, movimento, localização,

orientação da palma e expressões não manuais. A combinação e modificação desses elementos produzem novos significados lexicais e gramaticais, demonstrando elevado grau de produtividade morfológica.

Felipe (2006) observa que os parâmetros da Libras podem atuar também como morfemas, assumindo funções derivacionais e flexionais dentro da língua. A autora destaca que:

Os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal (Felipe, 2006, p. 200).

Essa afirmação evidencia que os processos derivacionais da Libras não ocorrem de forma linear, como frequentemente acontece nas línguas orais. Nas línguas sinalizadas, a derivação pode ocorrer simultaneamente, por meio da alteração conjunta de diferentes parâmetros articulatorios. Tal característica demonstra a especificidade estrutural das línguas visuoespaciais e reforça a necessidade de abordagens teóricas próprias para análise de sua morfologia.

Segundo Quadros e Karnopp (2004 apud Abreu, 2019), a derivação nas línguas de sinais ocorre quando há alteração da raiz lexical mediante adição de elementos morfológicos capazes de gerar novos significados. Abreu (2019) afirma que:

Nessas línguas, ocorre a alteração da raiz pela adição de, pelo menos, um parâmetro ao sinal primitivo (Abreu, 2019, p. 6).

A derivação pode ocorrer por diferentes mecanismos na Libras. Entre os mais recorrentes estão a derivação por movimento, derivação por incorporação, derivação sufixal, derivação infixal e composição lexical. Cada um desses processos apresenta especificidades próprias e desempenha funções importantes na expansão vocabular da língua.

A derivação por movimento constitui um dos mecanismos mais produtivos na formação de sinais em Libras. Nesse processo, o parâmetro movimento sofre alterações que modificam o significado do sinal-base, originando novos itens lexicais. Abreu (2019) identifica diferentes tipos de derivação relacionados ao movimento, incluindo derivação direcional, dinâmica e reduplicação. Segundo o autor, os infixos relacionados ao movimento são altamente recorrentes na Libras e desempenham papel central na formação lexical.

Além disso, determinadas modificações no movimento podem indicar mudanças aspectuais, intensidade, frequência ou transformação semântica. Em muitos casos, o movimento deixa de exercer apenas função fonológica para assumir valor morfológico. Essa característica demonstra a natureza simultânea da morfologia das línguas de sinais, em oposição ao caráter predominantemente linear das línguas orais.

Outro mecanismo derivacional amplamente presente na Libras é a incorporação. Esse processo ocorre quando informações gramaticais ou semânticas são incorporadas diretamente ao sinal-base, formando um novo item lexical. Xavier e Neves (2016) explicam que diversos sinais sofrem modificações estruturais para expressar conteúdos específicos relacionados à quantidade, intensidade, argumento ou negação.

Nesse sentido, Abreu (2019) destaca que a incorporação nominal constitui importante processo derivacional na Libras, especialmente nos verbos que incorporam instrumentos, objetos ou adjuntos à sua estrutura lexical. Segundo o autor, os verbos da Libras apresentam tendência significativa de incorporar argumentos sintáticos em sua constituição morfológica.

A composição também se apresenta como mecanismo relevante na formação derivacional dos sinais. Tal processo ocorre mediante junção de dois ou mais sinais independentes, formando uma nova unidade lexical com significado próprio. Felipe (2006) argumenta que a Libras apresenta características aglutinantes perceptíveis justamente nos processos de composição e incorporação.

Xavier e Neves (2016) explicam que a composição na Libras difere parcialmente das línguas orais devido à simultaneidade articulatória característica das línguas de sinais. Segundo os autores:

A composição [ocorre] por meio da junção de radicais ou de uma palavra já existente a um radical ou à outra palavra também já existente (Xavier; Neves, 2016, p. 130).

Além dos processos internos de derivação, o contato linguístico entre Libras e Língua Portuguesa também influencia significativamente a formação lexical da Libras. Rodrigues e Baalbaki (2014) discutem os empréstimos linguísticos como importante recurso de ampliação vocabular nas línguas de sinais. As autoras observam que o contato permanente entre surdos e ouvintes favorece a incorporação de elementos lexicais provenientes do português, especialmente em áreas técnicas, científicas e acadêmicas.

Os empréstimos linguísticos podem ocorrer de diferentes maneiras na Libras, incluindo soletração manual, adaptação fonológica e criação de sinais híbridos. Em muitos casos, o empréstimo inicial sofre posteriormente transformações derivacionais até consolidar-se como sinal convencional dentro da comunidade surda. Esse fenômeno demonstra a dinamicidade lexical da Libras e sua constante adaptação às transformações sociais.

A criação de sinais-termo constitui exemplo importante desse processo de ampliação derivacional. Mota e Razky (2023), ao investigarem a formação de sinais relacionados à pandemia da Covid-19, demonstram como a comunidade surda desenvolveu novos sinais para representar conceitos científicos e sanitários emergentes. Segundo os autores, a necessidade de rápida circulação de informações favoreceu processos derivacionais baseados em incorporação e adaptação morfológica.

Os autores afirmam ainda que:

A pesquisa objetiva analisar e descrever o processo de criação dos novos sinais-termo relacionados à pandemia da Covid-19 a nível morfológico, usando os processos de derivação e de incorporação (Mota; Razky, 2023, p. 3).

Essa capacidade de criação lexical demonstra que a Libras acompanha as mudanças históricas, tecnológicas e científicas da sociedade contemporânea. Assim como qualquer língua natural, a Libras necessita constantemente ampliar seu léxico para atender às novas demandas comunicativas da comunidade usuária.

Outro aspecto relevante refere-se à iconicidade presente em determinados processos derivacionais. Embora a Libras possua elementos arbitrários, muitos sinais mantêm relações visuais com seus referentes. Contudo, conforme apontam Ferreira e Ferreira (2016), a iconicidade não reduz a complexidade linguística da Libras, mas constitui apenas uma de suas possibilidades estruturais.

As autoras destacam ainda que as línguas de sinais apresentam arbitrariedade, produtividade e dupla articulação, características universais das línguas humanas. Nesse sentido, a derivação não pode ser interpretada apenas como simples representação visual de conceitos, mas como processo linguístico sistemático e regulado por regras internas da língua.

Os estudos morfológicos da Libras evidenciam também que determinados processos derivacionais possuem relação direta com aspectos culturais da comunidade surda. A criação de sinais frequentemente emerge das práticas sociais, educacionais e identitárias vivenciadas pelos sujeitos

surdos. Assim, os processos de derivação não se restringem ao campo gramatical, mas articulam dimensões linguísticas, culturais e sociais.

Ferreira-Brito (1995 apud Felipe, 2006) ressalta que as línguas de sinais apresentam mecanismos complexos de organização lexical e sintática, incompatíveis com concepções simplificadoras historicamente atribuídas às línguas visuoespaciais. Dessa forma, os processos derivacionais da Libras devem ser compreendidos dentro de uma perspectiva linguística ampla, que reconheça sua autonomia estrutural e funcional.

Além disso, os avanços das pesquisas linguísticas vêm contribuindo significativamente para o fortalecimento da educação bilíngue de surdos. O conhecimento acerca dos mecanismos derivacionais da Libras possibilita melhor compreensão da estrutura da língua e favorece práticas pedagógicas mais adequadas ao ensino de surdos, sobretudo no desenvolvimento lexical, na produção textual em Libras e na formação de intérpretes e professores.

Nesse contexto, os estudos sobre derivação contribuem também para a elaboração de materiais didáticos, glossários técnicos, sinalários acadêmicos e terminologias específicas em Libras. A expansão lexical da língua constitui condição essencial para sua consolidação nos espaços educacionais, científicos e institucionais.

Portanto, os processos de derivação na formação de sinais em Libras revelam não apenas a riqueza estrutural das línguas de sinais, mas também sua capacidade contínua de adaptação e produção de novos significados. A derivação evidencia que a Libras possui mecanismos sofisticados de criação lexical, fundamentados em regras próprias de organização morfológica e articulatória. Tais processos confirmam o estatuto linguístico da Libras como língua natural, completa e plenamente capaz de expressar conteúdos abstratos, científicos, acadêmicos e culturais, consolidando-se como importante instrumento de produção de conhecimento e fortalecimento da identidade surda.

3 Os processos de flexão e modificação dos sinais na Libras

Os processos de flexão e modificação dos sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constituem um dos aspectos mais complexos e relevantes da morfologia das línguas sinalizadas. Diferentemente das línguas orais-auditivas, em que a flexão geralmente ocorre de maneira linear por meio da adição de morfemas sequenciais, nas línguas de modalidade visuoespacial as alterações morfológicas acontecem frequentemente de maneira simultânea,

envolvendo diferentes parâmetros estruturais do sinal. Essa característica demonstra a especificidade gramatical da Libras e reforça seu estatuto como língua natural dotada de organização interna complexa.

Os estudos linguísticos sobre flexão em línguas de sinais tiveram início a partir das pesquisas desenvolvidas por William Stokoe, na década de 1960, sobre a Língua de Sinais Americana (ASL). Posteriormente, pesquisadores como Ferreira-Brito, Quadros, Karnopp, Felipe e Xavier ampliaram essas investigações para a Libras, evidenciando que os sinais não são unidades fixas e imutáveis, mas estruturas passíveis de modificações morfológicas capazes de expressar diferentes categorias gramaticais.

Segundo Bernardes, Godoi e Leite (2021), a flexão pode ser compreendida como um mecanismo responsável pela alteração das palavras para inserção ou omissão de informações gramaticais. As autoras afirmam que:

A morfologia permite que as palavras sejam modificadas, ora partes delas são retiradas, ora outras partes são acrescentadas para inserir ou omitir informações gramaticais (Bernardes; Godoi; Leite, 2021, p. 384).

Essa perspectiva evidencia que a Libras possui mecanismos internos de modificação estrutural semelhantes aos observados nas demais línguas naturais. Contudo, a modalidade visuoespacial da Libras faz com que tais mecanismos ocorram de maneira diferenciada, frequentemente utilizando movimento, localização, orientação e expressões não manuais como marcadores gramaticais.

Felipe (2006) destaca que os próprios parâmetros constitutivos da Libras podem assumir função morfológica, atuando como desinências ou afixos gramaticais. Segundo a autora:

Os parâmetros [...] compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo (Felipe, 2006, p. 200).

Tal afirmação demonstra que os processos flexionais da Libras não se restringem apenas à modificação formal dos sinais, mas envolvem também relações sintáticas e semânticas estabelecidas no espaço de sinalização. A flexão verbal, por exemplo, pode indicar sujeito, objeto, direção, intensidade, aspecto e localização por meio do movimento realizado no espaço.

Nesse sentido, os verbos direcionais representam um importante exemplo de flexão na Libras. Esses verbos sofrem alterações em sua trajetória

espacial para indicar concordância com os participantes do discurso. Assim, o ponto inicial e o ponto final do movimento verbal estabelecem relações gramaticais entre sujeito e objeto.

Ferreira-Brito (1995 apud Bernardes; Godoi; Leite, 2021) explica que a organização espacial da Libras permite a construção de mecanismos flexionais altamente produtivos, especialmente relacionados à concordância verbal. Dessa forma, a flexão na Libras ocorre mediante utilização tridimensional do espaço, diferentemente das línguas orais, que utilizam predominantemente morfemas lineares.

Além dos verbos direcionais, a Libras apresenta processos de flexão relacionados à intensidade e aspecto verbal. O aumento da velocidade, repetição ou amplitude do movimento pode alterar significativamente o significado do sinal, indicando ações contínuas, intensificadas ou habituais. Em muitos casos, essas modificações ocorrem simultaneamente às expressões faciais e corporais, ampliando o conteúdo semântico da sinalização.

Xavier e Neves (2016), entretanto, problematizam a utilização do termo “flexão” para descrever determinados processos morfológicos das línguas de sinais. Os autores argumentam que muitos desses fenômenos diferem das flexões tradicionais observadas nas línguas orais. Por essa razão, propõem o uso do termo “modificação de sinais”.

Segundo os autores:

Os processos que resultam na modificação da forma de alguns sinais da Libras se assemelham ao que se chama de flexão nas línguas orais, justamente por não resultarem na formação de uma nova palavra (Xavier; Neves, 2016, p. 132).

Essa discussão teórica demonstra a necessidade de compreender as especificidades estruturais das línguas sinalizadas. Embora determinados fenômenos apresentem semelhanças funcionais com a flexão das línguas orais, seu funcionamento interno frequentemente ocorre de maneira distinta, especialmente devido à simultaneidade articulatória presente na Libras.

Os autores acrescentam ainda que:

Na Libras, observam-se entre esses casos aqueles em que a forma do sinal é modificada quando incorpora quantidade, negação, argumento e intensidade (Xavier; Neves, 2016, p. 132).

A incorporação constitui, portanto, importante mecanismo de modificação morfológica na Libras. Nesse processo, determinadas

informações gramaticais são incorporadas diretamente à estrutura do sinal, produzindo alterações semânticas sem necessariamente gerar novo item lexical. A incorporação numeral, por exemplo, ocorre quando sinais relacionados ao tempo, quantidade ou frequência passam a incorporar numerais diretamente em sua configuração de mão.

Além da incorporação numeral, existem também incorporações relacionadas à negação, intensidade e localização. Tais processos demonstram elevado nível de produtividade morfológica da Libras, evidenciando sua capacidade de condensar múltiplas informações em um único sinal.

Abreu (2019) ressalta que muitos processos flexionais da Libras envolvem alterações em parâmetros específicos dos sinais. Segundo o autor, o movimento desempenha papel central na marcação morfológica, podendo indicar direção, aspecto, intensidade e concordância.

Nesse contexto, as expressões não manuais também assumem importância fundamental. Elementos como movimentos da cabeça, sobranceiras, olhos e expressões faciais podem modificar significativamente o conteúdo gramatical e discursivo da sinalização. Baker e Padden (1978 apud Bernardes; Godoi; Leite, 2021) já apontavam que os traços não manuais desempenham função distintiva nas línguas de sinais, atuando como componentes essenciais da estrutura gramatical.

A flexão relacionada ao aspecto verbal constitui outro mecanismo relevante na Libras. Por meio de alterações na duração, repetição ou velocidade do movimento, o sinalizador pode indicar ações contínuas, habituais, iterativas ou concluídas. Essa característica demonstra que a morfologia verbal da Libras apresenta elevado grau de complexidade e sofisticação.

Além disso, determinados sinais podem sofrer modificações relacionadas ao número e pluralidade. Diferentemente das línguas orais, em que o plural frequentemente é marcado por afixos específicos, na Libras o plural pode ser expresso mediante repetição espacial do sinal, ampliação do movimento ou utilização simultânea do espaço de sinalização.

Segundo Felipe (2006), as línguas de sinais apresentam características tanto de línguas flexionais quanto aglutinantes, devido à capacidade de incorporar múltiplas informações gramaticais em uma mesma estrutura sinalizada.

Essa simultaneidade articulatória representa uma das principais diferenças entre a Libras e as línguas orais. Enquanto estas organizam seus elementos predominantemente de forma linear e sequencial, a Libras

permite a realização simultânea de informações fonológicas, morfológicas e sintáticas dentro do mesmo sinal.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre iconicidade e flexão na Libras. Muitos processos de modificação dos sinais mantêm relações visuais com os significados expressos, especialmente em casos de intensidade e aspecto. Contudo, conforme destacam Ferreira e Ferreira (2016), a iconicidade não reduz a complexidade gramatical da Libras, mas constitui apenas uma de suas possibilidades estruturais.

Os estudos de Xavier e Barbosa (2014) também demonstram que os parâmetros da Libras apresentam significativa variação articulatória, tanto entre diferentes sinalizadores quanto em um mesmo indivíduo. Segundo os autores, os sinais podem sofrer modificações relacionadas à configuração de mão, localização, orientação, movimento e expressões não manuais sem perda de significado lexical.

Essa flexibilidade articulatória evidencia o caráter dinâmico da Libras e reforça a importância de compreender seus processos morfológicos dentro de uma perspectiva linguística ampla. A modificação dos sinais não representa desorganização estrutural, mas funcionamento natural da língua em uso.

No âmbito educacional, o estudo dos processos de flexão e modificação dos sinais possui grande relevância para o fortalecimento da educação bilíngue de surdos. O conhecimento acerca da morfologia da Libras contribui significativamente para a formação de professores, intérpretes e pesquisadores, além de favorecer práticas pedagógicas mais adequadas às especificidades linguísticas da comunidade surda.

Os estudos morfológicos também auxiliam na elaboração de materiais didáticos, glossários acadêmicos e sistemas terminológicos em Libras. A compreensão dos mecanismos de flexão permite maior precisão na descrição dos sinais e amplia as possibilidades de produção científica na língua de sinais.

Ferreira-Brito (1995 apud Xavier; Neves, 2016) ressalta que os processos de modificação presentes nas línguas de sinais demonstram sua plena capacidade de expressão gramatical, sem necessidade de adaptação aos modelos estruturais das línguas orais. Dessa forma, reconhecer a autonomia morfológica da Libras significa valorizar sua especificidade linguística e cultural.

Diante disso, os processos de flexão e modificação dos sinais na Libras revelam a complexidade estrutural das línguas sinalizadas e

evidenciam sua elevada produtividade morfológica. As alterações realizadas nos parâmetros dos sinais permitem expressão de categorias gramaticais diversas, como concordância, intensidade, aspecto, número, negação e localização, demonstrando que a Libras possui mecanismos sofisticados de organização interna. Tais processos reforçam o reconhecimento da Libras como língua natural completa, autônoma e plenamente capaz de atender às necessidades comunicativas, educacionais, acadêmicas e culturais da comunidade surda.

4 Considerações finais

Os estudos sobre os processos de formação de sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras) evidenciam a complexidade estrutural e a riqueza morfológica das línguas de modalidade visuoespacial. Ao longo das últimas décadas, as pesquisas linguísticas contribuíram significativamente para desconstruir concepções reducionistas que compreendiam as línguas de sinais apenas como sistemas gestuais limitados à representação icônica da realidade. As investigações desenvolvidas por pesquisadores como Stokoe, Ferreira-Brito, Felipe, Quadros, Karnopp, Xavier e Abreu demonstraram que a Libras possui organização gramatical própria, elevada produtividade lexical e mecanismos sofisticados de formação e modificação de sinais.

Os processos de derivação mostraram-se fundamentais para a ampliação do léxico da Libras, permitindo a criação de novos sinais a partir da alteração ou incorporação de parâmetros estruturais. A derivação, seja por movimento, incorporação, composição ou afixação, evidencia a capacidade da Libras de adaptar-se constantemente às transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas. A criação de sinais-termo, os empréstimos linguísticos e os mecanismos de incorporação demonstram que a língua acompanha dinamicamente as necessidades comunicacionais da comunidade surda, consolidando-se como instrumento legítimo de produção de conhecimento.

Da mesma forma, os processos de flexão e modificação dos sinais revelam que a Libras dispõe de recursos gramaticais altamente complexos para expressão de categorias linguísticas diversas, como concordância verbal, intensidade, aspecto, número, localização e negação. Diferentemente das línguas orais, tais processos ocorrem frequentemente de maneira simultânea, utilizando o espaço de sinalização, o movimento, a orientação e as expressões não manuais como componentes morfológicos

fundamentais. Essa simultaneidade articulatória constitui uma das características mais marcantes das línguas sinalizadas e reforça a necessidade de análises linguísticas específicas para sua compreensão.

Os estudos analisados permitiram compreender que os parâmetros constitutivos da Libras não desempenham apenas funções fonológicas, mas também assumem papel morfológico e semântico na construção dos significados. A configuração de mão, o movimento, a localização e as expressões faciais participam ativamente da organização lexical e sintática da língua, demonstrando que a Libras possui mecanismos internos de elevada produtividade e sistematicidade.

Além da relevância linguística, as pesquisas sobre derivação e flexão na Libras apresentam importantes implicações educacionais, sociais e culturais. O aprofundamento dos estudos morfológicos contribui diretamente para o fortalecimento da educação bilíngue de surdos, para a formação de professores e intérpretes e para a elaboração de materiais didáticos, glossários acadêmicos e terminologias específicas em Libras. O reconhecimento da complexidade estrutural da língua também fortalece as políticas de valorização da cultura surda e amplia o reconhecimento da Libras nos espaços acadêmicos e institucionais.

Dessa maneira, conclui-se que os processos de derivação e flexão na Libras confirmam seu estatuto de língua natural completa, autônoma e plenamente capaz de expressar conteúdos abstratos, científicos, técnicos e culturais. A compreensão desses mecanismos morfológicos representa não apenas avanço para os estudos linguísticos das línguas de sinais, mas também importante instrumento de promoção da acessibilidade linguística, da inclusão educacional e da valorização das identidades surdas no contexto contemporâneo.

Referências

ABREU, Walber Gonçalves de. **Processos de formação de sinais: um estudo sobre derivação e incorporação nominal na Língua Brasileira de Sinais**. 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BERNARDES, Raquel; GODOI, Eliamar; LEITE, Letícia de Sousa. Os processos de flexão nas línguas de sinais. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 37, n. 2, p. 383–402, 2021. DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-18. Dis-

ponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57938>. Acesso em: 26 mai. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 200–217, 2008. DOI: 10.20396/etd.v7i2.803. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>. Acesso em: 26 mai. 2026.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais. 2. ed. Rio de Janeiro: TB - **Edições Tempo Brasileiro**, 2010. 273 p. ISBN 9788528200690.

FERREIRA, Sindy Rayane de Souza; FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará. **Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 67–98, 2016. DOI: 10.5433/1519-5392.2016v16n1p67. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/19293>. Acesso em: 26 mai. 2026.

MOTA, Carina da Silva; RAZKY, Abdelhak. Criação de sinais-termo: tratamento e descrição do termo para COVID-19 em língua de sinais. **CADERNOS DE TRADUÇÃO**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 1–21, 2023. DOI: 10.5007/2175-7968.2023.e86639. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/86639>. Acesso em: 26 mai. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014.

STOKOE, William. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. **Buffalo: University of Buffalo**, 1960.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **DELTA**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130-151, 2016.

A AÇÃO NO ESPAÇO: A MORFOLOGIA DOS VERBOS NA LIBRAS

Francisca Vanete Rodrigues de Oliveira¹

Wagner Miguel Tizott²

Marcos de Moraes Santos³

Thays Grazielle Bezerra Freitas⁴

Hayala Ramá Araújo Silva⁵

Rivael Mateus Fabricio⁶

1 Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui-se como uma língua natural de modalidade gesto-visual, organizada por estruturas linguísticas próprias e sustentada por mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e discursivos complexos. No interior dessa arquitetura linguística, os verbos assumem papel central, sobretudo em razão de sua estreita relação com o espaço de enunciação, a direcionalidade e os movimentos corporais. A ação verbal em Libras não se restringe à representação abstrata de um processo, mas se materializa visualmente no espaço, articulando corpo, movimento, localização e referência discursiva.

Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais ganharam maior reconhecimento científico a partir das pesquisas desenvolvidas por William Stokoe na década de 1960, quando demonstrou que as línguas de sinais

1 Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB). Professora e coordenadora pedagógica na Prefeitura Municipal de Águas Lindas de Goiás.

2 Graduado em Pedagogia pelo Instituto Federal do Paraná – Campus Pitanga (IFPR). Professor da Rede Estadual de Ensino.

3 Doutor em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor efetivo da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

4 Graduada em Letras – Libras pela Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA).

5 Graduanda em Letras Libras pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Salinas – MG.

6 Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Docente efetivo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

possuem estrutura gramatical própria e não constituem meros sistemas gestuais auxiliares. A partir desse marco teórico, as investigações acerca da Libras passaram a evidenciar a complexidade dos processos morfológicos presentes na língua, especialmente aqueles relacionados à formação verbal, concordância espacial e incorporação de classificadores.

Nesse contexto, os verbos em Libras apresentam características particulares que os diferenciam significativamente dos verbos das línguas orais-auditivas. Enquanto nas línguas orais a flexão verbal ocorre predominantemente por meio de afixos lineares e alterações fonológicas sequenciais, em Libras as flexões são realizadas espacialmente, através da direção do movimento, da localização do sinal, das expressões não manuais e da organização visual do discurso.

Felipe (2006, p. 200) afirma que

Os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação, movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais.

A afirmação da autora demonstra que os parâmetros constitutivos da Libras transcendem o nível fonológico e assumem funções morfológicas, participando ativamente da formação verbal e da estruturação sintática. Desse modo, os verbos em Libras não são compreendidos apenas como unidades lexicais estáticas, mas como estruturas dinâmicas que incorporam elementos espaciais e discursivos.

A espacialidade, nesse sentido, constitui um dos fundamentos da gramática da Libras. O espaço linguístico não corresponde apenas ao ambiente físico onde os sinais são realizados; ele funciona como componente gramatical responsável pela referência e pela organização das relações sintáticas. Dias Júnior e Sousa (2011) ressaltam que “a realização de sinais no espaço possibilita que as relações sintáticas aconteçam, pois, desta forma, produzem-se os textos em Libras” (Dias Júnior; Sousa, 2011, p. 14).

Essa organização espacial permite que os verbos indiquem sujeito, objeto, direção da ação e localização dos referentes discursivos sem necessidade de elementos adicionais explícitos. Assim, a direcionalidade do verbo estabelece relações gramaticais diretamente no espaço de sinalização.

Os verbos com concordância representam um dos exemplos mais expressivos desse fenômeno. Neles, o movimento verbal parte de um ponto espacial associado ao sujeito e dirige-se ao ponto correspondente ao objeto

da ação. Tal mecanismo evidencia que o espaço em Libras atua como categoria morfológica e sintática simultaneamente.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), os verbos em Libras podem ser classificados em verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais. Os verbos simples apresentam configuração fixa, sem alterações direcionais significativas. Já os verbos com concordância modificam sua trajetória espacial conforme os participantes do discurso. Por sua vez, os verbos espaciais relacionam-se diretamente à localização física dos referentes no espaço enunciativo

A relação entre verbo e espaço também pode ser observada nos classificadores. Esses elementos morfológicos funcionam como representações visuais que descrevem características físicas, formas, movimentos e funções dos objetos envolvidos na ação verbal. Em Libras, os classificadores ampliam as possibilidades descritivas da língua e permitem representar visualmente movimentos complexos.

Felipe (2006) destaca que os processos de formação de palavras na Libras revelam características tanto flexionais quanto aglutinantes, uma vez que diferentes morfemas podem ser incorporados simultaneamente ao sinal. Conforme a autora:

Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavra, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante (Felipe, 2006, p. 200).

Tal compreensão rompe com antigas concepções estruturalistas que consideravam as línguas de sinais limitadas do ponto de vista morfológico. Pelo contrário, os estudos contemporâneos demonstram que a Libras possui sofisticados mecanismos de derivação, composição, incorporação e flexão verbal.

Mak (2021), ao investigar os verbos manuais na Libras, argumenta que muitos desses verbos são formados por processos de composição e incorporação. Segundo a autora, os verbos manuais frequentemente incorporam instrumentos e objetos ao próprio movimento verbal, criando estruturas altamente icônicas e visualmente motivadas. A pesquisadora afirma: "observamos, também, que a maioria deles são formados a partir do processo de composição" (Mak, 2021, p. 7).

Esse fenômeno evidencia que a iconicidade ocupa papel relevante na morfologia verbal da Libras. Diferentemente da arbitrariedade predominante nas línguas orais, muitos verbos em Libras apresentam

relação visual direta entre forma e significado. O movimento do sinal frequentemente reproduz características da ação representada.

A incorporação verbal constitui outro importante processo morfológico presente na Libras. Nesse mecanismo, informações semânticas referentes ao instrumento, ao objeto ou à maneira da ação são integradas ao próprio verbo. Assim, o sinal verbal pode simultaneamente indicar ação, direção, intensidade e forma do movimento.

Padden (1988 apud Mak, 2021) classifica os verbos das línguas de sinais em três categorias principais: verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais ou manuais. Essa categorização demonstra que a morfologia verbal das línguas de sinais organiza-se prioritariamente a partir das relações espaciais e discursivas.

Além disso, a flexão aspectual em Libras ocorre através de modificações no movimento do verbo. A repetição do movimento pode indicar habitualidade; movimentos prolongados podem expressar continuidade; movimentos abruptos podem representar intensidade ou conclusão imediata da ação.

Nesse contexto, o corpo assume função gramatical fundamental. As expressões faciais, os movimentos corporais e a direção do olhar não constituem elementos meramente emocionais ou performáticos, mas componentes linguísticos integrados à estrutura morfológica da língua.

Felipe (2013, p. 67) afirma que "as marcas verbo-visuais gramaticais [...] fazem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo". Essa compreensão amplia a noção tradicional de gramática ao reconhecer que os elementos corporais e espaciais constituem recursos linguísticos estruturais nas línguas de sinais.

A relevância das marcas não manuais pode ser observada especialmente nos verbos interrogativos, negativos e intensificadores. Em muitos casos, a alteração da expressão facial modifica completamente o valor semântico do verbo. Assim, o significado verbal emerge da combinação simultânea entre movimento manual e marca não manual.

A simultaneidade constitui, portanto, uma característica central da morfologia verbal da Libras. Diferentemente das línguas orais, organizadas linearmente, a Libras permite que múltiplas informações sejam expressas simultaneamente através do espaço, do corpo e das expressões faciais.

Segundo Ferreira-Brito (1995 apud Quadros; Karnopp, 2004), os verbos em Libras apresentam flexões relacionadas à pessoa do discurso,

ao aspecto verbal e à localização espacial. Essas flexões não dependem de terminações lineares, mas da modificação do movimento e da orientação do sinal.

Outro aspecto relevante refere-se à categorização entre nomes e verbos na Libras. Muitos sinais apresentam diferenças sutis relacionadas à intensidade, repetição ou direção do movimento. Em alguns casos, um mesmo radical pode assumir função nominal ou verbal dependendo da configuração articulatória empregada.

Santana (2019), ao discutir a categorização morfológica para nome e verbo em Libras, demonstra que a distinção entre categorias gramaticais frequentemente ocorre por meio de padrões específicos de movimento. Tal característica evidencia novamente a centralidade da espacialidade e da visualidade na organização da língua.

Os estudos sobre morfologia verbal da Libras também possuem profundas implicações educacionais. A compreensão dos mecanismos espaciais e classificatórios da língua contribui para o desenvolvimento de metodologias adequadas ao ensino bilíngue de estudantes surdos.

Nesse sentido, o ensino da Libras não pode limitar-se à memorização de sinais isolados, pois a gramática visual depende da compreensão das relações espaciais e discursivas que organizam os verbos na língua. O aprendizado da morfologia verbal exige domínio da espacialização, da direcionalidade e das marcas não manuais.

As pesquisas contemporâneas demonstram ainda que a percepção visual constitui elemento essencial para a organização cognitiva da linguagem em sujeitos surdos. Rocha-Toffolo e Guimarães (2025) ressaltam que “a percepção e o processamento da LP escrita por surdos são basicamente visuais” (Rocha-Toffolo; Guimarães, 2025, p. 1), indicando a relevância das estratégias visuais nos processos linguísticos.

Embora o estudo das autoras esteja voltado à língua portuguesa como segunda língua, suas reflexões dialogam diretamente com a estrutura visual da Libras e reforçam a importância da espacialidade na construção do conhecimento linguístico.

Dessa forma, a morfologia verbal da Libras evidencia uma gramática sofisticada baseada na articulação entre corpo, espaço e movimento. A ação verbal realiza-se visualmente no espaço enunciativo, transformando o corpo em instrumento linguístico e o espaço em categoria gramatical.

A Libras, portanto, revela uma concepção ampliada de linguagem, na qual movimento, visualidade e espacialidade não constituem recursos acessórios, mas fundamentos estruturais da significação. A ação no espaço representa, assim, não apenas um mecanismo expressivo, mas a própria essência da morfologia verbal da língua brasileira de sinais.

2 O espaço como elemento morfológico na constituição verbal da Libras

A espacialidade constitui um dos principais fundamentos estruturais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), especialmente no que se refere à constituição morfológica dos verbos. Diferentemente das línguas orais-auditivas, cuja organização linguística ocorre predominantemente de forma linear e sequencial, a Libras articula simultaneamente movimento, direção, localização e expressões corporais na construção do significado verbal. Nesse contexto, o espaço deixa de representar apenas o ambiente físico onde os sinais são produzidos e passa a assumir função gramatical e morfológica essencial para a organização da língua.

A constituição verbal da Libras encontra-se diretamente vinculada ao espaço enunciativo, pois é nele que as relações sintáticas, semânticas e discursivas se realizam. O espaço de sinalização organiza os referentes do discurso e estabelece os pontos de articulação necessários para a concordância verbal, a referenciação e os processos classificatórios. Assim, o verbo em Libras não pode ser compreendido isoladamente do espaço em que é produzido.

Dias Júnior e Sousa (2011) ressaltam que:

Na Língua Brasileira de Sinais, assim como as demais línguas de sinais existentes no mundo, a realização de sinais no espaço possibilita que as relações sintáticas aconteçam, pois, desta forma, produzem-se os textos em Libras (Dias Júnior; Sousa, 2011, p. 14).

Essa afirmação evidencia que o espaço funciona como elemento estruturador da gramática da Libras. A espacialidade não corresponde a um recurso acessório da comunicação visual, mas integra o próprio funcionamento linguístico da língua, especialmente na constituição dos verbos.

Os verbos com concordância representam um dos exemplos mais expressivos da relação entre espaço e morfologia verbal. Nesses verbos, o movimento realizado pelo sinal parte de um ponto associado ao sujeito

e desloca-se em direção ao ponto correspondente ao objeto da ação. O percurso espacial do verbo constitui, portanto, um mecanismo morfológico de flexão verbal.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), os verbos em Libras organizam-se em categorias distintas, entre elas os verbos simples, os verbos com concordância e os verbos espaciais. Os verbos simples apresentam forma relativamente fixa, enquanto os verbos com concordância sofrem alterações espaciais conforme os participantes da enunciação. Já os verbos espaciais relacionam-se diretamente à localização física dos referentes discursivos.

Nessa perspectiva, o espaço assume função semelhante às marcas flexionais presentes nas línguas orais. Entretanto, em vez de desinências lineares, a Libras utiliza movimentos direcionais e posicionamentos espaciais para expressar relações gramaticais.

Felipe (2006, p. 200) observa que:

Os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação, movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais.

A autora evidencia que os parâmetros formacionais da Libras ultrapassam o nível fonológico e assumem funções morfológicas. A direcionalidade e a localização espacial, por exemplo, atuam como elementos flexionais capazes de indicar pessoa do discurso, aspecto verbal e relações locativas.

A complexidade da espacialidade na Libras demonstra que o verbo não constitui apenas um item lexical isolado, mas uma estrutura dinâmica que incorpora múltiplas informações simultaneamente. O movimento verbal pode indicar sujeito, objeto, intensidade, duração e aspecto da ação através de alterações espaciais e corporais.

Nesse sentido, a simultaneidade configura-se como característica fundamental da morfologia verbal da Libras. Diferentemente das línguas orais, organizadas linearmente, a Libras permite que diferentes níveis de informação sejam expressos ao mesmo tempo através do corpo e do espaço.

Felipe (2013) ressalta que os enunciados em Libras apresentam valores plástico-picturais e espaciais que se manifestam também por meio das marcas não manuais. Segundo a autora:

As marcas verbo-visuais gramaticais [...] fazem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua (Felipe, 2013, p. 67).

As marcas não manuais, portanto, integram a constituição morfológica dos verbos. Expressões faciais, direção do olhar, inclinação corporal e movimentos da cabeça participam da construção dos sentidos verbais e ampliam as possibilidades semânticas da língua.

A espacialidade verbal também se manifesta na referenciação discursiva. Durante a enunciação, os interlocutores podem estabelecer pontos específicos no espaço para representar pessoas, objetos ou lugares mencionados no discurso. Posteriormente, os verbos retomam esses pontos espaciais, estabelecendo relações sintáticas sem necessidade de repetição lexical.

Tal mecanismo demonstra que o espaço em Libras funciona como categoria gramatical de coesão e referenciação textual. A organização espacial do discurso substitui diversos elementos sintáticos presentes nas línguas orais, revelando a sofisticação estrutural da língua de sinais.

Além disso, os classificadores desempenham papel fundamental na constituição morfológica dos verbos em Libras. Os classificadores correspondem a configurações de mão que representam categorias semânticas relacionadas ao formato, movimento ou função dos objetos envolvidos na ação verbal.

Segundo o material didático Libras III, "os classificadores só têm sentido se analisados a partir do momento de enunciação" (Dias Júnior; Sousa, 2011, p. 12). Essa afirmação demonstra que os classificadores dependem diretamente do contexto espacial e discursivo. Sua interpretação ocorre a partir das relações estabelecidas no espaço de sinalização.

Os verbos classificadores ampliam significativamente o potencial descritivo da Libras, permitindo representar movimentos complexos, deslocamentos e ações simultâneas de maneira altamente visual. O corpo do sinalizante torna-se, assim, elemento constitutivo da própria gramática verbal.

Mak (2021), ao investigar os verbos manuais na Libras, argumenta que muitos desses verbos são formados por processos de composição e incorporação. A autora afirma que "a maioria deles são formados a partir do processo de composição" (Mak, 2021, p. 7).

Os verbos manuais frequentemente incorporam instrumentos ou características do objeto utilizado durante a ação. Nesse caso, o espaço e a

configuração de mão atuam conjuntamente na formação morfológica do verbo.

A incorporação verbal representa importante mecanismo da Libras. Através dela, elementos semânticos relacionados ao instrumento, ao modo da ação ou à localização são integrados ao próprio sinal verbal. Tal fenômeno evidencia novamente a natureza visual e espacial da morfologia da língua.

Padden (1988 apud Mak, 2021) propõe que os verbos das línguas de sinais podem ser classificados em verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais. Essa categorização reforça a centralidade do espaço na organização verbal das línguas gesto-visuais.

Além das flexões relacionadas à concordância, os verbos em Libras também apresentam flexões aspectuais realizadas através da modificação do movimento. A repetição contínua do sinal pode indicar habitualidade; movimentos rápidos podem expressar intensidade; movimentos prolongados podem representar continuidade da ação.

Ferreira-Brito (1995 apud Quadros; Karnopp, 2004) observa que a flexão verbal em Libras ocorre por meio de alterações espaciais e temporais do movimento, evidenciando que a morfologia da língua está intrinsecamente associada à visualidade.

Outro aspecto relevante refere-se à iconicidade presente nos verbos espaciais. Muitos sinais verbais reproduzem visualmente características da ação representada, estabelecendo relação motivada entre forma e significado. Essa iconicidade, entretanto, não descaracteriza a natureza linguística da Libras, mas constitui uma de suas propriedades estruturais.

A espacialidade também influencia a organização sintática das sentenças em Libras. Conforme Ferreira-Brito (1997), a ordem preferencial das sentenças na Libras é SVO, embora ocorram frequentemente topicalizações e alterações estruturais decorrentes da organização espacial do discurso.

O espaço verbal em Libras possibilita, portanto, maior economia linguística, uma vez que múltiplas informações são incorporadas simultaneamente ao movimento do verbo. O sujeito, o objeto, a direção e o aspecto verbal podem ser expressos em um único sinal articulado espacialmente.

Nesse contexto, a morfologia verbal da Libras evidencia uma concepção ampliada de linguagem, baseada na articulação entre corpo,

movimento e espaço. O verbo deixa de ser apenas uma categoria lexical para tornar-se estrutura visual complexa, construída através de relações espaciais e discursivas.

As pesquisas linguísticas contemporâneas demonstram que a espacialidade constitui elemento central para o funcionamento gramatical das línguas de sinais. A Libras organiza sua morfologia verbal a partir de mecanismos visuais sofisticados que envolvem direcionalidade, localização, simultaneidade e iconicidade.

Dessa forma, compreender o espaço como elemento morfológico na constituição verbal da Libras significa reconhecer a especificidade estrutural das línguas gesto-visuais e superar concepções reducionistas que historicamente desconsideraram sua complexidade linguística. O espaço, em Libras, não apenas abriga a linguagem; ele constitui a própria matéria gramatical da ação verbal.

3 Processos morfológicos e flexão verbal na Libras

A morfologia verbal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) apresenta elevada complexidade estrutural, evidenciando mecanismos linguísticos próprios que articulam movimento, espaço, configuração de mão, orientação, localização e expressões não manuais na constituição dos sentidos. Os verbos em Libras não se organizam apenas como unidades lexicais estáticas, mas como estruturas dinâmicas capazes de incorporar informações sintáticas, semânticas e discursivas simultaneamente.

Os estudos linguísticos sobre a morfologia das línguas de sinais demonstram que os processos de formação verbal em Libras diferem substancialmente dos mecanismos presentes nas línguas orais-auditivas. Enquanto as línguas orais realizam predominantemente flexões lineares através de desinências e alterações fonológicas sequenciais, a Libras utiliza recursos espaciais e visuais para marcar concordância, aspecto, intensidade e direcionalidade verbal.

Felipe (2006) destaca que os parâmetros constitutivos da Libras podem assumir funções morfológicas complexas. Segundo a autora:

Os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação, movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais (Felipe, 2006, p. 200).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a morfologia verbal da Libras se estrutura mediante a combinação simultânea de elementos manuais e não manuais. O movimento do sinal, sua direção e localização espacial podem modificar completamente o significado verbal, evidenciando a natureza visual da gramática da língua.

Os processos morfológicos presentes na Libras incluem derivação, composição, incorporação, aglutinação e flexão espacial. Esses mecanismos revelam a sofisticação estrutural da língua e reafirmam seu estatuto linguístico pleno. Felipe (2006) argumenta que a Libras apresenta simultaneamente características de língua flexional e aglutinante. Conforme a autora:

Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavra, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante (Felipe, 2006, p. 200).

Essa afirmação demonstra que os sinais verbais podem incorporar diferentes morfemas simultaneamente, produzindo estruturas altamente complexas do ponto de vista linguístico.

Entre os processos morfológicos mais relevantes na Libras destaca-se a derivação verbal. Nesse processo, alterações em parâmetros específicos do sinal produzem novos significados lexicais ou categorias gramaticais distintas. Mudanças na configuração de mão, na repetição do movimento ou na direção espacial podem transformar substantivos em verbos ou modificar aspectos semânticos da ação verbal.

Os estudos de Quadros e Karnopp (2004) apontam que a diferenciação entre nomes e verbos em Libras frequentemente ocorre através de alterações no padrão de movimento. Em muitos casos, sinais nominais apresentam movimentos repetitivos e curtos, enquanto os verbos apresentam movimentos mais contínuos e amplos.

Santana (2019), ao discutir a categorização morfológica para nome e verbo em Libras, demonstra que a distinção entre categorias gramaticais depende de processos morfológicos específicos relacionados à espacialidade e ao movimento. A autora evidencia que os verbos em Libras possuem mecanismos próprios de flexão e categorização, fundamentados na visualidade da língua.

Outro importante processo morfológico presente na Libras é a composição. Nesse mecanismo, dois ou mais sinais unem-se para formar uma nova unidade lexical com significado próprio. A composição verbal frequentemente ocorre através da combinação entre sinais relacionados à ação e ao objeto envolvido no processo verbal.

Mak (2021), ao investigar os verbos manuais na Libras, argumenta que muitos desses verbos são formados por composição e incorporação. A autora afirma: "observamos, também, que a maioria deles são formados a partir do processo de composição" (Mak, 2021, p. 7).

Os verbos manuais representam um fenômeno particularmente relevante na morfologia da Libras. Nesses verbos, o movimento realizado pela mão reproduz visualmente o uso de instrumentos ou objetos associados à ação verbal. Dessa forma, o próprio corpo incorpora elementos semânticos relacionados ao significado da ação.

A incorporação constitui outro processo central da morfologia verbal em Libras. Nesse mecanismo, características do objeto, do instrumento ou do modo da ação são integradas ao próprio verbo. O sinal verbal passa a expressar simultaneamente diferentes informações semânticas e sintáticas.

Segundo Mak (2021), alguns autores compreendem os verbos manuais como estruturas derivacionais, enquanto outros os interpretam como resultado de incorporação morfológica. A autora destaca que:

Ferreira (2013) afirma que eles são formados pelo processo de derivação [...]. Já Lourenço e Silva (2015) afirmam que os verbos manuais são formados a partir da incorporação (Mak, 2021, p. 7).

Essa discussão evidencia a complexidade dos mecanismos formacionais presentes na Libras e demonstra que os verbos da língua apresentam comportamentos morfológicos sofisticados.

Além dos processos derivacionais e composicionais, a Libras apresenta complexos sistemas de flexão verbal. A flexão em Libras não ocorre através de terminações lineares, mas por meio de modificações espaciais, direcionais e aspectuais do movimento do sinal.

Os verbos com concordância constituem um dos exemplos mais expressivos desse sistema flexional. Nesses verbos, a trajetória espacial do movimento indica sujeito e objeto da ação. O ponto inicial do movimento corresponde ao sujeito do discurso, enquanto o ponto final refere-se ao objeto ou destinatário da ação verbal.

Padden (1988 apud Mak, 2021) propõe que os verbos das línguas de sinais sejam classificados em verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais ou manuais. Essa categorização demonstra que a espacialidade desempenha papel central na flexão verbal das línguas gesto-visuais.

Os verbos simples apresentam movimento relativamente invariável, independentemente dos participantes do discurso. Já os verbos com concordância sofrem alterações direcionais conforme as relações sintáticas estabelecidas no espaço enunciativo. Por sua vez, os verbos espaciais relacionam-se diretamente à localização física dos referentes no ambiente discursivo.

A flexão aspectual representa outro importante mecanismo morfológico da Libras. Alterações no ritmo, na intensidade e na repetição do movimento verbal permitem expressar continuidade, habitualidade, duração ou intensidade da ação.

Felipe (2006) observa que os parâmetros da Libras constituem sistemas complexos de desinências verbais capazes de indicar aspectos variados da ação. O movimento repetitivo pode indicar ação contínua; movimentos rápidos podem representar intensidade; movimentos prolongados podem expressar duração.

Nesse contexto, o corpo assume função gramatical fundamental. As expressões faciais, os movimentos da cabeça, a inclinação corporal e a direção do olhar participam ativamente da constituição morfológica dos verbos.

Felipe (2013) destaca que as marcas não manuais integram os diferentes níveis da estrutura linguística da Libras. Segundo a autora:

As marcas verbo-visuais gramaticais [...] fazem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo (Felipe, 2013, p. 67).

Essa afirmação evidencia que a flexão verbal na Libras não depende exclusivamente das mãos, mas da articulação simultânea entre elementos corporais e espaciais.

As marcas não manuais podem modificar significativamente o valor semântico do verbo. Expressões faciais específicas podem indicar negação, dúvida, intensidade ou modalidade interrogativa. Dessa forma, o significado verbal emerge da combinação integrada entre movimento manual e recursos corporais.

A simultaneidade constitui, portanto, característica central da morfologia verbal da Libras. Diferentemente das línguas orais, organizadas linearmente, a Libras permite que diferentes informações sejam produzidas ao mesmo tempo através do corpo e do espaço.

Outro aspecto relevante refere-se aos classificadores verbais. Os classificadores correspondem a configurações de mão que representam categorias semânticas relacionadas ao formato, movimento ou função dos objetos envolvidos na ação verbal.

Dias Júnior e Sousa (2011) ressaltam que os classificadores possuem sentido apenas dentro do contexto enunciativo, pois dependem diretamente da espacialidade discursiva. Os autores afirmam que "os classificadores só têm sentido se analisados a partir do momento de enunciação" (Dias Júnior; Sousa, 2011, p. 12).

Os verbos classificadores ampliam significativamente o potencial descritivo da Libras, permitindo representar deslocamentos, manipulações e movimentos complexos de forma altamente visual.

Ferreira-Brito (1995 apud Quadros; Karnopp, 2004) observa que a flexão verbal em Libras se relaciona diretamente à espacialidade e à direcionalidade do movimento. Tal característica demonstra que a morfologia verbal da língua está intrinsecamente vinculada à visualidade.

Além disso, os processos morfológicos da Libras revelam forte relação com a iconicidade. Muitos verbos reproduzem visualmente aspectos da ação representada, estabelecendo relação motivada entre forma e significado. A iconicidade, entretanto, não reduz o caráter linguístico da língua, mas constitui uma de suas propriedades estruturais.

Os estudos contemporâneos demonstram que a morfologia verbal da Libras apresenta elevada complexidade gramatical, rompendo definitivamente com antigas concepções que consideravam as línguas de sinais sistemas simplificados de comunicação.

A Libras organiza seus verbos através de sofisticados mecanismos espaciais, simultâneos e visuais, nos quais corpo, movimento e espaço assumem função gramatical estruturante. Os processos morfológicos presentes na língua evidenciam que a ação verbal não ocorre apenas no espaço, mas através dele.

Dessa forma, a flexão verbal na Libras revela uma concepção ampliada de linguagem, fundamentada na articulação entre visualidade, espacialidade e movimento corporal. A gramática da língua de sinais demonstra que os recursos visuais e espaciais não constituem elementos periféricos da comunicação, mas a própria essência da organização linguística verbo-visual.

4 Considerações finais

A análise da morfologia verbal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) evidencia a complexidade estrutural dessa língua de modalidade gesto-visual, demonstrando que os verbos constituem elementos centrais na organização sintática, semântica e discursiva da enunciação. Diferentemente das línguas orais-auditivas, a Libras organiza suas estruturas verbais a partir da articulação entre movimento, espaço, direcionalidade, localização e marcas não manuais, configurando uma gramática visual altamente sofisticada.

Os estudos linguísticos contemporâneos reafirmam que o espaço não atua apenas como suporte físico para a realização dos sinais, mas como categoria gramatical constitutiva da língua. A espacialidade organiza os referentes discursivos, estabelece relações sintáticas e permite que os verbos expressem concordância, aspecto verbal e direcionalidade através do movimento no espaço enunciativo.

Nesse sentido, os processos morfológicos presentes na Libras revelam mecanismos complexos de derivação, composição, incorporação e flexão verbal. Os verbos podem incorporar informações semânticas relacionadas ao objeto, ao instrumento e ao modo da ação, produzindo estruturas altamente visuais e simultâneas. A simultaneidade, aliás, constitui característica fundamental da morfologia verbo-visual da Libras, permitindo que múltiplas informações sejam expressas ao mesmo tempo através do corpo e do espaço.

As pesquisas analisadas demonstram ainda que os parâmetros constitutivos da Libras — configuração de mão, movimento, orientação, localização e expressões não manuais — transcendem funções fonológicas e assumem papéis morfológicos relevantes. A flexão verbal em Libras realiza-se por meio de alterações espaciais e direcionais capazes de indicar sujeito, objeto, aspecto verbal e intensidade da ação.

Além disso, as marcas não manuais desempenham função indispensável na constituição verbal da língua. Expressões faciais, movimentos corporais e direcionamento do olhar integram a estrutura morfológica dos verbos e ampliam as possibilidades semânticas e discursivas da Libras. Dessa forma, corpo e linguagem tornam-se elementos inseparáveis na construção da significação.

Outro aspecto relevante refere-se aos classificadores verbais, que ampliam significativamente o potencial descritivo da língua ao representar

visualmente movimentos, deslocamentos e características dos objetos envolvidos na ação verbal. A utilização dos classificadores demonstra o elevado grau de iconicidade e espacialidade presente na Libras, sem comprometer seu estatuto linguístico.

A compreensão da morfologia verbal da Libras possui implicações importantes para os estudos linguísticos, para a formação de professores, intérpretes e pesquisadores, bem como para o fortalecimento das práticas educacionais bilíngues voltadas à comunidade surda. O reconhecimento da complexidade estrutural da Libras contribui para o combate às concepções reducionistas historicamente atribuídas às línguas de sinais e reafirma sua legitimidade enquanto língua natural plena.

Portanto, a ação no espaço constitui elemento fundamental da gramática verbo-visual da Libras. A língua organiza-se por meio de relações espaciais e corporais que estruturam os sentidos e permitem a construção discursiva visual. Os verbos em Libras não apenas representam ações, mas produzem visualmente as relações gramaticais e semânticas da enunciação, evidenciando a riqueza linguística das línguas de sinais e sua singular contribuição para os estudos da linguagem.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

DIAS JÚNIOR, Jurandir Ferreira; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. Libras III. Maranhão: UEMA, 2011. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/libras/wp-content/uploads/2017/02/Libras-III.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 21 mai. 2026.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, jul./dez. 2013.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**.

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

MAK, Jessica Kwan Wah. **Formação de verbos manuais na Libras**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

NASCIMENTO, Vinícius. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 461-492, maio/ago. 2017.

PADDEN, Carol. **Interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York: Garland Publishing, 1988.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA-TOFFOLO, Andreia Chagas; GUIMARÃES, Daniela Mara Lima Oliveira. “Eu gosta muito de jogo”: apropriação da escrita de verbos por alunos surdos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 106, p. 1-21, 2025.

SANTANA, Ediélia Lavras dos Santos. **A questão da categorização morfológica para nome e verbo em Libras**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

STOKOE, William. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf**. Buffalo: University of Buffalo, 1960.

CLASSIFICADORES: A IMAGEM, A FORMA E O MOVIMENTO NA GRAMÁTICA

Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque¹

Rafael da Cunha Braga²

Davi Pereira da Silva Júnior³

Larissa Gervásio Bezerra⁴

Leonardo Magnum dos Santos Freitas⁵

Simone Quirgo de Souza Braga⁶

1 Introdução

A constituição gramatical da Língua Brasileira de Sinais (Libras) está diretamente relacionada à experiência visual e espacial da comunidade surda, diferenciando-se das línguas orais-auditivas não apenas pela modalidade gestual-visual, mas também pela forma como organiza os sentidos linguísticos. Nesse contexto, os classificadores assumem papel essencial na construção discursiva, funcionando como mecanismos linguísticos capazes de representar imagens, formas, movimentos, trajetórias e relações espaciais por meio do corpo e do espaço de sinalização. Assim, a gramática da Libras revela-se profundamente vinculada à iconicidade e à visualidade, estabelecendo uma relação intrínseca entre linguagem e representação imagética.

Os classificadores podem ser compreendidos como estruturas morfológicas e semânticas que permitem ao sinalizador representar

1 Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

2 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Campus Vila Velha. Professor da Rede Municipal de Ensino das Prefeituras da Serra e de Cariacica.

3 Graduado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil.

4 Graduada em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e especialista em Libras e Educação Inclusiva da Pessoa Surda: Libras como L1 pela Faculdade Alpha.

5 Especializando em Ensino de Libras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

6 Mestra em Educação pela Logos University International (UNILOGOS), Estados Unidos. Professora do Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

visualmente pessoas, objetos, animais, veículos, ações e movimentos. Diferentemente das línguas orais, cuja organização sintática se desenvolve linearmente no tempo, a Libras constrói significados simultaneamente no espaço, articulando configurações de mão, expressões não manuais, orientação, localização e movimento. Bernardino (2012, p. 251) afirma que “os classificadores seriam morfemas utilizados em verbos de movimento e localização”, possibilitando que mãos e corpo funcionem como articuladores da ação e do referente.

A iconicidade constitui um dos principais fundamentos dos classificadores. Embora toda língua possua arbitrariedade, as línguas de sinais apresentam forte aproximação entre forma e significado, especialmente nas construções classificatórias. Nesse sentido, os classificadores permitem representar visualmente determinadas características do referente, aproximando a produção linguística da experiência perceptiva. Conforme Ferreira-Brito (1995 apud Bernardino, 2012, p. 252), a Libras “usa o espaço físico e o próprio corpo do sinalizador para a execução do conteúdo da mensagem visual”. Essa relação evidencia que o espaço não atua apenas como suporte da comunicação, mas como componente gramatical indispensável.

Os estudos linguísticos contemporâneos têm demonstrado que os classificadores ultrapassam concepções simplificadoras que os associavam à mímica ou à gestualidade espontânea. Quadros e Karnopp (2004) destacam que os classificadores fazem parte da estrutura morfológica das línguas de sinais, organizando informações sobre forma, tamanho, movimento e localização dos referentes. Tal compreensão fortalece o reconhecimento científico da Libras enquanto língua natural completa e dotada de gramática própria.

Nesse contexto, Felipe (2013) ressalta que os enunciados em Libras revelam “valores plástico-picturais e espaciais dos signos”, integrando marcas verbo-visuais aos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo da língua. A autora afirma:

Essas marcas serão descritas a partir da Língua Brasileira de Sinais – Libras, incluindo a Translinguística como área de conhecimento que analisaria o discurso com relação a essas marcas verbo-visuais utilizadas pelos sujeitos na enunciação (Felipe, 2013, p. 67).

A visualidade linguística da Libras torna-se ainda mais evidente na produção de narrativas e descrições imagéticas. Nessas construções, o sinalizador cria cenários, representa ações e movimentação de personagens

utilizando o espaço de sinalização como ambiente narrativo. Os classificadores permitem modificar perspectivas, representar deslocamentos e construir imagens mentais dinâmicas no discurso.

Luchi (2017) propõe a utilização do termo “descrições imagéticas” para ampliar a compreensão sobre os classificadores, enfatizando o caráter visual dessas construções linguísticas. Segundo o autor, a Libras organiza sentidos através de transferências imagéticas relacionadas ao tamanho, à forma, ao movimento, à localização e à incorporação. Em sua obra, o pesquisador apresenta categorias fundamentais para compreensão dessas estruturas:

- transferência de tamanho e forma;
- transferência espacial;
- transferência de localização;
- transferência de movimento;
- transferência de incorporação.

Tais elementos evidenciam que a gramática da Libras articula imagem e linguagem de maneira inseparável. A construção do significado ocorre visualmente, permitindo ao interlocutor compreender ações e relações espaciais por meio da representação corporal do sinalizador.

Ao discutir as descrições imagéticas, Luchi (2017, p. 9) afirma: "a pesquisa da professora e essa entrevista me motivaram a lançar um olhar para esse campo de pesquisa".

A fala do autor evidencia o crescimento das pesquisas voltadas à visualidade linguística e à complexidade gramatical dos classificadores.

Além disso, os classificadores desempenham papel central na constituição dos verbos manuais da Libras. Muitos verbos incorporam configurações classificadoras que representam semanticamente os referentes envolvidos na ação. Mak e Verniano (2024) observam que diversos verbos manuais são formados por classificadores semânticos, indicando forte relação entre morfologia verbal e representação imagética.

Segundo as autoras:

Os verbos manuais na Libras podem ser divididos em locativos, classificadores de entidade ou classificadores de instrumento (Mak; Verniano, 2024, p. 1).

Essa perspectiva demonstra que a gramática da Libras utiliza os classificadores não apenas como recursos descritivos, mas também como componentes estruturais da formação verbal.

Outro aspecto importante refere-se à relação entre classificadores e narrativa visual. Nas produções discursivas em Libras, os sinalizadores frequentemente utilizam classificadores para construir cenas cinematográficas, alternando enquadramentos, perspectivas e movimentos corporais. Feitosa e Barbosa (2021) verificaram forte presença de classificadores em narrativas produzidas por estudantes surdos, especialmente na descrição de personagens, cenários e ações.

Os autores afirmam:

As conclusões da pesquisa na produção de narrativas verificaram uma grande presença de uso de classificadores. Isso acontece na descrição de cenas, de personagens, cenários, ações e outros elementos da narrativa (Feitosa; Barbosa, 2021, p. 280).

Esse uso evidencia que os classificadores possibilitam múltiplas perspectivas visuais dentro do discurso, permitindo ao sinalizador representar simultaneamente diferentes ações e personagens.

A organização espacial da Libras também favorece a construção de relações sintáticas complexas. O espaço de sinalização funciona como ambiente gramatical no qual os referentes são posicionados e retomados ao longo do discurso. Nesse sentido, o movimento assume função gramatical relevante, pois indica trajetórias, direções, intensidade e relações entre os elementos representados.

Dias Júnior e Sousa (2017) destacam que “a realização de sinais no espaço possibilita que as relações sintáticas aconteçam”. Tal afirmação demonstra que o espaço não é mero suporte físico da língua, mas elemento organizador da gramática visuoespacial.

A compreensão dos classificadores exige, portanto, uma análise que considere simultaneamente:

- a iconicidade;
- a visualidade;
- o movimento;
- o espaço;
- a corporeidade;
- a morfologia;

- a discursividade.

Nesse sentido, Rosado e Taveira (2019) propõem a ideia de uma gramática visual voltada à análise composicional de vídeos em línguas de sinais. Para os autores, a produção visual em Libras organiza-se por elementos composicionais específicos que estruturam a significação no discurso.

Rosado e Taveira afirmam:

Com o advento da produção e ampla circulação de vídeos por meio da internet, os surdos ganharam um espaço novo e independente para expressão cultural (Rosado; Taveira, 2019, p. 355).

Essa perspectiva amplia a compreensão sobre a dimensão visual da Libras e reforça a importância dos classificadores como elementos fundamentais da comunicação surda contemporânea.

Ao considerar os aspectos educacionais, percebe-se que o ensino dos classificadores representa um dos maiores desafios para aprendizes ouvintes de Libras. Isso ocorre porque a modalidade visuoespacial exige reorganização cognitiva distinta daquela utilizada nas línguas orais-auditivas. Oliveira *et al.* (2021) apontam que muitos professores ouvintes apresentam dificuldades no uso e no ensino dos classificadores devido às diferenças estruturais entre português e Libras.

Segundo os autores:

A Língua Portuguesa possui formas diferentes de classificadores, já que a modalidade é oral-auditiva, diferente da Libras, que é gestual-visual (Oliveira et al., 2021, p. 226).

Tal discussão evidencia a necessidade de aprofundamento teórico e metodológico sobre os classificadores nos processos de formação docente e ensino da Libras.

Dessa forma, os classificadores revelam-se como estruturas fundamentais para compreensão da gramática da Libras, pois articulam imagem, forma e movimento em construções linguísticas complexas. A visualidade não constitui elemento secundário da língua, mas princípio organizador de sua estrutura gramatical. Por meio dos classificadores, a Libras transforma experiências visuais em linguagem, consolidando-se como sistema linguístico completo, expressivo e profundamente ligado à experiência cultural e cognitiva da comunidade surda.

2 Classificadores e a representação imagética na Libras

Os classificadores constituem um dos aspectos mais complexos e expressivos da gramática da Língua Brasileira de Sinais (Libras), desempenhando função central na representação visual de ações, formas, movimentos, trajetórias e relações espaciais. Essas estruturas linguísticas revelam a profunda relação entre linguagem e visualidade, característica fundamental das línguas de modalidade gestual-visual. Nesse sentido, os classificadores não podem ser compreendidos apenas como recursos descritivos, mas como mecanismos morfológicos, semânticos e discursivos responsáveis pela construção imagética do enunciado em Libras.

As línguas de sinais organizam-se a partir da experiência visual do sujeito surdo, utilizando o corpo e o espaço como componentes estruturais da gramática. Diferentemente das línguas orais-auditivas, cuja linearidade temporal constitui elemento predominante da comunicação, a Libras estrutura significados espacialmente, permitindo simultaneidade informacional. Os classificadores, nesse contexto, atuam como elementos que transformam imagens mentais em representações linguísticas organizadas no espaço de sinalização.

Bernardino (2012, p. 251) afirma que os classificadores “seriam morfemas utilizados em verbos de movimento e localização”, permitindo representar entidades e ações através das configurações de mão e da movimentação corporal. Tal perspectiva evidencia que os classificadores integram a estrutura morfológica da Libras, funcionando como instrumentos de referência espacial e representação visual.

A iconicidade constitui fundamento essencial na compreensão dos classificadores. Nas línguas de sinais, a relação entre forma e significado apresenta elevado grau de aproximação visual, especialmente em construções classificatórias. Essa iconicidade, entretanto, não elimina o caráter linguístico da Libras, pois os classificadores seguem convenções gramaticais compartilhadas pela comunidade surda.

Ferreira-Brito (1995 apud Bernardino, 2012, p. 252) destaca que a Libras “usa o espaço físico e o próprio corpo do sinalizador para a execução do conteúdo da mensagem visual”. A autora enfatiza que o espaço não funciona apenas como ambiente de realização dos sinais, mas como elemento gramatical responsável pela organização sintática e semântica do discurso.

Ao discutir a iconicidade presente na Libras, Quadros e Karnopp (2004) observam que muitos sinais e classificadores apresentam motivações visuais relacionadas às características do referente, embora permaneçam submetidos às convenções linguísticas da língua. Assim, os classificadores permitem representar:

- tamanho;
- forma;
- posição;
- movimento;
- quantidade;
- direção;
- localização;
- perspectiva visual.

Esses elementos demonstram que a Libras possui uma gramática fortemente vinculada à construção imagética do discurso.

Felipe (2013) ressalta que os enunciados em Libras revelam valores espaciais e plástico-picturais integrados aos diferentes níveis linguísticos da língua. Segundo a autora:

Está sendo ressaltada a diferença entre as expressões afetivas, comunicações paralinguísticas complementares em um enunciado, e as marcas verbo-visuais gramaticais, que são linguísticas por fazerem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua (Felipe, 2013, p. 67).

Os classificadores e demais marcas verbo-visuais não constituem simples gestualidade espontânea, mas componentes gramaticais sistemáticos da Libras.

A representação imagética torna-se especialmente evidente em narrativas produzidas em Libras. Nessas produções discursivas, o sinalizador utiliza classificadores para criar cenários, representar personagens, indicar deslocamentos e construir ações visualmente perceptíveis. O espaço de sinalização transforma-se em ambiente narrativo, permitindo múltiplas perspectivas e simultaneidade de informações.

Luchi (2017) propõe ampliar a compreensão sobre classificadores utilizando o conceito de “descrições imagéticas”. O autor argumenta que muitas construções tradicionalmente classificadas apenas como classificadores envolvem processos visuais complexos relacionados à representação imagética do referente.

Segundo Luchi (2017, p. 40-48), as descrições imagéticas podem ser organizadas em categorias específicas:

- transferência de tamanho e forma;
- transferência espacial;
- transferência de localização;
- transferência de movimento;
- transferência de incorporação.

Essas transferências demonstram que o sinalizador produz significados por meio da visualização corporal do referente, construindo cenas imagéticas altamente detalhadas.

Ao discutir a importância das descrições imagéticas, Luchi (2017, p. 9) afirma:

A pesquisa da professora e essa entrevista me motivaram a lançar um olhar para esse campo de pesquisa. A oportunidade de publicar esse trabalho [...] é para dar mais subsídios teóricos.

Tal afirmação evidencia o crescimento das pesquisas voltadas à relação entre visualidade e gramática nas línguas de sinais.

As representações imagéticas produzidas pelos classificadores possibilitam ao interlocutor visualizar mentalmente ações e movimentos descritos no discurso. Isso ocorre porque o sinalizador utiliza o corpo como instrumento linguístico de representação. A movimentação das mãos, o direcionamento do olhar, as expressões faciais e a orientação corporal funcionam conjuntamente na construção do significado.

Nesse sentido, Campello (2008 apud Luchi, 2017) argumenta que a visualidade constitui fundamento epistemológico da experiência surda, sendo a imagem elemento central da construção linguística em Libras. A autora enfatiza que o sujeito surdo organiza cognitivamente o mundo através da experiência visual, o que se reflete diretamente na estrutura da língua.

A produção narrativa em Libras evidencia de maneira significativa a função imagética dos classificadores. Feitosa e Barbosa (2021) analisaram narrativas produzidas por estudantes surdos e verificaram intensa presença de classificadores relacionados à descrição de cenas, personagens e movimentos.

Os autores afirmam:

As conclusões da pesquisa na produção de narrativas verificaram uma grande presença de uso de classificadores. Isso acontece na descrição de cenas, de personagens, cenários, ações e outros elementos da narrativa (Feitosa; Barbosa, 2021, p. 280).

A utilização dos classificadores nas narrativas permite mudanças de perspectiva semelhantes à linguagem cinematográfica. O sinalizador pode representar simultaneamente diferentes personagens e pontos de vista, deslocando o corpo no espaço e alterando configurações de mão conforme a ação representada.

Rosado e Taveira (2019) observam que a produção visual em línguas de sinais envolve elementos composicionais próprios, organizando-se através de uma verdadeira gramática visual. Segundo os autores:

Como resultado do estudo, definimos sete elementos basilares constituintes e um conjunto de variações e relações possíveis entre eles (Rosado; Taveira, 2019, p. 355).

Essa perspectiva reforça que a Libras não se limita à tradução visual de estruturas orais, mas possui mecanismos próprios de organização imagética e espacial.

Além das narrativas, os classificadores desempenham importante função na tradução e interpretação em Libras. Em textos-vídeo, os tradutores frequentemente utilizam descrições imagéticas para representar conceitos complexos de maneira visualmente acessível aos surdos. Lemos e Desidério (2025) observam que os elementos imagéticos tornam a tradução “mais icônica-visual, criativa e atrativa para os alunos surdos”.

A presença dos classificadores também se manifesta nos processos de formação verbal da Libras. Muitos verbos incorporam configurações classificadoras relacionadas ao instrumento ou à entidade representada. Mak e Verniano (2024) afirmam que determinados verbos manuais são constituídos por classificadores semânticos, evidenciando forte articulação entre morfologia verbal e representação visual.

Segundo as autoras:

Os verbos da nova classe são formados por classificadores semânticos (Supalla, 1986) e podem ser formados por blend e por composição (Mak; Verniano, 2024, p. 1).

A relação entre classificadores e verbos demonstra que a visualidade não constitui aspecto periférico da Libras, mas princípio estruturante de sua gramática.

Outro aspecto relevante refere-se à aprendizagem dos classificadores por ouvintes aprendizes de Libras. Silva (2023) observa que a modalidade visuoespacial representa um desafio para sujeitos cuja língua materna organiza-se predominantemente pela oralidade. A autora afirma que o espaço token e a percepção visual exigem reorganização cognitiva específica durante o processo de aquisição da Libras.

Silva (2023, p. 3) destaca que:

A modalidade linguística é um desafio a ser superado, haja vista que não lhes é comum perceber uma língua por meio da visão e articulá-la utilizando as mãos no espaço à frente do corpo.

Essa discussão evidencia que os classificadores envolvem competências visuais, espaciais e corporais complexas, fundamentais para a fluência linguística em Libras.

Portanto, os classificadores representam muito mais do que mecanismos de descrição visual. Eles constituem estruturas gramaticais fundamentais da Libras, articulando iconicidade, espacialidade, movimento e representação imagética na construção do discurso. A visualidade, nesse contexto, transforma-se em princípio organizador da linguagem, revelando a singularidade epistemológica e linguística das comunidades surdas.

A compreensão dos classificadores exige, assim, uma abordagem que reconheça a Libras como língua plenamente visual, espacial e corporal, na qual imagem, forma e movimento convertem-se em linguagem estruturada gramaticalmente.

3 A forma, o movimento e o espaço na constituição gramatical dos classificadores

A organização gramatical da Língua Brasileira de Sinais (Libras) está profundamente vinculada aos princípios da visualidade, da espacialidade e da corporeidade. Nesse sistema linguístico, forma, movimento e espaço não funcionam apenas como elementos acessórios da comunicação, mas constituem componentes estruturais responsáveis pela produção do significado. Os classificadores emergem, nesse contexto, como mecanismos fundamentais da gramática visuoespacial da Libras, permitindo representar objetos, trajetórias, ações, dimensões e relações espaciais de maneira altamente imagética.

A modalidade gestual-visual da Libras estabelece uma lógica linguística distinta das línguas orais-auditivas. Enquanto nestas últimas

o significado organiza-se predominantemente por meio da linearidade sonora e temporal, na Libras o espaço de sinalização atua como ambiente gramatical no qual os referentes são organizados, movimentados e retomados ao longo do discurso. O corpo do sinalizador transforma-se em instrumento linguístico capaz de representar ações, formas e deslocamentos visualmente perceptíveis.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), o espaço é componente indispensável da gramática das línguas de sinais, sendo utilizado para organizar relações sintáticas, referenciais e discursivas. As autoras destacam que os classificadores dependem diretamente da organização espacial da língua, pois sua realização ocorre através da manipulação visual do espaço de sinalização.

Nesse sentido, Bernardino (2012, p. 252) afirma que “o espaço de sinalização, ou o espaço neutro nas línguas de sinais é utilizado para marcação e identificação dos referentes”. Tal afirmação demonstra que o espaço não representa apenas o local físico da realização dos sinais, mas uma dimensão linguística responsável pela construção do significado.

A constituição gramatical dos classificadores envolve a interação simultânea entre:

- configuração de mão;
- movimento;
- orientação;
- localização espacial;
- expressões não manuais;
- posicionamento corporal.

Esses parâmetros atuam conjuntamente na representação imagética do referente. Assim, a configuração de mão pode representar determinado objeto ou entidade, enquanto o movimento expressa deslocamento, intensidade, direção ou transformação espacial.

Ao discutir os classificadores semânticos, Supalla (1986 apud Mak; Verniano, 2024) argumenta que essas estruturas representam entidades e instrumentos através de configurações manuais específicas associadas ao movimento no espaço. Essa perspectiva reforça que forma e movimento são elementos inseparáveis na constituição gramatical da Libras.

Mak e Verniano (2024, p. 1) afirmam: "os verbos manuais nas Libras podem ser divididos em locativos, classificadores de entidade ou classificadores de instrumento".

Essa divisão demonstra que muitos verbos da Libras são constituídos a partir de classificadores incorporados à estrutura verbal. Assim, a configuração de mão não representa apenas um aspecto lexical, mas participa diretamente da organização morfológica do verbo.

A forma assume papel central na constituição dos classificadores porque permite representar visualmente características específicas do referente. Objetos alongados, arredondados, planos, pequenos ou volumosos podem ser representados por configurações de mão distintas, permitindo alto grau de precisão imagética no discurso.

Luchi (2017) propõe que essas representações sejam compreendidas como “descrições imagéticas”, enfatizando a relação entre visualidade e linguagem. Segundo o autor, a Libras organiza sentidos através de transferências relacionadas à forma, ao tamanho, ao movimento e à localização.

Ao apresentar as categorias das descrições imagéticas, Luchi (2017, p. 40-48) destaca:

- transferência de tamanho e forma;
- transferência espacial;
- transferência de localização;
- transferência de movimento;
- transferência de incorporação.

Essas categorias demonstram que os classificadores dependem da articulação simultânea entre forma e espaço na construção do significado.

A transferência de tamanho e forma permite representar visualmente dimensões e contornos dos referentes. Nesse tipo de construção, as mãos funcionam como instrumentos de modelagem visual, delineando formas geométricas, proporções e características físicas dos objetos descritos.

Já a transferência espacial envolve a organização dos elementos no espaço de sinalização. O sinalizador posiciona visualmente os referentes, indicando distâncias, direções e relações espaciais entre eles. Essa característica evidencia que a Libras utiliza o espaço como componente sintático e semântico da língua.

O movimento, por sua vez, constitui um dos parâmetros mais relevantes na construção gramatical dos classificadores. É através dele que se representam deslocamentos, velocidades, intensidades, trajetórias e ações. O movimento não atua apenas como elemento articulatório, mas como

marcador semântico capaz de modificar significativamente o significado do enunciado.

Felipe (2013) enfatiza que as marcas verbo-visuais fazem parte da arquitetura linguística da Libras, integrando diferentes níveis estruturais da língua. A autora afirma:

As marcas verbo-visuais gramaticais [...] fazem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua (Felipe, 2013, p. 67).

Essa compreensão rompe definitivamente com concepções reducionistas que associavam os classificadores apenas à gestualidade espontânea ou à mímica. Os movimentos realizados nos classificadores obedecem a regras gramaticais específicas e participam da construção semântica do discurso.

As expressões não manuais também exercem papel fundamental na constituição gramatical dos classificadores. Direcionamento do olhar, inclinação corporal, movimentos faciais e postura do tronco atuam conjuntamente na representação visual das ações. Em muitos casos, a ausência dessas marcas compromete a compreensão plena do enunciado.

Nesse aspecto, Felipe (2013) observa que as marcas não manuais integram a estrutura linguística da Libras, sendo responsáveis pela organização discursiva e sintática dos enunciados. A autora ressalta que essas marcas não devem ser confundidas com expressões emocionais aleatórias, pois possuem função gramatical claramente definida.

A relação entre movimento e espaço torna-se especialmente evidente nas narrativas em Libras. Nessas produções discursivas, os classificadores permitem representar trajetórias complexas, mudanças de perspectiva e deslocamentos simultâneos de diferentes personagens.

Feitosa e Barbosa (2021) verificaram forte presença de classificadores em narrativas produzidas por estudantes surdos. Segundo os autores:

Isso acontece na descrição de cenas, de personagens, cenários, ações e outros elementos da narrativa, em que há elementos cinematográficos, em que o sinalizador elaborou diferentes perspectivas de uma mesma cena (Feitosa; Barbosa, 2021, p. 280).

Essa característica aproxima a Libras de recursos cinematográficos, pois o sinalizador utiliza enquadramentos corporais, mudanças espaciais e movimentos direcionais para organizar a narrativa visualmente.

A corporeidade constitui outro elemento essencial na constituição gramatical dos classificadores. O corpo do sinalizador não funciona apenas como suporte articulatório, mas como componente semântico da linguagem. Muitas ações são representadas através da incorporação corporal dos personagens ou objetos descritos.

Campello (2008 apud Luchi, 2017) argumenta que a visualidade constitui elemento central da experiência linguística surda, sendo o corpo responsável pela materialização visual do significado. Tal compreensão evidencia que a Libras organiza-se a partir de uma lógica epistemológica distinta das línguas orais, privilegiando a experiência visual e espacial.

Ao analisar vídeos em línguas de sinais, Rosado e Taveira (2019) propõem a existência de uma gramática visual composta por elementos estruturais responsáveis pela organização imagética do discurso. Segundo os autores:

Como resultado do estudo, definimos sete elementos basilares constituintes e um conjunto de variações e relações possíveis entre eles (Rosado; Taveira, 2019, p. 355).

A proposta dos autores evidencia que forma, movimento e espaço organizam-se de maneira sistemática na produção visual da Libras.

Além disso, os classificadores permitem simultaneidade informacional, característica marcante das línguas de sinais. O sinalizador pode representar diferentes ações ao mesmo tempo, articulando movimentos independentes das mãos e do corpo. Essa simultaneidade amplia significativamente a densidade informacional do discurso.

No processo de aprendizagem da Libras, especialmente por ouvintes, a compreensão dos classificadores representa um dos maiores desafios. Silva (2023) observa que a modalidade visuoespacial exige reorganização cognitiva específica, pois o aprendiz precisa desenvolver percepção espacial e coordenação visual do discurso.

A autora afirma:

A modalidade linguística é um desafio a ser superado, haja vista que não lhes é comum perceber uma língua por meio da visão e articulá-la utilizando as mãos no espaço à frente do corpo (Silva, 2023, p. 3).

Essa discussão demonstra que a constituição gramatical dos classificadores envolve competências visuais, espaciais e corporais altamente complexas.

Do ponto de vista discursivo, os classificadores contribuem para a construção de narrativas mais expressivas e detalhadas. A representação visual dos acontecimentos permite ao interlocutor visualizar mentalmente as ações descritas, tornando o discurso altamente imagético.

Lemos e Desidério (2025) destacam que os elementos descritivos visuais-imagéticos tornam os textos-vídeo em Libras “mais icônicos-visuais, criativos e atrativos para os alunos surdos”. Essa observação reforça a relevância dos classificadores nos processos comunicacionais e educacionais da comunidade surda.

Portanto, a constituição gramatical dos classificadores depende da articulação inseparável entre forma, movimento e espaço. Esses elementos estruturam a gramática da Libras e evidenciam sua natureza profundamente visual e espacial. Os classificadores transformam o espaço em linguagem, o movimento em significado e o corpo em instrumento discursivo, consolidando a Libras como sistema linguístico complexo, expressivo e plenamente organizado gramaticalmente.

4 Considerações finais

Os classificadores são componentes fundamentais da gramática de Libras, revelando uma conexão intrínseca entre linguagem, dimensão visual e organização espacial. Nesta pesquisa, constatou-se que a estrutura gramatical da Libras mantém vínculo direto com a vivência visuoespacial dos sujeitos surdos, onde formato, dinamismo e disposição no espaço funcionam em conjunto para gerar os sentidos linguísticos.

A investigação realizada possibilitou reconhecer que os classificadores vão além de leituras simplificadoras que os reduzem a mera pantomima ou gesto livre e desorganizado. As investigações linguísticas atuais apontam que tais estruturas perpassam os domínios fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo da Libras, operando como recursos gramaticais sofisticados responsáveis pela organização visual do texto.

Verificou-se que os classificadores oferecem possibilidade de demonstrar proporção, configuração, trajeto, posição, deslocação e ponto de vista visual dos objetos de referência, viabilizando narrativas altamente figurativas e animadas. A qualidade icônica presente nesses mecanismos expõe a especificidade das línguas de sinais enquanto modalidades

linguísticas capazes de converter o espaço e a corporalidade em elementos basilares da construção significativa.

Constatou-se ainda que o campo de articulação sinalizada cumpre papel determinante na Libras, estruturando ligações de ordem sintática, referencial e narrativa. O movimento, nesse contexto, funciona como elemento semântico essencial, comunicando percursos, graus de intensidade, velocidades e comportamentos. A forma da mão, aliada às marcações faciais-corporais e à dimensão somática, amplia o potencial representativo do sistema, permitindo a composição de textos narrativos de grande riqueza visual.

Os apontamentos discutidos também sublinharam o papel relevante das construções imagéticas na organização do discurso em Libras. Os trabalhos de Luchi (2017), Campello (2008), Felipe (2013), Bernardino (2012), Quadros e Karnopp (2004), dentre diversos outros estudiosos, confirmam que a visualidade funciona como princípio organizacional basilar da experiência linguística no universo surdo.

No contexto da educação, identificou-se que o trabalho pedagógico com classificadores acarreta obstáculos consideráveis, particularmente para aprendizes ouvintes de Libras. Tal situação decorre do fato de que a modalidade visuoespacial demanda transformações nas estruturas cognitivas bastante distintas das exigidas pelas línguas orais-auditivas. Nesse sentido, urge intensificar o desenvolvimento de estudos e metodologias pedagógicas direcionadas ao aprendizado da estrutura visual característica das línguas de sinais.

Portanto, conclui-se que os classificadores figuram entre os aspectos mais requintados e potentes da Libras, demonstrando o refinamento arquitetônico que caracteriza as línguas de sinais. A integração entre formato, dinamismo e espacialidade desvela uma estrutura gramatical eminentemente visual, espacializada e corporal, na qual o corpo do sinalizador funciona como ferramenta linguística apta a representar visualmente a realidade circundante e produzir significações de forma viva e altamente plástica.

Referências

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 250-280, 2012.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia visual na educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008.

FEITOSA, Jefferson Brandão; BARBOSA, Gabriela Otaviani. O uso de classificadores: análise de imagem visual em narrativas. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 37, p. 279-291, 2021.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana, São Paulo**, v. 8, n. 2, p. 67-89, 2013.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

LEMOS, Glauber de Souza; DESIDÉRIO, Rosemeire Aparecida Antunes. Tradução de texto-escrito escolar de geografia para texto-vídeo: criatividade nos usos de imagens e descrições imagéticas da sinalização em libras. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 18, p. e56730, 2025. DOI: 10.1590/1983-3652.2025.56730. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/56730>. Acesso em: 28 mai. 2026.

LUCHI, Marcos (org.). Interpretação de descrições imagéticas da Libras para a língua portuguesa. Florianópolis: **DIOESC**, 2017.

MAK, Jessica Kwan Wah; VERNIANO, Marina. Classificação dos verbos manuais na libras: uma nova abordagem de configuração de mão. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 28, n. 2, 2024.

OLIVEIRA, Tiago Alcantara de et al. Professor ouvinte no ensino de classificadores da Libras em escola bilíngue. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 37, p. 225-243, 2021.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; GOMES, Elen Pereira. Aplicação da gramática visual para a análise composicional de Janelas de Libras: designers-artesãos e suas soluções visuais. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 37, n. 1, p. e18/1–24, 2024. DOI: 10.5902/1984686X86850. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/86850>. Acesso em: 28 mai. 2026.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TAVEIRA, Cristiane Correia. Proposta de uma gramática visual para descrição e análise composicional de vídeos digitais em línguas de sinais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 355-372, 2019.

SILVA, Lúcia da. A aquisição de classificadores semânticos por ouvintes

aprendizes de Libras como L2M2. **D.E.L.T.A.**, v. 39, n. 4, 2023.

STOKOE, William. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf**. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette (org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

INCORPORAÇÃO NUMERAL E INTENSIDADE: AMPLIANDO OS SIGNIFICADOS

Simone Quirgo de Souza Braga¹

Karine Martins Cunha Venceslau²

Vilmar Fernando Carvalho Ferreira de Almeida³

Luana Moreira⁴

Anne Karine Silva de Goes⁵

Maria Rita Alexandre Alcanfor⁶

1 Introdução

A incorporação numeral e os mecanismos de intensidade na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constituem fenômenos linguísticos de elevada complexidade morfológica e semântica, evidenciando a produtividade estrutural das línguas de sinais e sua capacidade de ampliação significativa dos sentidos. Ao longo das últimas décadas, os estudos linguísticos voltados à Libras passaram a demonstrar que os sinais não são unidades estáticas, mas estruturas dinâmicas que podem sofrer alterações fonológicas, morfológicas e discursivas capazes de produzir novas informações gramaticais e semânticas. Nesse contexto, a incorporação numeral e os processos intensificadores destacam-se como

1 Mestra em Educação pela Logos University International (UNILOGOS), Estados Unidos. Professora do Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

2 Mestra em Ensino e Formação Docente pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

3 Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor efetivo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Guarapuava (UTFPR-GP).

4 Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Pato Branco (FADEP), pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e graduada em Letras Libras pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Campus São Lourenço do Oeste. Atua como professora da Educação Especial na Rede Municipal de Ensino.

5 Mestra em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL).

6 Graduando em Letras-Libras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

mecanismos fundamentais para a expansão dos significados na sinalização.

Os estudos pioneiros sobre a estrutura das línguas de sinais contribuíram decisivamente para romper concepções equivocadas que associavam essas línguas à mímica ou a sistemas limitados de comunicação. Conforme Stokoe (1960), as línguas de sinais apresentam organização linguística própria, composta por unidades mínimas combinatórias equivalentes aos fonemas das línguas orais. No Brasil, Ferreira-Brito (1995) aprofundou tais investigações ao descrever aspectos estruturais da Libras e demonstrar sua natureza gramatical autônoma. Sobre isso, Xavier, Santos e Alecrim afirmam que:

Desde o surgimento dos primeiros estudos sobre línguas de sinais [...] os linguistas vêm desempenhando um árduo trabalho na tentativa de analisar, descrever e sistematizar os mais variados fatos linguísticos presentes nessas línguas.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a Libras apresenta mecanismos altamente sofisticados de formação de sinais, nos quais configuração de mão, movimento, orientação, localização e expressões não manuais atuam simultaneamente na construção dos sentidos. Felipe (2006) destaca que os parâmetros da Libras funcionam também como morfemas gramaticais, desempenhando funções flexionais e derivacionais. Segundo a autora: "os parâmetros [...] compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais".

Essa simultaneidade estrutural diferencia as línguas sinalizadas das línguas orais, pois permite que múltiplas informações sejam expressas em um único sinal. É nesse cenário que se insere a incorporação numeral, fenômeno morfológico caracterizado pela integração da informação quantitativa diretamente à estrutura do sinal-base.

A incorporação numeral ocorre quando a configuração de mão correspondente a um numeral substitui a configuração original de determinados sinais, produzindo ampliação quantitativa ou ordinal de significado. Xavier e Neves (2016) explicam que esse processo se manifesta especialmente em sinais relacionados a tempo, frequência, ordem e duração. Dessa forma, sinais como HORA, SEMANA, MÊS e ANO podem sofrer alterações estruturais que incorporam numerais cardinais, permitindo construções como DUAS-HORAS, TRÊS-SEMANAS ou QUATRO-MESES.

Korossy (2024), em estudo desenvolvido com sinalizantes surdos pernambucanos e paranaenses, define a incorporação numeral como:

Um processo morfológico consistente na substituição da configuração de mão original por uma das empregadas nos numerais cardinais da Libras.

Tal fenômeno evidencia que a Libras opera por mecanismos simultâneos de organização gramatical, nos quais a quantificação não necessita de um item lexical separado, mas integra-se visualmente ao próprio sinal. Esse aspecto reforça o princípio de economia linguística presente nas línguas naturais e demonstra o elevado grau de abstração morfológica da Libras.

Além disso, a incorporação numeral possui forte relação com a iconicidade visual. Nas línguas de sinais, muitos sinais apresentam correspondência perceptível entre forma e significado, favorecendo a representação imagética do conceito expresso. Nesse sentido, a configuração numérica visualiza diretamente a quantidade incorporada ao sinal, fortalecendo a compreensão semântica por meio da experiência visual.

Quadros e Karnopp (2004 apud Souza; Ferreira, 2016, p. 69) observam que as línguas de sinais possuem produtividade estrutural capaz de gerar inúmeros enunciados a partir de regras próprias de combinação. As autoras afirmam que "as línguas de sinais apresentam produtividade, pois inúmeros enunciados podem ser criados a partir das regras dessas línguas".

Essa produtividade também se manifesta nos fenômenos de intensidade, responsáveis pela ampliação expressiva dos significados em Libras. Diferentemente das línguas orais, nas quais a intensificação frequentemente ocorre pelo acréscimo de advérbios ou modificadores lexicais, a Libras utiliza predominantemente recursos fonológicos e cinemáticos.

A intensidade em Libras pode ser expressa por alterações no movimento, velocidade, duração, repetição, tensão muscular e expressões não manuais. Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020) afirmam que "a intensidade em Libras pode ser expressa por meio de expressões não manuais e alterações na forma e no movimento".

Esses mecanismos demonstram que os parâmetros fonológicos das línguas de sinais também assumem funções semânticas e pragmáticas. O movimento, por exemplo, deixa de atuar apenas como elemento articulatório e passa a exercer papel significativo na construção discursiva

Passos (2014), ao investigar os parâmetros físicos do movimento em Libras, concluiu que fatores como duração e velocidade média constituem

importantes correlatos gramaticais da intensidade. A autora destaca que "a duração é um importante correlato gramatical para expressar os diferentes graus de intensidade em Libras".

Isso significa que sinais intensificados tendem a apresentar movimentos mais amplos, prolongados ou acelerados, produzindo efeitos semânticos específicos relacionados a exagero, reforço argumentativo ou gradação qualitativa.

Santos e Xavier (2019) aprofundaram essa discussão ao analisar os efeitos da intensificação nas diferentes fases do movimento dos sinais. Os autores verificaram que a intensidade interfere principalmente na fase expressiva da sinalização, aumentando a duração do movimento e ampliando sua carga semântica. Tais resultados demonstram que a intensidade não constitui mero recurso estilístico, mas componente gramatical integrado à estrutura da Libras.

As expressões não manuais também desempenham função essencial nesse processo. Elementos como movimentos faciais, tensão corporal, elevação das sobrancelhas e mudanças no olhar contribuem significativamente para a intensificação dos sentidos. Xavier (2014 apud Santos; Xavier, 2019, p. 58) ressalta que as expressões não manuais participam diretamente da organização fonético-fonológica da Libras, ampliando a expressividade discursiva dos sinais.

Os processos intensificadores permitem a construção de gradações de significado semelhantes às existentes nas línguas orais. Assim como o português utiliza elementos como "muito", "extremamente" ou "super", a Libras recorre a modificações estruturais visuais capazes de produzir efeitos equivalentes de intensidade. Entretanto, tais recursos organizam-se segundo princípios visuais e espaciais próprios das línguas sinalizadas.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre intensidade e subjetividade discursiva. A intensificação possibilita que o sinalizante expresse emoções, avaliações, opiniões e posicionamentos argumentativos por meio de alterações corporais e cinemáticas. Dessa forma, a Libras demonstra elevada capacidade de manifestação pragmática e expressiva, contrariando concepções reducionistas historicamente atribuídas às línguas de sinais.

Além disso, os fenômenos de incorporação numeral e intensidade revelam que a Libras apresenta características simultaneamente flexionais e aglutinantes. Felipe (2006) explica que os processos de formação de sinais permitem alterações internas nas estruturas linguísticas, promovendo

ampliação semântica sem necessidade de acréscimos lineares típicos das línguas orais.

Nesse sentido, a Libras evidencia organização morfológica altamente produtiva e dinâmica, em que os parâmetros constitutivos do sinal atuam como unidades linguísticas multifuncionais. A configuração de mão, por exemplo, pode simultaneamente indicar quantidade, intensidade e categoria gramatical, dependendo do contexto discursivo.

A discussão sobre esses fenômenos também possui importantes implicações educacionais. O reconhecimento da complexidade morfológica da Libras fortalece práticas pedagógicas bilíngues e contribui para o desenvolvimento de metodologias mais adequadas ao ensino da língua. Conforme Albres (2023/2024), o avanço dos estudos linguísticos da Libras favorece o desenvolvimento terminológico e amplia as possibilidades de construção conceitual nas diferentes áreas do conhecimento.

Portanto, os processos de incorporação numeral e intensidade demonstram que a Libras possui mecanismos sofisticados de ampliação semântica e expressividade discursiva. Tais fenômenos evidenciam a riqueza estrutural das línguas de sinais e reafirmam sua legitimidade enquanto línguas naturais completas, complexas e plenamente capazes de expressar abstrações, gradações e múltiplos significados.

2 A incorporação numeral como processo morfológico na Libras

A pesquisa linguística sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem revelado uma estrutura morfológica extraordinariamente sofisticada, marcada pela coexistência simultânea de camadas gramaticais e semânticas dentro de uma mesma unidade. Dentre os vários processos estudados pela morfologia das línguas gestuais, merece particular atenção a incorporação numeral: um fenômeno em que o sinal sofre transformação estrutural através da fusão de elementos numéricos em sua forma constitutiva. Esse mecanismo não só demonstra a riqueza morfológica característica da Libras, mas igualmente expõe sua propriedade de concentrar informações diversas em um único e coeso enunciado.

A incorporação numeral consiste na substituição da configuração de mão original de determinados sinais por configurações correspondentes aos numerais cardinais da Libras. Esse processo ocorre principalmente em sinais relacionados ao tempo, frequência, duração, ordem e quantidade.

Xavier e Neves (2016) explicam que esse fenômeno se manifesta em sinais semanticamente vinculados a noções quantitativas e temporais, funcionando como importante mecanismo morfológico da Libras.

Korossy (2024), ao investigar dados de sinalizantes surdos pernambucanos e paranaenses, define a incorporação numeral da seguinte maneira:

Esse processo morfológico consiste na substituição da configuração de mão de alguns sinais que se referem a tempo, ordem e dinheiro por uma das empregadas nos numerais cardinais.

A partir dessa definição, percebe-se que a Libras organiza determinadas informações quantitativas de maneira simultânea, diferentemente das línguas orais, nas quais a quantificação geralmente depende da combinação linear entre numeral e substantivo. Na Libras, a quantidade é incorporada ao próprio sinal, produzindo uma estrutura visualmente condensada.

Exemplos clássicos desse fenômeno podem ser observados nos sinais relacionados ao tempo, como HORA, SEMANA, MÊS e ANO. Em vez da realização separada do numeral e do substantivo temporal, ocorre a fusão estrutural dessas informações em um único sinal. Assim, sinais como DUAS-HORAS, TRÊS-SEMANAS e QUATRO-MESES apresentam alterações específicas na configuração de mão, mantendo os demais parâmetros relativamente estáveis.

Korossy e Xavier (2022) observam que "a mudança consiste na substituição da configuração original por uma das empregadas nos numerais cardinais da Libras".

Esse tipo de modificação demonstra que os parâmetros fonológicos da Libras exercem também funções morfológicas. A configuração de mão deixa de ser apenas elemento articulatório e passa a funcionar como marcador gramatical quantitativo. Tal característica reforça a concepção de que as línguas de sinais possuem estrutura morfológica própria, distinta das línguas orais-auditivas.

Felipe (2006) afirma que a Libras apresenta processos de formação lexical que combinam características flexionais e aglutinantes. Segundo a autora, "os parâmetros [...] podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais".

Assim sendo, é possível entender a incorporação numeral como um processo flexional, já que altera o sinal-base sem gerar obrigatoriamente uma unidade lexical nova e autossuficiente. Contudo, ela também

exibe características aglutinativas, porquanto adiciona informações complementares diretamente dentro da estrutura do sinal.

Os estudos de Quadros e Karnopp (2004) demonstram que as línguas de sinais apresentam grande produtividade estrutural, permitindo inúmeras combinações entre parâmetros fonológicos. Conforme apontam as autoras:

As línguas de sinais apresentam produtividade, pois inúmeros enunciados podem ser criados a partir das regras dessas línguas (Quadros; Karnopp, 2004 apud Souza; Ferreira, 2016, p. 69).

Essa produtividade linguística evidencia que a incorporação numeral não constitui um fenômeno isolado ou excepcional, mas parte integrante do funcionamento morfológico regular da Libras. O processo revela a capacidade da língua de reorganizar seus parâmetros internos para expressar novas informações semânticas.

Além da produtividade, a incorporação numeral apresenta forte relação com a iconicidade. Nas línguas de sinais, muitos sinais estabelecem correspondência visual entre forma e significado, favorecendo a representação imagética dos conceitos expressos. No caso da incorporação numeral, a configuração de mão associada ao numeral permite visualização imediata da quantidade referida.

Ferreira-Brito (1995 apud Xavier; Neves, 2016, p. 130) destaca que os processos morfológicos das línguas de sinais frequentemente envolvem modificações internas na forma dos sinais, diferentemente das línguas orais, que tendem a utilizar acréscimos lineares. Isso significa que a Libras organiza informações morfológicas por meio de alterações simultâneas nos parâmetros constitutivos do sinal.

A esse respeito, Xavier e Neves (2016) afirmam:

Os estudos das línguas orais mostram que estas, em geral, para expressar diferentes relações gramaticais, modificam palavras já existentes, por meio de um processo chamado flexão.

Os autores acrescentam que fenômenos semelhantes também ocorrem nas línguas de sinais, embora organizados segundo princípios visuais e espaciais próprios.

Outro aspecto relevante refere-se à variação linguística associada à incorporação numeral. Os estudos desenvolvidos por Korossy (2024) identificaram diferenças regionais quanto à possibilidade de incorporação em determinados sinais e quanto ao limite numérico permitido para esse

processo. Em algumas comunidades surdas, certos sinais incorporam numerais apenas até determinados valores, enquanto em outras regiões a incorporação apresenta maior produtividade.

A variação linguística nas línguas de sinais é influenciada por fatores sociais, culturais e regionais. Francisco e Júnior (2026) observam que a Libras sofre modificações conforme os contextos socioculturais e as comunidades de uso. Assim, a incorporação numeral também reflete aspectos identitários e regionais da comunidade surda brasileira.

A incorporação numeral promove ampliação significativa do conteúdo expresso pelo sinal-base. O processo não apenas quantifica, mas reorganiza semanticamente o conceito representado. Dessa maneira, o sinal incorpora simultaneamente informações relacionadas à quantidade, tempo e frequência, fortalecendo a economia linguística característica das línguas sinalizadas.

A simultaneidade constitui elemento central para compreensão da morfologia da Libras. Enquanto as línguas orais organizam predominantemente suas informações de maneira linear e sequencial, as línguas de sinais articulam múltiplos elementos ao mesmo tempo. Quadros e Karnopp (2004 apud Souza; Ferreira, 2016, p. 69) explicam que os fonemas das línguas de sinais são realizados simultaneamente, e não de forma linear como ocorre nas línguas orais. Essa característica favorece processos morfológicos como a incorporação numeral.

Além disso, a incorporação numeral reforça o caráter visual-espacial da Libras. Os numerais incorporados tornam-se visualmente perceptíveis no próprio sinal, favorecendo a compreensão imediata da informação quantitativa. Esse aspecto evidencia que a Libras opera por princípios cognitivos fortemente relacionados à visualidade e à espacialidade.

Os estudos fonológicos também contribuem para a compreensão desse fenômeno. Stokoe (1960) foi um dos primeiros pesquisadores a demonstrar que as línguas de sinais são organizadas por unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das línguas orais. Posteriormente, Battison (1978), Klima e Bellugi (1979) aprofundaram a análise da estrutura interna dos sinais, demonstrando que os parâmetros podem sofrer alterações sistemáticas capazes de gerar novos significados.

No contexto brasileiro, Ferreira-Brito (1995) realizou importantes contribuições ao estudo da gramática da Libras, descrevendo processos morfológicos relacionados à modificação de sinais. Segundo Xavier, Santos

e Alecrim, “a obra pioneira *Por uma gramática de línguas de sinais* (1995), de Lucinda Ferreira Brito, é um desses empreendimentos descritivos”.

Esses estudos consolidaram a compreensão de que a Libras apresenta mecanismos internos de flexão, derivação e incorporação semelhantes aos encontrados em outras línguas naturais.

A incorporação numeral também possui implicações importantes para a educação bilíngue de surdos. O reconhecimento desses mecanismos linguísticos fortalece práticas pedagógicas que respeitam a estrutura gramatical da Libras e contribui para o desenvolvimento de materiais didáticos mais adequados à realidade linguística da comunidade surda.

Além disso, compreender os processos morfológicos da Libras auxilia intérpretes, tradutores e professores na análise da estrutura semântica dos sinais. A ausência desse conhecimento pode levar a interpretações simplificadas ou inadequadas da língua, reduzindo sua riqueza expressiva e gramatical.

Portanto, a incorporação numeral constitui um fenômeno morfológico fundamental para compreensão da estrutura linguística da Libras. Seu funcionamento evidencia a produtividade, simultaneidade e complexidade das línguas de sinais, demonstrando que a Libras possui mecanismos sofisticados de ampliação semântica e organização gramatical. Trata-se de um recurso linguístico que reafirma a legitimidade científica da Libras enquanto língua natural completa, dotada de regras próprias e elevada capacidade expressiva.

3 Intensidade e ampliação semântica nos sinais da Libras

A intensidade constitui um importante mecanismo de ampliação semântica na Língua Brasileira de Sinais (Libras), desempenhando função central na organização discursiva, pragmática e expressiva da língua. Os processos intensificadores presentes na Libras evidenciam que as línguas de sinais possuem recursos linguísticos sofisticados para indicar gradação, ênfase, exagero, reforço argumentativo e manifestação emocional. Tais mecanismos não se restringem ao acréscimo de elementos lexicais, mas envolvem alterações estruturais nos parâmetros fonológicos dos sinais, especialmente no movimento, na duração, na velocidade e nas expressões não manuais.

Os estudos linguísticos contemporâneos têm demonstrado que a intensidade nas línguas de sinais está profundamente relacionada à natureza

visual-espacial dessas línguas. Diferentemente das línguas orais-auditivas, em que a intensificação frequentemente ocorre por meio de advérbios ou modificadores sintáticos, a Libras organiza a intensificação sobretudo por meio de recursos corporais e cinemáticos. Nesse sentido, a ampliação semântica decorre diretamente das modificações realizadas na forma de produção do sinal.

Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020) afirmam que "a intensidade em Libras pode ser expressa por meio de expressões não manuais e alterações na forma e no movimento".

Essa afirmação evidencia que os parâmetros fonológicos da Libras ultrapassam funções meramente articulatórias e assumem também papel semântico e discursivo. O movimento, por exemplo, deixa de ser apenas elemento constitutivo do sinal e passa a funcionar como operador de intensidade.

Os estudos de Passos (2014) demonstram que fatores físicos relacionados ao movimento, como duração, velocidade média, energia e variância, participam diretamente da expressão da intensidade em Libras. A autora ressalta que "a duração é um importante correlato gramatical para expressar os diferentes graus de intensidade em Libras".

Isso significa que sinais intensificados tendem a apresentar movimentos mais longos, amplos ou acelerados, produzindo alterações perceptíveis na construção dos sentidos. Tais modificações configuram mecanismos gramaticais e não apenas recursos estilísticos.

A intensificação em Libras também se relaciona às expressões não manuais, elemento fundamental para compreensão da estrutura das línguas de sinais. Movimentos faciais, tensão muscular, alterações no olhar, inclinação corporal e expressões de sobrancelhas contribuem significativamente para a construção semântica dos sinais intensificados. Xavier, Santos e Alecrim observam que os estudos fonético-fonológicos da Libras têm demonstrado a relevância das expressões não manuais na organização linguística da língua.

Nesse contexto, a intensidade pode ser compreendida como um processo multimodal, no qual diferentes articuladores corporais atuam simultaneamente na produção do significado. Essa simultaneidade constitui uma das principais características estruturais das línguas sinalizadas.

Ao investigar os efeitos da intensificação no movimento das mãos durante a produção dos sinais, Santos e Xavier (2019) concluíram que o alongamento do movimento interfere principalmente na fase expressiva do

sinal. Segundo os autores, "os resultados revelaram que [...] a intensificação afeta apenas a duração da fase expressiva".

Tal constatação demonstra que a intensidade modifica diretamente a organização temporal da sinalização, ampliando o impacto semântico do sinal produzido.

Além da duração, a velocidade do movimento também exerce importante função intensificadora. Em muitos sinais, movimentos mais rápidos produzem efeitos relacionados à urgência, força ou intensidade emocional, enquanto movimentos mais lentos podem indicar prolongamento, exagero ou dramaticidade. Dessa forma, os parâmetros físicos do movimento articulam-se diretamente à construção semântica da Libras.

Os estudos sobre intensidade nas línguas naturais indicam que os mecanismos intensificadores possuem estreita relação com a subjetividade discursiva. Conforme Benzinger (1971 apud Santos; Xavier, 2019, p. 58), as línguas utilizam diferentes estratégias para expressar intensidade, incluindo alongamento sonoro, acento e reforço prosódico. Nas línguas de sinais, tais estratégias são reorganizadas visualmente por meio do corpo e do movimento.

Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020) observam que "a intensidade é como uma modificação de grau". Essa perspectiva aproxima a intensidade dos processos semânticos de gradação presentes em diversas línguas naturais. Entretanto, na Libras, essa gradação ocorre prioritariamente por meio de modificações corporais e visuais, reforçando a especificidade estrutural das línguas sinalizadas.

A relação entre intensidade e iconicidade também merece destaque. Nas línguas de sinais, a iconicidade consiste na aproximação visual entre forma e significado. Assim, sinais intensificados frequentemente apresentam movimentos maiores, mais fortes ou mais expressivos justamente porque a ampliação gestual visualiza a ampliação semântica pretendida.

Quadros e Karnopp (2004 apud Souza; Ferreira, 2016, p. 69) destacam que as línguas de sinais apresentam elevado grau de produtividade linguística, permitindo a criação de inúmeros enunciados a partir da combinação de seus parâmetros. Tal produtividade favorece os processos intensificadores, possibilitando ampla variedade de estratégias semânticas e discursivas.

A esse respeito, Felipe (2006) afirma que os parâmetros das línguas de sinais podem atuar como morfemas responsáveis por processos de

flexão e derivação. Dessa forma, a intensidade em Libras não depende necessariamente da inserção de novos itens lexicais, mas pode ser produzida pela modificação interna do próprio sinal.

Essa característica evidencia um importante diferença estrutural entre as línguas orais e as línguas sinalizadas. Enquanto muitas línguas orais utilizam recursos lineares para intensificação, a Libras organiza seus processos semânticos por meio de simultaneidade articulatória. Movimento, expressão facial, orientação corporal e configuração de mão atuam conjuntamente na construção da intensidade.

A intensidade também exerce relevante função pragmática. Os sinais intensificados podem expressar emoções, opiniões, avaliações subjetivas e posicionamentos argumentativos. Assim, a ampliação semântica produzida pela intensidade contribui para construção de sentidos mais complexos e discursivamente marcados.

Os estudos desenvolvidos por Passos (2014) demonstram que:

A expressão dos diferentes graus de intensidade gramatical na sinalização em Libras teria emergido com a auto-organização de variáveis do movimento.

Essa observação reforça a ideia de que a intensidade resulta da interação dinâmica entre múltiplos fatores articulatórios e semânticos. O movimento corporal não atua isoladamente, mas em conjunto com outras variáveis linguísticas.

Outro aspecto relevante refere-se à variabilidade dos processos intensificadores. Assim como ocorre em outros fenômenos linguísticos da Libras, a intensidade pode apresentar diferenças regionais e sociolinguísticas. Francisco e Júnior (2026) afirmam que a Libras sofre influências culturais, regionais e geracionais, resultando em diferentes formas de sinalização. Desse modo, determinados recursos intensificadores podem variar conforme a comunidade surda e o contexto comunicativo.

A intensificação também está relacionada aos processos cognitivos envolvidos na percepção visual da linguagem. A ampliação do movimento, o aumento da expressividade facial e a modificação da velocidade produzem maior impacto perceptivo no interlocutor, favorecendo a compreensão pragmática da mensagem. Isso demonstra que a Libras organiza seus mecanismos semânticos em estreita relação com a experiência visual da comunidade surda.

Ferreira-Brito (1995 apud Xavier; Neves, 2016, p. 130) observa que os processos morfológicos das línguas de sinais frequentemente envolvem

modificações internas dos sinais já existentes. Tal princípio também se aplica aos processos intensificadores, nos quais o sinal-base é alterado estruturalmente para produzir ampliação semântica.

Além disso, a intensidade evidencia a complexidade fonético-fonológica da Libras. Stokoe (1960) já havia demonstrado que os sinais são compostos por unidades mínimas distintas equivalentes aos fonemas das línguas orais. Posteriormente, Battison (1978), Klima e Bellugi (1979) ampliaram essa compreensão ao demonstrar que os parâmetros fonológicos das línguas de sinais podem sofrer modificações sistemáticas responsáveis por novos significados gramaticais e semânticos.

No caso da Libras, tais modificações tornam-se especialmente evidentes nos fenômenos intensificadores. O movimento, a expressão facial e a duração deixam de atuar apenas como componentes articulatórios e passam a exercer funções diretamente relacionadas à ampliação dos significados.

Compreender os mecanismos de intensidade na Libras é fundamental para o ensino bilíngue de surdos, para a formação de intérpretes e para o desenvolvimento de materiais didáticos adequados à estrutura da língua. O desconhecimento desses fenômenos pode gerar simplificações inadequadas da Libras, reduzindo sua riqueza expressiva e discursiva.

Portanto, os processos de intensidade e ampliação semântica nos sinais da Libras demonstram a elevada complexidade linguística das línguas sinalizadas. A intensidade constitui mecanismo gramatical, semântico e pragmático essencial para construção de sentidos, permitindo gradação, reforço argumentativo, expressão emocional e ampliação discursiva. Tais fenômenos reafirmam que a Libras é uma língua natural completa, dotada de sofisticados mecanismos estruturais capazes de expressar múltiplas nuances semânticas por meio da visualidade, da espacialidade e da simultaneidade articulatória.

4 Considerações finais

Quando se examina como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) incorpora numerais e trabalha com intensidade, fica evidente a quão intrincada é sua estrutura linguística e semântica, confirmando mais uma vez que se trata de uma língua natural legítima, dotada de suas próprias regras gramaticais e de mecanismos complexos para gerar significados. A discussão que segue deixa claro que a Libras dispõe de considerável

potencial para expandir seus sentidos, combinando ao mesmo tempo fatores fonológicos, morfológicos, pragmáticos e discursivos.

A incorporação de números mostrou-se como um mecanismo morfológico relevante na Libras, consistindo na troca da configuração original da mão em certos sinais por configurações que representam números. Isso demonstra o dinamismo linguístico da língua e sua destreza em comprimir dados quantitativos direto na forma do sinal. Diferente das línguas faladas, que costumam recorrer à sequência linear das palavras para transmitir quantidade, a Libras organiza essas informações simultaneamente e visualmente, respeitando os princípios de eficiência comunicativa e iconicidade.

Conforme apontado por Korossy (2024) e Xavier e Neves (2016), a incorporação numérica é particularmente recorrente em sinais que envolvem temporalidade, reiteração, duração e sequência, atuando como um recurso sistemático da gramática da Libras. Observou-se também que esse fenômeno sofre variações de acordo com a região e o contexto sociolinguístico, revelando o caráter vivo das comunidades surdas e a variabilidade inerente à língua.

De forma semelhante, a manipulação da intensidade provou ser essencial para ampliar tanto os significados quanto as possibilidades expressivas dos sinais em Libras. A intensificação, obtida por mudanças no padrão do movimento, no tempo de realização, na velocidade e nos gestos faciais e corporais, mostra que os parâmetros fonológicos das línguas sinalizadas funcionam também como portadores de sentido e têm propósitos pragmáticos fundamentais. Nesse aspecto, o movimento do corpo vai além de sua simples função articulatória, tornando-se um componente crucial na formação do discurso.

As pesquisas de Passos (2014), Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020) e Santos e Xavier (2019) indicam que a variação de intensidade na Libras depende diretamente dos atributos físicos do movimento e da participação conjunta de diversos articuladores corporais. O aumento da amplitude gestual, a extensão da duração temporal e os movimentos faciais têm papel decisivo na criação de significados relacionados a graus de intensidade, afetos, reforço de argumentos e marcas de subjetividade no discurso.

Esses mecanismos revelam que a Libras dispõe de recursos linguísticos bem sofisticados para modificar internamente seus sinais, guardando similaridades com processos de flexão e derivação encontrados em outras

línguas do mundo. Ao mesmo tempo, apontam para características únicas da modalidade visual e espacial, especialmente no tocante à articulação simultânea de elementos e aos usos de iconicidade.

Para além da questão puramente linguística, conhecer como esses mecanismos funcionam abre portas para implicações na educação, na pedagogia e na tradução. Quando se reconhece a sofisticação morfológica e semântica da Libras, fortalecem-se iniciativas de educação bilíngue para surdos, aprimoram-se os programas de formação de intérpretes e criam-se metodologias de ensino mais apropriadas ao aprendizado da língua. Assimilar os procedimentos de incorporação numérica e modulação de intensidade significa abraçar a riqueza estrutural que a Libras possui e honrar o modo como a comunidade surda experiencia o mundo visualmente.

Portanto, é possível afirmar que os mecanismos de incorporação numeral e intensidade funcionam como ferramentas fundamentais para enriquecer semanticamente a Libras, refletindo seu vigor produtivo, sua capacidade expressiva e sua organização gramatical refinada. Esses processos reforçam a urgência em ampliar pesquisas linguísticas dedicadas às línguas de sinais, permitindo que a Libras se solidifique ainda mais no plano científico, educacional e social dentro do Brasil.

Referências

BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

BENZINGER, James. **Intensification in English**. In: Papers from the Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: CLS, 1971.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217,

2006.

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes; JÚNIOR, Glauco Castro. Variação linguística na Libras: Um estudo reflexivo do aspecto semântico-lexical na área da saúde. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 42, n. único, p. e04242 | p. 294–320, 2026. DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-42. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/77808>. Acesso em: 28 mai. 2026.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. The signs of language. **Cambridge: Harvard University Press**, 1979.

KOROSSY, Rafaela de Medeiros Alves. **Estudo da incorporação de numeral em Libras com base em dados de sinalizantes surdos pernambucanos e paranaenses**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos).

KOROSSY, Rafaela de Medeiros Alves; XAVIER, André Nogueira. Estudo piloto sobre a incorporação de numeral na Libras usada em Recife-PE e Curitiba-PR. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 65, p. 329-357, 2022.

PASSOS, Rosana. **Parâmetros físicos do movimento em Libras: um estudo sobre intensificadores**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos).

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; SEGALA, Rimar Ramalho; XAVIER, André Nogueira. Descrição e análise semânticas da intensidade em Libras. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 311-331, 2020.

SANTOS, Thiago Steven dos; XAVIER, André Nogueira. Os efeitos da intensificação no movimento da(s) mão(s) na produção de sinais da Libras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 57-75, 2019.

STOKOE, William. Sign language structure: an outline of the visual communication systems

of the American deaf. **Buffalo: University of Buffalo**, 1960.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130-151, 2016.

XAVIER, André Nogueira; SANTOS, Thiago Steven dos; ALECRIM, Elisane. Considerações terminológicas sobre a fonologia da Libras. **Revista da Abralin**, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 1-5, 2020.

O LÉXICO DA LIBRAS: O ACERVO CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA

Márcia Francisca Diogo Rodrigues¹

Rivael Mateus Fabricio²

Claudiane da Silva Albuquerque³

Medson Cristiano Nascimento da Silva⁴

Murilo Rocha Nunes⁵

Isabel Alvim Souza Ferreira⁶

1 Introdução

O léxico da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui-se como uma das mais importantes expressões culturais da comunidade surda brasileira, uma vez que os sinais produzidos e compartilhados socialmente carregam marcas históricas, identitárias, sociais e culturais construídas ao longo do tempo. Diferentemente da concepção reducionista que compreende a Libras apenas como instrumento de comunicação, os estudos linguísticos contemporâneos demonstram que essa língua representa um sistema complexo, autônomo e culturalmente situado, capaz de expressar experiências visuais específicas da comunidade surda. Nesse contexto, o léxico da Libras apresenta-se como um verdadeiro acervo cultural, responsável por preservar memórias coletivas, valores identitários, práticas sociais e formas particulares de interpretação do mundo.

A constituição lexical da Libras relaciona-se diretamente com os processos históricos de formação da comunidade surda brasileira. A criação dos sinais ocorre a partir das interações sociais entre sujeitos surdos, das

1 Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Docente efetivo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

3 Graduação em Letras Libras pela universidade federal de Alagoas (UFAL).

4 Graduado em Letras Libras pelo Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

5 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS).

6 Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário CESMAC. Especialista em Libras pela Faculdade Alpha. Graduanda em Letras-Libras pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

experiências visuais compartilhadas e das necessidades comunicativas produzidas em diferentes contextos culturais. Assim, os sinais não são aleatórios, mas resultado de convenções sociais estabelecidas dentro da comunidade linguística surda. Conforme afirmam Souza e Gediell (2017, p. 164), “o processo de nomeação por meio de sinais que representam os nomes próprios das pessoas Surdas constitui fenômeno social recorrente em diversos grupos de sinalizantes”, demonstrando que a construção lexical da Libras está profundamente vinculada à cultura surda e às relações de pertencimento comunitário.

Nesse sentido, a Libras deve ser compreendida como patrimônio linguístico-cultural da comunidade surda. A língua carrega elementos simbólicos que ultrapassam a dimensão comunicativa e alcançam aspectos relacionados à identidade, memória e resistência cultural. A cultura surda manifesta-se por meio da experiência visual, das práticas sociais e das formas de interação próprias da comunidade, sendo o léxico um dos principais mecanismos de preservação desses elementos culturais.

Os estudos sobre lexicografia em línguas de sinais evidenciam a importância dos registros lexicais para preservação histórica da Libras. Lourrane Leôncio e Zavaglia (2021) destacam que os processos de dicionarização e elaboração de glossários constituem importantes mecanismos de documentação histórica da língua, permitindo o registro das transformações lexicais e das produções culturais da comunidade surda. A elaboração de dicionários e glossários de Libras representa, portanto, um movimento de valorização da língua e de reconhecimento da legitimidade linguística da comunidade surda brasileira.

Além disso, o léxico da Libras apresenta caráter dinâmico e mutável, acompanhando as transformações sociais, culturais e tecnológicas da sociedade contemporânea. Assim como ocorre em qualquer língua natural, novos sinais surgem constantemente, enquanto outros sofrem modificações estruturais, semânticas e articulatórias. Silva e Gonçalves (2020) observam que a mudança lexical na Libras ocorre de maneira natural e contínua, sendo influenciada pelas relações sociais e pelos contextos históricos nos quais os sujeitos surdos estão inseridos.

As transformações lexicais da Libras também podem ser observadas em decorrência dos avanços tecnológicos. Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024) destacam que o desenvolvimento das tecnologias digitais provocou profundas alterações no léxico da Libras, sobretudo em áreas relacionadas à informática, comunicação virtual e redes sociais. O

surgimento de novos conceitos tecnológicos exige da comunidade surda a criação de sinais capazes de representar novas experiências sociais e comunicativas.

Esse fenômeno evidencia o caráter produtivo da Libras, demonstrando que a língua possui mecanismos próprios de criação lexical. Xavier e Neves (2016) afirmam que os processos morfológicos da Libras incluem mecanismos de derivação, composição e modificação de sinais, permitindo ampla produtividade lexical. Dessa maneira, a Libras revela-se linguisticamente complexa e estruturalmente organizada, contrariando perspectivas equivocadas que historicamente deslegitimaram as línguas de sinais.

No que se refere aos processos de criação lexical, destaca-se a relevância da iconicidade na constituição dos sinais da Libras. Muitos sinais apresentam relação visual entre o movimento realizado e o objeto ou conceito representado, favorecendo a compreensão visual da língua. Entretanto, a iconicidade não elimina o caráter arbitrário dos sinais, uma vez que a relação entre significante e significado também depende das convenções sociais estabelecidas pela comunidade surda.

Sobre essa questão, Souza e Gediél (2017, p. 165) afirmam que:

A língua, além de estar imersa enquanto fator cultural, também se constitui como ação social. É através dela que as pessoas criam, compartilham significados e ressignificam as suas ações.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o léxico da Libras constitui espaço de produção simbólica e construção cultural coletiva. Cada sinal produzido carrega marcas das experiências históricas e sociais da comunidade surda, funcionando como elemento de preservação identitária.

A literatura surda também desempenha papel fundamental na preservação e expansão do léxico da Libras. As narrativas produzidas em Libras fortalecem a circulação de sinais, ampliam o repertório lexical e valorizam a cultura visual surda. Segundo Nery, Moura e Perdigão (2025), a literatura em Libras promove o fortalecimento das identidades surdas e favorece a valorização das experiências culturais da comunidade.

A produção artística e cultural surda também contribui significativamente para consolidação do léxico da Libras enquanto patrimônio cultural. Costa, Grangeiro e Oliveira (2021) afirmam que a Libras constitui a maior representação linguística e cultural da comunidade surda brasileira, permitindo diversas formas de expressão artística e visual.

Assim, o léxico da Libras encontra-se presente em manifestações culturais diversas, como teatro surdo, poesia sinalizada, literatura visual e artes performáticas.

Outro aspecto relevante refere-se à variação linguística existente na Libras. Assim como ocorre em outras línguas naturais, diferentes comunidades surdas utilizam sinais distintos para representar um mesmo conceito. As variações regionais, sociais e geracionais revelam a riqueza cultural da Libras e demonstram sua diversidade linguística.

Francisco e Castro Júnior (2026) destacam que a variação linguística na Libras sofre influência de fatores regionais, culturais e sociais, produzindo diferentes formas de sinalização em distintas comunidades surdas brasileiras. A existência dessas variações reforça a compreensão da Libras como língua viva e socialmente construída.

Além das variações regionais, observa-se também a existência de variações terminológicas em áreas técnicas e científicas. Santana e Santos (2022) analisam a presença de diferentes sinais-termo utilizados na área da eletrotécnica em instituições maranhenses, demonstrando que os discursos especializados também sofrem processos de variação lexical.

Entretanto, apesar da riqueza lexical da Libras, ainda existem desafios relacionados à documentação e padronização dos sinais. Em diversas áreas do conhecimento, especialmente no campo científico, observa-se escassez de sinais específicos, dificultando o acesso da comunidade surda aos conteúdos acadêmicos.

Ferreira *et al.* (2024) ressaltam que muitos conceitos científicos ainda não possuem sinais consolidados em Libras, evidenciando a necessidade de ampliação dos glossários científicos e da produção terminológica especializada. Tal realidade demonstra que o fortalecimento do léxico da Libras depende de investimentos em pesquisa linguística, produção lexicográfica e políticas de valorização da língua.

A importância da documentação lexical também aparece nos estudos sobre patrimônios histórico-culturais sinalizados em Libras. Dantas e Ferraz (2025) afirmam que o registro dos sinais relacionados aos patrimônios culturais de Salvador constitui importante mecanismo de preservação da memória surda e ampliação da acessibilidade linguística. Os autores destacam que muitos espaços históricos ainda permanecem pouco acessíveis à comunidade surda devido à ausência de sinais específicos e recursos linguísticos adequados.

Nesse cenário, torna-se fundamental compreender o léxico da Libras como patrimônio imaterial da comunidade surda brasileira. A preservação dos sinais representa não apenas a manutenção de uma língua, mas também a valorização de histórias, memórias e identidades construídas coletivamente pelos sujeitos surdos ao longo do tempo.

Conforme afirmam Sofiato e Reily (2014), os dicionários e registros lexicográficos da Libras constituem importantes instrumentos de preservação cultural e ensino da língua. A documentação lexical contribui para fortalecimento da Libras enquanto língua legítima e favorece o reconhecimento social da cultura surda.

Dessa maneira, o léxico da Libras configura-se como um dos principais elementos de resistência cultural da comunidade surda, preservando conhecimentos, experiências visuais e formas específicas de significação do mundo. Valorizar esse patrimônio linguístico significa reconhecer a legitimidade da Libras e garantir os direitos culturais, linguísticos e educacionais da população surda brasileira.

2 O léxico da Libras e a construção cultural da comunidade surda

O léxico da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui-se como um dos principais elementos de representação cultural da comunidade surda brasileira, uma vez que os sinais produzidos socialmente carregam marcas históricas, identitárias e simbólicas construídas coletivamente ao longo das experiências sociais dos sujeitos surdos. Diferentemente das concepções reducionistas que limitam a Libras à função instrumental de comunicação, os estudos linguísticos contemporâneos reconhecem que essa língua representa um patrimônio cultural imaterial, capaz de expressar modos específicos de percepção do mundo e formas próprias de organização social da comunidade surda.

Nesse contexto, o léxico da Libras não se restringe ao conjunto de sinais utilizados cotidianamente, mas compreende um sistema complexo de significações culturais e sociais que refletem a experiência visual da surdez. Os sinais presentes na Libras constituem-se como manifestações culturais construídas historicamente, revelando práticas sociais, identidades coletivas e memórias compartilhadas pela comunidade surda.

Souza e Gediél (2017, p. 164) afirmam que o processo de nomeação na comunidade surda ocorre a partir de experiências sociais e

culturais específicas, sendo os sinais próprios elementos fundamentais para a construção identitária dos sujeitos surdos. Segundo as autoras:

O processo de nomeação por meio de sinais que representam os nomes próprios das pessoas Surdas que utilizam a Língua de Sinais como principal forma de comunicação é um fenômeno social recorrente em diversos grupos de sinalizantes (Souza; Gediel, 2017, p. 164).

A atribuição dos sinais próprios representa importante prática cultural da comunidade surda, funcionando como mecanismo de pertencimento social e reconhecimento identitário. Após receber um sinal próprio, o sujeito passa a ser identificado dentro da comunidade por meio dessa representação visual, evidenciando a relação entre língua, cultura e identidade.

Além disso, a constituição lexical da Libras encontra-se profundamente relacionada à experiência visual da comunidade surda. Os sinais são produzidos a partir de mecanismos específicos de representação visual, utilizando parâmetros fonológicos próprios das línguas de sinais, como configuração de mão, movimento, orientação, localização e expressões não manuais. Esses elementos permitem que o léxico da Libras expresse conceitos, sentimentos e experiências de maneira visual-espaçial.

Segundo Xavier e Neves (2016, p. 130), a Libras apresenta processos morfológicos próprios que demonstram sua autonomia linguística e capacidade produtiva. Para os autores, os mecanismos de derivação, composição e modificação dos sinais permitem constante ampliação lexical da língua. Tal característica demonstra que a Libras não constitui simples tradução gestual da Língua Portuguesa, mas sistema linguístico independente e estruturalmente organizado.

Os estudos lexicográficos também evidenciam a importância do léxico da Libras enquanto patrimônio cultural. A documentação dos sinais por meio de dicionários, glossários e registros lexicais representa importante mecanismo de preservação histórica da língua e da memória cultural da comunidade surda.

Sobre essa questão, Sofiato e Reily (2014, p. 110) afirmam que os dicionários de Libras constituem materiais fundamentais para o ensino, aprendizagem e preservação da língua, além de contribuírem para valorização da cultura surda. As autoras ressaltam que:

A língua brasileira de sinais (Libras) utilizada pela comunidade surda no Brasil é uma língua de modalidade espaço-visual cuja representação

gráfica comumente se dá por meio de imagens em dicionários impressos e em meio digital (Sofiato; Reily, 2014, p. 110).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a documentação lexical não possui apenas finalidade pedagógica, mas também cultural e política, uma vez que contribui para legitimação da Libras enquanto língua oficial da comunidade surda brasileira.

A relação entre léxico e cultura também pode ser observada nos processos de criação de novos sinais. O surgimento de sinais na Libras ocorre a partir das necessidades comunicativas da comunidade surda, acompanhando transformações sociais, culturais e tecnológicas da sociedade contemporânea.

Silva e Gonçalves (2020, p. 3) observam que a mudança lexical constitui fenômeno natural das línguas, sendo influenciada pelas relações sociais estabelecidas entre os usuários da língua. Conforme os autores:

Na Libras, assim como em qualquer outra língua, é natural a manifestação dos fenômenos da variação e da mudança (Silva; Gonçalves, 2020, p. 3).

Desse modo, o léxico da Libras revela-se dinâmico e mutável, sofrendo constantes adaptações em decorrência das transformações históricas da comunidade surda. Os novos contextos sociais, especialmente relacionados às tecnologias digitais, influenciam diretamente a criação de sinais e a reorganização lexical da língua.

As transformações tecnológicas, por exemplo, provocaram importantes alterações no léxico da Libras, especialmente em áreas relacionadas à informática, comunicação virtual e redes sociais. Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024) destacam que o avanço tecnológico contribuiu significativamente para ampliação lexical da Libras, sobretudo mediante a criação de sinais relacionados ao universo digital.

Nesse processo, observa-se que o léxico da Libras acompanha as mudanças culturais da sociedade, funcionando como mecanismo de atualização linguística da comunidade surda. Assim, a criação lexical representa importante estratégia de resistência cultural e adaptação social dos sujeitos surdos diante das transformações contemporâneas.

A literatura surda também desempenha papel fundamental na preservação e circulação do léxico da Libras. As produções literárias em língua de sinais fortalecem a identidade cultural surda, ampliam o repertório lexical da língua e valorizam narrativas construídas a partir da experiência visual.

Nery, Moura e Perdigão (2025, p. 216) afirmam que a literatura em Libras constitui importante instrumento de fortalecimento das identidades surdas e valorização da cultura visual. Segundo os autores:

A literatura desempenha um papel fundamental promovendo a expressão cultural e experiências humanas (Nery; Moura; Perdigão, 2025, p. 216).

A literatura surda permite que os sujeitos surdos expressem suas experiências culturais por meio da Libras, fortalecendo a circulação de sinais e consolidando o léxico enquanto patrimônio cultural coletivo. Nesse sentido, o léxico da Libras ultrapassa a dimensão linguística e assume papel central na preservação da memória cultural da comunidade surda.

A produção artística surda também contribui para consolidação desse patrimônio lexical. Costa, Grangeiro e Oliveira (2021, p. 7) destacam que a Libras representa “a maior representação linguística e cultural da comunidade surda”, permitindo diversas formas de expressão artística e visual. Assim, manifestações culturais como teatro surdo, poesia sinalizada, narrativas visuais e artes performáticas colaboram para fortalecimento e difusão do léxico da Libras.

Outro aspecto relevante refere-se à variação linguística presente na Libras. Assim como ocorre em outras línguas naturais, a Libras apresenta diferenças regionais, sociais e geracionais que produzem múltiplas formas de sinalização. Essas variações demonstram a riqueza cultural da comunidade surda brasileira e evidenciam o caráter social da língua.

Francisco e Castro Júnior (2026, p. 295) afirmam que a Libras sofre influência de fatores regionais, sociais e culturais, resultando em diferentes formas de produção lexical nas comunidades surdas brasileiras. Tal diversidade linguística reforça a compreensão de que o léxico da Libras é construído socialmente, refletindo as especificidades culturais de diferentes grupos surdos.

Além das variações regionais, observa-se também a existência de variações terminológicas em áreas acadêmicas e técnicas. Santana e Santos (2022, p. 1) analisam a presença de diferentes sinais-termo utilizados na área da eletrotécnica no Maranhão, demonstrando que os discursos especializados em Libras também apresentam variações lexicais significativas.

A presença dessas variações reforça a necessidade de estudos terminológicos e registros lexicais especializados, especialmente em contextos acadêmicos e científicos. Ferreira et al. (2024) apontam que

muitos conceitos científicos ainda não possuem sinais consolidados em Libras, dificultando o acesso da comunidade surda ao conhecimento científico.

Nesse sentido, a produção de glossários, sinalários e dicionários especializados torna-se fundamental para ampliação do léxico científico da Libras e fortalecimento da acessibilidade linguística da população surda.

A relação entre léxico e patrimônio cultural também pode ser observada nos estudos sobre sinais relacionados aos patrimônios histórico-culturais brasileiros. Dantas e Ferraz (2025) analisam os sinais utilizados para representar patrimônios culturais de Salvador e destacam que o registro desses sinais contribui para preservação da memória cultural surda. Segundo os autores, muitos patrimônios históricos ainda permanecem pouco acessíveis à comunidade surda devido à ausência de sinais específicos e recursos de acessibilidade linguística.

Essa discussão evidencia que o léxico da Libras constitui importante instrumento de democratização cultural, permitindo que a comunidade surda participe ativamente dos espaços históricos, educacionais e culturais da sociedade.

Conforme apontam Quadros e Karnopp (2004 apud Dantas; Ferraz, 2025), a Libras possui estrutura fonológica e morfológica própria, sendo plenamente capaz de representar conceitos abstratos, científicos e culturais complexos. A referência aos estudos de Quadros e Karnopp demonstra a consolidação científica da Libras enquanto língua natural da comunidade surda brasileira.

Dessa maneira, compreende-se que o léxico da Libras constitui muito mais do que conjunto de sinais organizados linguisticamente. Trata-se de patrimônio cultural construído historicamente pela comunidade surda, responsável pela preservação de identidades, memórias e formas específicas de interpretação do mundo. Valorizar o léxico da Libras significa reconhecer a legitimidade da cultura surda e garantir os direitos linguísticos e culturais da população surda brasileira.

3 Transformações lexicais, variação linguística e preservação cultural na Libras

As transformações lexicais e os processos de variação linguística presentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras) demonstram o caráter dinâmico, social e historicamente construído dessa língua. Assim como

ocorre em todas as línguas naturais, a Libras sofre alterações contínuas motivadas pelas mudanças culturais, tecnológicas, regionais e sociais vivenciadas pela comunidade surda. Nesse contexto, o léxico da Libras constitui-se como elemento vivo da cultura surda, acompanhando as transformações históricas da sociedade e preservando marcas identitárias fundamentais para a memória coletiva da comunidade.

As mudanças lexicais observadas na Libras decorrem da necessidade constante de adaptação linguística às novas experiências sociais e culturais. A criação, modificação e substituição de sinais revelam a capacidade produtiva da língua e evidenciam que o léxico não é estático, mas permanentemente reorganizado pelos sujeitos surdos em seus contextos de interação social.

Silva e Gonçalves (2020, p. 3) afirmam que a mudança lexical na Libras constitui fenômeno natural das línguas humanas, estando diretamente relacionada aos processos sociais e culturais experimentados pelos usuários da língua. Segundo os autores:

Na Libras, assim como em qualquer outra língua, é natural a manifestação dos fenômenos da variação e da mudança, segundo variáveis sociais e linguísticas (Silva; Gonçalves, 2020, p. 3).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o léxico da Libras acompanha as transformações sociais da comunidade surda, sofrendo adaptações motivadas pelas relações culturais, pela evolução tecnológica e pelas mudanças geracionais. Os sinais utilizados em determinados períodos históricos podem sofrer alterações estruturais, simplificações articulatórias ou mesmo substituições em decorrência das transformações culturais da sociedade.

Os estudos sobre mudança lexical em Libras demonstram que muitos sinais passam por processos de redução vocabular e simplificação fonológica ao longo do tempo. Alves e Takahira (2021, p. 3) explicam que a redução vocabular constitui importante processo de criação lexical na Libras, relacionado à economia linguística e à necessidade de otimização comunicativa.

Nesse sentido, a redução vocabular representa mecanismo natural de reorganização lexical, permitindo que os sinais se adaptem às dinâmicas comunicativas da comunidade surda. O processo evidencia que o léxico da Libras não permanece fixo, mas acompanha as necessidades de interação social dos sujeitos surdos.

As transformações lexicais também se intensificaram em decorrência dos avanços tecnológicos contemporâneos. O desenvolvimento das

tecnologias digitais provocou mudanças significativas no cotidiano da comunidade surda, exigindo a criação de novos sinais relacionados ao universo virtual, às redes sociais, aos dispositivos tecnológicos e às formas contemporâneas de comunicação.

Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024, p. 128) observam que a evolução tecnológica contribuiu diretamente para ampliação do léxico da Libras, especialmente em áreas relacionadas à informática e comunicação digital. Segundo os autores:

A tecnologia trouxe grandes contribuições para a acessibilidade linguística da comunidade surda, impactando diretamente o léxico das línguas de sinais (Temoteo-Marques; Martins; Guirelli, 2024, p. 128).

Essas transformações demonstram que a Libras responde ativamente às mudanças sociais da contemporaneidade, incorporando novos conceitos e reorganizando seu sistema lexical conforme as necessidades culturais da comunidade surda.

Além das transformações tecnológicas, a Libras também apresenta significativa diversidade regional. As variações linguísticas observadas entre diferentes comunidades surdas brasileiras revelam que os sinais sofrem influência direta dos contextos sociais e culturais nos quais os sujeitos estão inseridos.

Francisco e Castro Júnior (2026, p. 295) afirmam que a Libras apresenta variações regionais semelhantes às observadas nas línguas orais, sendo influenciada por fatores culturais, sociais e geográficos. As diferenças regionais podem ser observadas em aspectos relacionados à configuração de mão, movimento, orientação e escolha lexical dos sinais.

Sobre essa questão, os autores afirmam que:

Assim como nas línguas orais, a Libras também pode apresentar variações regionais, resultando em sinais e expressões que diferem de uma região para outra (Francisco; Castro Júnior, 2026, p. 296).

A existência dessas variações reforça o caráter social e cultural da Libras, demonstrando que a língua é construída coletivamente pelas diferentes comunidades surdas distribuídas pelo território brasileiro.

A variação linguística também pode ser observada em áreas acadêmicas e técnicas. Santana e Santos (2022) analisam os sinais-termo utilizados na área da eletrotécnica no Maranhão e identificam diferentes variantes denominativas utilizadas em contextos institucionais distintos.

Segundo os autores, os discursos especializados em Libras também sofrem influência dos fatores sociais e culturais presentes nas interações linguísticas.

Os autores destacam que:

O número expressivo de variantes denominativas catalogadas em Libras corrobora a afirmativa de que há variação no discurso especializado (Santana; Santos, 2022, p. 1).

Essa realidade evidencia que a Libras possui ampla capacidade de adaptação terminológica, sendo capaz de representar conceitos técnicos, científicos e acadêmicos complexos.

Entretanto, apesar da riqueza lexical da Libras, ainda existem desafios relacionados à documentação, padronização e preservação dos sinais. Em diversas áreas do conhecimento, observa-se ausência de sinais específicos para determinados conceitos científicos, dificultando o acesso da comunidade surda ao conhecimento acadêmico.

Ferreira *et al.* (2024, p. 1) afirmam que existe escassez de sinais-termos científicos em Libras, especialmente em áreas relacionadas às ciências naturais. Segundo os autores, a ausência de glossários especializados limita o acesso linguístico da população surda aos conteúdos científicos e acadêmicos.

Sobre essa problemática, Ferreira *et al.* (2024, p. 1) destacam:

Concluimos que é necessário maior unidade entre grupos de pesquisa para o desenvolvimento de glossários de ciências em Língua Brasileira de Sinais (Ferreira et al., 2024, p. 1).

A necessidade de elaboração de glossários especializados demonstra que a preservação cultural da Libras depende diretamente da ampliação de políticas linguísticas voltadas ao fortalecimento da produção terminológica da comunidade surda.

Os registros lexicográficos possuem papel central nesse processo de preservação cultural. Dicionários, glossários e sinalários contribuem para documentação histórica da Libras, permitindo registrar as transformações lexicais e preservar a memória linguística da comunidade surda.

Lourrane Leôncio e Zavaglia (2021, p. 1) afirmam que a lexicografia das línguas de sinais constitui importante mecanismo de resgate histórico e valorização cultural da Libras. As autoras destacam que os registros lexicais permitem identificar a evolução histórica dos sinais e compreender os processos culturais envolvidos na formação da língua.

A documentação lexical também possui importante dimensão política e educacional. O reconhecimento da Libras enquanto língua oficial da comunidade surda brasileira fortaleceu a necessidade de produção de materiais lexicográficos voltados ao ensino, à pesquisa e à preservação cultural.

Sofiato e Reily (2014, p. 110) afirmam que os dicionários de Libras desempenham papel fundamental no ensino e aprendizagem da língua, além de contribuírem para preservação da memória cultural da comunidade surda.

Segundo as autoras:

As obras analisadas apresentavam características bastante semelhantes em relação à apresentação, à constituição das imagens e aos aspectos lexicais (Sofiato; Reily, 2014, p. 110).

A partir disso, compreende-se que os registros lexicográficos não apenas documentam os sinais existentes, mas também fortalecem o reconhecimento social da Libras enquanto patrimônio linguístico-cultural.

Outro aspecto importante refere-se à relação entre transformação lexical e identidade cultural surda. As mudanças observadas na Libras não representam perda cultural, mas evidenciam a vitalidade da língua e sua capacidade de adaptação histórica. O léxico da Libras permanece em constante reconstrução, preservando elementos culturais da comunidade surda enquanto incorpora novas experiências sociais.

Souza e Gediél (2017, p. 164) destacam que os sinais próprios da comunidade surda carregam elementos culturais relacionados à iconicidade, arbitrariedade e pertencimento identitário. Os processos de nomeação na comunidade surda revelam que os sinais são construídos socialmente, preservando memórias culturais e relações simbólicas importantes para os sujeitos surdos.

A relação entre transformação lexical e cultura também pode ser observada nas produções artísticas e literárias da comunidade surda. A literatura em Libras contribui para circulação de sinais, fortalecimento da identidade cultural e preservação da memória coletiva da comunidade surda.

Nery, Moura e Perdigão (2025, p. 216) afirmam que a literatura em Libras promove a valorização das identidades surdas e fortalece as experiências culturais visuais da comunidade.

Além disso, Costa, Grangeiro e Oliveira (2021, p. 7) destacam que a Libras representa a principal manifestação linguística e cultural da comunidade surda brasileira, permitindo múltiplas formas de expressão artística visual.

Dessa maneira, compreende-se que as transformações lexicais da Libras não significam descaracterização cultural da língua, mas representam mecanismos naturais de atualização histórica e fortalecimento identitário da comunidade surda. A preservação cultural da Libras depende, portanto, do reconhecimento da língua enquanto patrimônio vivo, dinâmico e socialmente construído.

Conforme afirmam Quadros e Karnopp (2004 apud Ferreira *et al.*, 2024), a Libras apresenta estrutura linguística completa e mecanismos próprios de criação lexical, sendo plenamente capaz de representar conhecimentos científicos, culturais e sociais complexos.

Nesse cenário, torna-se fundamental ampliar políticas de valorização da Libras, fortalecer a produção lexicográfica, incentivar pesquisas terminológicas e garantir espaços de circulação cultural da língua. A preservação do léxico da Libras representa não apenas a manutenção de uma língua, mas também a valorização da memória histórica, da identidade cultural e dos direitos linguísticos da comunidade surda brasileira.

4 Considerações finais

Investigar o vocabulário da Língua Brasileira de Sinais (Libras) revelou que essa língua vai muito além de sua função comunicativa, funcionando como um patrimônio cultural de grande importância para a comunidade surda do Brasil. Os sinais que são produzidos e compartilhados entre os membros dessa comunidade carregam consigo vivências históricas, modos de agir culturalmente estabelecidos, sentimentos de pertencimento coletivo e formas peculiares de compreender e interagir com o mundo que emergiram da maneira específica como os indivíduos surdos vivenciam a realidade visual.

Ficou evidente que o vocabulário da Libras não é estático, mas está em constante transformação motivada pelas interações sociais, culturais, tecnológicas e históricas que ocorrem dentro da comunidade surda. A forma como novos sinais são criados, como o vocabulário se reduz em certos contextos, as diferenças linguísticas observadas entre grupos e a incorporação de expressões inéditas demonstram claramente o vigor que a

língua possui e sua disposição em se reinventar para atender às demandas comunicativas do tempo presente.

É importante destacar que as diferenças regionais e nos usos de termos específicos encontradas na Libras não constituem uma deficiência da língua, mas revelam justamente sua riqueza no plano cultural e social. Assim como acontece com as línguas que usam a modalidade oral, a Libras exibe uma diversidade vocabular que resulta das particularidades culturais de cada região, das vivências próprias de cada grupo e da multiplicidade de comunidades de pessoas que usam sinais e estão espalhadas por todo o Brasil.

As pesquisas consultadas também demonstraram que manter viva a cultura da Libras depende fundamentalmente de ações como registrar sistematicamente o vocabulário, criar glossários, produzir dicionários de referência e investir em pesquisas que abordem as especificidades das línguas de sinais. Os documentos lexicográficos são peças-chave na manutenção do histórico da comunidade surda, ajudando a dar visibilidade à língua e a reconhecer sua relevância tanto no âmbito científico quanto educacional e cultural.

Verificou-se também que as mudanças sociais e tecnológicas que caracterizam nosso tempo exercem um impacto considerável sobre o vocabulário da Libras, demandando uma expansão contínua de termos e a criação de sinais novos que consigam expressar as vivências culturais que surgem constantemente. Por isso, é urgente que se desenvolvam diretrizes de política linguística que reafirmem o papel da Libras em ambientes de educação, ciência, arte e vida social.

A produção literária sinalizada, as criações artísticas de caráter visual e a forma como a Libras circula e se dissemina culturalmente revelaram-se decisivas para o fortalecimento da identidade coletiva da comunidade surda. Esses processos e manifestações reforçam o que a comunidade vivencia e recorda conjuntamente, reconhecem o valor singular da experiência visual e contribuem para expandir o acervo de palavras e expressões disponíveis na língua.

Portanto, é possível afirmar que o vocabulário da Libras representa um verdadeiro patrimônio cultural da comunidade surda brasileira, atuando como ferramenta para preservar identidades, resistir e afirmar o valor de uma língua própria. Reconhecer o valor, documentar meticulosamente e fortalecer a Libras significa assegurar que a população surda tenha seus direitos garantidos nos campos da cultura, da linguagem

e da educação, criando espaços mais acolhedores socialmente e valorizando a multiplicidade de formas de se comunicar que caracteriza a sociedade brasileira.

Referências

ALVES, Vitoria Jennyfe Marcelino; SILVA, Rita Daniely de Moura; SILVA, Rodrigo Ueslei do Nascimento. Identidade surda e literatura em Libras: uma relação fundamental. *Revista Semiárido De Visu*, [S. l.], p. 216–231, 2025. DOI: 10.31416/rsdv.v13i1.1304. Disponível em: <https://semiari-dodevisu.ifsertaope.edu.br/index.php/rsdv/article/view/1304>. Acesso em: 27 mai. 2026.

ALVES, Delmir Rildo; RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. A redução vocabular como processo de criação lexical: uma análise do fenômeno na Libras. **Signótica**, Goiânia, v. 32, p. e64464, 2020. DOI: 10.5216/sig.v32.64464. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/64464>. Acesso em: 27 mai. 2026.

COSTA, Maria Adriana Domingos da; GRANGEIRO, Antônio Carlos Uchoa Sales; OLIVEIRA, Marcelo de Jesus de. Mãos que expressam e a arte que salva: a produção de arte visual para a literatura surda. **Revista Extensão**, v. 5, n. 2, p. 7-14, 6 out. 2021.

FERRAZ, Charles Lary Marques; DANTAS, Emanuelle Reissureição Santos Carneiro. REGISTRO DO LÉXICO DA LIBRAS: ANÁLISE DOS PATRIMÔNIOS HISTÓRICO-CULTURAIS DE SALVADOR/BA. **LUMEN ET VIRTUS**, [S. l.], v. 16, n. 54, p. e10242, 2025. DOI: 10.56238/levv16n54-119. Disponível em: <https://periodicos.news-cienccepubl.com/LEV/article/view/10242>. Acesso em: 27 mai. 2026.

FERREIRA, Alessandra Teles Sirvinskas et al. Sinais-termos científicos em Libras: uma reflexão sobre a escassez e a necessidade de padronização. **Ciência & Educação, Bauru**, v. 30, e24007, 2024.

FRANCISCO, Gildete da S. Amorim Mendes; CASTRO JÚNIOR, Gláucio. Variação linguística na Libras: Um estudo reflexivo do aspecto semântico-lexical na área da saúde. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 42, n. único, p. e04242 | p. 294–320, 2026. DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-42. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/77808>. Acesso em: 27 mai. 2026.

LEÔNCIO, Érika Lourrane; ZAVAGLIA, Claudia. Lexicografia das línguas de sinais: resgate histórico e estudo descritivo. **Signótica**, Goiânia, v.

32, p. e63091, 2021. DOI: 10.5216/sig.v32.63091. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/63091>. Acesso em: 27 mai. 2026.

SANTANA, Brandon Jhonata Cardoso; SANTOS, Georgiana Marcia Oliveira. A variação denominativa em Libras no Maranhão: uma análise de sinais-termo da eletrotécnica usados no IFMA/Monte Castelo e no SENAI-MA. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 61, n. 1, p. 5–17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8667728>. Acesso em: 27 mai. 2026.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, Goiânia, v. 32, p. e63237, 2021. DOI: 10.5216/sig.v32.63237. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/63237>. Acesso em: 27 mai. 2026.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 109-125, jan./mar. 2014.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 56, n. 1, p. 163–185, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8650767>. Acesso em: 27 mai. 2026.

MARQUES, Janice Gonçalves Temoteo; MARTINS, Antonielle Cantarelli; GUIRELLI, Fernanda de Oliveira. Observações sobre as transformações lexicais na Libras em decorrência dos avanços tecnológicos: Observations on lexical transformations in Brazilian Sign Language (Libras) due to technological advances. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 127–150, 2025. DOI: 10.21165/gel.v21i2.3744. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3744>. Acesso em: 27 mai. 2026.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos da morfologia da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130-151, jul./dez. 2016.

NEOLOGISMOS: COMO NASCEM OS NOVOS SINAIS NA CULTURA SURDA

Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento Pinto¹

Alinne Naiany Souza Silva²

Isabel Alvim Souza Ferreira³

Daniel de Resende Santos⁴

Maria Rita Alexandre Alcanfor⁵

Ana Carolina Lobato Sena⁶

1 Introdução

O fenômeno dos neologismos na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos aspectos mais relevantes para a compreensão da dinâmica linguística e cultural da comunidade surda. Assim como ocorre em qualquer língua natural, a Libras passa constantemente por processos de transformação lexical decorrentes das mudanças sociais, históricas, tecnológicas, científicas e culturais vivenciadas pelos seus usuários. A criação de novos sinais representa, portanto, um movimento linguístico legítimo, que evidencia a vitalidade da língua e sua capacidade de adaptação frente às necessidades comunicativas da comunidade surda.

Os estudos linguísticos demonstram que nenhuma língua permanece estática ao longo do tempo. As transformações lexicais ocorrem em função das demandas sociais dos sujeitos que utilizam a língua em seus contextos cotidianos. Nesse sentido, os neologismos surgem como respostas linguísticas às novas experiências humanas, aos avanços tecnológicos e à

1 Mestranda pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e supervisora da Secretaria de Estado da Cidadania e da Pessoa com Deficiência.

2 Graduada em Letras Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI) e especialista em Libras e Educação Inclusiva da Pessoa Surda pela Faculdade Alpha.

3 Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário CESMAC. Especialista em Libras pela Faculdade Alpha. Graduanda em Letras-Libras pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

4 Doutorando em Educação e Saúde pela Universidade Federal de São Paulo.

5 Graduanda em Letras-Libras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

6 Graduanda em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

emergência de novos conhecimentos científicos. Rosa e Pontin (2012, p. 1) afirmam que o neologismo corresponde ao “processo de criação lexical”, sendo responsável pela renovação contínua do vocabulário das línguas naturais.

No caso da Libras, os neologismos apresentam relação direta com as experiências visuais e socioculturais da comunidade surda. A criação de novos sinais não ocorre de maneira arbitrária, mas a partir de convenções estabelecidas socialmente pelos próprios usuários da língua. Tal processo demonstra que a comunidade surda atua ativamente na produção e reorganização do léxico da Libras, reafirmando sua identidade linguística e cultural.

As línguas de sinais sofreram processos de invisibilização e marginalização em decorrência da predominância de concepções oralistas que negavam o status linguístico dessas línguas. Somente a partir dos estudos pioneiros de William Stokoe, na década de 1960, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas cientificamente como sistemas linguísticos completos, dotados de gramática própria. Conforme Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024), os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais são relativamente recentes e vêm se expandindo gradativamente nas últimas décadas.

A ampliação dos estudos sobre a Libras possibilitou compreender que os processos de formação lexical nessa língua ocorrem de maneira complexa e sistematizada. Xavier e Neves (2016) destacam que a Libras apresenta mecanismos morfológicos próprios, capazes de produzir diferentes formas de criação lexical, incluindo composição, derivação, incorporação e modificações fonológicas.

Nesse contexto, a criação de neologismos em Libras constitui importante instrumento de fortalecimento cultural da comunidade surda. Os novos sinais refletem transformações sociais vivenciadas pelos sujeitos surdos e demonstram que a Libras acompanha as mudanças históricas da sociedade contemporânea. O avanço das tecnologias digitais, por exemplo, impulsionou significativamente a criação de novos sinais relacionados às redes sociais, aos dispositivos eletrônicos e aos ambientes virtuais de comunicação.

Segundo Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024, p. 128), os avanços tecnológicos impactam diretamente o léxico das línguas de sinais, fazendo com que determinados sinais surjam enquanto outros entram em desuso. Tal processo evidencia que a Libras não apenas incorpora novos

conceitos, mas também reorganiza semanticamente sinais já existentes, demonstrando grande flexibilidade linguística.

Além das transformações tecnológicas, o crescimento da presença de surdos no ensino superior brasileiro também contribuiu para a expansão lexical da Libras. O ingresso de estudantes surdos em cursos de graduação, mestrado e doutorado intensificou a necessidade de criação de sinais específicos para conceitos científicos, filosóficos e acadêmicos. Schmitt et al. (2026) afirmam que a produção de neologismos acadêmicos em Libras decorre diretamente da ampliação da participação de sujeitos surdos nos espaços universitários.

A esse respeito, os autores destacam:

A expansão da comunidade surda no ensino superior brasileiro [...] culmina na criação de novos sinais e adaptações semânticas necessárias ao discurso científico (Schmitt et al., 2026, p. 146).

Essa realidade demonstra que os neologismos em Libras estão diretamente relacionados à produção de conhecimento e à democratização do acesso linguístico nos espaços acadêmicos. A criação de novos sinais possibilita aos estudantes surdos maior participação em discussões científicas e favorece o fortalecimento da educação bilíngue.

Outro aspecto relevante refere-se aos empréstimos linguísticos provenientes da Língua Portuguesa. O contato permanente entre Libras e português favorece processos de influência mútua entre as línguas, especialmente em contextos educacionais e sociais compartilhados entre surdos e ouvintes. Rodrigues e Baalbaki (2014) observam que os empréstimos linguísticos constituem importante mecanismo de ampliação e renovação lexical da Libras.

Os autores ressaltam que:

Um aspecto fundamental de qualquer língua é a possibilidade que tem, por diferentes recursos, de ampliar e renovar seu léxico (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1096).

Os empréstimos linguísticos podem ocorrer por meio da soletração manual, da adaptação semântica ou da incorporação de estruturas provenientes da língua portuguesa. Contudo, tais processos não descaracterizam a Libras enquanto língua autônoma, mas revelam sua capacidade de interação com outros sistemas linguísticos.

Além dos empréstimos, a Libras utiliza mecanismos internos de formação lexical, como a composição de sinais e as modificações

fonológicas. Facundo (2012) destaca que o ponto de articulação constitui um dos parâmetros fundamentais na formação de novos sinais em Libras, funcionando como elemento estruturante na criação lexical.

Os processos de formação de novos sinais também podem ocorrer por redução vocabular. Alves e Takahira (2021) explicam que determinados sinais compostos passam por processos de simplificação linguística, favorecendo maior economia lexical e fluidez comunicativa.

Nesse sentido, a Libras apresenta fenômenos linguísticos semelhantes aos observados em línguas orais, demonstrando que as línguas de sinais possuem elevada complexidade estrutural. Xavier e Neves (2016) afirmam que os processos morfológicos da Libras evidenciam a capacidade da língua de gerar novos significados a partir de recursos internos próprios.

Os neologismos também refletem mudanças ideológicas e sociais relacionadas à percepção da surdez na sociedade brasileira. Santos *et al.* (2023) analisam as mudanças lexicais envolvendo os termos “surdo-mudo” e “deficiente auditivo”, demonstrando que as transformações vocabulares acompanham alterações históricas nas formas de compreensão da identidade surda.

De acordo com os autores, os processos de mudança lexical revelam disputas sociais, culturais e políticas relacionadas à construção das identidades linguísticas. Assim, a substituição de determinados termos por outros mais adequados evidencia mudanças nas concepções sociais sobre a surdez e sobre os sujeitos surdos.

A pandemia da Covid-19 constitui outro exemplo expressivo da criação acelerada de neologismos na Libras. A necessidade urgente de disseminação de informações acessíveis levou à produção de sinais-termo relacionados ao vírus, à vacinação, ao isolamento social e às medidas sanitárias. Mota e Razky (2023) explicam que a comunidade surda mobilizou redes sociais e espaços digitais para discutir, validar e compartilhar os novos sinais relacionados à pandemia.

Nesse contexto, observa-se que os neologismos em Libras surgem de processos coletivos de negociação linguística dentro da própria comunidade surda. Os sinais passam por processos de circulação, aceitação e consolidação até serem incorporados efetivamente ao léxico da língua.

A relação entre neologismo e cultura surda torna-se ainda mais evidente quando se observa que muitos sinais carregam elementos simbólicos relacionados à experiência visual dos sujeitos surdos. A iconicidade, a espacialidade e os recursos corporais presentes na Libras contribuem para

que os novos sinais expressem aspectos culturais específicos da comunidade surda.

Segundo Quadros e Karnopp (2004 apud Mota; Razky, 2023), a Libras possui estrutura morfológica própria, sendo plenamente capaz de produzir sinais complexos e semanticamente elaborados. Essa capacidade reforça o reconhecimento da Libras enquanto língua legítima, dinâmica e produtiva.

Além disso, os neologismos revelam processos de resistência cultural da comunidade surda frente às tentativas históricas de apagamento linguístico. A criação de novos sinais fortalece a autonomia comunicativa dos sujeitos surdos e amplia suas possibilidades de participação social, acadêmica e profissional.

Desse modo, os neologismos na Libras devem ser compreendidos não apenas como fenômenos linguísticos isolados, mas como manifestações culturais, sociais e identitárias profundamente vinculadas à experiência histórica da comunidade surda brasileira.

2 Processos de criação de novos sinais na Libras

Os processos de criação de novos sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras) representam um fenômeno linguístico complexo, dinâmico e profundamente relacionado às transformações sociais e culturais vivenciadas pela comunidade surda. Assim como ocorre em qualquer língua natural, a Libras apresenta mecanismos próprios de ampliação lexical, permitindo a construção de novos significados, a reorganização de estruturas linguísticas e a incorporação de conceitos emergentes decorrentes das mudanças históricas da sociedade.

A criação lexical em Libras ocorre por meio de diferentes processos morfológicos, fonológicos, semânticos e sociolinguísticos. Esses mecanismos demonstram que a Libras possui elevada produtividade linguística, contrariando concepções equivocadas que historicamente reduziram as línguas de sinais a sistemas limitados de comunicação gestual. Ao contrário disso, os estudos linguísticos contemporâneos comprovam que as línguas de sinais apresentam organização estrutural complexa e recursos próprios de criação vocabular.

Xavier e Neves (2016) afirmam que os processos morfológicos da Libras ocorrem de maneira semelhante aos observados em línguas orais,

embora adaptados à modalidade visuoespacial da língua. Segundo os autores:

As línguas de sinais, em geral, não criam novas palavras a partir de formas completamente inéditas, formadas exclusivamente para elas, mas sim através do reaproveitamento de palavras já existentes em seu léxico (Xavier; Neves, 2016, p. 130).

Essa observação evidencia que a Libras opera frequentemente por meio de reorganizações estruturais de sinais já existentes, produzindo novos significados a partir da combinação, modificação ou adaptação de elementos linguísticos previamente conhecidos pela comunidade surda.

Entre os principais processos de criação lexical na Libras destaca-se a derivação. Esse mecanismo ocorre quando determinado sinal sofre alterações estruturais capazes de produzir novo significado. Nas línguas orais, a derivação geralmente envolve acréscimos de prefixos ou sufixos; na Libras, contudo, o processo pode envolver alterações no movimento, na configuração de mão, no ponto de articulação ou na orientação do sinal.

De acordo com Xavier e Neves (2016), a modificação de sinais constitui importante mecanismo derivacional da Libras, permitindo que um mesmo sinal origine diferentes sentidos semânticos. Tal característica demonstra a riqueza morfológica das línguas de sinais e sua capacidade de gerar novos vocábulos a partir de recursos internos da própria língua.

Outro processo amplamente observado na Libras refere-se à composição. Esse mecanismo ocorre quando dois ou mais sinais independentes unem-se para formar um novo conceito lexical. Alves e Takahira (2021) observam que a composição representa um dos principais processos de formação de palavras em Libras, funcionando de maneira semelhante ao que ocorre em línguas orais.

Os autores destacam:

O processo de formação de palavras em uma língua pode se dar de diferentes formas [...] na composição, processo no qual dois morfemas livres se justapõem ou se aglutinam para formarem uma nova palavra (Alves; Takahira, 2021, p. 3).

Na Libras, a composição frequentemente ocorre na formação de sinais relacionados às áreas acadêmicas, científicas e tecnológicas, permitindo a construção de conceitos complexos a partir da combinação de sinais já conhecidos pelos usuários da língua.

Além da derivação e da composição, a incorporação constitui outro importante processo de criação lexical na Libras. Xavier e Neves (2016)

explicam que a incorporação ocorre quando elementos gramaticais ou semânticos são integrados ao próprio sinal, modificando sua estrutura e ampliando seu significado.

Entre os exemplos mais recorrentes está a incorporação de numerais em sinais relacionados a tempo, frequência ou quantidade. Esse mecanismo demonstra que a Libras apresenta estratégias linguísticas próprias para condensação semântica, favorecendo maior fluidez comunicativa e economia linguística.

Outro aspecto relevante na criação de novos sinais refere-se às modificações fonológicas. Nas línguas de sinais, os parâmetros fonológicos incluem configuração de mão, movimento, orientação, ponto de articulação e expressões não manuais. Alterações nesses elementos podem resultar na criação de novos sinais lexicalmente distintos.

Facundo (2012) destaca que o ponto de articulação constitui importante parâmetro fonológico na formação de novos sinais em Libras. Segundo a autora:

O fenômeno da formação de novos sinais nas diferentes línguas de sinais tem sido objeto de estudos da linguística moderna desde os estudos pioneiros de Stokoe (Facundo, 2012, p. 1).

A autora demonstra que alterações no local de realização do sinal podem gerar novos significados sem comprometer a inteligibilidade linguística. Esse fenômeno evidencia a complexidade estrutural da Libras e reforça seu caráter plenamente linguístico.

Os empréstimos linguísticos também desempenham papel fundamental na criação lexical da Libras. O contato constante entre Libras e Língua Portuguesa favorece a incorporação de elementos lexicais provenientes da língua oral, especialmente em contextos acadêmicos, tecnológicos e institucionais.

Rodrigues e Baalbaki (2014) afirmam que os empréstimos linguísticos constituem mecanismos importantes de ampliação vocabular nas línguas de sinais. Segundo os autores:

Essa possibilidade de ampliação e renovação lexical também está presente nas chamadas línguas de sinais, usadas pelas comunidades surdas de todo o mundo (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1096).

Os empréstimos podem ocorrer por meio da soletração manual, da adaptação visual de palavras do português ou da incorporação semântica de conceitos oriundos da língua oral. Entretanto, tais processos não

descharacterizam a autonomia linguística da Libras, mas demonstram sua capacidade de interação com diferentes sistemas linguísticos.

Os processos de criação lexical também estão profundamente relacionados às transformações tecnológicas da sociedade contemporânea. O surgimento de novas tecnologias, redes sociais, dispositivos digitais e ambientes virtuais impulsiona constantemente a criação de novos sinais na Libras.

Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024) afirmam que os avanços tecnológicos impactam diretamente o léxico das línguas de sinais, fazendo surgir neologismos relacionados ao universo digital. Em suas análises, os autores identificam a criação de sinais específicos para conceitos como “Bluetooth”, “Inteligência Artificial” e outros recursos tecnológicos contemporâneos.

Nesse contexto, observa-se que a Libras acompanha as mudanças históricas da sociedade, adaptando-se continuamente às novas necessidades comunicativas da comunidade surda. O mesmo fenômeno pode ser observado em relação às terminologias acadêmicas e científicas.

Schmitt *et al.* (2026) demonstram que o crescimento da presença de surdos no ensino superior brasileiro impulsionou significativamente a criação de neologismos acadêmicos em Libras. A necessidade de discutir conceitos científicos complexos levou à criação de sinais específicos para áreas como linguística, filosofia, educação, sociologia e tecnologia.

Os autores afirmam que:

A expansão da comunidade surda no ensino superior [...] culmina na criação de novos sinais e adaptações semânticas próprias do discurso científico (Schmitt et al., 2026, p. 146).

Tal realidade demonstra que os processos de criação lexical em Libras estão diretamente associados à democratização do acesso à educação e ao fortalecimento da participação social da comunidade surda.

Outro aspecto relevante refere-se à influência das redes sociais na circulação e consolidação dos novos sinais. A internet tornou-se importante espaço de compartilhamento linguístico entre surdos de diferentes regiões do país, favorecendo a disseminação de neologismos e a ampliação das trocas culturais entre comunidades surdas.

A pandemia da Covid-19 constitui exemplo expressivo desse processo. Mota e Razky (2023) explicam que a necessidade urgente de

comunicação acessível levou à criação coletiva de sinais-termo relacionados à pandemia.

Os autores destacam que os sinais relacionados à Covid-19 passaram por processos de negociação linguística dentro da própria comunidade surda até alcançarem maior estabilização social. Tal dinâmica demonstra que os neologismos em Libras não surgem individualmente, mas são construídos coletivamente a partir das interações sociais dos sujeitos surdos.

Além disso, os processos de criação lexical na Libras apresentam forte relação com a experiência visual da comunidade surda. Diferentemente das línguas orais, a Libras utiliza recursos espaciais, corporais e imagéticos que favorecem a iconicidade na construção dos sinais.

Segundo Quadros e Karnopp (2004 apud Mota; Razky, 2023), a estrutura visuoespacial da Libras possibilita formas específicas de representação semântica, permitindo maior exploração de recursos visuais na criação de novos sinais.

A criação de novos sinais também pode ocorrer em função de mudanças socioculturais relacionadas à identidade surda. Santos *et al.* (2023) analisam processos de mudança lexical envolvendo os termos “surdo-mudo” e “deficiente auditivo”, demonstrando que transformações vocabulares refletem alterações históricas nas formas de compreensão da surdez.

Tais mudanças revelam que os processos de criação lexical não são apenas fenômenos linguísticos, mas também manifestações sociais, políticas e culturais. A Libras, nesse sentido, constitui importante espaço de resistência identitária da comunidade surda frente às práticas históricas de exclusão linguística.

Portanto, os processos de criação de novos sinais na Libras evidenciam a vitalidade, a complexidade e a produtividade linguística dessa língua. Os mecanismos de derivação, composição, incorporação, modificação fonológica, empréstimos linguísticos e adaptação semântica demonstram que a Libras acompanha continuamente as transformações da sociedade contemporânea, reafirmando-se como língua viva, dinâmica e culturalmente significativa para a comunidade surda brasileira.

3 Cultura surda, mudança lexical e inovação linguística

A relação entre cultura surda, mudança lexical e inovação linguística constitui um dos elementos centrais para a compreensão da dinâmica

da Língua Brasileira de Sinais (Libras) enquanto língua viva, histórica e socialmente construída. Os processos de transformação lexical presentes na Libras não podem ser analisados exclusivamente sob uma perspectiva estrutural, pois refletem experiências culturais, relações identitárias, disputas simbólicas e práticas sociais compartilhadas pela comunidade surda brasileira.

A língua constitui um dos principais instrumentos de construção cultural dos sujeitos surdos. Por meio dela, a comunidade surda organiza sua experiência visual, produz sentidos coletivos e estabelece formas próprias de interação social. Nesse contexto, os neologismos e as mudanças lexicais revelam processos contínuos de adaptação linguística às transformações históricas da sociedade.

Segundo Rosa e Pontin (2012), a renovação lexical representa característica fundamental das línguas naturais, pois nenhuma língua permanece imutável ao longo do tempo. A Libras, enquanto língua de modalidade visuoespacial, também acompanha as mudanças sociais, científicas e tecnológicas vivenciadas pela comunidade surda.

Os processos de mudança lexical podem ocorrer por diferentes fatores sociais e históricos. Silva e Gonçalves (2020) afirmam que a variação e a mudança constituem fenômenos naturais das línguas, estando relacionadas às transformações culturais das comunidades linguísticas.

Os autores destacam que:

Na Libras, assim como em qualquer outra língua, é natural a manifestação dos fenômenos da variação e da mudança (Silva; Gonçalves, 2020, p. 3).

Essa perspectiva demonstra que os processos de inovação lexical na Libras não representam rupturas desorganizadas da língua, mas mecanismos legítimos de adaptação social e linguística. As mudanças vocabulares surgem como respostas às necessidades comunicativas dos sujeitos surdos diante das transformações históricas da sociedade.

A cultura surda exerce papel fundamental nesse processo. A experiência visual compartilhada pela comunidade surda influencia diretamente a forma como os novos sinais são produzidos e difundidos socialmente. Diferentemente das línguas orais, a Libras organiza-se por meio de elementos espaciais, corporais e imagéticos que favorecem construções semânticas fortemente relacionadas à visualidade.

Quadros e Karnopp (2004 apud Mota; Razky, 2023) afirmam que as línguas de sinais apresentam estruturas morfológicas próprias e mecanismos

específicos de criação lexical relacionados à experiência visuoespacial dos sujeitos surdos. Assim, os neologismos em Libras frequentemente carregam elementos icônicos que refletem práticas culturais e experiências coletivas da comunidade surda.

Nesse contexto, a inovação linguística em Libras encontra-se profundamente vinculada aos processos identitários da cultura surda. Os novos sinais não surgem apenas para nomear objetos ou conceitos inéditos, mas também para reafirmar pertencimentos culturais e fortalecer a autonomia linguística da comunidade surda.

A presença crescente de sujeitos surdos em espaços acadêmicos representa importante fator de transformação lexical da Libras. O ingresso no ensino superior ampliou significativamente as necessidades terminológicas da língua, especialmente em áreas científicas e técnicas anteriormente pouco acessíveis à comunidade surda.

Schmitt *et al.* (2026) observam que a formação acadêmica de doutores surdos impulsionou a criação de neologismos relacionados ao discurso científico e universitário. Segundo os autores:

A expansão da comunidade surda no ensino superior brasileiro provocou profundas transformações no léxico da Língua Brasileira de Sinais (Schmitt et al., 2026, p. 146).

Esse movimento evidencia que a inovação linguística na Libras está diretamente relacionada à ampliação da participação social dos sujeitos surdos em diferentes espaços institucionais. À medida que novas áreas do conhecimento tornam-se acessíveis à comunidade surda, novos sinais passam a ser necessários para garantir a circulação de conceitos científicos e acadêmicos.

Além disso, a mudança lexical em Libras também reflete transformações ideológicas e sociais relacionadas à percepção da surdez na sociedade brasileira. Santos *et al.* (2023) analisam a mudança dos termos “surdo-mudo” para “deficiente auditivo”, demonstrando que as alterações lexicais acompanham mudanças históricas nas formas de compreender os sujeitos surdos.

Os autores afirmam que “os resultados apontam ocorrência de neologismo, pois os termos ora competem entre si, ora se substituem” (Santos et al., 2023, p. 140). A mudança terminológica relacionada à surdez evidencia que o léxico não constitui apenas um sistema de palavras, mas também um espaço de disputas simbólicas e políticas. A rejeição de

determinadas nomenclaturas pela comunidade surda revela processos de resistência cultural e de valorização identitária.

Nesse sentido, a inovação linguística em Libras pode ser compreendida como forma de resistência histórica diante das tentativas de apagamento da cultura surda. Durante muitos anos, políticas oralistas buscaram suprimir o uso das línguas de sinais nos espaços educacionais, impondo modelos centrados exclusivamente na oralidade. Contudo, a permanência e expansão da Libras demonstram a força cultural e política da comunidade surda brasileira.

Rodrigues e Baalbaki (2014) afirmam que o contato entre Libras e Língua Portuguesa produz constantes processos de ampliação e renovação lexical. Segundo os autores:

Surdos e ouvintes compartilham traços culturais de sua nacionalidade comum, embora configurem comunidades linguísticas distintas (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1097).

O contato entre as línguas favorece processos de empréstimos linguísticos, adaptações semânticas e translanguagem, contribuindo para a transformação contínua do léxico da Libras. Contudo, tais influências não descaracterizam a autonomia da língua de sinais, mas evidenciam sua capacidade de interação com diferentes contextos socioculturais.

A inovação lexical também se intensificou em decorrência dos avanços tecnológicos contemporâneos. O surgimento de redes sociais, aplicativos digitais, plataformas virtuais e dispositivos eletrônicos impulsionou a criação de novos sinais relacionados ao universo tecnológico.

Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024) observam que muitos sinais anteriormente utilizados tornaram-se obsoletos em razão das mudanças tecnológicas, enquanto novos sinais foram criados para representar conceitos contemporâneos.

Os autores destacam:

As transformações lexicais fazem parte de um processo histórico que ocorre nas línguas naturais (Temoteo-Marques; Martins; Guirelli, 2024, p. 128).

Esse fenômeno demonstra que a Libras acompanha continuamente as mudanças da sociedade contemporânea, reorganizando seu léxico conforme as necessidades comunicativas da comunidade surda.

A pandemia da Covid-19 também representou importante marco de inovação linguística na Libras. A necessidade urgente de disseminação

de informações acessíveis levou à criação de sinais-termo relacionados ao vírus, às vacinas, ao isolamento social e às medidas sanitárias.

Mota e Razky (2023) explicam que os sinais relacionados à Covid-19 passaram por processos coletivos de negociação linguística nas redes sociais digitais até alcançarem maior estabilidade entre os usuários da Libras.

Nesse contexto, destaca-se a seguinte citação direta longa:

Este trabalho busca compreender essas mudanças ocorridas nas comunicações referentes à Covid-19, mas, sobretudo, investigar as mudanças na sinalização da língua de sinais para tornar a informação mais acessível e inteligível à comunidade surda (Mota; Razky, 2023, p. 2).

A circulação dos novos sinais nas plataformas digitais demonstra que os espaços virtuais passaram a desempenhar papel fundamental na inovação linguística da Libras. As redes sociais tornaram-se ambientes de produção, compartilhamento e consolidação de neologismos entre diferentes comunidades surdas do país.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre inovação lexical e regionalidade. A Libras apresenta variações regionais significativas, permitindo que diferentes comunidades produzam sinais distintos para um mesmo conceito. Santana e Santos (2022) afirmam que a variação terminológica constitui fenômeno inerente às línguas naturais e aos discursos especializados.

Segundo os autores:

Há variação no discurso especializado e essa variação é causada por diferentes fatores: distintos contextos de interação, diversificados perfis sociais, entre outros (Santana; Santos, 2022, p. 5).

As variações regionais da Libras demonstram que a inovação linguística ocorre de maneira plural e descentralizada, refletindo as especificidades culturais das diferentes comunidades surdas brasileiras.

Além disso, os processos de inovação lexical estão diretamente relacionados à memória histórica da comunidade surda. A criação de novos sinais preserva experiências culturais coletivas e fortalece os vínculos identitários entre os sujeitos surdos. A língua, nesse sentido, constitui espaço de produção cultural e resistência política.

Conforme Stokoe (1960 apud Facundo, 2012), as línguas de sinais apresentam estrutura linguística plenamente organizada, sendo capazes de produzir infinitas combinações lexicais e semânticas. Tal compreensão

rompe definitivamente com concepções reducionistas que historicamente marginalizaram as línguas de sinais.

Portanto, a relação entre cultura surda, mudança lexical e inovação linguística evidencia que a Libras constitui uma língua viva, dinâmica e historicamente situada. Os neologismos, as adaptações semânticas e as transformações vocabulares refletem experiências culturais, disputas identitárias e práticas sociais compartilhadas pela comunidade surda brasileira, reafirmando a Libras como importante patrimônio linguístico e cultural.

4 Considerações finais

Os estudos acerca dos neologismos na Língua Brasileira de Sinais evidenciam que a Libras constitui uma língua viva, dinâmica e em constante transformação. Os processos de criação de novos sinais demonstram a capacidade produtiva da língua em responder às demandas comunicativas, culturais, acadêmicas e tecnológicas da comunidade surda brasileira.

Ao longo das discussões desenvolvidas, observou-se que a inovação lexical na Libras está profundamente relacionada às experiências sociais e culturais dos sujeitos surdos. A criação de novos sinais não ocorre de maneira aleatória, mas emerge das práticas coletivas de interação, da ampliação do acesso à educação, do avanço das tecnologias digitais e das transformações históricas da sociedade contemporânea.

Os mecanismos de derivação, composição, incorporação, empréstimos linguísticos e modificações fonológicas evidenciam a complexidade estrutural da Libras e reafirmam seu status de língua natural plenamente organizada. Nesse contexto, os neologismos assumem importante função social, pois possibilitam à comunidade surda expressar novos conceitos, participar de espaços acadêmicos e fortalecer sua autonomia linguística.

Além disso, verificou-se que os processos de mudança lexical refletem disputas identitárias e transformações socioculturais relacionadas à percepção da surdez na sociedade brasileira. As alterações terminológicas e a criação de novos sinais revelam movimentos de resistência cultural e valorização da identidade surda, contribuindo para o fortalecimento da cultura visual e das práticas comunicativas da comunidade surda.

A expansão da presença de sujeitos surdos no ensino superior também se mostrou decisiva para o crescimento lexical da Libras,

especialmente na produção de sinais relacionados aos discursos científicos e especializados. O surgimento de neologismos acadêmicos demonstra que a Libras possui plena capacidade de adaptação aos diferentes campos do conhecimento humano.

Do mesmo modo, os avanços tecnológicos e os ambientes digitais passaram a exercer papel significativo nos processos de inovação linguística. As redes sociais e plataformas virtuais favoreceram a circulação, negociação e consolidação de novos sinais, ampliando as possibilidades de interação entre comunidades surdas de diferentes regiões do país.

Conclui-se, portanto, que os neologismos na Libras constituem manifestações linguísticas, culturais e políticas fundamentais para a consolidação da língua e da identidade surda. A contínua renovação lexical evidencia não apenas a vitalidade da Libras, mas também a capacidade da comunidade surda de produzir conhecimento, reorganizar significados e construir formas próprias de expressão cultural e social.

Referências

ALVES, Delmir Rildo; RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. A redução vocabular como processo de criação lexical: uma análise do fenômeno na Libras. **Signótica**, Goiânia, v. 32, p. e64464, 2020. DOI: 10.5216/sig.v32.64464. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/64464>. Acesso em: 27 mai. 2026.

FACUNDO, Josiane Junia. A formação de novos sinais em Libras a partir do parâmetro fonológico “ponto de articulação”. In: **ENCONTRO DO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL**, 10., 2012, Cascavel. *Anais [...]*. Cascavel: UNIOESTE, 2012.

FENEIS. **Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos**. A Libras e a comunidade surda brasileira. Rio de Janeiro, 2008.

MOTA, Carina; RAZKY, Abdelhak. Criação de sinais-termo: tratamento e descrição do termo para COVID-19 em língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 1–21, 2023. DOI: 10.5007/2175-7968.2023.e86639. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/86639>. Acesso em: 27 mai. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Prá-

ticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014.

ROSA, Emiliana Faria; PONTIN, Bianca Ribeiro. Neologismos na Libras. **Universidade Federal do Pampa**, 2012.

SANTANA, Brandon Jhonata Cardoso; SANTOS, Georgiana Marcia Oliveira. A variação denominativa em Libras no Maranhão: uma análise de sinais-termo da eletrotécnica usados no IFMA/Monte Castelo e no SENAI-MA. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 61, n. 1, p. 5–17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8667728>. Acesso em: 27 mai. 2026.

SANTOS, Marcos Roberto dos et al. Surdo-mudo ou deficiente auditivo? analisando a mudança lexicológica à luz da Lexicologia sóciohistórica. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 26, n. 1, p. 140-160, 17 nov. 2023.

SCHMITT, Deonísio et al. Mudança lexical em Libras: neologismos acadêmicos na formação de doutores surdos. **Revista Ilustração**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 145–159, 2026. DOI: 10.46550/ilustracao.v7i3.557. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/557>. Acesso em: 27 mai. 2026.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, Goiânia, v. 32, p. e63237, 2021. DOI: 10.5216/sig.v32.63237. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/63237>. Acesso em: 27 mai. 2026.

MARQUES, Janice Gonçalves Temoteo; MARTINS, Antonielle Cantarelli; GUIRELLI, Fernanda de Oliveira. Observações sobre as transformações lexicais na Libras em decorrência dos avanços tecnológicos: Observations on lexical transformations in Brazilian Sign Language (Libras) due to technological advances. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 127–150, 2025. DOI: 10.21165/gel.v21i2.3744. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3744>. Acesso em: 27 maio. 2026.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130-151, 2016.

FRONTEIRAS BILÍNGUES: DATILOLOGIA E EMPRÉSTIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Simone Quirgo de Souza Braga¹

Rivaldo Pereira da Costa²

Alessandro Sena de Oliveira³

Stefânia Steves da Silva Sena⁴

Pammelleye Katherinne Françoise R. Jenniffer Sthephannie Machado⁵

Ana Carolina Raimundo Silva⁶

1 Introdução

A constituição das chamadas fronteiras bilíngues entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua portuguesa representa um fenômeno linguístico, social e cultural de grande relevância para os estudos contemporâneos da educação de surdos, da sociolinguística e das línguas em contato. Nesse cenário, a datilologia e os empréstimos linguísticos configuram-se como importantes mecanismos de ampliação lexical e de circulação de sentidos entre sujeitos inseridos em contextos bilíngues. A Libras, enquanto língua natural da comunidade surda brasileira, não se desenvolve de maneira isolada, mas em permanente interação com a língua portuguesa, especialmente em espaços escolares, acadêmicos, institucionais e tecnológicos.

-
- 1 Mestra em Educação pela Logos University International (UNILOGOS), Estados Unidos. Professora do Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de Vila Velha.
 - 2 Especialista em Docência da Língua Brasileira de Sinais pela UNÍNTENSE, graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como professor de Libras na Secretaria Municipal de Educação de Porto Nacional.
 - 3 Mestrando pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional. Professor de Libras na Estadual de Tocantins de Araguaína – TO.
 - 4 Doutoranda pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional. Professora efetiva de Libras da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Araguaína.
 - 5 Graduada em Letras – Português do Brasil Como Segunda Língua pela Universidade de Brasília.
 - 6 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano (IF Goiano).

Os processos de contato linguístico entre línguas de modalidades distintas — uma gesto-visual e outra oral-auditiva — evidenciam a complexidade das relações comunicativas estabelecidas entre surdos e ouvintes. Nesse contexto, os empréstimos linguísticos emergem como resultado das necessidades comunicacionais e das práticas sociais compartilhadas em ambientes multilíngues. Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1096) afirmam que toda língua possui mecanismos de ampliação lexical, sendo os empréstimos um dos principais recursos utilizados para renovação vocabular. Segundo as autoras, o contato entre português e Libras produz processos de incorporação lexical que revelam não apenas adaptações linguísticas, mas também transformações culturais e identitárias da comunidade surda.

A datilologia, tradicionalmente compreendida como sistema manual de representação das letras do alfabeto português, ultrapassa sua função de simples soletração e assume papel estruturante na formação de sinais na Libras. Em diversos casos, palavras inicialmente soletradas passam por processos de lexicalização, tornando-se sinais convencionados e integrados ao léxico da língua. Nascimento (2010, p. 22) explica que os empréstimos linguísticos na Libras decorrem da intensa convivência entre sujeitos surdos e ouvintes em ambientes bilíngues, favorecendo a incorporação de elementos oriundos da língua portuguesa escrita.

A presença da datilologia na Libras demonstra que o contato linguístico não produz mera reprodução da língua majoritária, mas desencadeia mecanismos de adaptação fonológica, visual e morfológica compatíveis com a estrutura linguística da língua de sinais. Nesse sentido, Machado (2022, p. 8) destaca que os empréstimos linguísticos na Libras constituem fenômeno multimodal, envolvendo interações entre língua falada, língua escrita, língua sinalizada e gestos culturais. Para o autor, o contato entre diferentes modalidades linguísticas favorece a emergência de novos itens lexicais e amplia as possibilidades comunicativas da comunidade surda.

A noção de fronteira bilíngue não deve ser compreendida apenas em sentido geográfico, mas também simbólico, cultural e linguístico. As fronteiras entre Libras e português configuram espaços de negociação identitária, circulação de discursos e construção de práticas translíngues. Oliveira (2016, p. 60) afirma que as regiões fronteiriças são marcadas por práticas multilíngues, alternância de códigos e interações interculturais, revelando dinâmicas linguísticas híbridas que ultrapassam os limites

rígidos entre as línguas. Embora o autor trate especificamente das fronteiras territoriais brasileiras, suas reflexões permitem compreender a relação entre Libras e português como um espaço simbólico de convivência linguística.

Nessa perspectiva, os sujeitos surdos transitam continuamente entre diferentes sistemas linguísticos, mobilizando recursos da Libras e da língua portuguesa conforme as demandas comunicativas de cada contexto social. Tal realidade evidencia práticas de translanguagem, nas quais os limites entre as línguas tornam-se fluidos e permeáveis. Oliveira-Silva e Chaveiro (2017, p. 121) observam que o contato entre Libras e português produz práticas discursivas híbridas, permitindo aos sujeitos surdos alternar modalidades linguísticas para construir sentidos e identidades sociais em seus mundos bilíngues.

A educação bilíngue para surdos constitui um dos principais espaços em que essas fronteiras linguísticas se manifestam de maneira mais intensa. O reconhecimento da Libras como primeira língua e da língua portuguesa como segunda língua representa importante avanço político e educacional, embora persistam inúmeros desafios relacionados ao acesso linguístico e à valorização da cultura surda. Fernandes e Moreira (2014, p. 53) argumentam que a efetivação da educação bilíngue depende diretamente das políticas linguísticas implementadas pelo Estado e das concepções de sujeito surdo presentes nos documentos oficiais.

A influência da língua portuguesa sobre a Libras pode ser observada em diferentes níveis linguísticos. Além da datilologia, percebe-se a incorporação de estruturas lexicais, empréstimos semânticos, adaptações visuais e criação de sinais derivados da escrita portuguesa. Tais processos evidenciam que a Libras acompanha as transformações sociais e tecnológicas da contemporaneidade, adaptando constantemente seu léxico às novas demandas comunicativas. Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024, p. 128) afirmam que os avanços tecnológicos impulsionam fenômenos de lexicalização e neologismo na Libras, sobretudo em áreas relacionadas à tecnologia e comunicação.

O desenvolvimento tecnológico e a expansão dos ambientes digitais intensificaram ainda mais os processos de criação lexical na Libras. Termos relacionados à internet, inteligência artificial, redes sociais e dispositivos eletrônicos frequentemente ingressam na língua por meio da datilologia ou de empréstimos adaptados da língua portuguesa. Muitos desses termos passam posteriormente por transformações estruturais até assumirem formas lexicalizadas próprias da Libras. Esse movimento demonstra que

as línguas de sinais possuem mecanismos autônomos de inovação lexical, contrariando concepções equivocadas que as compreendem como sistemas linguísticos limitados ou dependentes das línguas orais.

As mudanças lexicais observadas na Libras revelam também transformações históricas e culturais vivenciadas pela comunidade surda brasileira. Silva e Gonçalves (2020, p. 3) apontam que a Libras manifesta continuamente fenômenos de variação e mudança lexical, acompanhando as dinâmicas sociais e as experiências culturais dos sujeitos surdos. Para os autores, as alterações no léxico da língua de sinais refletem processos históricos de resignificação cultural e adaptação linguística.

A incorporação de empréstimos da língua portuguesa na Libras não pode ser interpretada como ameaça à identidade linguística surda, mas como fenômeno natural das línguas em contato. Torii (2007, p. 20) destaca que os empréstimos linguísticos constituem mecanismos históricos de renovação lexical presentes em diferentes línguas naturais, sendo resultado das relações sociais e culturais estabelecidas entre os povos. Assim, a presença de elementos do português na Libras revela a capacidade adaptativa e dinâmica da língua de sinais, reafirmando sua vitalidade linguística.

Nesse contexto, os empréstimos linguísticos desempenham função importante na circulação de conhecimentos científicos e acadêmicos entre sujeitos surdos. Em áreas especializadas, como medicina, direito, pedagogia e tecnologia, a ausência inicial de sinais convencionados favorece o uso da datilologia e de empréstimos da língua portuguesa como estratégias de acesso terminológico. Posteriormente, muitos desses termos passam por processos de criação coletiva de sinais, consolidando-se no interior da comunidade surda.

Mota e Razky (2023, p. 1) destacam que a criação de sinais-termo na Libras constitui importante mecanismo de ampliação lexical em contextos científicos e sociais emergentes. Ao analisarem os sinais relacionados à pandemia da Covid-19, os autores demonstram que a comunidade surda participa ativamente da construção de novos itens lexicais, evidenciando o caráter produtivo e criativo da Libras.

Além dos aspectos linguísticos, as fronteiras bilíngues entre Libras e português envolvem questões identitárias e políticas. A língua de sinais representa elemento fundamental da cultura surda, funcionando como instrumento de pertencimento social, resistência cultural e produção de subjetividades. A convivência com a língua portuguesa, entretanto, produz

tensões relacionadas à hegemonia linguística da modalidade oral-auditiva em diferentes espaços institucionais.

A educação de surdos no Brasil foi marcada por políticas oralistas que desvalorizavam as línguas de sinais e priorizavam o ensino da fala e da escrita portuguesa. Embora o reconhecimento legal da Libras tenha representado avanço significativo, persistem práticas educacionais centradas na supremacia da língua portuguesa. Fernandes e Moreira (2014, p. 58) argumentam que muitas políticas inclusivas ainda negligenciam o direito linguístico dos surdos ao acesso pleno à Libras como língua materna.

As práticas translíngues desenvolvidas por sujeitos surdos revelam estratégias de resistência e adaptação diante das exigências bilíngues impostas pela sociedade majoritariamente ouvinte. A alternância entre Libras, português escrito e datilologia evidencia a complexidade dos repertórios linguísticos mobilizados pelos surdos em diferentes contextos sociais. Tais práticas demonstram que as fronteiras linguísticas não são fixas, mas espaços fluidos de circulação de sentidos e construção cultural.

Desse modo, a análise da datilologia e dos empréstimos linguísticos da língua portuguesa na Libras permite compreender a língua de sinais como sistema linguístico vivo, dinâmico e em permanente transformação. Os processos de contato linguístico revelam a capacidade adaptativa da Libras diante das mudanças históricas, tecnológicas e sociais, reafirmando seu caráter autônomo e produtivo. As fronteiras bilíngues constituem, portanto, espaços de interação, negociação e criação linguística, nos quais a comunidade surda constrói continuamente novas formas de expressão, identidade e pertencimento cultural.

2 Datilologia e processos de incorporação lexical na Libras

A datilologia constitui um dos mecanismos linguísticos mais relevantes no processo de contato entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua portuguesa. Tradicionalmente associada à soletração manual do alfabeto da língua portuguesa, a datilologia ultrapassa a função meramente representativa das letras e assume papel fundamental nos processos de incorporação lexical, expansão vocabular e construção de novos sinais no interior da Libras. O fenômeno evidencia que as línguas de sinais são sistemas linguísticos dinâmicos, capazes de adaptar, transformar e ressignificar elementos oriundos de outras línguas conforme suas estruturas fonológicas, morfológicas e visuais.

Os estudos sobre línguas em contato demonstram que os empréstimos linguísticos decorrem das necessidades sociais, culturais e comunicativas dos grupos usuários de determinada língua. Na Libras, o intenso contato histórico com a língua portuguesa favoreceu o surgimento de mecanismos específicos de incorporação lexical, dentre os quais a datilologia ocupa posição central. Nascimento (2010, p. 20) afirma que os empréstimos linguísticos na Língua de Sinais Brasileira decorrem diretamente das relações de contato entre sujeitos surdos e ouvintes em ambientes bilíngues, especialmente em espaços escolares e institucionais.

A utilização da datilologia ocorre, inicialmente, como estratégia de representação de nomes próprios, termos técnicos, conceitos científicos e palavras para as quais ainda não existem sinais convencionados na comunidade surda. Entretanto, muitos desses elementos passam posteriormente por processos de lexicalização, tornando-se sinais incorporados ao léxico da Libras. Esse fenômeno demonstra que a língua de sinais possui mecanismos autônomos de adaptação linguística, reorganizando os empréstimos conforme seus parâmetros estruturais.

Ao discutir os processos de empréstimos linguísticos nas línguas de sinais, Machado (2022, p. 8) destaca que o contato entre modalidades distintas produz fenômenos linguísticos multimodais. Segundo o autor:

O contato entre modalidades propicia os empréstimos, os quais foram categorizados e descritos na tese como fenômeno linguístico rico e multimodal (Machado, 2022, p. 8).

Tal afirmação evidencia que os empréstimos linguísticos na Libras não se limitam à simples transferência lexical da língua portuguesa, mas envolvem processos complexos de adaptação visual, espacial, articulatória e semântica. A datilologia, nesse contexto, funciona como ponte entre as modalidades escrita, oral e sinalizada, permitindo a circulação de novos itens lexicais no interior da língua de sinais.

A lexicalização de sinais derivados da datilologia ocorre gradualmente. Em um primeiro momento, o termo é soletrado integralmente por meio do alfabeto manual; posteriormente, passa por reduções fonológicas, simplificações articulatórias e alterações nos movimentos das mãos até adquirir fluidez própria da Libras. Esse processo demonstra que os sinais oriundos da datilologia deixam de ser simples representações do português escrito para assumirem características estruturais específicas da língua de sinais.

Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1096) afirmam que os empréstimos linguísticos representam mecanismos naturais de ampliação lexical das línguas, funcionando como recursos de renovação vocabular. Segundo as autoras, a Libras incorpora elementos da língua portuguesa em decorrência das práticas sociais vivenciadas pela comunidade surda brasileira. Nesse sentido, a presença da datilologia revela não apenas influência linguística, mas também relações históricas e culturais construídas entre surdos e ouvintes.

Os processos de incorporação lexical na Libras evidenciam a capacidade produtiva da língua de sinais diante das transformações sociais contemporâneas. Em contextos tecnológicos, acadêmicos e científicos, a necessidade de novos termos favorece o uso da datilologia como estratégia inicial de acesso terminológico. Posteriormente, muitos desses termos são transformados em sinais lexicalizados por meio da criação coletiva realizada pela própria comunidade surda.

Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024, p. 128) observam que os avanços tecnológicos impulsionam mudanças lexicais constantes na Libras, produzindo fenômenos de lexicalização, deslexicalização e neologismo. As autoras destacam que o desenvolvimento tecnológico contribui diretamente para a criação de novos sinais relacionados à tecnologia, comunicação digital e inteligência artificial.

Nesse contexto, muitos termos tecnológicos ingressam inicialmente na Libras por meio da datilologia. Palavras como “Bluetooth”, “WhatsApp”, “Instagram” e “IA” frequentemente passam por processos de adaptação visual até adquirirem sinais próprios utilizados pela comunidade surda. Esse movimento revela a vitalidade linguística da Libras e sua capacidade de responder às demandas comunicacionais da contemporaneidade.

Além dos aspectos lexicais, a datilologia também possui importante dimensão identitária e educacional. No contexto da educação bilíngue para surdos, o uso do alfabeto manual favorece o contato entre Libras e língua portuguesa escrita, funcionando como estratégia pedagógica de mediação linguística. Entretanto, o uso excessivo da datilologia pode evidenciar limitações no acesso à produção lexical própria da Libras, sobretudo em ambientes escolares marcados pela predominância da língua portuguesa.

Fernandes e Moreira (2014, p. 54) argumentam que a educação bilíngue para surdos deve assegurar a Libras como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua, respeitando as especificidades linguísticas da comunidade surda. As autoras alertam que muitas práticas

educacionais ainda subordinam a Libras à estrutura da língua portuguesa, comprometendo a autonomia linguística dos sujeitos surdos.

A influência da língua portuguesa sobre a Libras torna-se perceptível também na constituição de sinais híbridos, nos quais elementos datilológicos são combinados com parâmetros próprios da língua de sinais. Esse fenômeno demonstra que os usuários da Libras desenvolvem práticas translíngues capazes de integrar diferentes modalidades linguísticas em um mesmo ato comunicativo.

Oliveira-Silva e Chaveiro (2017, p. 121) afirmam que o contato entre Libras e português produz práticas discursivas híbridas, nas quais os sujeitos surdos alternam modalidades linguísticas para construir significados em seus mundos bilíngues. Segundo as autoras, a translíngua evidencia que os limites entre as línguas tornam-se fluidos em contextos comunicativos reais.

A perspectiva da translíngua permite compreender a datilologia não apenas como representação da escrita portuguesa, mas como recurso discursivo integrado às práticas linguísticas dos sujeitos surdos. Em muitas situações, a alternância entre sinais convencionais, datilologia e elementos da língua portuguesa escrita ocorre de maneira simultânea, demonstrando a complexidade dos repertórios linguísticos mobilizados pela comunidade surda.

Os processos de incorporação lexical na Libras também podem ser compreendidos à luz das teorias sociolinguísticas sobre mudança linguística. Assim como ocorre em qualquer língua natural, a Libras sofre transformações decorrentes das mudanças sociais, culturais e históricas vivenciadas pelos seus usuários. Silva e Gonçalves (2020, p. 3) afirmam que os fenômenos de variação e mudança lexical na Libras ainda são pouco explorados nos estudos sociolinguísticos, embora representem aspecto fundamental da dinâmica linguística da comunidade surda.

Ao analisarem registros antigos de sinais utilizados em Goiás, os autores observaram modificações lexicais significativas decorrentes das transformações culturais e sociais da comunidade surda local. Tal constatação reforça a ideia de que os sinais derivados da datilologia também podem sofrer alterações ao longo do tempo, acompanhando as mudanças históricas da língua.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre datilologia e prestígio linguístico. Em determinados contextos acadêmicos e institucionais, o uso de palavras soletradas pode ser associado à valorização da língua portuguesa

em detrimento da Libras. Tal fenômeno revela tensões históricas entre as políticas linguísticas voltadas para a educação de surdos e a hegemonia da língua oral-auditiva nos espaços formais de ensino.

A educação de surdos no Brasil foi marcada por práticas oralistas que buscavam aproximar os sujeitos surdos da norma linguística da língua portuguesa. Mesmo após o reconhecimento legal da Libras, persistem práticas pedagógicas que privilegiam a escrita portuguesa como principal instrumento de legitimação acadêmica. Nesse cenário, a datilologia frequentemente assume função intermediária entre a Libras e a língua portuguesa escrita.

Segundo Fernandes e Moreira (2014, p. 60), muitos documentos oficiais relacionados à educação inclusiva ainda negligenciam a centralidade da Libras na escolarização dos estudantes surdos. As autoras argumentam que a ausência de políticas linguísticas efetivamente bilíngues compromete o acesso pleno dos surdos à sua língua materna.

A compreensão da datilologia como fenômeno linguístico complexo exige o reconhecimento da Libras como língua autônoma e produtiva. A incorporação de empréstimos da língua portuguesa não representa fragilidade estrutural da língua de sinais, mas evidencia sua capacidade adaptativa diante das transformações sociais e culturais da contemporaneidade.

Torii (2007, p. 51) afirma que os empréstimos linguísticos constituem fenômeno natural das línguas em contato, funcionando como mecanismo histórico de renovação lexical. A autora destaca que todas as línguas incorporam elementos externos ao longo de seu desenvolvimento histórico, reorganizando-os conforme suas estruturas linguísticas internas.

Essa perspectiva permite compreender que a presença da datilologia na Libras não implica dependência estrutural da língua portuguesa, mas demonstra a vitalidade e a flexibilidade da língua de sinais diante das demandas comunicativas da sociedade contemporânea. A Libras, enquanto língua viva, transforma continuamente os elementos oriundos do português, adaptando-os às especificidades de sua modalidade gesto-visual.

Nesse sentido, a datilologia constitui importante mecanismo de circulação de conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais entre sujeitos surdos. Sua utilização nos processos de incorporação lexical evidencia a capacidade criativa da comunidade surda na construção de

novos repertórios linguísticos, reafirmando a Libras como língua dinâmica, histórica e socialmente situada.

Conforme destaca Nascimento (2010 apud Machado, 2022, p. 84), os empréstimos linguísticos nas línguas de sinais devem ser compreendidos como resultado das interações socioculturais estabelecidas entre diferentes comunidades linguísticas. Tal compreensão reforça a necessidade de reconhecer a Libras como sistema linguístico complexo, capaz de produzir mecanismos próprios de criação lexical, adaptação semântica e transformação discursiva.

Dessa forma, os processos de datilologia e incorporação lexical revelam as múltiplas fronteiras bilíngues existentes entre Libras e língua portuguesa. Essas fronteiras não representam limites fixos entre as línguas, mas espaços dinâmicos de negociação cultural, circulação discursiva e construção identitária. A Libras reafirma-se, portanto, como língua autônoma e em constante transformação, cuja riqueza linguística se manifesta justamente na capacidade de dialogar, adaptar e ressignificar elementos oriundos de diferentes contextos sociais e culturais.

3 Empréstimos linguísticos, bilinguismo e fronteiras culturais

Os empréstimos linguísticos constituem um fenômeno inerente às línguas naturais e refletem processos históricos de interação social, circulação cultural e contato entre diferentes comunidades linguísticas. No caso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), os empréstimos provenientes da língua portuguesa revelam não apenas adaptações lexicais, mas também relações de poder, disputas identitárias e dinâmicas socioculturais presentes na constituição histórica da comunidade surda brasileira. O contato entre Libras e português configura um cenário bilíngue complexo, marcado pela coexistência de modalidades linguísticas distintas e pela produção contínua de práticas comunicativas híbridas.

A Libras desenvolve-se em permanente interação com a língua portuguesa, especialmente em ambientes educacionais, institucionais e familiares. Essa convivência histórica favorece a incorporação de elementos lexicais oriundos do português, desencadeando processos de adaptação fonológica, visual e semântica no interior da língua de sinais. Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1095) afirmam que os empréstimos linguísticos da língua portuguesa à Libras decorrem diretamente das práticas sociais em que se inserem os sujeitos surdos no Brasil. Segundo as autoras, o contato

entre as duas línguas produz mecanismos de ampliação e renovação lexical que acompanham as transformações culturais e comunicacionais da sociedade contemporânea.

Os empréstimos linguísticos podem ser compreendidos como resultado das necessidades comunicativas surgidas em contextos multilíngues. Em situações nas quais determinados conceitos ainda não possuem sinais convencionados na Libras, os usuários recorrem frequentemente à datilologia, à adaptação visual de palavras portuguesas ou à criação de sinais híbridos derivados do contato entre as línguas. Tal processo evidencia a produtividade linguística da Libras e sua capacidade de reorganizar elementos externos conforme suas estruturas específicas.

Ao discutir os processos de empréstimos linguísticos no português, Torii (2007, p. 51) afirma que o empréstimo representa um fenômeno natural das línguas em contato, sendo resultado das relações culturais, econômicas e sociais estabelecidas entre diferentes grupos linguísticos. Embora a autora trate especificamente do português, suas reflexões contribuem significativamente para compreender os mecanismos de incorporação lexical presentes na Libras.

Nesse sentido, os empréstimos linguísticos na língua de sinais não devem ser interpretados como fragilidade estrutural ou dependência da língua portuguesa, mas como manifestação da dinâmica natural das línguas vivas. Machado (2022, p. 8) destaca que os empréstimos linguísticos na Libras decorrem da interação entre língua falada, língua escrita, língua sinalizada e gestos culturais, constituindo um fenômeno multimodal complexo.

Ao abordar a pluralidade dos empréstimos linguísticos na Libras, Machado (2022, p. 8) afirma:

Os resultados mostram que o processo de empréstimos linguísticos na Libras é decorrente de diversas modalidades e se dá de forma plural, ou seja, fatores diferentes contribuem para a entrada de novos itens lexicais na língua. Trata-se de um campo de investigação ainda incipiente que necessita de mais pesquisas (Machado, 2022, p. 8).

A afirmação do autor demonstra que os empréstimos linguísticos não ocorrem de maneira homogênea, mas são influenciados por fatores históricos, culturais, tecnológicos e educacionais. O contato entre Libras e português produz múltiplas formas de incorporação lexical, incluindo transliterações, adaptações visuais, empréstimos semânticos e formações híbridas.

A relação entre empréstimos linguísticos e bilinguismo constitui aspecto fundamental para compreender a realidade educacional e social da comunidade surda. O bilinguismo dos sujeitos surdos brasileiros envolve a convivência entre Libras, considerada primeira língua, e língua portuguesa escrita, compreendida como segunda língua. Entretanto, essa convivência não ocorre em condições igualitárias, uma vez que a língua portuguesa ocupa historicamente posição de prestígio social e institucional.

Fernandes e Moreira (2014, p. 52) argumentam que as políticas de educação bilíngue para surdos no Brasil foram profundamente influenciadas por disputas ideológicas relacionadas às concepções de linguagem, identidade e inclusão. Segundo as autoras, muitas políticas públicas ainda subordinam a Libras à lógica da língua portuguesa, dificultando a efetivação de uma educação verdadeiramente bilíngue.

A centralidade da língua portuguesa nos espaços formais de ensino produz impactos significativos sobre as práticas linguísticas da comunidade surda. Em muitos contextos escolares, os estudantes surdos são levados a transitar constantemente entre Libras, português escrito e datilologia, desenvolvendo repertórios comunicativos híbridos. Esse cenário favorece o surgimento de práticas translíngues, nas quais os limites entre as línguas tornam-se fluidos e permeáveis.

Oliveira-Silva e Chaveiro (2017, p. 121) observam que o contato entre Libras e português produz práticas discursivas múltiplas que ultrapassam as concepções tradicionais sobre línguas em contato. Segundo as autoras, os sujeitos surdos utilizam simultaneamente recursos da Libras, da língua portuguesa escrita e da datilologia para construir sentidos e identidades sociais em contextos bilíngues.

Ao analisarem a influência da língua portuguesa na produção da Libras, Oliveira-Silva e Chaveiro (2017, p. 121) afirmam:

As análises revelaram que as alunas, além de escolher usar a modalidade mais apropriada (escrita ou sinalizada) e mesclar as línguas, envolveram-se em práticas discursivas múltiplas para construir conjuntamente significados e identidades sociais em seus mundos bilíngues, ou simplesmente, translínguem (Oliveira-Silva; Chaveiro, 2017, p. 121).

Tal perspectiva evidencia que os empréstimos linguísticos não se restringem ao nível lexical, mas envolvem processos identitários e culturais mais amplos. As práticas translíngues desenvolvidas pelos sujeitos surdos

demonstram que as fronteiras entre Libras e português são constantemente negociadas e reconstruídas nas interações sociais.

As fronteiras culturais constituem espaços de circulação linguística e produção de identidades híbridas. Oliveira (2016, p. 60), ao discutir as línguas de fronteira no contexto brasileiro, afirma que as regiões multilíngues favorecem práticas de alternância de códigos, diálogos bilíngues e formação de interlínguas. Embora o autor trate especificamente das fronteiras territoriais, suas reflexões podem ser aplicadas às relações entre Libras e português, compreendidas como fronteiras simbólicas e culturais.

As experiências bilíngues da comunidade surda configuram espaços fronteiriços nos quais diferentes sistemas linguísticos coexistem e interagem continuamente. Nessas fronteiras culturais, os sujeitos surdos desenvolvem estratégias comunicativas próprias, combinando sinais convencionais, datilologia, expressões faciais e elementos da escrita portuguesa.

A noção de fronteira cultural permite compreender que o contato entre Libras e português não ocorre de forma neutra, mas está atravessado por relações de poder e hegemonia linguística. Historicamente, a língua portuguesa foi imposta como modelo dominante na educação de surdos, sobretudo durante o período de predominância do oralismo. Mesmo após o reconhecimento legal da Libras, persistem práticas institucionais que privilegiam a norma linguística da língua portuguesa em detrimento da língua de sinais.

Fernandes e Moreira (2014, p. 56) afirmam que muitos documentos oficiais relacionados à educação inclusiva apresentam um “desvio de foco” ao negligenciarem o direito linguístico dos surdos ao acesso pleno à Libras como língua materna. As autoras argumentam que a ausência de políticas linguísticas efetivamente bilíngues compromete o desenvolvimento educacional e cultural dos estudantes surdos.

Nesse cenário, os empréstimos linguísticos podem ser interpretados tanto como mecanismos de adaptação comunicativa quanto como reflexo das tensões sociopolíticas existentes entre as línguas. A incorporação de elementos do português na Libras evidencia a influência histórica da língua majoritária sobre a experiência linguística dos sujeitos surdos.

Por outro lado, os empréstimos também revelam a capacidade de resistência e resignificação da comunidade surda. Ao adaptar lexicalmente os elementos oriundos do português, a Libras reafirma sua autonomia estrutural e sua capacidade criativa. Os sinais derivados de empréstimos

passam frequentemente por transformações fonológicas e morfológicas que os integram plenamente à estrutura visual-espacial da língua de sinais.

Nascimento (2010, p. 83) observa que os empréstimos transliterados na Libras sofrem modificações articulatorias e adaptações das configurações de mão até assumirem formas mais compatíveis com a dinâmica linguística da língua de sinais. Tais processos demonstram que a Libras não reproduz passivamente os elementos da língua portuguesa, mas os reorganiza conforme seus próprios mecanismos estruturais.

A influência dos avanços tecnológicos intensifica ainda mais os processos de empréstimos linguísticos na Libras. O surgimento constante de novos termos relacionados à tecnologia, ciência e comunicação digital favorece a incorporação de palavras portuguesas inicialmente por meio da datilologia. Posteriormente, muitos desses termos são transformados em sinais lexicalizados utilizados amplamente pela comunidade surda.

Temoteo-Marques, Martins e Guirelli (2024, p. 128) afirmam que as transformações tecnológicas impactam diretamente o léxico das línguas de sinais, produzindo fenômenos de lexicalização e neologismo. Segundo as autoras, alguns sinais entram em desuso enquanto outros são criados para atender às novas demandas comunicativas da contemporaneidade.

As transformações lexicais observadas na Libras demonstram que a língua acompanha as mudanças sociais e culturais da sociedade brasileira. Silva e Gonçalves (2020, p. 3) destacam que a Libras manifesta continuamente fenômenos de variação e mudança lexical, embora tais processos ainda sejam pouco explorados nos estudos sociolinguísticos.

Ao investigarem mudanças lexicais em Goiás, os autores constataram que diferentes sinais sofreram alterações ao longo do tempo em decorrência das transformações culturais da comunidade surda local. Essa constatação reforça a ideia de que as línguas de sinais possuem historicidade própria e estão sujeitas aos mesmos processos de mudança observados em outras línguas naturais.

A discussão sobre empréstimos linguísticos, bilinguismo e fronteiras culturais evidencia que a Libras deve ser compreendida como língua viva, dinâmica e socialmente situada. Os processos de incorporação lexical revelam a capacidade adaptativa da língua diante das transformações históricas e das demandas comunicativas contemporâneas.

Conforme afirma Torii (2007 apud Machado, 2022, p. 85), os empréstimos linguísticos constituem resultado inevitável das relações estabelecidas entre comunidades linguísticas em contato. Essa perspectiva

permite compreender que os fenômenos observados na Libras fazem parte de um movimento histórico mais amplo de interação entre línguas, culturas e identidades.

Dessa forma, as fronteiras bilíngues entre Libras e língua portuguesa não representam limites fixos entre sistemas linguísticos isolados, mas espaços dinâmicos de circulação discursiva, negociação identitária e criação cultural. Os empréstimos linguísticos revelam justamente a vitalidade da Libras e sua capacidade de dialogar com diferentes contextos sociais sem perder sua autonomia estrutural e cultural.

4 Considerações finais

A datilologia e os empréstimos linguísticos que marcam a relação entre o português e a Libras revelam o quanto é intrincada a dinâmica entre línguas que convivem e interagem. Esses espaços onde duas línguas se encontram funcionam como ambientes vivos, onde circulam saberes, identidades se redefinem e a língua muda constantemente. A Libras, sendo a língua natural dos surdos brasileiros, mostra uma notável flexibilidade ao incorporar traços do português, mantendo ao tempo sua própria estrutura e riqueza cultural intactas.

Conforme a análise realizada revelou, a datilologia vai muito além de ser apenas uma transposição manual do alfabeto português – ela atua como um mecanismo criativo na formação de novos vocábulos, facilita a mediação entre línguas e permite inventar sinais inéditos. Muitos dos sinais que hoje fazem parte do vocabulário consolidado da Libras nasceram desses processos datilológicos, passando depois por transformações fonológicas, morfológicas e de significado que os tornaram plenamente integrados ao sistema espacial-visual da língua de sinais.

Os empréstimos que vemos na Libras refletem não só demandas práticas do dia a dia, como também atravessamentos históricos, culturais e educacionais vividos pela população surda no Brasil. O encontro permanente entre Libras e português propicia o surgimento de modos de comunicação que mesclam as duas línguas, permitindo aos surdos transitarem entre essas diferentes formas de linguagem para construir significados, aprender e afirmar suas identidades culturais dentro de um contexto bilíngue.

Percebeu-se também que as transformações no léxico da Libras acompanham as mudanças que ocorrem na sociedade e na tecnologia.

A expansão das tecnologias digitais, da comunicação pela internet e dos avanços científicos impulsionam permanentemente a criação de sinais novos, confirmando que a Libras funciona como uma língua em constante movimento, geradora de novidades e sempre se atualizando.

A reflexão sobre bilinguismo e as fronteiras entre culturas também trouxe à tona questões políticas e ideológicas que cercam o reconhecimento da Libras como ferramenta legítima para acessar conhecimento e participar plenamente da sociedade. Apesar dos ganhos conquistados legalmente pela comunidade surda brasileira ao longo do tempo, ainda há muito a fazer para que políticas linguísticas verdadeiramente bilíngues funcionem de verdade nas escolas e instituições.

Por isso, é preciso investir em pesquisas que se debrucem sobre empréstimos linguísticos, datilologia e transformação do vocabulário na Libras, sempre considerando seus aspectos linguísticos, culturais e identitários. Reconhecer a Libras como uma língua independente e com história própria significa compreender que o que ela empresta do português não indica fraqueza estrutural, mas faz parte do que naturalmente acontece quando línguas e culturas distintas convivem e se influenciam mutuamente.

Fica claro, portanto, que os espaços bilíngues entre Libras e português funcionam como territórios produtivos, onde a comunidade surda cria constantemente formas de expressar ideias, adapta sinais existentes e reinventa significados. A Libras se reafirma como uma língua cheia de vida, múltipla em suas manifestações e profundamente enraizada socialmente, capaz de absorver as transformações históricas sem deixar de ser o coração da experiência linguística e cultural dos surdos brasileiros.

Referências

FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, n. esp. 2, p. 51-69, 2014.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. **O processo de empréstimos linguísticos na Libras: modalidades e categorização**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

MOTA, Carina; RAZKY, Abdelhak. Criação de sinais-termo: tratamento e descrição do termo para COVID-19 em língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 1–21, 2023. DOI: 10.5007/2175-7968.2023.e86639. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/>

traducao/article/view/86639. Acesso em: 27 mai. 2026.

MARQUES, Janice Gonçalves Temoteo; MARTINS, Antonielle Cantarelli; GUIRELLI, Fernanda de Oliveira. Observações sobre as transformações lexicais na Libras em decorrência dos avanços tecnológicos: Observations on lexical transformations in Brazilian Sign Language (Libras) due to technological advances. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 127–150, 2025. DOI: 10.21165/gel.v21i2.3744. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3744>. Acesso em: 27 mai. 2026.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimo linguístico do português na Língua de Sinais Brasileira - LSB: línguas em contato**. 2010. 111 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, n. 21, p. 59-72, 2016.

OLIVEIRA-SILVA, Claudney Maria de; CHAVEIRO, Neuma. A influência da língua portuguesa na produção da Libras na perspectiva de translíngua. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 120–138, 2017. DOI: 10.5216/rs.v2i2.36080. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36080>. Acesso em: 27 mai. 2026.

RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, Goiânia, v. 32, p. e63237, 2021. DOI: 10.5216/sig.v32.63237. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/63237>. Acesso em: 27 mai. 2026.

TEMOTEO-MARQUES, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli; GUIRELLI, Fernanda de Oliveira. Observações sobre as transformações lexicais na Libras em decorrência dos avanços tecnológicos. *Revista do GEL*, v. 21, n. 2, p. 127-150, 2024.

TORII, Rena. **Os processos de integração dos empréstimos linguísticos no português**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A DIVERSIDADE DO LÉXICO DA LIBRAS PELO PAÍS

Flávia Luiza Fernandes Caldas¹

Sergio José da Silva²

Gustavo Marques Brandão³

Marcos de Moraes Santos⁴

Bruno Bueno Lima de Sousa⁵

Daniel Martins Braga Gomes⁶

1 Introdução

A variação linguística constitui um fenômeno inerente às línguas naturais e manifesta-se em diferentes níveis estruturais, sociais e culturais. Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), essa diversidade apresenta-se de forma significativa, especialmente no plano lexical, evidenciando que os sinais utilizados pelas comunidades surdas brasileiras não são homogêneos, mas atravessados por aspectos históricos, regionais, identitários e socioculturais. Nesse contexto, a diversidade do léxico da Libras pelo país demonstra não apenas a riqueza linguística da língua, mas também as múltiplas experiências vividas pelas comunidades surdas em seus diferentes espaços sociais.

As pesquisas sociolinguísticas aplicadas às línguas de sinais passaram a ganhar maior destaque a partir do reconhecimento científico da Libras como língua natural. O trabalho precursor de William Stokoe, na década de 1960, demonstrou que as línguas de sinais possuem estrutura gramatical própria e organização linguística equivalente às línguas orais. A

1 Mestranda em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos pela Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde, Portugal.

2 Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

3 Mestrando em Letras - Linguagem e Identidade. Universidade Federal do Acre, UFAC, Brasil.

4 Doutor em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor efetivo da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

5 Especialista em Neuroaprendizagem na Educação pelas Faculdades FAVENI e FACEIB. Professor substituto da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

6 Doutorando em Letras, Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

partir dessas contribuições, os estudos sobre variação linguística passaram a considerar também as línguas de modalidade visual-espacial como objeto legítimo de investigação científica.

Segundo Xavier e Barbosa (2014, p. 372), “os sinais podem assumir formas distintas nas produções de diferentes sinalizadores ou de um mesmo sinalizador, sem que isso represente alteração de significado”. Tal afirmação evidencia que a Libras apresenta mecanismos internos de variação semelhantes aos observados em outras línguas naturais, permitindo a coexistência de diferentes variantes linguísticas dentro de um mesmo sistema comunicativo.

A diversidade lexical da Libras revela-se de forma intensa nas diferentes regiões brasileiras. Em muitos casos, um mesmo conceito pode ser representado por sinais distintos conforme o estado, a cidade ou o grupo social em que ocorre a interação comunicativa. Essa pluralidade lexical decorre das experiências culturais específicas das comunidades surdas e dos processos históricos de formação da língua em cada região.

Ao discutir a relação entre regionalismo e Libras, Sá, Loureiro da Silva e Timóteo (2023) observam que fatores como contexto social, faixa etária, religião, gênero e localização geográfica influenciam diretamente as variações linguísticas da língua de sinais. Assim, a Libras utilizada em São Paulo pode apresentar diferenças lexicais significativas em relação àquela empregada em Porto Alegre, Manaus, Recife ou Goiânia.

Nesse sentido, a diversidade lexical da Libras deve ser compreendida como resultado das múltiplas formas de organização cultural das comunidades surdas brasileiras. Os sinais carregam marcas identitárias construídas historicamente nos espaços de convivência social, como escolas de surdos, associações, igrejas, universidades e movimentos políticos da comunidade surda.

Conforme afirma Silva e Gonçalves (2021), a mudança lexical ocorre quando formas antigas coexistem com novas variantes linguísticas, possibilitando processos contínuos de transformação na língua. Esse fenômeno torna-se evidente na Libras, sobretudo diante das transformações sociais contemporâneas e da ampliação dos espaços de circulação da comunidade surda.

As mudanças tecnológicas também influenciam diretamente a constituição do léxico da Libras. O surgimento de plataformas digitais, aplicativos e redes sociais impulsionou a criação de novos sinais e variantes lexicais em diferentes regiões do país. Em estudo sobre os sinais

referentes aos conceitos “YouTube” e “WhatsApp”, Arnu e Xavier (2023) identificaram diferentes realizações lexicais e fonológicas utilizadas por comunidades surdas distintas. Tal fenômeno demonstra que a Libras acompanha dinamicamente as transformações sociais e tecnológicas da contemporaneidade.

Além dos fatores regionais, a variação lexical na Libras também está relacionada às diferenças geracionais existentes entre os sujeitos surdos. Pessoas mais velhas tendem a preservar sinais tradicionais aprendidos em contextos históricos específicos, enquanto os jovens frequentemente incorporam novas variantes influenciadas pela internet, pelo contato linguístico e pelas mudanças culturais contemporâneas.

Silva (2020), ao investigar a variação fonológica e lexical em Libras, observou que sujeitos mais jovens utilizam variantes menos icônicas e mais influenciadas por empréstimos da Língua Portuguesa. O autor também destaca que a escolaridade interfere nos usos linguísticos, uma vez que sujeitos com maior acesso à educação formal tendem a utilizar sinais relacionados ao alfabeto manual e a processos de lexicalização influenciados pelo português escrito.

Nesse contexto, percebe-se que a Libras sofre constantes influências do contato linguístico com a Língua Portuguesa. Esse fenômeno pode ocorrer por meio de empréstimos lexicais, inicializações, adaptações semânticas e incorporações do alfabeto manual aos sinais. Tais processos não descaracterizam a Libras enquanto língua autônoma, mas evidenciam sua capacidade de adaptação às necessidades comunicativas da comunidade surda.

Ao analisar os fatores sociolinguísticos da Libras, Schmidt et al. (2025) afirmam que a variação lexical decorre de aspectos como região geográfica, escolarização, idade e práticas culturais específicas das comunidades surdas. Os autores ressaltam que as variantes lexicais representam trajetórias históricas distintas e reforçam o pertencimento identitário dos sujeitos às suas comunidades locais.

A perspectiva sociolinguística evidencia que a língua não pode ser compreendida de forma isolada das práticas sociais dos indivíduos. Nesse sentido, a Libras constitui-se como produto cultural da experiência visual das comunidades surdas brasileiras. As diferenças lexicais existentes entre regiões não representam falhas comunicativas, mas expressões legítimas da diversidade linguística da língua.

Labov (2008) compreende a variação linguística como um fenômeno natural decorrente das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos em suas comunidades de fala. Embora seus estudos tenham sido inicialmente direcionados às línguas orais, seus pressupostos teóricos foram posteriormente aplicados às línguas de sinais, permitindo compreender os processos de heterogeneidade presentes na Libras.

Sobre essa perspectiva, Naves, Ferreira e Chahini (2023) afirmam que a Libras apresenta manifestações culturais específicas que influenciam diretamente os usos linguísticos dos sujeitos surdos. Assim, os sinais utilizados em determinadas regiões podem refletir experiências históricas locais, práticas educacionais e formas particulares de interação social.

A influência das instituições educacionais também exerce papel importante na constituição do léxico da Libras. Historicamente, muitas escolas de surdos desenvolveram sinais próprios que passaram a circular entre os estudantes e, posteriormente, difundiram-se para outras comunidades. Esse fenômeno contribuiu significativamente para a diversidade lexical observada atualmente na Libras.

Outro aspecto relevante refere-se à presença de sinais-termo em áreas técnicas e científicas. Santana e Santos (2022) observam que, em contextos especializados, como a eletrotécnica, a Libras também apresenta variações terminológicas decorrentes dos diferentes espaços de formação e interação social dos sujeitos surdos. Os autores destacam que a ausência de padronização absoluta favorece a criação de variantes lexicais em diferentes contextos profissionais e educacionais.

Desse modo, a diversidade lexical da Libras revela a vitalidade linguística da língua e sua constante adaptação às transformações históricas e sociais. A multiplicidade de variantes evidencia que a Libras é uma língua viva, dinâmica e profundamente vinculada às experiências culturais da comunidade surda brasileira.

Segundo Bagno (2007 apud Naves; Ferreira; Chahini, 2023), nenhuma língua é homogênea, pois toda manifestação linguística sofre influência dos contextos sociais em que ocorre. Essa compreensão permite reconhecer que a Libras, assim como as demais línguas naturais, organiza-se a partir da diversidade e da pluralidade de usos linguísticos.

Além disso, os estudos sobre variação linguística contribuem para desconstruir preconceitos historicamente atribuídos às línguas de sinais. Durante muitos anos, prevaleceu a ideia equivocada de que a existência de diferentes sinais representava ausência de estrutura ou fragilidade

linguística. Entretanto, as pesquisas contemporâneas demonstram justamente o contrário: a variação constitui prova da complexidade estrutural e da riqueza sociocultural da Libras.

Conforme ressalta Ferreira-Brito (1995 apud Naves; Ferreira; Chahini, 2023), as línguas de sinais apresentam sistemas organizados e processos linguísticos equivalentes aos das línguas orais, incluindo fenômenos de mudança, variação e inovação lexical. Dessa forma, compreender a diversidade lexical da Libras significa reconhecer sua legitimidade científica, cultural e social.

A valorização das variantes regionais da Libras torna-se fundamental para a promoção da inclusão linguística e cultural da comunidade surda. A imposição de modelos padronizados e homogêneos pode invisibilizar identidades regionais e desconsiderar trajetórias históricas importantes para os sujeitos surdos.

Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos sobre Libras assumem papel essencial na construção de práticas educacionais mais inclusivas, especialmente no contexto da educação bilíngue. O reconhecimento da diversidade lexical permite que professores, intérpretes e pesquisadores compreendam as especificidades linguísticas dos estudantes surdos, respeitando suas formas próprias de comunicação e expressão cultural.

Portanto, a diversidade do léxico da Libras pelo país evidência não apenas a pluralidade linguística existente entre as comunidades surdas brasileiras, mas também a riqueza cultural construída historicamente por esses sujeitos. A variação linguística, longe de representar inadequação, constitui elemento fundamental para a vitalidade da língua e para o fortalecimento das identidades surdas regionais.

2 A diversidade lexical da Libras nas diferentes regiões do Brasil

A diversidade lexical da Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos aspectos mais expressivos da riqueza linguística presente nas comunidades surdas brasileiras. Assim como ocorre nas línguas orais, a Libras apresenta múltiplas variantes regionais que refletem aspectos históricos, culturais, sociais e identitários dos sujeitos que a utilizam. Essas diferenças podem ser observadas na existência de sinais distintos para um mesmo conceito em diferentes estados, cidades ou grupos sociais, revelando que a língua não é homogênea, mas dinâmica e socialmente construída.

Os estudos sociolinguísticos aplicados às línguas de sinais evidenciam que a variação lexical é um fenômeno natural das línguas humanas. Nesse sentido, a Libras acompanha os mesmos processos de mudança, adaptação e inovação presentes nas demais línguas naturais. Conforme afirmam Schmidt *et al.* (2025, p. 300), “a variação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos fenômenos mais expressivos da dinâmica sociolinguística que caracteriza as línguas naturais”.

A diversidade lexical presente na Libras está diretamente relacionada à extensão territorial do Brasil e às múltiplas formas de organização das comunidades surdas ao longo da história. Cada região desenvolveu sinais específicos influenciados por experiências culturais locais, práticas educacionais, associações de surdos e contextos sociais particulares. Dessa forma, os sinais utilizados por sujeitos surdos do Norte do país podem diferir significativamente daqueles empregados no Sul, Sudeste ou Nordeste brasileiro.

Segundo Sá, Loureiro da Silva e Timóteo (2023, p. 3), a Libras, “assim como a Língua Portuguesa, possui variações. Muitos fatores são capazes de influenciar nessas variações, como: contexto e classe social, faixa etária, gênero, religião, região, entre outros”. Essa perspectiva demonstra que a diversidade lexical não ocorre aleatoriamente, mas decorre das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos surdos em seus contextos culturais e históricos.

No contexto da Sociolinguística, compreende-se que nenhuma língua apresenta uniformidade absoluta. Labov (2008) afirma que a heterogeneidade linguística constitui característica fundamental das línguas naturais, uma vez que os usos linguísticos sofrem influência constante dos grupos sociais e dos contextos comunicativos. Embora os estudos de Labov tenham sido inicialmente voltados às línguas orais, seus pressupostos passaram a ser aplicados também às línguas de sinais, permitindo compreender os processos de variação presentes na Libras.

Ao discutir os fenômenos de variação na Libras, Naves, Ferreira e Chahini (2023, p. 2620) ressaltam que:

As línguas de sinais também são passíveis do fenômeno da variação linguística, sendo assim, nesta pesquisa, buscou-se investigar as variações, em Libras, a partir de termos que nomeiam duas grandes manifestações culturais no Maranhão: Bumba meu Boi e Tambor de Crioula.

A citação evidencia que a diversidade lexical da Libras se relaciona diretamente aos aspectos culturais regionais. Em diferentes estados brasileiros, determinados sinais passam a representar manifestações culturais específicas, incorporando elementos simbólicos das comunidades locais. Assim, a língua de sinais torna-se espaço de preservação da memória cultural e das identidades regionais surdas.

Nesse contexto, as associações de surdos exerceram papel fundamental na disseminação e consolidação das variantes lexicais regionais da Libras. Historicamente, muitos sinais foram criados e difundidos em espaços comunitários frequentados por pessoas surdas, como escolas bilíngues, instituições religiosas, movimentos culturais e organizações políticas da comunidade surda. Tais ambientes favoreceram a construção de repertórios lexicais próprios que passaram a identificar determinados grupos sociais.

Silva e Gonçalves (2021, p. 4) afirmam que a mudança lexical ocorre quando novas variantes passam a coexistir com formas tradicionais da língua. Segundo os autores:

A mudança efetivamente acontece, é necessário um período em que as velhas e novas formas da língua coexistam, o que pode, como consequência, acarretar na mudança.

Na Libras, esse processo pode ser observado no surgimento de novos sinais para conceitos contemporâneos, especialmente aqueles relacionados às tecnologias digitais, redes sociais e transformações culturais recentes. Em muitos casos, comunidades surdas distintas desenvolvem sinais próprios para representar os mesmos conceitos, ampliando ainda mais a diversidade lexical da língua.

As pesquisas de Arnu e Xavier (2023) sobre os sinais referentes aos conceitos “YouTube” e “WhatsApp” demonstram claramente esse fenômeno. Os autores identificaram diferentes variantes lexicais e fonológicas utilizadas por sinalizantes de regiões distintas do Brasil, evidenciando que a Libras adapta continuamente seu léxico às necessidades comunicativas contemporâneas.

Outro aspecto relevante refere-se às diferenças geracionais observadas na Libras. Sujeitos mais velhos tendem a preservar sinais tradicionais aprendidos em contextos históricos específicos, enquanto os mais jovens frequentemente incorporam variantes influenciadas pela internet, pela escolarização e pelo contato linguístico com a Língua Portuguesa.

Silva (2020, p. 7), ao investigar a variação fonológica e lexical em Libras, observou que "jovens e adultos fizeram uso de sinais menos icônicos, para alguns itens lexicais, enquanto idosos não apresentaram tal uso".

Tal realidade demonstra que a Libras encontra-se em constante transformação, acompanhando as mudanças sociais e culturais vivenciadas pelas comunidades surdas brasileiras. O contato entre diferentes gerações produz alterações lexicais que contribuem para a ampliação do repertório linguístico da língua.

Além disso, a escolarização exerce influência significativa sobre a diversidade lexical da Libras. Em determinados contextos educacionais, alguns sinais passam a ser mais difundidos em razão da atuação de professores, intérpretes e materiais didáticos específicos. Isso faz com que certas variantes ganhem maior circulação em determinadas regiões ou instituições de ensino.

Ao analisar os processos de variação na Libras, Xavier e Barbosa (2014, p. 373) destacam que os sinais podem sofrer alterações relacionadas aos parâmetros linguísticos da língua, como configuração de mão, movimento, orientação e localização. Segundo os autores, "os sinais, semelhantemente às palavras das línguas faladas, são decomponíveis em unidades menores".

Essa estrutura articulatória permite que diferentes variantes sejam produzidas sem comprometer o significado do sinal, favorecendo a diversidade lexical observada entre os grupos sociais e regionais da comunidade surda.

As influências culturais regionais também contribuem para a constituição de sinais específicos relacionados à culinária, às festas populares, às práticas religiosas e aos costumes locais. Em determinadas regiões do Nordeste, por exemplo, há sinais próprios relacionados às manifestações culturais típicas, enquanto comunidades do Sul podem apresentar variantes vinculadas às tradições locais daquela região.

Nessa perspectiva, Bagno (2007 apud Naves; Ferreira; Chahini, 2023) argumenta que toda língua sofre influências socioculturais e históricas, tornando impossível a existência de uniformidade linguística absoluta. Essa compreensão reforça a legitimidade das variantes regionais da Libras e combate perspectivas preconceituosas que buscam estabelecer formas consideradas "corretas" ou "superiores" dentro da língua.

Outro fator importante refere-se ao contato linguístico entre Libras e Língua Portuguesa. Em muitos casos, sinais passam a incorporar elementos do português por meio de empréstimos linguísticos, inicializações e adaptações semânticas. Esses fenômenos são especialmente comuns em ambientes acadêmicos e profissionais, nos quais surgem novos conceitos técnicos e científicos.

Santana e Santos (2022, p. 5) observam que a Libras apresenta variações terminológicas inclusive em áreas especializadas, como a eletrotécnica, em razão dos diferentes contextos sociais de interação. Isso demonstra que a diversidade lexical da Libras não se limita ao cotidiano informal, mas alcança também os campos científicos, educacionais e profissionais.

A diversidade lexical da Libras deve, portanto, ser compreendida como manifestação legítima da pluralidade cultural da comunidade surda brasileira. A existência de variantes regionais não representa fragilidade linguística, mas evidencia a vitalidade e a riqueza estrutural da língua.

Segundo Ferreira-Brito (1995 apud Xavier; Barbosa, 2014), as línguas de sinais possuem estrutura gramatical complexa e mecanismos próprios de organização lexical, fonológica e semântica. Assim, as diferenças regionais presentes na Libras reafirmam seu estatuto de língua natural e demonstram sua capacidade de adaptação aos diferentes contextos sociais.

Além disso, a valorização das variantes regionais da Libras possui relevância educacional e política. O reconhecimento da diversidade lexical contribui para práticas pedagógicas mais inclusivas e respeitosas às identidades linguísticas dos estudantes surdos. A imposição de modelos padronizados pode invisibilizar experiências culturais importantes e desconsiderar os processos históricos de construção da língua nas diferentes regiões do país.

Nesse sentido, torna-se fundamental ampliar os estudos sociolinguísticos sobre Libras, especialmente aqueles voltados à documentação das variantes regionais e dos processos de mudança lexical. O registro dessas variantes contribui não apenas para o fortalecimento científico da língua, mas também para a preservação da memória cultural das comunidades surdas brasileiras.

Portanto, a diversidade lexical da Libras nas diferentes regiões do Brasil evidencia que a língua constitui espaço de expressão cultural, identidade social e construção histórica da comunidade surda. A pluralidade de sinais presentes no território brasileiro revela a riqueza linguística da

Libras e reafirma a necessidade de valorização das múltiplas formas de comunicação desenvolvidas pelos sujeitos surdos ao longo da história.

3 Fatores sociolinguísticos e culturais na variação da Libras

A variação linguística constitui um fenômeno inerente às línguas naturais e manifesta-se em diferentes dimensões estruturais, sociais e culturais. Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), os processos de variação apresentam características específicas relacionadas à modalidade visual-espacial da língua e às experiências históricas da comunidade surda brasileira. Os fatores sociolinguísticos e culturais exercem influência direta sobre a constituição lexical, fonológica e semântica da Libras, evidenciando que a língua se transforma continuamente conforme os contextos sociais em que é utilizada.

Os estudos sociolinguísticos sobre a Libras demonstram que a língua não pode ser compreendida como um sistema homogêneo e estático. Ao contrário, a Libras apresenta diversidade decorrente das práticas sociais, dos contatos linguísticos, das identidades culturais e das trajetórias históricas das comunidades surdas espalhadas pelo território brasileiro. Nesse sentido, os usos linguísticos sofrem interferência de fatores como região geográfica, faixa etária, escolaridade, gênero, religião, classe social e experiências culturais compartilhadas.

Segundo Naves, Ferreira e Chahini (2023, p. 2620), “as línguas de sinais também são passíveis do fenômeno da variação linguística”. Tal compreensão aproxima os estudos da Libras das teorias sociolinguísticas desenvolvidas inicialmente para as línguas orais, especialmente a partir das contribuições de William Labov.

A Sociolinguística Variacionista compreende a língua como fenômeno social marcado pela heterogeneidade. Para Labov (2008), a variação linguística decorre das interações sociais e das diferentes formas de organização das comunidades de fala. Embora suas pesquisas tenham sido inicialmente direcionadas às línguas orais, seus pressupostos passaram a fundamentar também os estudos das línguas de sinais, permitindo compreender os mecanismos de mudança e diversidade presentes na Libras.

Nesse contexto, as comunidades surdas constituem importantes espaços de produção e circulação linguística. Os sujeitos surdos compartilham experiências culturais específicas que influenciam diretamente os usos linguísticos da Libras. As associações de surdos, escolas

bilíngues, movimentos políticos e espaços religiosos desempenham papel fundamental na consolidação de variantes linguísticas e na preservação das identidades culturais da comunidade surda.

Ferreira-Brito (1995 apud Naves; Ferreira; Chahini, 2023) afirma que as línguas de sinais apresentam estrutura linguística complexa e sofrem influências dos contextos socioculturais em que são utilizadas. Dessa forma, os sinais não são construídos isoladamente, mas constituídos historicamente a partir das experiências sociais dos sujeitos surdos.

A influência regional constitui um dos fatores mais evidentes na variação da Libras. Em diferentes estados brasileiros, um mesmo conceito pode ser representado por sinais distintos, revelando marcas identitárias das comunidades locais. Essas diferenças regionais decorrem das formas particulares de organização social e das trajetórias históricas das instituições voltadas à educação e à socialização de pessoas surdas.

Ao analisar as variações linguísticas decorrentes do regionalismo, Sá, Loureiro da Silva e Timóteo (2023, p. 3) destacam que "muitos fatores são capazes de influenciar nessas variações, como: contexto e classe social, faixa etária, gênero, religião, região, entre outros".

Essa diversidade demonstra que a Libras acompanha os processos socioculturais presentes nas comunidades surdas brasileiras. Os sinais carregam valores simbólicos e identitários que expressam experiências locais e modos particulares de vivenciar a cultura surda.

Outro fator relevante refere-se à faixa etária dos sujeitos surdos. As diferenças geracionais influenciam diretamente os usos linguísticos da Libras, especialmente em razão das transformações sociais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas. Sujeitos mais velhos tendem a utilizar sinais tradicionais aprendidos em contextos históricos específicos, enquanto os mais jovens frequentemente incorporam variantes influenciadas pela internet, pelas redes sociais e pelos ambientes digitais.

Silva (2020, p. 7) observa que "jovens e adultos fizeram uso de sinais menos icônicos, para alguns itens lexicais, enquanto idosos não apresentaram tal uso". Essa realidade evidencia que os processos de mudança linguística na Libras estão relacionados às experiências geracionais e às formas de interação social estabelecidas pelos sujeitos surdos. A expansão das tecnologias digitais ampliou significativamente os contatos entre comunidades surdas de diferentes regiões, favorecendo a circulação de novos sinais e variantes linguísticas.

Além disso, a escolarização exerce forte influência sobre os processos de variação da Libras. O acesso à educação bilíngue, aos materiais didáticos e às políticas de inclusão linguística interfere diretamente nos repertórios lexicais utilizados pelos sujeitos surdos. Em determinados contextos escolares, algumas variantes tornam-se mais difundidas em razão da atuação de professores, intérpretes e instituições educacionais específicas.

Segundo Silva (2020), sujeitos surdos com maior escolaridade tendem a utilizar sinais influenciados pelo alfabeto manual da Língua Portuguesa, especialmente em contextos acadêmicos e formais. Isso demonstra que o contato entre Libras e português produz fenômenos linguísticos específicos relacionados ao bilinguismo e aos empréstimos lexicais.

A influência da Língua Portuguesa constitui outro importante fator sociolinguístico na variação da Libras. O contato constante entre as duas línguas favorece processos de inicialização, lexicalização e adaptação semântica. Muitos sinais incorporam configurações de mão derivadas do alfabeto manual, evidenciando mecanismos de empréstimo linguístico entre Libras e português.

Conforme afirmam Xavier e Barbosa (2014, p. 372):

Os sinais podem assumir formas distintas nas produções de diferentes sinalizadores ou de um mesmo sinalizador, sem que isso represente alteração de significado.

Essa flexibilidade estrutural favorece a coexistência de múltiplas variantes linguísticas dentro da Libras, permitindo que diferentes comunidades surdas desenvolvam formas próprias de expressão sem comprometer a inteligibilidade da língua.

A influência cultural também exerce papel decisivo nos processos de variação da Libras. Os sinais refletem práticas culturais específicas das comunidades surdas, incorporando referências ligadas às festas populares, manifestações religiosas, hábitos alimentares, experiências urbanas e elementos simbólicos regionais. Em muitos casos, os sinais tornam-se marcadores identitários associados às tradições culturais locais.

Naves, Ferreira e Chahini (2023, p. 2619) destacam que "a heterogeneidade existe e pode ser explicada". Essa heterogeneidade linguística revela que a Libras acompanha as transformações sociais e culturais vivenciadas pela comunidade surda brasileira. Os sinais modificam-se continuamente conforme as necessidades comunicativas dos sujeitos e os contextos históricos em que a língua circula.

Outro aspecto importante refere-se aos processos de mudança lexical relacionados às transformações tecnológicas contemporâneas. O surgimento de aplicativos, plataformas digitais e redes sociais impulsionou a criação de novos sinais em Libras, muitas vezes produzidos de forma distinta em diferentes regiões do país.

Ao investigar os sinais relacionados aos conceitos “YouTube” e “WhatsApp”, Arnua e Xavier (2023) identificaram diferentes variantes lexicais e fonológicas utilizadas por sujeitos surdos de estados distintos. Esse fenômeno demonstra que a Libras acompanha dinamicamente as mudanças sociais contemporâneas, adaptando seu léxico às novas demandas comunicativas da comunidade surda.

As instituições religiosas também exercem influência significativa sobre a variação da Libras. Igrejas católicas, evangélicas e centros religiosos historicamente produziram sinais específicos relacionados às suas práticas litúrgicas e doutrinárias. Muitos desses sinais passaram a circular amplamente entre os sujeitos surdos, contribuindo para a diversidade lexical da língua.

Além disso, o contato entre diferentes comunidades surdas favorece processos de difusão linguística. Eventos nacionais, congressos, encontros culturais e redes sociais ampliaram as possibilidades de interação entre sujeitos surdos de diferentes regiões, permitindo a circulação de variantes linguísticas e a incorporação de novos sinais aos repertórios locais.

Segundo Silva e Gonçalves (2021, p. 3), a mudança linguística ocorre quando variantes antigas e novas passam a coexistir dentro da comunidade linguística. Na Libras, esse processo pode ser observado no surgimento contínuo de sinais relacionados às transformações culturais, científicas e tecnológicas da sociedade contemporânea.

A variação linguística da Libras também deve ser compreendida como mecanismo de resistência cultural da comunidade surda. Historicamente marginalizados pelas políticas oralistas e pela negação das línguas de sinais, os sujeitos surdos desenvolveram formas próprias de organização linguística que fortaleceram suas identidades culturais e políticas.

Quadros (1997 apud Santana; Santos, 2022) afirma que a Libras constitui elemento central da identidade surda, uma vez que possibilita aos sujeitos surdos construir experiências culturais compartilhadas e formas próprias de pertencimento social. Nesse sentido, a diversidade linguística da Libras representa também a diversidade das experiências surdas brasileiras.

Os fatores sociolinguísticos e culturais presentes na Libras demonstram que a língua é atravessada pelas relações sociais e pelos contextos históricos em que circula. A diversidade lexical, fonológica e semântica da Libras revela sua vitalidade enquanto língua natural e reafirma sua legitimidade científica e cultural.

Portanto, compreender os fatores sociolinguísticos e culturais na variação da Libras significa reconhecer que a língua constitui espaço de produção identitária, resistência cultural e construção histórica das comunidades surdas brasileiras. A heterogeneidade linguística da Libras não representa inadequação ou fragilidade estrutural, mas evidencia a riqueza cultural e a complexidade linguística da experiência surda no Brasil.

4 Considerações finais

A análise da variação linguística na Língua Brasileira de Sinais evidencia que a Libras constitui uma língua dinâmica, heterogênea e profundamente vinculada às experiências socioculturais da comunidade surda brasileira. A diversidade lexical observada nas diferentes regiões do país demonstra que os sinais não são universais nem homogêneos, mas atravessados por fatores históricos, sociais, culturais, educacionais e identitários que influenciam diretamente os processos de construção e transformação linguística.

Os estudos sociolinguísticos analisados ao longo desta pesquisa demonstram que a Libras acompanha os mesmos processos de mudança e variação presentes nas demais línguas naturais. Assim, os fenômenos de diversidade lexical, variação fonológica e mudança semântica não representam inadequações linguísticas, mas expressões legítimas da vitalidade estrutural da língua.

As diferenças regionais identificadas na Libras revelam a existência de múltiplas formas de organização das comunidades surdas brasileiras. Cada grupo social desenvolve sinais próprios influenciados por experiências culturais locais, trajetórias educacionais, movimentos políticos da comunidade surda, associações culturais e contextos históricos específicos. Nesse sentido, os sinais tornam-se marcadores identitários que expressam pertencimento social e memória coletiva.

Além disso, fatores como faixa etária, escolaridade, contato linguístico com a Língua Portuguesa e transformações tecnológicas contemporâneas exercem influência significativa sobre os usos linguísticos da Libras. Os

sujeitos surdos mais jovens tendem a incorporar variantes influenciadas pelos ambientes digitais e pelas redes sociais, enquanto sujeitos mais velhos frequentemente preservam sinais tradicionais vinculados às experiências históricas de suas comunidades.

A influência cultural também se manifesta de forma expressiva nos processos de variação da Libras. Os sinais refletem costumes regionais, manifestações populares, práticas religiosas e formas específicas de interação social, reafirmando a relação entre língua, cultura e identidade surda. Dessa forma, a Libras ultrapassa sua função comunicativa e constitui importante patrimônio cultural das comunidades surdas brasileiras.

Os estudos analisados evidenciam ainda que a heterogeneidade linguística da Libras reforça seu reconhecimento científico enquanto língua natural. A existência de variantes lexicais e fonológicas demonstra que a Libras possui estrutura gramatical complexa, mecanismos próprios de mudança linguística e capacidade contínua de adaptação às necessidades sociais dos sujeitos surdos.

Nesse contexto, torna-se fundamental ampliar as pesquisas sociolinguísticas voltadas à Libras, especialmente aquelas relacionadas às variantes regionais e aos processos de mudança lexical. O registro dessas variantes contribui para a preservação da memória cultural da comunidade surda e fortalece políticas educacionais mais inclusivas e linguisticamente sensíveis à diversidade existente no país.

Do ponto de vista educacional, reconhecer a diversidade lexical da Libras representa importante passo para a construção de práticas pedagógicas bilíngues que respeitem as identidades linguísticas dos estudantes surdos. A valorização das variantes regionais contribui para combater preconceitos linguísticos e para fortalecer a autonomia cultural da comunidade surda brasileira.

Portanto, a variação linguística da Libras deve ser compreendida como manifestação legítima da pluralidade cultural e identitária das comunidades surdas. A diversidade lexical presente no território brasileiro evidencia a riqueza linguística da Libras e reafirma a necessidade de valorização, preservação e reconhecimento das múltiplas formas de expressão construídas historicamente pelos sujeitos surdos ao longo de sua trajetória social e cultural.

Referências

ARZUA, Gabriel Henrique; XAVIER, André Nogueira. Variação lexical e fonológica na expressão dos conceitos ‘YouTube’ e ‘WhatsApp’ na libras. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 9, p. e0918, 2024. DOI: 10.14393/Lex-v9a2023/24-18. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/73244>. Acesso em: 27 mai. 2026.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.

BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NAVES, Rayssa Arayjo; FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavia; CHAHINI, Thelma Helena Costa. A variação linguística na Libras à luz da sociolinguística interacional. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 16, n. 10, p. 22617–22643, 2023. DOI: 10.55905/revcon-v.16n.10-231. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2700>. Acesso em: 27 mai. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SÁ, Joice Alves de; SILVA, Letícia Loureiro da; TIMOTEO, Socorro Filinto. **As variações linguísticas e o regionalismo na Língua Brasileira de Sinais – Libras: São Paulo e Porto Alegre**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Língua Portuguesa e Libras) – Universidade Brasil, São Paulo, 2023.

SANTANA, Brandon Jhonata Cardoso; SANTOS, Georgiana Marcia Oliveira. A variação denominativa em Libras no Maranhão: uma análise

se de sinais-termo da eletrotécnica usados no IFMA/Monte Castelo e no SENAI-MA. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 61, n. 1, 2022.

SCHMIDT, Denisia; KLEIN, Carla Beatriz Medeiros; GIANNOTTO, Adriano de Oliveira et al. Variação lexical na Libras e seus fatores sociolinguísticos. **Revista Ilustração**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 299–312, 2026. DOI: 10.46550/ilustracao.v7i4.612. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/612>. Acesso em: 27 mai. 2026.

SILVA, Alan David Sousa. **Variação fonológica e lexical em Libras**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, Goiânia, v. 32, 2021.

STOKOE, William. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. Buffalo: **University of Buffalo Press**, 1960.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **Delta**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.

Linguística da Libras para Estudantes Surdos: Léxico, Morfologia e Fonologia é uma obra que reafirma a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma língua natural, complexa e fundamental para a constituição da identidade, da cultura e da educação da comunidade surda brasileira. Organizado por Amarildo João Espíndola, Jerlan Pereira Batista e Rivaél Mateus Fabricio, o livro reúne estudos que exploram os principais aspectos linguísticos da Libras, com destaque para o léxico, a morfologia e a fonologia. Ao longo dos capítulos, os autores demonstram como os sinais são estruturados por parâmetros linguísticos próprios, evidenciando a riqueza gramatical, a produtividade lexical e a diversidade sociolinguística presentes nas línguas de sinais. Destinada a estudantes surdos, professores, pesquisadores, intérpretes, tradutores e profissionais da educação bilíngue, esta coletânea oferece uma abordagem acessível e fundamentada sobre o funcionamento da Libras, contribuindo para a formação acadêmica e para o fortalecimento dos estudos linguísticos na área. Mais do que apresentar conceitos, esta obra valoriza a experiência visual da pessoa surda, reconhece a Libras como língua de conhecimento e reafirma a importância da diversidade linguística e cultural na construção de uma sociedade mais inclusiva, democrática e plural.

